



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ**  
**CENTRO DE HUMANIDADES**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA**  
**DOUTORADO EM SOCIOLOGIA**

**MARIA CRISTIANE LOPES DA SILVA**

**AS TRAMAS DAS EMOÇÕES NOS CÍRCULOS DE CONSTRUÇÃO DE PAZ:  
ENTRE CORPOS, VOZES E OBJETOS QUE FALAM**

**FORTALEZA**  
**2026**

MARIA CRISTIANE LOPES DA SILVA

AS TRAMAS DAS EMOÇÕES NOS CÍRCULOS DE CONSTRUÇÃO DE PAZ:  
ENTRE CORPOS, VOZES E OBJETOS QUE FALAM

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia, da Universidade Federal do Ceará, como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutora em Sociologia.  
Área de concentração: Sociologia.

Orientadora: Profa. Dra. Glória Maria dos Santos Diógenes.

FORTALEZA

2026

MARIA CRISTIANE LOPES DA SILVA

AS TRAMAS DAS EMOÇÕES NOS CÍRCULOS DE CONSTRUÇÃO DE PAZ:  
ENTRE CORPOS, VOZES E OBJETOS QUE FALAM

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia, da Universidade Federal do Ceará, como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutora em Sociologia.  
Área de concentração: Sociologia.

Aprovada em: 26/03/2026.

BANCA EXAMINADORA

---

Profa. Dra. Glória Maria dos Santos Diógenes (Orientadora)  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Profa. Dra. Irllys Alencar Firmo Barreira  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Prof. Dr. Luiz Fábio Silva Paiva  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Prof. Dr. Geovani Jacó de Freitas  
Universidade Estadual do Ceará (UECE)

---

Prof. Dr. Igor Monteiro Silva  
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab)

A Deus de infinita bondade.

Aos meus eternos pais, Dica e Albertina.

Aos homens da minha vida, Amilton Filho  
e Amilton Neto.

A todos os familiares e amigos.

## AGRADECIMENTOS

Antes mesmo de qualquer análise, argumento ou escrita teórica, preciso fazer uma pausa. Uma dessas pausas que aprendemos nos Círculos de Construção de Paz — quando o silêncio diz mais do que a palavra. Uma pausa para agradecer, não com a formalidade que por vezes a academia exige, mas com a emoção que pulsa em mim neste instante. Escrevo, portanto, com o coração nas mãos, como quem deseja registrar em rabiscos a gratidão sentida e vivida nesta trajetória.

Não sei bem como iniciar meus agradecimentos por tantas mãos que me ajudaram na caminhada desta tese. Já peço desculpas se, porventura, não conseguir registrar nestas linhas todas as pessoas que me fizeram despertar de um sonho que venho buscando há muito tempo, muitas vezes sem me considerar digna ou capaz de uma empreitada como esta, tão distante da minha realidade marcada por desafios. Desde criança, senti na pele a dureza da sobrevivência e foi nos estudos que vislumbrei um dos caminhos possíveis para transformar minha história de vida. A todas e todos que cruzaram minha travessia, meu sincero agradecimento.

Começo, então, agradecendo aos percalços e desafios que a vida me impôs. Sem eles, não teria caído e me levantado tantas vezes, quase sempre acompanhada de familiares, amigos, conhecidos e até desconhecidos que me empurraram — com palavras, gestos e afetos — nessa longa jornada. Meus agradecimentos.

Para celebrar um momento como este, agradeço primeiramente a Deus, por acreditar na existência de uma força infinita que nos conduz e nos mantém firmes na caminhada da vida. Gratidão, meu supremo Pai.

Aos meus pais, eternamente amados — Dica, meu pai, como era chamado, e minha linda mãe, Albertina, como gostava de ser chamada — que não se encontram mais entre nós, mas que vivem permanentemente em meu coração, em minhas emoções e em minha vida. Obrigada por sempre acreditarem que eu poderia ir longe. Onde quer que estejam, sei que estão felizes e radiantes com minhas conquistas. Se galguei veredas do que parecia impossível, foi porque sempre me carregaram com suas armaduras de amor e proteção. Recebam meus agradecimentos com toda a doçura de uma filha que guardará vocês para sempre no coração, na mente e na vida.

Aos meus amores que me acompanham cotidianamente, Amilton Filho e Amilton Neto — esposo e filho queridos —, que sempre me fortalecem e incentivam a não desistir diante de nenhum atropelo que surge nas veredas da existência diária.

Amilton Filho, minha gratidão por estar comigo há 25 anos, caminhando lado a lado nos altos e baixos da vida, sempre com o sorriso estampado no rosto e palavras que me guiam, como uma alma gêmea potente que não me deixa cair. Amilton Neto, filho gracioso e sensível, que toca meu coração com palavras gentis e um amor incondicional que nunca me deixa sozinha, lembrando-me, em tantos momentos, de que sou capaz.

Não há palavras que consigam expressar o quanto me sinto amada e apoiada em todos os sentidos. Deixo aqui, para vocês, meu amor infinito e uma gratidão imensurável. Amo vocês!

À minha grande e efervescente família, que sempre me consagrou apoio ilimitadamente, acreditando na “neguinha” — apelido carinhoso mantido pelos familiares mais velhos — deixo meu profundo agradecimento. Tenho certeza de que sem cada um de vocês eu não teria chegado até aqui. Recordo a confiança e o desafio que me foi atribuído: “a estudiosa da família”. Obrigada, minha família querida, da qual tanto me orgulho. Carrego comigo cada irmão, irmã, sobrinho, sobrinha, cunhado, cunhada — todos e todas que compõem essa rede de afetos. Meus agradecimentos são atravessados de amor.

Agora consagro meus queridos mestres, com profunda gratidão, que passaram pela minha trajetória escolar e acadêmica, sendo responsáveis, direta e indiretamente, pela minha formação e por gravarem em meu coração a importância de ser educadora. Em especial, a esta Banca, que me acompanhou nos momentos de qualificação e de finalização da escrita, teço meus sinceros agradecimentos.

À professora Glória, como você sempre diz, “eu cobicei a orientanda da próxima” — uma forma carinhosa que encontrou de me dizer que seria um prazer não apenas me orientar, mas também estreitar laços de amizade e afeto. Você não imagina o quanto me sinto sortuda e honrada por ter sido escolhida por você, e é por isso que agora dirijo estas palavras diretamente a ti.

Ainda me lembro de sua presença naquela disciplina de Metodologia, no semestre de 2022.2. Eu, tomada por receios e com a escrita aprisionada aos moldes rígidos da academia, fui atravessada por sua escuta generosa e por sua leitura atenta. Você não apenas apontava caminhos, mas me mostrava que existiam outras possibilidades de escrita, para além do engessamento ao qual eu estava habituada. Você me ensinou que é possível escrever com emoção e com pensamento.

Cada devolutiva sua era um gesto de cuidado. Se hoje ousos voos mais altos, é porque você me emprestou asas quando eu ainda não acreditava que podia voar. Sua orientação foi mais do que técnica: foi afeto, coragem e presença. Minha gratidão é imensa, escrita em letras grandes e bordada de carinho.

À professora Irllys, confesso que, não fosse a travessia com Glória, eu teria batido à sua porta pedindo abrigo acadêmico e orientação. Desde as primeiras aulas, sua fala sensível e potente me tocou profundamente. A maneira como você articulava emoções, pesquisa e vida me fazia desejar que minha escrita também pudesse carregar essa marca. E, como a vida é feita de encontros tecidos por mãos misteriosas, hoje tenho a honra de tê-la nesta Banca. Obrigada por estar aqui, por somar sua escuta e sua sensibilidade a este processo. Sua presença me encoraja a seguir dando forma ao que ainda pulsa em mim, em emoções que não se esgotam.

Ao professor Geovani Jacó — ou Gio, com “o”, como escolhi gravar nas mensagens que lhe encaminhava, com a ternura que seu nome merece — meu agradecimento se confunde com uma longa travessia. Nos conhecemos quando eu ainda não ousava sonhar com um mestrado, muito menos com um doutorado. Foi você, com sua escuta democrática e olhar acolhedor, quem primeiro me disse que era possível. Suas palavras ainda ecoam em mim como promessa e impulso: “Por que não, Cris?”. Pois é, Gio, foi você quem me ajudou a acreditar que esforço também é uma forma de inteligência, que caminhada também é conquista. Você não foi apenas um professor, mas um amigo que a vida me deu. E, como diz na obra “O Pequeno Príncipe”, você é daqueles que cativam para sempre: “tu te tornas eternamente responsável por aquilo que cativas”. Minha gratidão é doce e imensa, carregada de uma história que jamais será esquecida. Você foi e sempre será meu mentor acadêmico. Gratidão, professor amigo!

Aos professores Luiz Fábio e Igor Moreira, que gentilmente aceitaram compor esta Banca, expressei minha profunda honra e gratidão pela possibilidade de conhecê-los neste momento tão singular e marcante da minha jornada acadêmica.

A presença de vocês nessa ocasião carrega, para mim, um significado que ultrapassa a formalidade do ato acadêmico. Ela revela a grandeza do ofício docente — esse gesto que não se encerra nos limites da sala de aula, mas parece se estender como caminhada e compromisso com a formação do outro. Ser professor, aqui, significa também desbravar rotas e oferecer palavras que ajudam a sustentar travessias. Receber o aceite de vocês para este encontro foi, para mim, um gesto de

delicadeza e reconhecimento que me toca profundamente. Com respeito e admiração, deixo aqui meu demasiado e afetuoso agradecimento.

Aos amigos e amigas, irmãos e irmãs de coração que a vida me deu, e que, de tantas cores e formas, contribuíram para minha jornada acadêmica com palavras, gestos e abraços de incentivo, sou imensamente grata.

À minha repartição de trabalho, que me concedeu o tempo necessário para a dedicação exclusiva ao doutorado, minha gratidão. Espero retribuir com o que aprendi e com os achados desta pesquisa no campo das emoções.

A todos os interlocutores que confiaram em mim ao participar dos Círculos de Construção de Paz e das conversas aprofundadas, meu mais sincero agradecimento. Sem vocês, esta pesquisa e esta escrita não teriam sido possíveis. Vocês são o cerne deste trabalho nos campos que tive a honra de percorrer — Escolar, Acadêmico e da Saúde. Humildemente, agradeço a cada um e a cada uma que encontrou tempo, disposição e coragem para partilhar emoções e afetos.

Ao Laboratório da Conflitualidade e da Violência da Universidade Estadual do Ceará (COVIO/UECE), do qual faço parte como pesquisadora associada há mais de uma década, agradeço profundamente por inaugurar meu caminho na pesquisa, nas produções acadêmicas e nos eventos universitários. Meu cordial e honrado agradecimento à todas e todos que fazem deste laboratório um espaço de investigação, troca de afetos e construção de amizades.

Ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará (PPGS/UFC), que me acolheu como discente e me proporcionou uma formação marcada por disciplinas e docentes comprometidos com a produção do conhecimento, minha profunda gratidão. Sinto-me honrada por essa oportunidade.

Por fim, a todas e todos que acreditam que a educação ainda é um caminho seguro e potente, capaz de transformar não apenas a mente, mas também as emoções que tecem as veredas do saber e do pensar: minha eterna gratidão.

## Saber Viver

Não sei... Se a vida é curta  
Ou longa demais pra nós,  
Mas sei que nada do que vivemos  
Tem sentido, se não tocamos o coração das pessoas.

Muitas vezes basta ser:  
Colo que acolhe,  
Braço que envolve,  
Palavra que conforta,  
Silêncio que respeita,  
Alegria que contagia,  
Lágrima que corre,  
Olhar que acaricia,  
Desejo que sacia,  
Amor que promove.

E isso não é coisa de outro mundo,  
É o que dá sentido à vida.  
É o que faz com que ela  
Não seja nem curta,  
Nem longa demais,  
Mas que seja intensa,  
Verdadeira, pura... Enquanto durar

(Autor desconhecido)

## RESUMO

Esta tese investiga as tramas das emoções nos Círculos de Construção de Paz (CCP), compreendidas como emaranhados que se entrelaçam em vozes, gestos, silêncios, choros, risos e na relação dos participantes com os objetos que compõem o ritual. Os Círculos são tratados como espaços de diálogo organizados por uma estrutura própria, sustentada por elementos como o bastão de fala, a peça de centro e o papel do facilitador, que orientam a interação e a circulação da palavra. A investigação desenvolveu-se em três campos empíricos — Escolar, Acadêmico e da Saúde — constituídos ao longo da pesquisa por apresentarem indícios relevantes para a compreensão do fenômeno estudado. O objetivo foi compreender como as tramas das emoções se manifestam nas expressões, nos discursos e nos objetos que emergem e ganham sentido no ritual dos Círculos. A metodologia adotada foi de natureza qualitativa, com uma heurística em detalhes, orientada pela observação participante, pelo registro em diário de campo, por conversas aprofundadas e pelo formulário exploratório, guiadas pelo método de interpretação dos indícios, que privilegia os pormenores, os vestígios e os sinais aparentemente discretos do fenômeno. O referencial teórico articulou contribuições da Sociologia e da Antropologia das emoções, em diálogo com os estudos sobre ritual e com os fundamentos dos CCP ancorados na Justiça Restaurativa (JR). Os resultados parecem indicar que as emoções se expressam de forma multifacetada, tanto por meio dos ditos, materializados nas narrativas compartilhadas, quanto pelos não ditos, revelados nos silêncios, nos movimentos corporais, nos olhares e nos choros que atravessam o encontro. As experiências emocionais mostraram-se singulares, frequentemente produzidas nas interações entre os participantes e mediadas pela estrutura do ritual dos CCP. Conclui-se que as tramas das emoções parecem configurar processos dinâmicos e relacionais, continuamente reatualizados no interior do ritual, o que permite compreender os Círculos como espaços nos quais as emoções se organizam, se expressam e se transformam no curso da interação social.

**Palavras-chave:** emoções; círculos de construção de paz; ritual; corpo; objeto.

## ABSTRACT

This thesis investigates the complexities of emotions in Peacebuilding Circles (PBCs), understood as interwoven entanglements in voices, gestures, silences, tears, laughter, and the participants' relationship with the objects that compose the ritual. The Circles are treated as spaces for dialogue organized by their own structure, supported by elements such as the talking stick, the centerpiece, and the facilitator's role, which guide the interaction and the flow of words. The investigation developed in three empirical fields—School, Academic, and Health—established throughout the research because they presented relevant evidence for understanding the phenomenon studied. The objective was to understand how the complexities of emotions manifest themselves in the expressions, discourses, and objects that emerge and gain meaning in the ritual of the Circles. The methodology adopted was qualitative in nature, with a detailed heuristic approach, guided by participant observation, field diary entries, in-depth conversations, and an exploratory questionnaire, guided by the method of interpreting evidence, which prioritizes the details, traces, and seemingly discreet signs of the phenomenon. The theoretical framework articulated contributions from the Sociology and Anthropology of emotions, in dialogue with studies on ritual and with the foundations of Community-Based Coexistence (CBC) anchored in Restorative Justice (RJ). The results seem to indicate that emotions are expressed in a multifaceted way, both through what is said, materialized in shared narratives, and through what is left unsaid, revealed in silences, body movements, glances, and tears that permeate the encounter. Emotional experiences proved to be unique, frequently produced in interactions between participants and mediated by the ritual structure of the CBC. It is concluded that the dynamics of emotions seem to configure dynamic and relational processes, continuously re-actualized within the ritual, which allows us to understand the Circles as spaces in which emotions are organized, expressed, and transformed in the course of social interaction.

**Keywords:** emotions; peacebuilding circles; ritual; body; object.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 –	Estrutura do Círculo de Construção de Paz .....	43
Figura 2 –	Círculo de Construção de Paz com estudantes .....	111
Figura 3 –	O centro do círculo na matemática .....	127
Figura 4 –	Centro do Círculo de Construção de Paz .....	130
Figura 5 –	Facilitadora com o objeto pássaro de vidro .....	134
Figura 6 –	Os objetos portadores de afetos .....	138
Figura 7 –	Os objetos significativos .....	141

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Tipificação dos Círculos de Construção de Paz .....	61
Quadro 2 – Estrutura dos Círculos de Construção de Paz .....	93

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACS	Agentes Comunitários de Saúde
CCP	Círculos de Construção de Paz
CE	Ceará
CEFD	Círculos de Encontro com Fins de Diálogos
CEFRP	Círculos de Encontro com Fins de Resolução de Problemas
CJR/DPCE	Centro de Justiça Restaurativa da Defensoria Pública do Ceará
CNJ	Conselho Nacional de Justiça
COVIO	Laboratório da Conflitualidade e da Violência
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
ESPERE	Escolas do Perdão e da Reconciliação
FIOCRUZ	Fundação Oswaldo Cruz
JR	Justiça Restaurativa
MJ	Ministério da Justiça
MPCE	Ministério Público do Estado do Ceará
NUJUR/TJCE	Núcleo de Justiça Restaurativa do Tribunal de Justiça do Estado do Ceará
ONU	Organização das Nações Unidas
OOO	<i>Object-Oriented Ontology</i>
PA	Pará
PNUD	Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento
RS	Rio Grande do Sul
SEDUC/CE	Secretaria da Educação do Estado do Ceará
SMS/FORTALEZA	Secretaria Municipal de Saúde de Fortaleza
SP	São Paulo
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
TDH/Brasil	Organização Não Governamental <i>Terre des Hommes</i> Brasil
UBS	Unidades Básicas de Saúde
UECE	Universidade Estadual do Ceará
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

## SUMÁRIO

	<b>APRESENTAÇÃO .....</b>	<b>16</b>
<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>20</b>
<b>2</b>	<b>CERIMÔNIA DE ABERTURA: A METODOLOGIA ONDE TUDO COMEÇA.....</b>	<b>31</b>
<b>3</b>	<b>CHECK-IN: ENTRE CONCEITOS E HISTÓRIAS DA JUSTIÇA RESTAURATIVA E DOS CÍRCULOS DE CONSTRUÇÃO DE PAZ .....</b>	<b>42</b>
<b>3.1</b>	<b>Tecendo ecos da história da Justiça Restaurativa .....</b>	<b>43</b>
<b>3.2</b>	<b>As raízes dos Círculos de Construção de Paz (CCP) .....</b>	<b>53</b>
<b>3.2.1</b>	<b><i>O sentido da expressão Círculos de Construção de Paz: concepções e significados.....</i></b>	<b>68</b>
<b>3.2.1.1</b>	<b><i>O sentido da palavra Círculo .....</i></b>	<b>72</b>
<b>3.2.1.2</b>	<b><i>O conceito de Construção .....</i></b>	<b>79</b>
<b>3.2.1.3</b>	<b><i>O significado de Paz .....</i></b>	<b>80</b>
<b>4</b>	<b>VALORES: O RITUAL DE INTERAÇÃO E OS ATRAVESSAMENTOS DA LIMINARIDADE .....</b>	<b>84</b>
<b>4.1</b>	<b>O ritual: o encontro com os elementos estruturantes do Círculos .....</b>	<b>84</b>
<b>4.2</b>	<b>Dos passos iniciais aos fios de despedida: a trilha do ritual em prática .....</b>	<b>92</b>
<b>4.3</b>	<b>Combinados: Os fios que sustentam a roda - elementos estruturantes .....</b>	<b>107</b>
<b>4.3.1</b>	<b><i>Entre passos e vozes do facilitador: xamã da paz? .....</i></b>	<b>108</b>
<b>4.3.2</b>	<b><i>O bastão de fala: entre o limiar, a ordem e a coisa viva .....</i></b>	<b>117</b>
<b>4.3.3</b>	<b><i>Objetos falantes: a peça de centro no ritual e sua biografia encarnada .....</i></b>	<b>125</b>
<b>4.3.4</b>	<b><i>A experiência na roda com os objetos falantes .....</i></b>	<b>132</b>
<b>5</b>	<b>CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS: AS TRAMAS DAS EMOÇÕES COMO FENÔMENO SOCIAL .....</b>	<b>145</b>
<b>5.1</b>	<b>Emoções: história, conceito e construto social .....</b>	<b>148</b>
<b>5.2</b>	<b><i>Check-Out: Emoções ditas e não ditas no ritual .....</i></b>	<b>157</b>

5.2.1	<i>Campo Acadêmico</i> .....	157
5.2.2	<i>Campo Escolar</i> .....	167
5.2.3	<i>Campo da Saúde</i> .....	174
6	<b>CERIMÔNIA DE ENCERRAMENTO: AS CONSIDERAÇÕES NÃO FINAIS</b> .....	180
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	187
	<b>APÊNDICE A – PARTICIPANTES DA PESQUISA</b> .....	195
	<b>APÊNDICE B – CÍRCULOS REALIZADOS DURANTE A PESQUISA</b> .....	206
	<b>APÊNDICE C – ROTEIROS DOS CÍRCULOS DURANTE A PESQUISA</b> .....	208
	<b>APÊNDICE D – ATIVIDADE DO AUTOCUIDADO</b> .....	224
	<b>APÊNDICE E – FORMULÁRIO EXPLORATÓRIO</b> .....	225
	<b>APÊNDICE F – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO</b> .....	226

## APRESENTAÇÃO

A escrita deste trabalho me surgiu das brechas, dos espaços apertados que a vida ofereceu, nos rabiscos improvisados dos papéis que encontrava em casa. Ali, no pouco que tinha, inventava histórias e tecia narrativas para dar conta do mundo ao redor. Lembro-me bem da minha mãe me chamando do quintal, onde eu me refugiava num quartinho de taipa para estudar. “Vem, Cristiane, já tá bom, você ficou aí o dia todo!” – ela dizia, e essas palavras ecoam para mim até hoje, ressoando como memória viva, como lembrança das dores e das dificuldades enfrentadas para chegar aonde estou. É parte da minha ancestralidade, dessas mulheres que, mesmo nas lutas cotidianas, seja numa casa de pau a pique, numa bacia de roupas ou numa máquina de costura, conseguiam sonhar, galgar seus caminhos e se conectar com histórias de resistência e esperança, como me lembra Conceição Evaristo (2020).

Essa força ancestral seguiu comigo, inquieta na minha trajetória de trabalho, entrelaçada com as teias de experiências e aprendizados que a vida trouxe para mim. No meio desse caminho, os Círculos de Construção de Paz<sup>1</sup> surgiram como uma encruzilhada, um encontro que me parece, não apenas casual. No entanto, sinto que mexeu com as raízes entrelaçadas de histórias de vida e com as tramas das emoções que emergem no ritual. Em meio a esse percurso, um dilema emocional, o que digo como se fosse um emaranhado de fios emotivos, de nós que começou a tomar conta de mim. Como se fosse uma espécie de tempestade que se aproxima devagar e vibra sem pedir licença, me causando medo, incerteza e força para seguir adiante.

Logo sinto o desafio teórico metodológico das discussões sobre os Círculos, com seu toque de emoções que parecem complexas, com o jorro de sentimentos que surgiam sem aviso prévio e isso me assustava. Não fazia parte do que havia profissionalmente me preparado para saber, não era o chão que meus pés pisavam com firmeza e segurança, uma afetação que não sabia explicar. Entretanto, encontrei na Literatura da Sociologia e Antropologia das emoções o suporte para seguir adiante. As palavras, antes distantes, foram se aproximando, ganhando sentido, e aos poucos

---

<sup>1</sup> Neste trabalho, os termos "Círculos", "CCP" e "Círculos de Construção de Paz", assim como a derivação que defino como "Círculos de Encontro com Fins de diálogos", são aqui usadas, como formas entrelaçadas de nomear e dar vida a uma mesma prática e experiência trazidas por Kay Pranis (2010). Cada vez que um desses nomes surgem, tento evocar o mesmo espaço compartilhado, a mesma pulsação coletiva e o mesmo convite ao encontro do ritual circular.

o medo foi cedendo espaço para a coragem de adentrar o desconhecido.

Dessa maneira, o encontro com os CCP se transformou no centro da minha pesquisa de doutorado, que na escrita tecida a partir de objetos que pedem a falar, corpos que sentem e narrativas que parecem aquecer. Claro, que anteriormente já tinha me aventurado na pesquisa de mestrado, posso dizer, com os passos iniciais de uma investigação sobre como esses Círculos funcionavam no campo da educação.

Me lembro bem do ano de 2013, data que ficou gravada na memória, como marco dos meus primeiros passos com os CCP, ocasião que fui conduzida para uma formação oferecida pela Secretaria da Educação do Estado do Ceará (SEDUC/CE) em parceria com o Ministério Público do Estado do Ceará (MPCE) e a Organização Não Governamental *Terre des hommes* Brasil (TDH). Naquele tempo, recém-saída das salas de aula da escola, acostumada ao calor dos estudantes e ao burburinho das conversas na sala dos professores, me vi diante de um novo cenário, repleto de palavras que soavam complexas, quase inalcançáveis para o chão da escola onde eu estava a maior parte do meu tempo. Eu tentava decifrar aquele novo idioma, buscando sentidos nas entrelinhas e tentando encontrar meu lugar naquele mundo que se abria diante de mim e parecia tão melindroso.

Todavia, foi na trama das emoções nos Círculos de Construção de Paz que meu coração encontrou morada. Algo ali me chamou, me tocou fundo como uma melodia antiga que desperta, repentinamente, um encantamento que se tornou objeto de estudo. Nessa jornada acadêmica, as palavras de Bourdieu (1997) ecoavam em minha mente me fazendo rememorar que o pesquisador nunca está distante de seu objeto de pesquisa, que nossas experiências, trajetórias, nossos olhares, quase sempre influenciam o que vemos e como interpretamos. Parece um movimento, entre o observar e o interpretar, entre o experienciar e o escrever, um tipo de sentipensante compreendido por Fals Borda (2015).

Esse frenesi me faz lembrar ainda o que Conceição Evaristo (2020) nos ensina: a escrita nasce de tentativas, do ato de vivenciar o mundo na pele e na alma. Significa escrever com o sangue das nossas trajetórias, com os percalços dos caminhos, urdindo narrativas que são individuais e coletivas. Foi neste vigor que mergulhei nos estudos sobre as tramas das emoções, buscando não apenas espiar, mas também, compreender e interpretar as tramas nos possíveis sinais revelados nas vozes, no corpo e nos objetos que atravessam a ritualística dos CCP, por meio de uma heurística de detalhes.

Ao que indica, os Círculos são mais do que reunião de pessoas, recorro da assertiva de Silva (2023), quando considera que eles são espaços intencionais nos quais narrativas encontram ecos, silêncios parecem ser respeitados, ou por vezes “quebrados” por emoções que emergem sem permissão. Sentar-se na roda parece ser mais que disposição física, talvez um gesto de abertura e até de disposição para escutar e ser escutado. Ou simplesmente, estar no Círculo por estar, sem nada esperar ou revelar.

Parece que no CCP tecem e atravessam teias de emoções, por meio de um diálogo vivo entre as “coisas”, entre as expressões e as narrativas dos participantes, que pretendo desvendar o que se manifesta durante o ritual. Como lembra Silva (2022), cada gesto, olhar e silêncio parecem portar camadas significativas, que, como fios imperceptíveis, tentam conectar os indivíduos em um tecido partilhado, intenso de histórias e de emoções.

Ao participar dos Círculos, vi lágrimas brotarem sem aviso e, por vezes, sem sentido expreso, observei sorrisos desabrocharem tímidos e com palavras que tentavam justificar, vi olhadelas se cruzarem, vozes que não queriam calar e silêncios duradouros. Parece que os objetos também pulsam com vivacidade, têm vida social como sugere Appadurai (1986). Os corpos parecem se comunicar, expressando mensagens que, às vezes, parecem gritar ou ficar em silêncio, por meio de sinais delicados que quase não dá para perceber de primeira. E sobre isto, Le Breton (2019) explica que é na corporeidade que expressamos o que a língua muitas vezes não alcança, com indícios de mãos que tremem, com pernas inquietas e movimentos constantes, suspiros profundos que parecem liberar algo que está no interior. Compreendo que tais características aparentam compor as tramas das emoções que se desenrolam nos CCP.

A afetação desse movimento parece manifestar contradições, um laço que ora nos une, ora nos separa, como sugere Irllys Barreira (2011). Na cidade, vivemos encontros e desencontros, trocando afetos e palavras, tecendo uma rede de partilhas que se desvela nas histórias contadas nos Círculos de Construção de Paz. Cada fala, cada silêncio, parece puxar um fio impercebível, trançando vidas e experiências, como narra Glória Diógenes (2024, p. 43) em "Lugar nenhum", de sua obra *Avarias*: "uma extensiva corrente de energia [...] atravessava tudo, não havia existência separada, ninguém era mais um".

É nesse sentido que parece ser nessas tramas das emoções que os laços invisíveis se tecem e se entrelaçam, que eu sigo. Caminho junto à minha pesquisa, ora avançando, ora recuando, por vezes, tateando por uma escrita que não só se encontre em mim, mas que possa tocar quem lê, que alcance todos nós, mesmo que estar junto possa ser, ocasionalmente, um rito de silêncio e de passagem para uma nova caminhada.

## 1 INTRODUÇÃO

As palavras são como peixes abissais que só nos mostram um brilho de escamas em meio às águas pretas. Se elas se soltarem do anzol, o mais provável é que você não consiga pescá-las de novo. São manhosas as palavras, e rebeldes, e fugidias. Não gostam de ser domesticadas. Domar uma palavra (transformá-la em clichê) é acabar com ela (Montero, 2004, p. 14).

Como iniciar uma viagem que já começou sem que assim fosse nomeada? A escrita se impõe como um fluxo, uma torrente de pensamentos que se cruza, se atropela, desejando todos desaguar no mesmo instante. Eu, navegante dessa travessia, tento traçar um mapa. Um possível roteiro que, antes de ser trilhado, por vezes, já se refaz e desfaz em novos rumos. Se a estrada fosse fácil, bastaria uma linha reta, um caminho cravado. Entretanto, o percurso, sei bem, não é trajeto linear. Reúnem fragmentos de experiências que, mesmo dispersas, insistem em se encontrar.

Sou eu a condutora de uma experiência que tenta confluir palavras e emoções. Vias tantas vezes perpendiculares, desalinhadas entre o que se sente e o que se diz. Algumas vezes, na roda de encontro sobre o que muitas vezes se cala, surgem “pedaços” de palavras, como se fora cada uma delas um facho, expressão de uma emoção inominável. Essas frações parecem incidir sobre o meu corpo, a facilitadora dos Círculos de Construção de Paz. Por meio de palavras que por vezes gaguejam, hesitam em se pronunciarem, ou buscam significados na mente dos que formam o grupo, a minha função parece dar nome ao que em variadas situações, ainda carece de nomeação, de autoexplicação. Seria eu a guia do processo? Tentando possibilitar diálogos para uma certa calma interior que, muitas vezes, reverbera no calor do encontro.

Assim como na ocasião dos grupos, aqui também, nestas primeiras linhas me vejo sem saber que palavras introdutórias poderiam deixar evidenciar o pensamento que escapa. Apesar de ser sacudida nos encontros por tantos assuntos, emoções, histórias, que emergem como a força das correntezas, de deixar escapular detalhes, de tentar me esquivar diante do tanto que ainda me escapa de compreensões, fugir não faz parte do meu ser. Sou aquela que, mesmo diante do calor das emoções que às vezes me fazem calar e desejar o silêncio, insisto em perseverar. As emoções que me abatem, por exemplo, — vergonha, medo, confiança e desconfiança — parece que se transformam em mim, não sei dizer como, nem por quê. Nos grupos, assim

como nas experiências de vida, tornam-se força, combustível. É delas que parto nesta escrita e nos processos de facilitação da complexa tarefa de instaurar o diálogo na roda.

E o que isso tem a ver com esta tese? É precisamente disso que ela se alimenta, das emoções que se entrelaçam. Meu objeto de pesquisa são as tramas das emoções que se tecem nos Círculos de Construção de Paz — fios sensíveis que emergem entre expressões, narrativas e objetos, compondo uma tessitura afetiva no encontro social. Ao falar em “tramas das emoções”, me refiro aos emaranhados que irrompem e se entrelaçam em vozes, gestos, silêncios embaraçosos, choros inusitados, risos partilhados e nos objetos que parecem portar voz peculiar. Tramas essas que indicam àquilo que Elias (1994) menciona de rede de interdependência, em que os indivíduos não existem isoladamente, porém tecidos nos fios que compartilham com os outros.

Esse objeto não brotou apenas de uma escolha acadêmica, ele aflorou da minha experiência como facilitadora de Círculos de Construção de Paz. Para Zehr (2015, p. 62), estes Círculos são parte de um dos modelos da prática da Justiça Restaurativa (JR)<sup>2</sup>, usados como prática que “abrem oportunidade para que os participantes explorem fatos, sentimentos e resoluções”.

No ano de 2013, tive o primeiro contato com os Círculos, em um Curso ofertado pela Secretaria da Educação do Estado do Ceará (SEDUC/CE), fato que reflito no capítulo do *check-in* deste trabalho, quando me vi diante de encontros sociais face a face que desafiavam meu próprio corpo e minha razão. O que parecia simples, um Círculo de pessoas reunidas para falar e escutar, revelou-se como um significativo campo de intensidades (gestos, falas e objetos) que me instiga.

Desde minha entrada como facilitadora dos Círculos, em diferentes contextos (universidade, escola e saúde, por exemplo), tenho observado que as emoções não são apenas margens, talvez o próprio rio que sustenta o ritual do encontro. No mestrado, em 2020, investiguei os Círculos na escola, ressaltando a percepção de professores, alunos e funcionários. No entanto, algo permanecia latejando: histórias compartilhadas de emoções, gestos contidos, lágrimas inesperadas, corporeidade que emitia sinais quando a voz titubeava, silêncios que pareciam dizer mais do que

---

<sup>2</sup> A Justiça Restaurativa “é uma forma concreta de pensar sobre a justiça no âmbito da teoria e prática da transformação de conflitos e construção de paz” (Zehr, 2015, p. 60).

palavras e objetos que se moviam em um fluxo vivo.

Nessa jornada, compreendi que os Círculos de Construção de Paz, como lembra Kay Pranis (2010), não são rodas informais de conversa, são processos intencionais e estruturados por etapas, que atribuo como peças do ritual: cerimônia de abertura e encerramento, *check-in*, *check-out*, construção de valores, combinados e contação de histórias ou atividades norteadoras. Nele, os elementos simbólicos também se revelam essenciais, como por exemplo: o bastão da fala (objeto que tenciona regular o direito de falar, de tempo e o respeito do grupo); o centro do círculo ou peça de centro (constituído por objetos “falantes” escolhidos e que parecem pulsar como presença e memória compartilhada); e, o facilitador, como defendem Boyes-Watson e Pranis (2011), que é também participante, responsável por “proteger” o encontro para que nada escape ao ritual. Desse modo, observo que o Círculo parece algo vivo, construído de palavras, de silêncios, de coisas e de pessoas em coautoria.

Eu previa que esta jornada se iniciaria em 2022, quando ingressei no doutorado. Todavia não. Os rastros dessa viagem estavam impressos bem antes, lá atrás, nos caminhos da docência, nas inquietações que me faziam questionar meu lugar no mundo da educação. Quando pensei que tinha um chão seguro, veio a vida, o “campo minado” de uma pesquisa permeada por um redemoinho de emoções e deslocou meus passos. Eu já não estava na escola, mas sim, em um lugar que burocracias ditavam os dias, a SEDUC/CE. Um outro cenário se formou e um outro tempo foi direcionado. Não imaginava que seria nesse deslocamento que os Círculos se apresentariam a mim. Não escolhi os Círculos, por vezes acredito que eles me escolheram.

No percurso da minha trajetória fui me aperfeiçoando e me tornei facilitadora e instrutora de Círculos certificada. De imediato, não quis. Não entendia. Não via como aquilo se encaixaria na rotina das escolas e tentava escapar como podia. A lógica dos Círculos me incomodava. Parecia caótica, impenetrável, emotiva em excesso, regida por algo que escapava à razão e movida por um fervilhar de emoções. Parecia haver ali um território de afetos que me desconcertava e me deslocava racionalmente. Eu, que sempre me apeguei ao controle do pensamento cognitivo, me encontrava diante de uma prática que evocava emoções, que convidava à vulnerabilidade. Talvez estivesse presa ao que Lutz (2012) critica como a dualidade vista entre o emocional e o cognitivo. A racionalidade me confortava; as emoções, não. Fugi. Apesar disso, os

Círculos insistiam em me chamar de volta. Por vez, um ímã que me atraia e parecia me sugar completamente.

No mestrado, tentei me afastar desse campo e escolher outra rota que pudesse evocar somente a razão. No entanto, os Círculos já estavam entranhados na minha trajetória como se fossem uma “energia emocional” tida por Collins (2004) como uma substância de carga afetiva que guia as emoções de cunho social. Quando percebi, já estava imersa na trama das emoções do ritual. O “encantamento” parecia tomar conta de mim, sem nem perceber, já estava envolvida. Tudo me parecia brilhante, pulsante. Como bem aponta Velho (1987), o familiar pode ser tão intenso que nos cega, nos impede de ver além do que nos fascina. Eu estava ali, envolvida, maravilhada, sem estranhar, sem questionar. Sem embargo, toda viagem tem seus desvios e novos prumos.

E vieram as inquietações palpitantes. O que eu via nos Círculos parecia não ser só troca de palavras diante de um ritual de interação. Sinais de silêncios carregados. Traços de olhares desviados. Um choro que escapava sem aviso prévio. Corpos retraídos, ombros cerrados e mãos inquietas. Uma possível vergonha nas entrelinhas. Constrangimento suspenso no ar. Às vezes, confiança para dizer o que sentia. E objetos que Tim Ingold (2012) entende como “coisas” que se moviam como fluxo da vida. Parecia que havia algo ali que me chamava, que eu precisava compreender e me movia à busca investigativa.

As tramas das emoções não só se manifestam na dimensão subjetiva em caráter individual, mas também na esfera social, sendo esta que me interessa. Aquela ancorada no que nos lembra Mauro Koury (2004), na discussão de “Introdução a Sociologia da Emoção”, ele argumenta que as emoções são também socialmente construídas no processo interacional, e não se restringem somente ao estado interno do indivíduo, no sentido biológico e psicológico. Não que eu negue tais dimensões, mas aqui não é o caminho epistemológico que sigo.

Neste sentido, meu olhar se volta no percurso da construção desta tese para as tramas das emoções, guiada pelas seguintes indagações: De que forma as tramas das emoções, tecidas por expressões, gestos, discursos e objetos, se manifestam e ganham sentido nos Círculos de Construção de Paz? O que parecem revelar as tramas das emoções, expressas em palavras, corpos e objetos no ritual de interação dos Círculos?

Essas foram as questões que se tornaram pontos de inflexão da investigação e me conduziram ao seguinte objetivo central: compreender as tramas das emoções nas expressões, nos discursos e nos objetos que emergem e se entrelaçam no ritual dos Círculos de Construção de Paz. A partir dele, estabeleci os presentes objetivos específicos: investigar como as tramas das emoções se desenham nos Círculos de Construção de Paz, tecidas em expressões, discursos e objetos que emergem no encontro e ganham sentido na partilha coletiva; e, desvelar o que revelam as emoções quando se inscrevem em gestos, palavras e objetos no ritual de interação dos Círculos.

Para isso, não sigo todas as tipificações atribuídas aos Círculos de Construção de Paz<sup>3</sup>, mas apenas aquela que dialoga diretamente com o foco desta pesquisa. Assumo, nesta tese, a escolha por “Círculos de Encontro com Fins de Diálogos”<sup>4</sup> (CEFD), uma variação dos Círculos de Diálogo descritos por Pranis (2010), voltada não à resolução imediata de problemas, porém ao cultivo de conversas preventivas e de vínculos.

Faço essa escolha porque é nesse terreno menos instrumental, em que não há a pressão do “resolver” problemas, que consigo ver com mais nitidez as tramas das emoções: o que desponta em silêncios alongados, no riso que “desafrouxa” o corpo, no gesto que hesita antes de uma pergunta, no olhar que fala mais do que palavras e nos objetos que parecem trazer à tona um fluxo de vida emocional. Aqui, parece que o tempo não exige acordos; ele permite presenças, talvez. E é nessa temporalidade mais lenta que a tessitura afetiva parece ganhar realce.

Alcansei esse plano de visão, esse “recorte” por meio da caminhada efetuada em campo. Desde o início do doutorado (2022), tenho aceitado apenas convites para Círculos sem a finalidade de “resolver problemas”, pois este tipo tem como foco reunir as pessoas para solucionar disputas a fim de definirem acordos consensuais entre elas.

Como me revelou a experiência anterior no mestrado, o peso ético e operativo de habitar o duplo papel de facilitadora e pesquisadora quando há demanda por

---

<sup>3</sup> Conforme lembra Pranis (2010, p. 28), os Círculos assumem diferentes formas e finalidades: podem ser de “Diálogo, Compreensão, Restabelecimento, Sentenciamento, Apoio, Construção do Senso Comunitário, Resolução de Conflitos, Reintegração ou Celebração”. Cada um carrega intenções e modos próprios de conduzir o encontro.

<sup>4</sup> Terminologia que explico no tópico sobre as raízes dos Círculos de Construção de Paz, no terceiro capítulo.

decisão, acordo e encaminhamento de solução de adversidades: a urgência do desfecho engole a atenção fina aos microgestos e aos deslocamentos subjetivos da pesquisa. E isto exigia de mim escolhas que ofuscam a heurística de detalhes, porque o importante era agir para “solucionar” o problema evocado. Enquanto o que me interessa aqui é abrir camadas para a compreensão das tramas das emoções como fenômeno social.

Optar por “Círculos de Encontro com Fins de Diálogos” (CEFD) foi, portanto, uma decisão metodológica, senti que esse enfoque me autoriza a observar o entrelaçar da trama de emoções, narrativas e objetos sem o ruído das negociações de solução. É nesse chão que me coloco: facilitadora-pesquisadora que escolhe, conscientemente, o lugar desses Círculos para fazer aparecer o que, sob a urgência de “resolver”, costuma permanecer imperceptível.

Neste encontro com o recorte de pesquisa, as tramas das emoções transbordavam o dito e o não dito: passavam pelos corpos, escorregavam em silêncios, ressoavam no simples manuseio dos objetos no Círculo. Talvez fossem máscaras sociais, como sugere Goffman (2011), táticas de manutenção da fachada no grupo. Ou possivelmente fossem emoções que nasciam exatamente da interação ali constituída, como rememora Mauro Koury (2009), ao afirmar que as emoções são fenômenos sociais que emergem dos fatores e códigos culturais presentes nas interações.

Foi nesse movimento que compreendi a necessidade de ancorar minha análise em três conceitos principais: o ritual dos Círculos, as emoções e os objetos. Três eixos que parecem se entrelaçar na urdidura afetiva que desenrolam nos fios do encontro social.

Primeiramente, me dedico à definição conceitual, histórica do ritual dos Círculos, com as contribuições de Kay Pranis (2010), Boyes-Watson (2011) e Zehr (2008), que fundamentam a literatura basilar e os situam como prática restaurativa. Esse ritual dialoga diretamente com Goffman (2014), ao tratar do ritual de interação como ocasião em que combinações sociais e morais são reafirmadas. Nos Círculos, esse caráter parece se revelar no seguimento de etapas que moldam os participantes ao encontro face a face.

Por sua vez, compreendo que Victor Turner (1974) alarga a reflexão ao pensar o ritual como rito de passagem, aquele instante capaz de suspender temporariamente estruturas sociais e papéis institucionais, em que os participantes (docentes,

discentes, universitários, gestores ou profissionais de saúde)<sup>5</sup>, possivelmente, deixam-se ver como pessoas antes de ocupantes de cargos. Randall Collins (2004) acrescenta a dimensão da “energia emocional” coletiva: aquela que significa a força do ritual de interação, que mobiliza emoções que podem elevar ou diminuir o fluxo dos sentimentos no encontro. Para ele, essa energia é um tipo de ingrediente impulsionador de emoções variadas, a copresença e o foco mútuo de atenção dos indivíduos.

A categoria dos objetos, introduzo como um tópico de discussão dentro do capítulo do ritual, por considerar que são concepções que se completam no mesmo cenário teórico. Compreendo como uma “coisa” que traz vivacidade e pulsação para o espaço ritualístico. Para tal, me conduzi ao diálogo com Appadurai (1986), sobre a fala reflexiva sobre a “vida social das coisas”, lembrando que objetos portam valores que mudam conforme circulam. Com Igor Kopytoff (2008), que sugere a ideia de “biografia social”, evidenciada nos objetos rituais, no caso desta escrita, como o bastão da fala ou objetos colocados na “peça ou centro” do Círculo, parecem guardar histórias e memórias afetivas, significados além de sua materialidade. Com Marcus Dohmann (2013), que acrescenta que objetos têm agência no sentido de convocar emoções e sustentar silêncios.

Agreguei ao debate o pensamento de Tim Ingold (2012) inspirado na teoria do *Object-Oriented Ontology (OOO)* ou *Ontologia Orientada a Objetos*, pensada por Graham Harman (2019), que desloca o entendimento do objeto para além da matéria e da forma, e o transporta com autonomia em si mesmo. Para Ingold (2012) na linha de raciocínio dessa teoria, discute em “trazendo as coisas de volta à vida”: uma reflexão de que objetos não são apenas matérias inanimadas, são “coisas” vivas, entrelaçadas em relações que mobilizam e dão vida ao coletivo. Estes pensamentos corroboram não apenas para o intuito de trazer os objetos, como suportes, mas também como coisas dinâmicas que os tornam parte constitutiva das tramas das emoções, e assim, do campo empírico de observação.

No estudo das emoções, me embaso em Mauro Koury (2009) que aponta que as emoções não são dadas biologicamente de forma pura, são atravessadas e reguladas por valores, interações e códigos culturais. Claudia Rezende e Claudia

---

<sup>5</sup> Me refiro aqui aos interlocutores que participaram dos Círculos por mim facilitados, cujas experiências, gestos e narrativas atravessam e se entrelaçam nesta escrita, como sendo os interlocutores primordiais para esta pesquisa.

Coelho (2010) acrescentam o aspecto cultural, apresentando como esses códigos orientam expressões e palavras. Marcel Mauss (1979), por sua vez, recorda que existe uma “expressão obrigatória dos sentimentos”, na qual as emoções não se manifestam ao acaso, sem sentido, pelo contrário, elas cumprem padrões sociais sobre quando e como podem ser expressas, e diante de quem podem ser exteriorizadas. Nesse campo, David Le Breton (2012) convida a olhar para o corpo como dimensão encarnada da emoção, aquela em que a corporeidade é fenômeno social e cultural, na qual o corpo é produtor de sentidos e moldado socialmente: a postura, a voz, os gestos que dizem sem palavras e o silenciamento que pesa no coletivo. Além de outros autores que agregam substancialmente à discussão.

Diante do fio condutor que a escrita veio tomando, me peguei a investigar por meio de um caminho metodológico capaz de me guiar ao prumo necessário às escolhas que fiz para seguir a rota da pesquisa. Desenhando a trilha com o objeto de estudo, os objetivos, as categorias de análise, o arcabouço teórico e o campo. O trabalho, então, exigia construir a direção do rumo por meio de um olhar esmiuçado e atento aos detalhes, movido por sinais e possíveis pistas que, a um olhar de relance, podem se tornar imperceptíveis aos indícios relevantes ao proceder desta tese.

Nesse sentido, fiz a escolha pela abordagem qualitativa e interpretativa, a partir das lentes de um detetive que busca micro evidências, sabendo que não encontrei uma receita pronta, mas uma possibilidade que me colocou no caminho do encontro com meus objetivos. Apesar de reconhecer que enfrentei desafios — sendo o principal deles meu envolvimento direto com o objeto —, compreendo que a escolha do método interpretativo do “paradigma indiciário” de Ginzburg (1989) foi capaz de guiar a interpretação dos indícios das tramas das emoções que emergem pelas narrativas, expressões, gestos e objetos na composição do ritual de interação dos Círculos de Construção de Paz.

Dessa forma, penso que “interpretar as tramas das emoções” por meio dos indícios, muitas vezes invisíveis inicialmente, implica a necessidade de conjugar um conjunto de estratégias do dito e do não dito, por meio da observação participante nos Círculos, das conversas aprofundadas com os sujeitos emblemáticos que se destacam por falas, gestos e ações, e do diário de campo para registrar tanto as emoções observadas quanto aquelas que me atravessam como pesquisadora imersa no campo.

Para dar forma a esta escrita, me deixo levar pelo compasso dos próprios Círculos de Construção de Paz. A estrutura desta tese não se organiza apenas como capítulos e subcapítulos, todavia como possibilidade de reflexo do ritual que esteia cada encontro. Assim como os Círculos seguem etapas — cerimônia de abertura, *check-in*, construção de valores, combinados/diretrizes, contação de histórias ou atividades norteadoras, *check-out* e cerimônia de fechamento/encerramento — decidi também caminhar por essa lógica, não como artifício, como gesto simbólico na tentativa de trazer os Círculos para dentro e para fora da escrita.

Nomeei cada capítulo como uma etapa do ritual. O capítulo inicial, “Cerimônia de abertura: onde tudo começa”, é para mim como a soleira de uma porta, a entrada da metodologia. Significa a pausa antes da travessia, o instante de saudar quem chega e de anunciar de onde venho, por que estou aqui e como desejo percorrer esta jornada de pesquisa. É, principalmente, a ocasião que convido o leitor a se sentar comigo, a escutar, a sentir e a estranhar os passos e compassos da minha caminhada.

Nesse capítulo exponho minha trajetória teórico-metodológica: falo do meu envolvimento no campo, das escolhas feitas, dos dilemas e desafios enfrentados, dos recursos que precisei buscar. Compartilho as emoções que me atravessaram no longo e doloroso processo de nomear o objeto e passá-lo à escrita. Como diz Oliveira (1996), escrever é trazer para dentro do discurso as escutas e os olhares do campo, não silenciando as particularidades do que vivi e senti, pelo menos faz parte do meu propósito. Compreendo que não há fora e dentro, talvez um entre, um sentipensante, espaço em que investigação, experiência e narrativa se entrelaçam em fios que parecem invisíveis à primeira vista.

No terceiro capítulo, intitulado “*Check-In*: entre conceitos e histórias da Justiça Restaurativa (JR) e dos Círculos de Construção de Paz”, teço a contextualização, o conceito e a história da JR, juntamente com as discussões que permeiam a temática e as práticas restaurativas que a compõem. Na continuidade, descrevo as raízes dos Círculos: sua história, o sentido da terminologia da expressão, as tipologias existentes e a relação intrínseca com o movimento da Justiça Restaurativa.

No quarto capítulo, nomeado “Valores: o ritual de interação e os atravessamentos da liminaridade”, me debruço sobre a categoria ritual, dialogando com os teóricos que definem o termo e a estrutura ritualística; o encontro com os elementos estruturantes dos Círculos com o sentido do ritual; a trilha do ritual em prática a partir de cada etapa; os fios que sustentam a roda por meio dos elementos

estruturantes com os passos e as vozes do facilitador, o “bastão de fala/objeto da fala” e o “centro do círculo/peça de centro”, como objetos e coisas que parecem falantes e pulsantes no ritual; e, por fim, a experiência na roda contada a partir de Círculos vividos por mim, com os objetos ou coisas vivas no fluxo da ritualística.

E como os Círculos se alimentam de histórias, o último capítulo, “Contaçon de histórias: as tramas das emoções como fenômeno social”, dedico aqui às narrativas sobre a concepção teórica da Literatura da Sociologia e Antropologia das emoções<sup>6</sup>, que comungo para compreender as tramas das emoções, desde o conceito e definição que atravessa a temática, até a manifestação delas na prática do ritual de interação dos Círculos. Nesse sentido, recorro ao encontro das emoções como fenômeno social para tecer as tramas em dois fios: Emoções - história, conceito e construto social; a emoção narrada, que se move nas narrativas e fachadas; *Check-Out* - Emoções ditas e não ditas no ritual, atravessada no campo acadêmico, escolar e saúde.

Por fim, a pesquisa não se fecha, ela segue seu rumo. Aqui, o chamado, é para uma viagem incansável com curvas incertas e sem conclusões definitivas. No desfecho da trilha, traço o que atribuo como “Cerimônia de encerramento: as considerações não finais”, que admito que não são finais, e sim, fragmentos para outras veredas e novas discussões que não se encerram sobre as tramas das emoções, especialmente nos Círculos que ainda virão.

Portanto, compreendo que essa escrita se constrói e reconstrói — antes, durante e após. Uma caminhada que não percorro sozinha e tampouco sem uma ancoragem teórica. Pelo contrário, sigo acompanhada dos meus interlocutores, dos autores que me ajudam a pensar e refletir, das orientações que me guiam e me põem no prumo. Sigo com os desafios e dilemas que me deslocam e me refaz. Como bem nos lembra Italo Calvino (1990), talvez a maior beleza da jornada não esteja no destino, mas nas experiências que podemos encontrar pelo caminho que não é retilíneo. Assim, convido todos para embarcar nesse universo inesperado das tramas

---

<sup>6</sup> Inspirada na compreensão ancorada no arcabouço teórico da Sociologia e Antropologia das emoções, que se desenha como campos que pulsam entre o singular e o coletivo, entre o que se sente no íntimo e o que se manifesta no entrelaçar dos encontros. As emoções não surgem ao acaso, não são apenas explosões internas ou desvios individuais – elas emergem na trama viva da interação, nas linhas invisíveis que conectam corpos, olhares, gestos e silêncios (Koury, 2009).

das emoções envolvidas nos Círculos de Construção de Paz e nos encontros e desencontros que o percurso trilhou.

## 2 CERIMÔNIA DE ABERTURA: A METODOLOGIA ONDE TUDO COMEÇA

Ele sabia do que eu era capaz, sempre soube, e carregou essa intenção. Quando você me vê, pode ainda enxergar um cavalo em disparada. Da minha parte sigo entre zonas, mar e sertão. Nem sentimental, muito menos indiferente. Apenas deslocada do lugar a que nunca cheguei (Diógenes, 2024, p. 22).

Ao iniciar a narrativa metodológica desta pesquisa, reconheço que ela nasceu de uma inquietação que, à semelhança do que expressa Diógenes (2024), eu ainda não sabia nomear especificamente o que movia o impulso de conhecer mais, de ir para além dos lugares costumeiros de experiência e de observação. Parecia que havia algo que acontecia nos Círculos e que me colocava em movimento, em deslocamento contínuo, como quem segue “entre zonas, mar e sertão”, sem um lugar previamente alcançado. Como facilitadora, percebia que gestos, silêncios e falas mobilizavam os participantes de algum modo, afetando-os e me afetando de alguma forma, sem que fosse possível, em primeiro instante, traduzir tais experiências em categorias analíticas definidas.

Não se tratava de sentimentalismo, tampouco de indiferença, mas possivelmente de uma experiência situada na dimensão emocional, vivida no corpo e nas relações, que se anunciava antes mesmo de ser conceituada. Foi nessa “deslocada do lugar” que minha curiosidade aguçou o problema de pesquisa.

Muitas vezes comentava que me sentia perdida em uma floresta de múltiplos caminhos, sem saber que rumo tomar e para onde seguir. Em meio às incertezas dos meus pensamentos, ingressei no doutorado e, a partir daí, fui apresentando meu tema em eventos, desenvolvendo trabalhos com os Círculos e, com a dedicação da minha orientadora, aos poucos tentei me aprumar.

Após a qualificação do doutorado, atravessada por muitas interpelações e cuidados na apreciação da escrita inicial, me senti distante dos marcos de partida da pesquisa e ainda pouco assentada nas novas decisões e caminhos construídos ao longo do processo. Eu mesma estava em processo de mudança de lentes, em franco deslocamento de rotas. Diante de outras formas, outras posições tomadas na pesquisa de formas de experimentar, conduzir os Círculos, de observá-los, eu mesma, por vezes, me percebia enredada em fios de diálogos de novas texturas e matizes. Por vezes, a vontade era a de deixar tudo e desistir do processo. Cheguei, inclusive, a protelar os encontros de orientação após a qualificação. Contudo, com os bons direcionamentos dos processos de orientação, consegui retomar o fio condutor do

percurso, me sentindo novamente direcionada, até poder ver com nitidez meu objeto — como afirmo na apresentação deste trabalho: “a trama das emoções nos Círculos de Construção de Paz, onde meu coração encontrou morada”. Com isso, delineou-se a pretensão de interpretar sinais das tramas emocionais que parecem atravessar o curso dos sentimentos dos participantes, influenciando aproximações, distanciamentos, escutas, pertencimentos, outros olhares sobre o dito e o vivido.

Então, meu escopo de interesse, de atenção se voltou sobre as tramas das emoções. Na qualidade, para além de pesquisadora, de mediadora dos Círculos, no campo, sou convocada a ver, a escutar e a traduzir o que ali se expressa como desejo. Roberto Cardoso de Oliveira (1996) ressalta a importância da conjugação do "Olhar, Ouvir e Escrever" na pesquisa. Mas como olhar, ouvir e escrever as emoções nos Círculos? Talvez Oliveira responda que esses três elementos não são isolados, não são instâncias separadas do fazer investigativo.

Para Oliveira (1996), “olhar, ouvir e escrever” se imbricam como as trilhas de um caminho irregular – sustentam a caminhada, ainda que permeada por desvios, tropeços e quedas. O olhar e o ouvir se ancoram na experiência do campo: estar presente, captar gestos, silêncios, hesitações e excessos. O escrever, por sua vez, não é apenas um simples registro, porém um processo de interpretação, uma tentativa de dar corpo às narrativas que surgem e aos sentidos que se constroem coletivamente.

Neste percurso, a interpretação dos sinais, por vezes imperceptíveis à primeira vista, se faz partilha. Para isso, não caminho sozinha – como alerta Oliveira (1996, p. 23), "o homem não pensa sozinho, num monólogo solitário, mas o faz socialmente". Escolher essa via heurística de indícios, é como propõe Geertz (1989), envolver-se em uma "interpretação das culturas", onde uma pesquisa se desdobra em busca de significados que vão além da superfície. No campo, não há apenas observação; há deslocamento e escuta. A escrita não apenas registra, ela parece refletir, afetar e, por vezes, se dobra sobre si mesma, em busca de significados que ainda estão por vir.

Essa jornada em busca de micro evidências se assemelha a uma escavação, um percurso que parte de um ponto inicial orientado pelo fenômeno, fundamentado em descobertas teóricas prévias e guiado por um conjunto de ferramentas metodológicas. No início, há a impressão de que tudo está delineado: o que investigar, por que investigar e como conduzir a investigação. Como se o percurso estivesse sob total controle, permitindo um fluxo contínuo, sem desvios ou imprevistos.

No entanto, ao entrar no campo, essa ordem preestabelecida logo se dissolve. E ainda bem que assim é. Se o caminho se desdobra rigidamente, sem rupturas ou reformulações, não seria o que Irlys Barreira (2017) denomina tão bem de "labor criativo na pesquisa". Essa caminhada metodológica exigiu improvisação, reinvenção de trajetórias, incorporação de novas descobertas ao longo do percurso e uma lente aguçada para tentar enxergar os indícios à primeira olhada.

Trato de uma etnografia que eu nunca havia realizado, sobretudo no que se refere ao estilo da escrita etnográfica, aquela marcada pela descrição e pela interpretação do campo. Abro aqui um parêntese para afirmar que esse foi um desafio iminente logo no projeto de pesquisa, sobretudo quando fui convidada na orientação a "quebrar" com a forma enquadrada aos moldes tradicionais da academia.

Tentei produzir uma escrita que transgredisse fronteiras formais, algo que Parreiras (2020, p. 2) explicita na entrevista realizada com o antropólogo Michael Taussig, ao mencionar que a escrita se faz como um "convite a sempre experimentar, desafiar, transgredir". Mesmo sem plena consciência no início do percurso, acabei me aproximando dessas condições, construindo uma escrita que tentei mesclar descrição, traços de poética e o estilo ainda arraigado da forma convencional de articulação teórica.

Com a metodologia delineada nas trilhas do método indiciário, precisei me perguntar: Qual seria, afinal, o meu campo? E quais instrumentos poderiam contribuir para a empreitada da pesquisa? Com esses questionamentos em mente, fui compreendendo que meu campo não se restringiria ao espaço escolar, embora eu estivesse trilhando veredas já conhecidas, o que, de certo modo, me conferia conforto. No entanto, ao longo do percurso, fui sendo atravessada por outros campos, em especial o da Saúde e o Acadêmico (universidade).

O atravessamento por esses campos significou uma forma de expandir meus horizontes para além do familiar, permitindo compreender que tais experiências poderiam ser acolhidas como possibilidades de novas lentes constituídas ao longo da pesquisa. No percurso vivido nesses contextos, foram se revelando indícios significativos para o meu objeto, deslocando a investigação para além de uma escolha prévia e determinada. Tratou-se, assim, de campos que se formaram no próprio processo de pesquisa, a partir do exercício do "olhar, ouvir e escrever", como nos lembra Oliveira (1996).

Só me dei conta dessa ampliação quando passei a ser indagada nesses próprios contextos sobre a possibilidade de investigar também as tramas das emoções em outras realidades – Saúde e Acadêmico, além do Escolar –, já que eu vinha acumulando experiências nesses espaços durante a pesquisa, por meio de cursos e atividades com os Círculos com profissionais da Saúde e no espaço Acadêmico com submissões de oficinas, minicursos e atividades com universitários, utilizando o ritual dos CCP.

O objeto desta tese perpassa diversos espaços de pesquisa e observação, evitando-se, assim, possíveis prejuízos analíticos. A escolha foi assim criar uma teia múltipla de análise, com as lentes de uma detetive que busca micro evidências, no intuito de ampliar o olhar e os focos da investigação, sem se restringir a um único lugar e que se configura como um processo capaz de interpretar as emoções, quase sempre imperceptíveis.

Desse modo, optei por investigar três campos (Acadêmico, Escolar e o da Saúde), sem a pretensão de realizar uma pesquisa comparativa, mas partindo do pressuposto de que as emoções “são sentimentos dirigidos diretamente a outros e causados pela interação com os outros em um contexto e situação social e cultural determinados” (Koury, 2004, p. 11). Percebi nessa trama ampliada que as emoções atravessam todos os contextos de vivência e de observação, independentemente do lugar em que se manifestam.

Fiquei a pensar: como interpretar as emoções? Para este desafio, parto de pistas, sinais do que Ginzburg (1989) assinala como indícios, rastros, muitas vezes, imperceptíveis que ajudam na compreensão do que se deseja interpretar. No caso das tramas das emoções, interpretei os ditos — falas enfáticas, trêmulas, tom de voz — e, os não ditos, subdivididos em expressões — corpos inquietos, olhares desviados, silêncios, choros, risos — e em objetos — tocam de modo hesitante, que é o que parece.

Guiada por esse pensamento, utilizo o método interpretativo para análise, o “paradigma indiciário” de Ginzburg (1989) que não tem a presunção, que comungo diretamente, de ser uma forma rígida e infalível. Longe disso, significa uma maneira interpretativa e aproximativa de “descobrir pistas de eventos não diretamente experimentados pelo observador” (Ginzburg, 1989, p. 153). É nessa trilha que sigo, compreendendo que rastros podem escapar à primeira vista, assumindo por vezes

formas quase invisíveis, exigindo de mim uma observação mais atenta, capaz de colher o que, à primeira impressão, poderia permanecer na condição do imperceptível.

Os caminhos que tomo para fazer essa pesquisa se dão por meio da combinação de um conjunto de estratégias, que decidi organizar em quatro movimentos complementares de instrumentos investigativos. Enumero-os aqui para fins de clareza didática, sem a pretensão de fixar uma ordem rígida, pois, na prática, esses movimentos acontecem ao mesmo tempo, se misturam e se atravessam, como fios de uma mesma trama:

i) Os formulários<sup>7</sup> de pesquisa exploratória, utilizados inicialmente e ora descritos, serviram como um mapeamento do meu objeto, que, a princípio, ainda não se mostrava claro. Esses formulários, contudo, funcionaram como guias nessa jornada que serviu para ampliar o olhar da investigação.

Utilizei quinze formulários elaborados por meio da ferramenta *Google Forms*, que, após sua formulação, foram aplicados de forma impressa, como estratégia de aproximação com os interlocutores da pesquisa. Eles foram respondidos por cinco Agentes Comunitários de Saúde (ACS), cinco professores e cinco universitários, respectivamente nos meses de março, julho e dezembro de 2024, sempre em momentos oportunos, após a realização dos Círculos.

ii) A observação participante, como nos ensina Oliveira (1996), não é apenas uma técnica, mas um modo de estar no campo. Trata-se de um exercício contínuo de olhar e ouvir, uma observação que se dá na experiência e no sentir. É por meio dela que o pesquisador se insere no fluxo do fenômeno que investiga, em um processo sempre inacabado de busca e interpretação.

Nesse sentido, a sistemática da observação participante esteve presente ao longo do desenvolvimento dos Círculos durante toda a trajetória da pesquisa, exigindo o zelo constante para não perder a dupla função que exerci simultaneamente: facilitadora e pesquisadora. Reconheço que esse exercício não foi simples, na medida em que era necessário manter o rigor científico, conforme aponta Bourdieu (1989), sem comprometer o sigilo e a ética próprios do andamento circular, como enfatiza Silva (2023).

iii) O diário de campo foi mantido como uma prática constante de observação,

---

<sup>7</sup> O modelo encontra-se no Apêndice E, p. 225

um espaço para anotar vestígios, hesitações e detalhes sutis das falas e dos silêncios. Funcionou não apenas como um arquivo, mas também como um lugar de reflexão sensível, no qual registrei tanto as emoções observadas — sobretudo aquelas que destoavam do costumeiro — quanto as emoções que me atravessavam enquanto pesquisadora imersa no campo. Sem deixar de registrar detalhes minuciosos, aparentemente insignificantes em um primeiro momento, pois, como salienta Ginzburg (2006), é nos fragmentos despercebidos que pode ser interpretada a grandiosidade daquilo que se procura.

Como lembra Malinowski (1997), o diário constitui um registro pessoal e cotidiano das observações, das emoções e das tensões vividas no campo. Ele me acompanhou ao longo de todo o percurso da pesquisa; logo após a finalização de cada encontro do Círculo, quase sempre eu iniciava os registros, com o cuidado de não deixar escapar dados relevantes para análises posteriores.

iv) As conversas aprofundadas partiram do convite aos participantes considerados emblemáticos — aqueles que concentravam emoções por meio da fala, das expressões corporais ou da relação com os objetos — para diálogos mais reservados, realizados fora do ritual do Círculo, sem um roteiro prévio. Nessas conversas, busquei retomar momentos de silêncio, choro, risos e falas marcantes que emergiram no encontro, como forma de esmiuçar e compreender melhor aquilo que ecoou no ritual, mas que não foi inteiramente elaborado ali, tampouco encontrou espaço para aprofundamento naquele momento.

Tomo como fundamento que a conversa aprofundada se constituiu como um instrumento qualitativo, conforme indicam Moura e Lima (2014, p. 24), para quem “conversar, nesta acepção, remete à compreensão de mais profundidade, de mais reflexão, assim como de ponderação, no sentido de melhor percepção, de franco compartilhamento”. Assim, a conversa aprofundada assumiu a função de ampliar a compreensão do que observei durante o ritual dos Círculos, permitindo aprofundar os indícios — ditos ou não ditos — à luz das interpretações construídas pelos próprios participantes.

A sistemática das conversas ocorreu por meio de convites verbais dirigidos aos participantes considerados emblemáticos, isto é, aqueles que apresentavam indícios ou pormenores que destoavam dos demais no ritual dos Círculos. Quando aceitavam participar, solicitava-se a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

(TCLE)<sup>8</sup> e a permissão para a gravação em áudio, a qual nem sempre foi possível realizar, em razão de limitações técnicas, como o descarregamento do aparelho celular. Alguns convidados não aceitaram participar em razão do tempo — sobretudo por ocorrerem em horários próximos ao almoço ou ao início da noite —, justificando compromissos previamente assumidos.

Para esta análise, foram consideradas 49<sup>9</sup> conversas aprofundadas com duração média de até 60 minutos. Em sua maioria, as conversas ocorreram de forma individual; contudo, em seis casos envolvendo Agentes Comunitários de Saúde (ACS), o diálogo precisou ser realizado em formato de roda de conversa, em virtude das circunstâncias relacionadas às datas e aos horários, que não coincidiam para encontros individuais.

Desse modo, para auxiliar na interpretação dos indícios, organizei a dimensão metodológica em torno de três aspectos principais:

a) O discurso referente às pistas do dito: observei os participantes que conseguiam falar de suas emoções em voz alta, sem receio de expô-las, e que, por vezes, se sobressaiam em relação aos demais. Suas narrativas pareciam não se restringir a relatos individuais, mas podia expressar modos coletivos de sentir, pensar e interpretar o cotidiano. Para isto, utilizei a observação participante, o diário de campo e as conversas aprofundadas;

b) As expressões que dizem respeito às pistas do não dito — mapeei gestos, inquietações e movimentos repetitivos do corpo, rostos tensos, silêncios prolongados, olhares que se dispersam, choros que descem sem serem chamados. Esses sinais, muitas vezes divergentes da postura geral do grupo, pareciam constituir sinais valiosos, como lembra Ginzburg (1989), indícios daquilo que não encontra palavras e até parecem sem sentido aprioristicamente. Assim, procurei registrar o que me chamou atenção sobre esses sinais no diário de campo e quando possível, após os Círculos, fazendo o convite para a conversa aprofundada;

c) Os objetos no que concerne às pistas do dito ou do não dito: observei e registrei o manuseio dos objetos pelos participantes, as narrativas que emergiam a partir deles, os olhares — muitas vezes fixos, sem a emissão de palavras — e as expressões corporais que pareciam falar em demasia, seja por meio de rebuliços

---

<sup>8</sup> Ver Apêndice F, p. 226

<sup>9</sup> Ver Apêndice A, p.195

constantes, seja por uma paralisia que se instaurava ao tocar os objetos, ou ainda por silêncios que se prolongavam por alguns segundos. Em diversas ocasiões, dialoguei com os interlocutores cujas experiências se inscreviam nesses ditos e não ditos, aprofundando tais indícios em conversas realizadas logo após o término do ritual.

E os sujeitos da pesquisa, quem seriam? O recorte incidiu sobre os participantes dos Círculos de Construção de Paz realizados no campo escolar (em escolas das redes estadual e municipal de Fortaleza, Ceará), no campo acadêmico (em eventos universitários e salas de aula de instituições públicas de ensino superior ocorridos em Fortaleza/CE e Belém/PA) e no campo da saúde (na sede da Fundação Oswaldo Cruz/ Fiocruz/CE e em duas Unidades Básicas de Saúde – UBS – de Fortaleza/CE).

Por razões de sigilo e de preservação das instituições e dos sujeitos da pesquisa, não serão divulgados os nomes nem os endereços desses espaços, aspecto previamente acordado com todos os envolvidos na investigação. Nesses campos, a pretensão, em muitos casos, foi apenas atender às demandas solicitadas pelas instituições e pelas pessoas que me convidaram, com exceção dos eventos acadêmicos, nos quais as propostas eram submetidas em formato de oficinas, minicursos e artigos relacionados à temática dos Círculos de Construção de Paz.

Especificamente nesses contextos, o foco recaiu, quase sempre, sobre os Círculos de Encontros com Fins de Diálogo. Assim, a escolha dos interlocutores ocorreu independentemente da quantidade de encontros de que tivessem participado, sendo o critério fundamental ter vivenciado integralmente todo o ritual do Círculo.

Ao término de cada encontro, eu realizava o convite àqueles participantes que apresentavam algum indício que destoava dos demais, como, por exemplo: chorar durante o ritual ou conter o choro; silenciar quando o “bastão de fala” chegava às suas mãos; permanecer com movimentos alvoroçados revelados nos gestos corporais; manifestar risos constantes; demonstrar desatenção no momento da fala, entre outros. Enfim, tratava-se de participantes que apresentavam algum pormenor distintivo em relação ao conjunto do grupo, indícios que chamavam atenção por sua carga expressiva e emocional.

Para a análise, considereei 49 participantes<sup>10</sup>. A escolha foi intencional, uma vez que foram convidados aqueles que, de alguma forma, apresentaram indícios ou

---

<sup>10</sup> Ver Apêndice A – Participantes da pesquisa, p. 195

pormenores — por meio dos ditos ou dos não ditos — que divergiam do comportamento dos demais interlocutores. Entre os selecionados, encontram-se 15 participantes do campo da Saúde, 24 participantes do campo Escolar e 10 participantes do campo Acadêmico, sendo o maior contingente proveniente do campo escolar, em razão de se tratar da minha área de atuação profissional, na qual as relações e os contatos mostraram-se mais acessíveis de serem estabelecidos.

Já o menor número de participantes no campo acadêmico deveu-se, sobretudo, à questão do tempo, uma vez que, na maioria das situações, os universitários tinham outra disciplina em sequência ou se encontravam no limite do turno da manhã ou da tarde, o que inviabilizou a realização das conversas aprofundadas em função dos horários disponíveis.

É significativo frisar ainda que os interlocutores da pesquisa não foram constituídos previamente, nem formados especificamente para fins investigativos. Eles se configuraram a partir da minha experiência de trabalho e atravessamento acadêmico nestes distintos campos, conforme demandas institucionais e convites recebidos ao longo do percurso de pesquisa.

No campo Escolar, dos 24 sujeitos, 13 eram pertencentes à rede pública estadual de ensino de Fortaleza/CE — espaço no qual atuo profissionalmente — e 11 vinculados à rede municipal. Esses participantes foram acessados por meio de convites realizados em atividades escolares, eventos formativos e indicações decorrentes de relações profissionais previamente estabelecidas. Ressalto que, embora alguns já tivessem tido contato anterior comigo, nenhum deles integrava diretamente o meu último setor de trabalho na SEDUC/CE, não havendo relação hierárquica ou funcional direta.

No campo da Saúde, os interlocutores foram Agentes Comunitários de Saúde (ACS) vinculados à Secretaria Municipal de Saúde de Fortaleza (SME-Fortaleza), que participavam de um processo formativo inserido em uma pesquisa<sup>11</sup> desenvolvida pela Fiocruz/CE, em parceria com o COVIO/UECE — Laboratório da Conflitualidade e da Violência da Universidade Estadual do Ceará do qual faço parte como pesquisadora associada. Nesse caso, os Círculos de Construção de Paz integraram um percurso

---

<sup>11</sup> Informações disponíveis: <https://ceara.fiocruz.br/portal/index.php/grupo-que-pesquisa-relacao-entre-acs-violencia-e-covid-19-realiza-acoes-em-harvard-no-cariri-e-em-fortaleza/> Acesso em: 20 jan. 2026.

formativo mais amplo, não sendo criados exclusivamente para esta investigação, ainda que tenham se tornado campo empírico relevante ao longo do processo.

Já no campo Acadêmico, os participantes foram constituídos a partir de inscrições voluntárias em oficinas e minicursos sobre Círculos de Construção de Paz, previamente aprovados como atividades de eventos acadêmicos, bem como por convites realizados por docentes de universidades públicas que solicitaram o desenvolvimento dos Círculos como atividade de culminância de disciplinas ou como estratégia de cuidado com os estudantes.

No que concerne ao quantitativo de Círculos desenvolvidos ao longo da pesquisa, selecionei 16 Círculos<sup>12</sup> para esta investigação, dentre um universo bem mais amplo percorrido ao longo da caminhada de campo. A opção por esse número teve como objetivo evitar a complexificação excessiva das análises e a extrapolação das discussões, permitindo o aprofundamento dos aspectos considerados pertinentes a esta tese.

Assim, os Círculos ficaram distribuídos da seguinte forma: 5 no campo acadêmico (3 submetidos e realizados em eventos universitários e 2 realizados a convite de 2 docentes); 8 no campo escolar (4 em escolas da rede estadual de Fortaleza e 4 em escolas da rede municipal de Fortaleza); e 3 no campo da saúde (todos realizados a partir de convites).

No que se refere à sistemática, não estipulei uma ordem prévia de realização dos Círculos; eles ocorreram conforme os convites (pessoas ou instituições) eram feitos, no período de 2022 a 2025, com exceção de dois Círculos realizados no ano de 2013, data que marcou o início da minha formação na prática dos Círculos de Construção de Paz e minha estreia como facilitadora.

Quanto às temáticas, todas foram escolhidas e acordadas pelas pessoas que solicitaram os encontros — professores do campo Escolar e Acadêmico, professores e profissionais que atuavam no campo da Saúde. Geralmente, os convites partiam de pessoas que já conheciam o ritual dos Círculos ou que buscaram meu contato para agendar a realização dos encontros de forma espontânea, sem obrigação profissional do meu campo de trabalho. Na maioria das vezes, os detalhes eram combinados previamente — por telefone ou de forma presencial — com as instituições, que também definiam quem seriam os participantes.

---

<sup>12</sup> Ver Apêndice C – p. 208

Portanto, essa jornada construída no intento de compreender emoções ditas, não ditas, silenciadas e gesticuladas exigiu um esforço teórico-metodológico contínuo, cuja principal tentativa foi seguir horizontes delineados pelo rigor científico, conforme argumenta Bourdieu (1989). Um rigor que não se restringiu à aplicação técnica de métodos, mas que se constituiu como um exercício persistente de interpretação dos indícios das tramas emocionais que iam se revelando ao longo do campo.

Por fim, anuncio que a trajetória de pesquisa não foi retilínea nem ancorada em determinações teórico-metodológicas fechadas. As alterações ao longo do percurso foram inevitáveis, necessárias e, muitas vezes, complexas. Entre desvios e contradições, convido o leitor a acompanhar esta travessia de pormenores emocionais: uma caminhada que permanece aberta, em movimento e atravessada por emoções.

### 3 CHECK-IN: ENTRE CONCEITOS E HISTÓRIAS DA JUSTIÇA RESTAURATIVA E DOS CÍRCULOS DE CONSTRUÇÃO DE PAZ

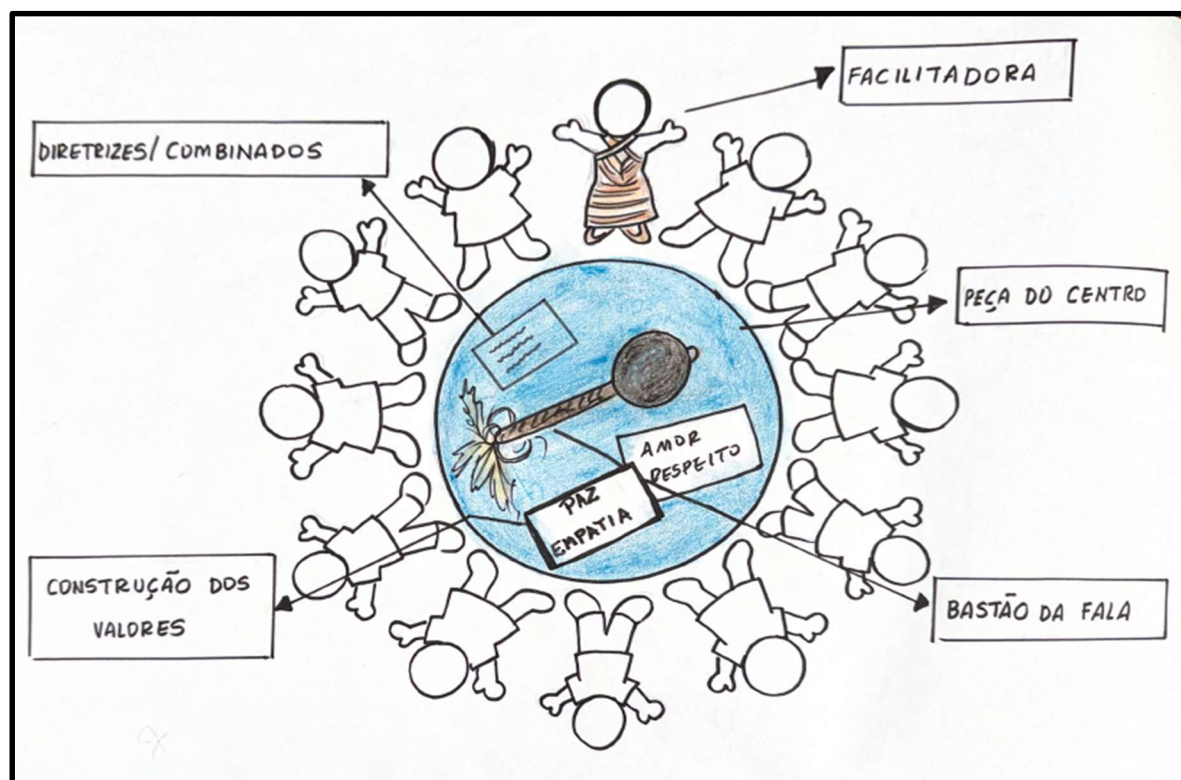
[...] Penso que não se deve ter medo de ser ignorante, e sim procurar multiplicar esses momentos de ignorância, porque o que interessa é justamente a passagem da ignorância absoluta para a descoberta de algo novo. Considero que o verdadeiro perigo está em nos tomarmos competentes (Ginzburg, 1990, p. 257).

Neste capítulo, o *check-in* significa simbolicamente as boas-vindas à discussão da Justiça Restaurativa (JR), a entrada para traçar a concepção histórica, conceitual e legal da JR, bem como alguns dilemas que atravessam o debate sobre ela e sua relação intrínseca com os Círculos de Construção de Paz. Ao que indica a literatura sobre as temáticas (Justiça Restaurativa e Círculos de Construção de Paz), há uma conexão que parece ser visceral, na medida em que os Círculos se constituem como uma prática restaurativa alicerçada nos princípios e valores da JR. Por essa ótica, compreendo que antes de percorrer o percurso dos CCP, escolhi tecer o itinerário da JR para entrar no rumo da discussão que objetiva esta pesquisa.

Com esse diálogo construído, possivelmente cheguei à jornada do histórico do surgimento dos Círculos, entrelaçado por fios de conceitos, perspectivas e práticas que se enredam nas raízes da JR. Ao que apontam, os gestos, as vozes, parecem revelar um caminho em que rituais e objetos se encontram, reunindo um quadro pintado de sentidos e histórias. Para que o desenho se torne mais nítido e compreensivo, vou construindo linhas traçadas da JR e dos Círculos de Construção de Paz, identificando as fronteiras entre eles e as possíveis aproximações por meio das discussões teóricas e da relação que parece transcender uma explicação racional. Na Figura 1 tento dar visibilidade à estrutura dos Círculos com os elementos que os compõem.

Neste quadro busco representar os rabiscos (esboço simplificado da estrutura que o CCP é projetado pela discussão teórica que o desenha) mais autênticos e mais translúcidos possíveis. Traços projetados com o objetivo de iluminar os elementos essenciais dos Círculos, aqueles que não podem e não devem deixar de existir no ritual, como enfatiza Pranis (2010). Antes de entrar em cada detalhe do desenho, conto os ecos da história e fundamentos da JR. Na sequência, discorro sobre as raízes históricas dos CCP, o sentido de cada palavra que compõe sua expressão, tentando me aproximar da sua fundamentação e típica ideal que ele é traçado.

Figura 1 – Estrutura de algumas etapas e elementos do Círculo de Construção de Paz



Fonte: Elaborado pela autora e ilustração de Paulo César (2025).

O teor deste quadro transita entre compreensões e incompreensões, entre o emblemático e o deslumbrante (aquilo que é visto por alguns participantes como algo que impressiona e por vezes fascina e não encontram explicações para expressar), como um desenho feito com traços e vestígios de cores que tentam iluminar as lentes de quem está ali, dos facilitadores e daqueles que observam de longe, através de uma possível fresta de luz.

### 3.1 Tecendo ecos da história da Justiça Restaurativa

As histórias não se tecem por acaso; parecem portar sentidos e significados que tentam nos alcançar no tempo. Como lembra Walter Benjamin (1987), elas são narrativas abertas, que deixam fendas para ponderações e hesitações, concedendo que outros olhares se depositem sobre elas. Talvez sejam fios que tentam se entrelaçar, se tecer e, possivelmente no percurso da caminhada possam se encontrar.

É nesse preâmbulo que me coloco a discorrer sobre a Justiça Restaurativa (JR). Como quem acompanha o movimento desses fios entrelaçados para buscar compreender de que modo os caminhos se entrelaçam com os Círculos de

Construção de Paz? E que sentido faz na sua ritualística? Sem a intenção de formular respostas e tampouco fechar conceitos, mas continuo explorando algumas perspectivas e deixando pistas que possam gerar outras reflexões.

O nascedouro da JR trago a partir da percepção do que descreve Jaccoud (2005), que sua origem remonta às sociedades comunais e pré-estatais, aquelas que cultivavam uma forma de justiça negociada nos episódios de conflitos, com a intenção de restabelecer os vínculos sociais rompidos. O que interessava para eles, acima de tudo, era buscar a coesão grupal, sem focar no sentido de punição aos membros envolvidos.

Como observa Consedine (1995), também houve vestígios de JR nas tradições celtas, maoris e de outros povos indígenas, no sentido de acreditarem na essência do bem entre os indivíduos, em que os princípios religiosos comunitários da fraternidade e compaixão eram também levados em consideração diante das discórdias.

Nessa linha de pensamento, Howard Zehr (2008) aponta que a Justiça Restaurativa (JR) deve de maneira intrínseca, às tradições indígenas muitos de seus fundamentos. Ele admite que são dessas culturas que vêm as formas de perceber e de lidar com as tensões, direcionando o foco nas pessoas e não apenas no problema em si. Trata-se de olhar para o ofensor (o autor da desavença) como ser humano, como alguém que erra e comete atrocidades, mas que também merece uma oportunidade de responsabilização por seus atos, respeito para com os outros e reconstruir os relacionamentos rompidos devido aos conflitos. São os três “R” que ele considera como os pilares da JR — responsabilização, respeito e relacionamento.

Howard Zehr (2015) destaca ainda que o conceito e a filosofia da JR, aos moldes que conhecemos atualmente, nasce da concepção da justiça criminal, oriunda dos anos de 1970 e 1980, nos Estados Unidos e Canadá, na qual eram compreendidas novas formas de encarar o crime, tomando como referência aos métodos dos povos indígenas de lidar com o crime de maneira que as pessoas diretamente envolvidas e a comunidade pudessem estar juntos na solução do problema e na tomada de decisões de maneira coletiva.

O que parece apontar a polifonia de autores, a JR atuaria como dispositivo de inclusão das pessoas na busca por resolver os danos causados por elas próprias, promovendo uma mudança de perspectiva para aqueles que descumpriram a lei, incluindo-os ativamente no processo, trazendo a rede de apoio para auxiliá-los e, principalmente, oportunizando um espaço de comunicação entre eles, a fim de

favorecer e encorajar ações concretas de reparação e apoio emocional. Isso significa nas palavras de Moura e Costa (2010, p. 612), que a JR é

um caminho alternativo ao Direito Penal, propõe uma mudança de paradigma. Propõe que o indivíduo que descumpra a Lei seja implicado o mais cedo possível no seu processo judicial, através de um espaço de reflexão sobre as consequências de seus atos para a vítima, para si próprio, para sua família e sua comunidade. É convidado a ressignificar seu ato, encontrar-se com a vítima e com todos a quem afetou com o crime, inclusive seus parentes e amigos, e participar da elaboração de uma proposta exequível de reparação do dano causado à vítima, inclusive emocional e da definição das consequências de seu crime para si. Mas também lhe é oferecido um espaço de escuta para suas necessidades, encorajamento para iniciar ações que venham a supri-la, bem como um trabalho de mobilização da comunidade para auxiliá-lo nesse intento.

A narrativa das autoras parece uma típica ideal que pode ser exequível na prática, mas não deixam de existirem entraves e desafios que inviabilizam sua concretude. No contexto da Nova Zelândia, nos anos de 1989, a JR foi implementada apesar das dificuldades para o atendimento dos jovens e adolescentes que estavam no sistema penal. Por essa época, também, a Austrália tomou como referência a experiência da Nova Zelândia e passou a utilizar a JR no seu próprio sistema de justiça. Lembra Zehr (2015, p. 12), que o movimento da JR foi crescendo gradativamente, embora de maneira esporádica, “surgindo vários programas e práticas em centenas de comunidades de vários países do mundo. Com frequência são oferecidos como alternativas paralelas ou mesmo no âmbito do sistema jurídico vigente”.

Considero pertinente ressaltar o que aponta Allison Morris (2002) sobre o movimento da Justiça Restaurativa (JR), no âmbito internacional, a partir dos anos de 1990. O aspecto que se sobressai em sua análise é a alerta de que a JR surgiu como resposta às fissuras abertas no sistema de justiça criminal. Sendo necessário dar conta das demandas negligenciadas pela justiça convencional, entre elas: a frustração das vítimas diante da falta de acolhimento, a morosidade dos processos que sobrecarregam as instâncias legais e os altos custos que afastam grande parte da população ao acesso à justiça. Esses aspectos, lembra Morris (2002), foram praticamente decisivos para a busca de outros caminhos, capazes de responder às necessidades urgentes que o sistema já não conseguia sustentar. Nessa lógica, a JR se apresenta como uma “válvula de escape” para o sistema de justiça.

Na realidade brasileira, recorda Castro (2020) que a Justiça Restaurativa começou a ganhar corpo a partir de 2005, especialmente, com iniciativas do Ministério

da Justiça (MJ) em parceria com o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) em desenvolver ações que corroborassem com a agilidade dos processos judiciais. Esse movimento foi impulsionado pelo protagonismo de alguns magistrados que, inquietos diante da rigidez e das limitações do sistema judicial, ousaram introduzir práticas restaurativas em suas realidades profissionais.

Juízes tomados pela necessidade de mudanças e buscando o encontro, há mais de dez anos, implementaram, no Brasil, projetos de Justiça Restaurativa, que tiveram início, no Estado de São Paulo, com os Juízes Egberto de Almeida Penido e Eduardo Rezende Melo; no Rio Grande do Sul, com o Juiz Leoberto Narciso Brancher; e, em Brasília, com o Juiz Asiel Henrique de Souza. Daquele período embrionário e experimental [...], cada qual desses desbravadores seguiu a sua própria caminhada, desenvolvendo metodologias e dinâmicas próprias de implementação e sustentação da Justiça Restaurativa (Brasil, 2016, p. 20).

O movimento logo encontrou ecos em outros territórios: no campo acadêmico<sup>13</sup>, onde artigos científicos, trabalhos de conclusão de curso, dissertações e teses se multiplicaram, produzindo não apenas a ratificação de sua pertinência, mas, também, as discussões sobre os desafios da sua prática efetiva; e no protagonismo não governamental<sup>14</sup>, sustentado por instituições públicas e agências internacionais que levavam as práticas da JR como um dos meios para lidar com situações divergentes a partir da autonomia das próprias pessoas.

---

<sup>13</sup> Só para citar alguns: “*Changing lenses: restorative justice for our time*”, disponível em: [https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=jFIEAAAQBAJ&oi=fnd&pg=PT8&dq=+Howard+Zehr&ots=hFOpqWyNUf&sig=hzPOYRIEKoKhKExje9RrxQXCY4E&redir\\_esc=y#v=onepage&q=Howard%20Zehr&f=false](https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=jFIEAAAQBAJ&oi=fnd&pg=PT8&dq=+Howard+Zehr&ots=hFOpqWyNUf&sig=hzPOYRIEKoKhKExje9RrxQXCY4E&redir_esc=y#v=onepage&q=Howard%20Zehr&f=false). Restorative justice for juveniles: Conferencing, mediation and circles, disponível em: [https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=PNHbBAAAQBAJ&oi=fnd&pg=PR1&dq=Allison+Morris&ots=bShyJJa3Fm&sig=PxenX1cxSKf0rMnoxC8-UowZfpY&redir\\_esc=y#v=onepage&q=Allison%20Morris&f=false](https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=PNHbBAAAQBAJ&oi=fnd&pg=PR1&dq=Allison+Morris&ots=bShyJJa3Fm&sig=PxenX1cxSKf0rMnoxC8-UowZfpY&redir_esc=y#v=onepage&q=Allison%20Morris&f=false). Coletânea de Artigos - Justiça Restaurativa, disponível em: [https://mppr.mp.br/sites/default/arquivos\\_restritos/files/migrados/File/MPRestaurativoEACulturadePaz/Material de Apoio/Justica Restaurativa Ministerio da Justica Coletanea de Artigos.pdf#page=163](https://mppr.mp.br/sites/default/arquivos_restritos/files/migrados/File/MPRestaurativoEACulturadePaz/Material de Apoio/Justica Restaurativa Ministerio da Justica Coletanea de Artigos.pdf#page=163). Lançando um olhar empírico sobre a justiça restaurativa: alguns desafios a partir da experiência inglesa, disponível em: <https://revista.abrasd.com.br/index.php/rbsd/article/view/28>. Tão próximos, tão distantes: a Justiça Restaurativa entre comunidade e sociedade”, disponível em: [https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/2/2136/tde-07052010-084701/publico/Juliana\\_Cardoso\\_Benedetti\\_Dissertacao.pdf](https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/2/2136/tde-07052010-084701/publico/Juliana_Cardoso_Benedetti_Dissertacao.pdf). “Mapeamento dos programas de Justiça Restaurativa”, disponível em: <https://www.cnj.jus.br/wp-content/uploads/2025/08/ii-mapeamento-jr.pdf>. Acesso em 13 set. 2025.

<sup>14</sup> Algumas iniciativas: *Terre des hommes Lausanne* (TDH), disponível em: <https://www.tdhbrasil.org/>. Pastoral Carcerária Nacional(CNBB), disponível em: <https://carceraria.org.br/justica-restaurativa/justica-restaurativa-no-brasil-uma-abordagem-transformadora-e-urgente>. Projeto Justiça para o Século 21 – Instituído Práticas Restaurativas. Escola da AJURIS, disponível em: <https://www.ufrgs.br/jornal/praticas-restaurativas-avancam-no-judiciario-e-buscam-superar-a-formula-culpa-lei-e-prisao-ao-infrator/>. Instituto Shanti Brasil, disponível em: <https://shantibrasil.com/>. Acesso em 22 ago. 2025. Associação de Justiça Restaurativa Passarela Alternativa (São Paulo), disponível em: <https://brazilfoundation.org/project/associacao-de-justica-restaurativa-passarela-alternativa/>.

Esses esforços se materializaram, de forma emblemática, nos três Simpósios Internacionais de Justiça Restaurativa<sup>15</sup>: em 2005, em Araçatuba (SP); em 2007, em Recife (PE); e, em 2012, em um circuito que percorreu São Paulo (SP), Porto Alegre (RS), Caxias do Sul (RS) e Belém (PA), disseminando o movimento da JR em diversos espaços com possibilidades de construções de iniciativas.

Tais encontros se tornaram marcos relevantes no sentido de fundamentar e propagar a JR no território brasileiro, por meio de ações: palestras, seminários, cursos e formações que, de modo pulverizado, ampliaram a presença da JR para além dos muros do Judiciário na tentativa de sensibilizar e atrair novas práticas em múltiplos espaços institucionais, entre elas, o campo da educação, com diferentes estratégias restaurativas (Brasil, 2016).

Para Oliveira Silva (2021, p. 86), há outras experiências brasileiras que foram deixadas de lado nas narrativas oficiais — aquelas sem cunho de institucionalidade governamental —, mas que buscaram outros mecanismos pautados na JR: Escolas do Perdão e da Reconciliação (ESPERE)<sup>16</sup>, A experiência dos Círculos Restaurativos em comunidades e favelas no Rio de Janeiro<sup>17</sup>, Projeto de mediação/Projeto Justiça e Educação<sup>18</sup>, entre outros<sup>19</sup>.

---

<sup>15</sup> Maiores informações disponíveis em: <https://epm.tjsp.jus.br/Noticias/noticia/5053>;  
<https://www.tjsp.jus.br/noticias/Noticia?codigoNoticia=62759&pagina=603>;

<sup>16</sup> “As ESPERE nasceram em 2002, a partir de uma sistematização de saberes sobre formas de prevenção da violência e recuperação dos indivíduos traumatizados pela violência, realizada por Leonel Narvaez Gomes, doutor em Sociologia pela Universidade de Harvard, sob a orientação de uma equipe interdisciplinar do CHOP (Programa de Análise e Resolução de Conflitos Internacionais no *Centre for International Politi Watherhead*). culminou na formação da “*Fundación para la Reconciliación*”, com sede em Bogotá, Colômbia, posteriormente instaurada em vários países, no que passou a ser conhecido como Escolas do Perdão e da Reconciliação (ESPERE)” (Oliveira Silva, 2021, p.86-87).

<sup>17</sup> “Embora os facilitadores e estudiosos de justiça restaurativa no Brasil nem sempre mencionem o que é apontado por alguns autores como a primeira experiência de justiça restaurativa no Brasil, na década de 1990, Dominic Barter, pesquisador social da Comunicação Não Violenta, inglês, em conjunto com crianças e adolescentes em favelas no Rio de Janeiro (Santa Marta, Vidigal, Tavares e Prazeres, dentre outras), desenvolveu os chamados Círculos Restaurativos, em um projeto de longo prazo, não institucionalizado (ao menos inicialmente), que teve duração de aproximadamente nove anos” (Oliveira Silva, 2021, p.87-88).

<sup>18</sup> “Em 2003, foi implementado o Projeto de Mediação da Vara da Infância e da Juventude de Guarulhos, em parceria com as Faculdades Integradas de Guarulhos (FIG), com foco em atos infracionais de natureza leve, e baseado na mediação entre vítima e ofensor. O projeto foi aprovado pelo Tribunal de Justiça de São Paulo em 2006, dando origem ao Setor de Mediação de Guarulhos” (Oliveira Silva, 2021, p. 91).

<sup>19</sup> Ver outras Informações disponíveis de outras experiências:  
<https://www.seguranca.mg.gov.br/index.php/prevencao/programas/programa-mediacao-de-conflito>;  
<https://www.aceguarulhos.com.br/blog/justi%C3%A7a-restaurativa-atua-em-guarulhos-e-no-bairro-de-heli%C3%B3polis/#gsc.tab=0>; <https://www.cdhep.org.br/jr/>;  
<https://www.tjsp.jus.br/Noticias/Noticia?codigoNoticia=1739>. Acesso em 10 set. 2025.

À medida que a Justiça Restaurativa se propagou por diferentes contextos, rememora Zehr (2015) que também se diversificaram suas formas<sup>20</sup> de aplicabilidade. O autor indica que ela não se cristalizou em um modelo único e rígido, mas foi se moldando as realidades sociais em que se inseria. Acrescenta ele, embora que guardasse semelhanças em linhas gerais, cada prática restaurativa move nuances próprias, variando “quanto ao número e tipo de participantes e, em alguns casos, quanto ao estilo de facilitação” (Zehr, 2015, p. 65). Nesse movimento, a JR indica se mostrar como um campo aberto, que respira a pluralidade das experiências e parece se reinventar conforme os fios sociais que a sustentam.

Assim como ocorre com a diversidade de suas práticas, como apontam os dados, também não se cristalizou uma definição única e fechada para a Justiça Restaurativa (JR). No campo das discussões, afloram múltiplas concepções que atravessam reflexões e disputas em torno do que se entende por JR, tornando-se, muitas vezes, complexo estabelecer um conceito unívoco que abarque os diferentes espaços e instituições em que essas práticas vêm sendo desenvolvidas.

Recordo as palavras de Zehr (2015), ao advertir que seria arrogante e excessivamente desafiador pretender estabelecer uma concepção conclusiva de JR, uma vez que este campo ainda se encontra em processo de construção. Contudo, em meio a essa incompletude que o constitui, Zehr (2008) nos convida a iniciar o percurso a partir de um ponto de referência, uma típica ideal de tentativa de concepção, não com o desejo de encerrar o debate ou impor uma definição inflexível, provavelmente, como quem indica um caminho inicial e aberto à reflexividade, tomando a concepção que,

justiça restaurativa é um importante catalisador para discussões em variados contextos - sempre que for tomada pelo que é, e não como um pacote pronto para implementação. Na melhor das hipóteses a justiça restaurativa é uma bússola que aponta a direção, não um mapa detalhado que descreve como se chega lá. Em última análise, o mais importante da justiça restaurativa talvez não seja sua teoria ou práticas específicas, mas o modo como ela **abre o diálogo e o questionamento** sobre os pressupostos e necessidades de nossa comunidade e sociedade (Zehr, 2008, p. 235, grifo meu).

Nessa mesma direção, Belinda Hopkins (2006) ao discutir a implementação da JR, a reconhece como uma forma inovadora de lidar com comportamentos

---

<sup>20</sup> Conferências de Grupos Familiares; Encontro Vítima-Agressor; Processos Circulares (Círculos Restaurativos baseados na comunicação não violenta, Círculos de Construção de Paz baseados na Kay Pranis, entre outros inúmeros procedimentos).

considerados inadequados por meio do diálogo. Segundo a autora, seu diferencial estaria em convidar o protagonismo dos próprios indivíduos, evitando, assim, respostas centradas apenas na punição e na culpabilização. Hopkins (2006) nos lembra dos inúmeros desafios de deslocar paradigmas profundamente enraizados nas práticas e na cultura social, destacando que não é simples construir e desenvolver perspectivas diferentes diante das situações conflituosas, distantes da lógica punitiva e culpabilizadora, tão fortemente presente na sociedade. Portanto, se já é complexo enxergar as situações por meio de novos olhares, mais difícil ainda é definir o que seja Justiça Restaurativa de modo a abranger as múltiplas diferenças existentes em cada contexto social.

Entretanto, vejo que até a normativa brasileira — inscrita na Resolução nº 225, de 31 de maio de 2016, que institui a Política Nacional de Justiça Restaurativa —, em seu Artigo 1º, não escapa à tentativa de conceituar a JR como forma de parâmetro conceitual:

Um conjunto ordenado e sistêmico de princípios, métodos, técnicas e atividades próprias, que visa à conscientização sobre os fatores relacionais, institucionais e sociais motivadores de conflitos e violência, e por meio do qual os conflitos que geram dano, concreto ou abstrato [...] (Brasil, 2016).

Essas concepções, entre tantas outras, parecem revelar que a Justiça Restaurativa, seja no Brasil, seja em âmbito internacional, constitui-se como um campo em aberto: flexível, permeável, capaz de acolher diferentes perspectivas que extrapolam o universo jurídico e se lançam para a vida social em sua complexidade.

Com o pensamento de Castro (2020), compreendo que a flexibilidade das definições e a diversidade de aplicabilidades da Justiça Restaurativa trazem consigo tanto potencialidades quanto fragilidades no seu processo de construção. Pelo lado positivo, a ausência de conceitos rígidos e de práticas previamente engessadas permite que a JR se adapte a diferentes contextos, respondendo de forma mais sensível às demandas sociais que emergem em cada cenário. Porém, essa mesma abertura pode gerar uma pulverização de sentidos e práticas, resultando em confusões conceituais e metodológicas que fragilizam sua efetividade. Nessas brechas, corre-se o risco de não alcançar plenamente as expectativas depositadas na JR, sobretudo no que se refere à responsabilidade compartilhada, à reintegração e à restauração dos vínculos comunitários, valores fundamentais para esta forma de fazer justiça, conforme esclarece a autora.

Na mesma trilha de pensamento, Allison Morris (2002) acrescenta elementos centrais às críticas dirigidas à Justiça Restaurativa. Em primeiro lugar, por considerar um formato ainda recente e pouco familiar, há a necessidade de mais tempo para que se possa avaliar, de forma consistente, os programas, projetos e experiências implementados em diferentes espaços institucionais. Para ele, outro aspecto importante é ampliar o horizonte das pesquisas e estudos sobre sua aplicabilidade, de modo a reunir dados que permitam compreender melhor sua aplicabilidade. Ao mesmo tempo, lembra que não se pode esquecer que qualquer interpretação desses resultados estará sujeita a diferentes leituras — ora positivas, ora negativas.

Por outro lado, destaco que Morris chama a atenção para o risco de se exigir da JR aquilo que não lhe cabe: alcançar os mesmos patamares da justiça convencional ou produzir resultados equivalentes. Afinal, trata-se ainda de um campo em construção, atravessado por tentativas, experimentações e pela ausência de uma consolidação definitiva no seio da sociedade.

Outra questão também relevante, de cunho reflexivo, nos olhares de Boonen (2020) sobre a JR, tem a ver com a necessidade de se levar em consideração não somente a dimensão relacional do processo, diante de contextos tão desiguais como o da realidade brasileira. Existem também fatores estruturais e culturais que sustentam a violência, pois, se “focalizarmos a abordagem restaurativa ‘apenas’ na dimensão relacional, literalmente enxugaremos gelo. Quanto maior for a desigualdade social, mais importante será a ampliação de sua abordagem para as dimensões que sustentam a estrutura violenta” (Boonen, 2020, p. 51).

Sob essa perspectiva — entre tantas outras —, entendo que a Justiça Restaurativa vai desenhando suas veredas, permeada por críticas e questionamentos acerca de sua efetividade. Nas palavras de Jaccoud (2005), em diálogo com Howard Zehr, a JR deve ser compreendida menos como uma receita pronta e mais como uma ferramenta de reflexão: um recurso que convoca diálogos, trazendo à tona expectativas, desafios e aspirações coletivas.

Zehr (2015) acrescenta que, independentemente da concepção adotada, da definição delimitada, o cerne da Justiça Restaurativa (JR) repousa em seus princípios e valores que ancoram seu modo de ser. Ele organiza os princípios em cinco eixos fundamentais que considera cruciais:

1. Focar, antes de tudo, os danos e consequentes necessidades da vítima, mas também da comunidade e do ofensor.

2. Tratar das obrigações que resultam daqueles danos (as obrigações dos ofensores, bem como da comunidade e da sociedade).
3. Utilizar processos inclusivos, cooperativos.
4. Envolver a todos que tenham legítimo interesse na situação, incluindo vítimas, ofensores, membros da comunidade e da sociedade.
5. Buscar reparar os danos e endireitar as coisas na medida do possível (Zehr, 2015, p. 49).

Os princípios indicam parâmetros que funcionam como lentes de uma filosofia que orienta a JR. Apontam a centralidade da vítima e das pessoas envolvidas, reconhecendo suas necessidades e seus direitos de fala. Assinala a importância de assumir obrigações e responsabilidades diante do acontecido. Zehr (2015) assinala que não há processo restaurativo sem escuta, sem a inclusão daqueles que participam da trama conflituosa nas decisões que poderão ser tomadas. É nessa linha de pensamento que ele destaca a presença de outros atores, direta ou indiretamente implicados, torna-se importante para que juntos assumam corresponsabilidade apoiada e partilhada. Embora reconheça que nem sempre se faz possível reparar plenamente o dano cometido, mas pode viabilizar a busca por outros caminhos e lentes de recomposição da situação conflituosa.

Para que esses princípios se tornem efetivos, Zehr (2015) adverte que precisam estar sustentados em valores subjacentes — valores que, muitas vezes, não estão claros para as pessoas e, por isso mesmo, devem ser explicitados na abordagem restaurativa escolhida (Círculos de Construção de Paz etc.). Entre os valores, o autor destaca a “interconexão” como essencial, pois o ser humano não existe isolado: ele vive atado a outros, como parte de uma verdadeira teia de relacionamentos.

Essa ideia me remete à perspectiva de Elias (2011) sobre as redes de interdependência. Para este autor, tudo está interligado: à medida que a civilização se torna mais complexa, também cresce a interdependência entre as pessoas, requerendo cooperação constante. Nessa rede de vínculos, cada gesto e cada ação reverberam, ao que indica, impactando a vida de outros. Identifico esse campo de análise na condição de convergente com o valor da interconexão, destacado por Zehr (2015), como princípio fundamental da Justiça Restaurativa, tipo um lembrete que parece que somos parte de uma teia viva, na qual nossas ações nunca são apenas nossas.

Outro valor ressaltado por Zehr é o da “particularidade”. Ele nos propõe que, mesmo estando interconectados, não se pode anular a individualidade, porque cada

pessoa pode ser marcada pelo contexto social em que está inserida e pela cultura que a atravessa. Assim, sugere que é preciso não perder de vista a particularidade do sujeito, que influencia seu modo de ser e de agir naquele contexto.

Ao refletir sobre esse valor da “particularidade”, encontro também ressonância com o pensamento de Elias em “A Sociedade dos Indivíduos” (1994, p. 8). Na destacada obra o autor observa que o indivíduo, em sua particularidade, não se dissocia do seu ser social; ambos estão imbricados no mesmo processo civilizatório. “Bem ou para o mal, os seres humanos individuais ligam-se uns aos outros numa pluralidade.” Assim, o indivíduo (em sua particularidade) e a sociedade (na coletividade) não se apresentam como entidades opostas, mas como dimensões que se completam e se interpenetram no convívio social.

Em continuidade, Zehr (2015) apresenta aquele que considera o valor supremo da Justiça Restaurativa: o “respeito”. Para o autor, se fosse preciso resumir a JR em uma única palavra, seria esta — o respeito que deve orientar e sustentar todos os demais princípios. Sem ele, enfatiza Zehr (2015), nenhum outro valor teria consistência ou poderia se tornar efetivo socialmente.

Em diálogo com a Sociologia e a Antropologia das emoções, compreendo que esse valor “respeito” pode ser pensado não apenas como um sentimento individual, mas sobretudo como uma emoção socialmente e culturalmente construída nas relações. Como lembra Koury (2009), em suas discussões sobre “Emoções, Sociedade e Cultura”, as emoções são moldadas pelas normativas sociais e expressam modos coletivos de sentir. Por esse ângulo, o respeito, tomado como base da JR, não se reduz a uma virtude individual, mas se constitui como uma dimensão social no processo de interação.

Além da origem, dos conceitos, dos princípios e dos valores JR, é preciso considerar também as práticas que compõem o conjunto de modelos desenvolvidos neste campo. Como comentei anteriormente, não há uma forma única e definitiva de aplicabilidade. Em outras palavras, a JR se expressa por meio de diferentes “práticas restaurativas”<sup>21</sup>, cada experiência adotada (âmbito jurídico e ou outros campos) com metodologias e modos de funcionamento específicos, tentam dar concretude à JR. Entre elas, tomo como referência o que aponta Zehr (2015): Encontros Vítima-

---

<sup>21</sup> São “as diferentes formas de tratar as situações” a fim de atender às necessidades das pessoas que foram violadas (Brasil, 2016)

Ofensor<sup>22</sup>, Conferência de Grupos Familiares<sup>23</sup> e Processos Circulares<sup>24</sup>.

É justamente nesse último modelo — os Processos Circulares — que se inscrevem os Círculos de Construção de Paz, o recorte privilegiado desta pesquisa. É nesse espaço ritualizado, de fala e escuta, que busco compreender como se tecem as tramas das emoções e que vou tecer o diálogo a seguir.

### 3.2 As raízes dos Círculos de Construção de Paz (CCP)

Conhecer os Círculos de Construção de Paz significa uma tentativa de mergulhar em suas raízes — na história, na concepção e na pulsação viva que senti em meu campo. É também o esforço de narrar sem a pretensão de esgotar tudo em palavras, como lembra Benjamin (1987), de deixar espaços abertos para a reflexão e para a imaginação, permitindo que outros sentidos possam emergir.

Compreendo que os CCPs nascem na roda, na costura dos olhares, nos fios imperceptíveis, nas palavras que rodeiam presenças. Primeiro, o acolhimento — corpos chegando, pés tateando o chão da partilha, um possível sentipensante. Depois, o compasso — o tempo da escuta, do respiro, do silêncio que também fala. O que se abre aqui, ao que parece, não é apenas o encontro, como também a promessa de um caminho com trilha de passos largos, por vezes estreitos, quase sempre entrelaçados pela corporeidade, pelas palavras que dançam entre histórias vividas e emoções sussurradas.

---

<sup>22</sup> Para Amstutz (2019, p. 10), em inglês, *Victim Offender Conferencing (VOC)*, implementada nos anos de 1970, na Indiana, nos Estados Unidos. VOC é “um processo dialógico que reúne a pessoa que prejudicou alguém e à que foi prejudicada num encontro onde podem ouvir a história um do outro e criar maneiras de reparar os danos”. Considerada como um dos modelos da JR funciona com a seguinte estrutura: “encaminhamento do caso, triagem e gerenciamento do caso, primeiro contato, encontros iniciais, apoiadores, o encontro, relatórios e monitoramento” (Amstutz, 2019, p. 18-20). A VOC acontece com a vítima e o ofensor e aqueles que foram também prejudicados.

<sup>23</sup> Conferências de Grupos Familiares (CGF) modelo de JR vindos a partir de 1989 da experiência no sistema de justiça juvenil da Nova Zelândia e depois acabou sendo adotado na Austrália, seguidos nos Estados Unidos. É uma abordagem que “ênfata o empoderamento da família, a adequação cultural, a tomada de decisões por consenso e o uso de *caucus* familiar durante a conferência” (Amstutz, 2019, p. 21).

<sup>24</sup> Os processos circulares são vistos como práticas constituídas por Círculos Restaurativos (CR) e Círculos de Construção de Paz, modelos estes que acontecem cada qual com sua estrutura de funcionamento, destacando-se em rodas de diálogos com elementos e estruturas determinadas, podendo assim dizer quem possuem rituais distintos, mas com ênfase nos princípios e valores da JR (Silva, 2023). Com base na ancestralidade que se manifesta aqui através dos legados e da sabedoria dos povos das Primeiras Nações, no Yukon, Canadá, território localizado no noroeste da América do Norte.

É por esse caminho que busco começar a história dos Círculos que integram o conjunto de práticas restaurativas conhecidas como Processos Circulares da JR. Na forma como hoje são disseminados, foram aprimorados e adaptados em distintos campos — jurídico, educacional, comunitário, entre outros —, que concebeu os Círculos como práticas que corroboram com suas demandas de lida dos conflitos e de possibilidade de conversas sem foco de solução de problemas, apesar de percalços que se cruzam e se enveredam no caminho.

Opto nesta escrita para refletir sobre os Círculos de Construção de Paz baseados em Kay Pranis, ativista e uma das principais referências no Brasil. Ao que parece, o destaque que os Círculos ganharam entre as demais práticas se deve, em grande parte, ao protagonismo da própria Kay Pranis, em parceria com algumas instituições que a possibilitaram estar presente em diversas cidades brasileiras conduzindo formações<sup>25</sup> — entre elas, Fortaleza (CE). Nessa trajetória, tive a oportunidade de participar de uma dessas formações<sup>26</sup> em Fortaleza/CE, representando a SEDUC/CE, experiência que para mim foi mais do que um aprendizado técnico: foi um encontro que mexeu e me instigou a pesquisar sobre a temática.

No Brasil, os Círculos de Construção de Paz chegaram junto com o movimento da JR, incorporando-se como uma de suas principais práticas em meados dos anos 2000. Como aconteceu em outros países, sua trajetória se entrelaçou com as experiências no âmbito do Judiciário — não poderia ser diferente, já que foi nesse campo que os Círculos encontraram seus primeiros espaços institucionais de experimentação aos moldes atuais.

De acordo com o mapeamento<sup>27</sup> realizado pelo Conselho Nacional de Justiça

---

<sup>25</sup> “Foi no curso dessa trajetória que, em 2010, a “comunidade de aprendizagem” do Justiça 21 recebeu a visita da Prof<sup>a</sup> Kay Pranis, com seus ensinamentos sobre os Círculos de Construção de Paz - vertente das práticas restaurativas inspirada nos povos indígenas norte americanos e canadenses” (Pranis e Boyes-Watson, 2011, p.09).

Outras informações disponíveis: <https://caxias.rs.gov.br/noticias/2010/10/seminario-internacional-brasil-eua-processos-circulares>. Acesso em 10 set. 2025.

<sup>26</sup> “Kay Pranis ministra palestra sobre “Justiça Restaurativa e os Círculos de Construção de Paz”, disponível em: <https://justica.rs.gov.br/entrevista-kay-pranis-especialista-em-justica-restaurativa>. “Círculos em Movimento: Kay Pranis inicia Workshop Internacional na Esmec”, <https://www.tjce.jus.br/esmec/post/kay-pranis-ministra-workshop-internacional-na-esmec-a-partir-das-9h-desta-quinta-feira/>. Acesso em 13 set. 2025.

<sup>27</sup> Nota-se que o campo da Justiça Restaurativa no Brasil vem sendo fortemente influenciado por Howard Zehr, com sua teoria das lentes restaurativas, e por Kay Pranis, com a metodologia dos círculos de paz. Somam-se a esses referenciais as contribuições de Dominic Barter e Marshall Rosenberg, especialmente no que se refere à Comunicação Não Violenta. Todas essas abordagens se articulam

(CNJ) sobre as práticas restaurativas no país, os Círculos de Construção de Paz ainda predominam sobre outras metodologias, especialmente no campo da educação pública. O relatório revela que “quanto aos procedimentos usados nas práticas restaurativas, 93% dos programas utilizam os círculos de construção de paz, baseados em Kay Pranis”, seguidos por 54% de outros processos circulares fundamentados na Comunicação Não Violenta (Brasil, 2019, p. 14).

No Ceará, essas práticas também se enraízam em diferentes experiências, sobretudo em projetos-piloto no campo educacional, articulados pelas Secretarias de Educação<sup>28</sup>. Outras iniciativas se espalham em diferentes espaços institucionais: o Núcleo de Justiça Restaurativa do Tribunal de Justiça do Estado do Ceará (NUJUR/TJCE)<sup>29</sup>, o Centro de Justiça Restaurativa da Defensoria Pública do Ceará (CJR/DPCE)<sup>30</sup>, o Comitê Interinstitucional de Justiça Restaurativa e Cultura de Paz do Ceará<sup>31</sup>, o Projeto PreVio<sup>32</sup>, a *Terre des Hommes* Brasil<sup>33</sup>, entre outras iniciativas. Nestas experiências, os Círculos de Construção de Paz aparecem como uma das abordagens restaurativas mais efetivas, convidando sujeitos e instituições para um

---

com a perspectiva mais ampla da roupagem de “Cultura de Paz”, configurando o que se pode considerar como a principal triangulação teórico-prática que dá identidade ao modelo de Justiça Restaurativa desenvolvido no âmbito judicial brasileiro (Brasil, 2025).

<sup>28</sup> Destaco também as iniciativas voltadas à criação das Células de Mediação na SEDUC/CE — processo do qual participei ativamente, idealizando e contribuindo para a formação da primeira Célula enquanto assessora técnica. Essas experiências também se desdobraram em projetos-piloto em algumas Secretarias Municipais de Educação, abrangendo municípios como Fortaleza, Horizonte, Sobral, Quixadá, entre outros. Em muitos casos, essas ações foram fortalecidas por Termos de Cooperação com o Programa de Mediação Escolar do Ministério Público do Ceará (MPCE) e Organização Não Governamental *Terre des hommes* (Tdh/Brasil), numa articulação que buscou consolidar práticas restaurativas e formar redes de apoio para lidar com os conflitos no espaço escolar, informações disponíveis em: <https://www.direitoshumanos.ce.gov.br/2024/05/15/atuacao-da-justica-restaurativa-no-tribunal-de-justica-do-ceara-e-apresentada-durante-reuniao-do-conselho-interinstitucional-de-justica-restaurativa-mediacao-e-cultura-de-paz/>; <https://mpce.mp.br/institucional/centros-de-apoio-operacional/caoeduc/projetos/projeto-implantacao-da-mediacao-escolar/>. Acesso em 13 set. 2025.

<sup>29</sup> Informações disponíveis em: <https://www.tjce.jus.br/comissoes/nucleo-judicial-de-justica-restaurativa-nujur/>. Acesso em 13 set. 2025.

<sup>30</sup> Informações disponíveis em: <https://www.defensoria.ce.def.br/noticia/centro-de-justica-restaurativa-da-defensoria-realiza-circulos-de-paz-para-jovens-do-sistema-socioeducativo/>. Acesso em 14 set. 2025.

<sup>31</sup> Informações disponíveis em: <https://www.direitoshumanos.ce.gov.br/conselho-interinstitucional-justicarestaurativa-mediacao-culturadepaz/>. Acesso em 14 set. 2025.

<sup>32</sup> Informações disponíveis em: <https://www.ceara.gov.br/2024/11/01/por-meio-do-previo-governo-do-ceara-lanca-projeto-jovens-mediadores-e-programa-de-formacao-permanente-em-gestao-para-resultados-na-prevencao-a-violencia/>. Acesso em 14 set. 2025.

<sup>33</sup> Informações disponíveis em: <https://www.tdhbrasil.org/prevencao-a-violencia/>. Acesso em: 14 set. 2025.

encontro que vai além da resolução de problemas: um exercício coletivo de escuta, responsabilização e tentativa de reconstrução de vínculos.

Na tentativa de compreender alguns pontos cruciais da história dos Círculos de Construção de Paz (CCP), Silva (2023) recorda que, na década de 1990, ocorreu uma experiência conduzida pelo juiz Barry Stuart, do Tribunal Territorial de Yukon, no Canadá. Ele é considerado um dos pioneiros na utilização dos *Sentencing Circles*<sup>34</sup>, tendo aplicado esse modelo no caso de Philip Moses<sup>35</sup> — especialmente em situações envolvendo povos indígenas do território — ao constatar que a justiça tradicional não conseguia atender às necessidades dessas comunidades.

Lembra Barcellos (2023), que os povos das Primeiras Nações do Canadá, insatisfeitos com a forma de justiça aplicada a seus membros, abriram espaço para que pessoas não nativas, que acreditavam em um modo distinto de resolver os conflitos, se agregassem a essa caminhada dos processos circulares. Foi nesse movimento que Barry Stuart se aproximou da prática circular e, posteriormente, Kay Pranis também se uniu a esses ensinamentos.

Na tradição desses povos, os Círculos não são compreendidos como um simples procedimento dialógico, mera reunião de pessoas. Pelo contrário, reforça Zehr (2008), são, antes de tudo, uma filosofia de vida que busca resgatar a natureza dos bons relacionamentos, sustentados pelos valores de interconexão, respeito e interdependência. Nesse horizonte, sentar-se em Círculo parece ser mais do que partilhar a palavra, uma tentativa de possibilidade de horizontalidade no coletivo, em que o indivíduo influencia e é influenciado pelo grupo. Ao que Simmel (2006, p. 60) aponta como um estado que chama de “correlação com os outros, isso quer dizer que ele exerce efeito sobre os demais e sobre efeitos por parte deles”.

---

<sup>34</sup> “O círculo de sentença deriva do conceito de círculo de conversa das Primeiras Nações. O círculo de conversa é um método das Primeiras Nações de cura física, mental, emocional e social. É um modo de resolver disputas, ampliar o conhecimento e resolver conflitos, no qual todos os participantes se encontram como iguais e falam abertamente. Cada pessoa tem o direito de falar sem interrupção; os outros devem ouvir. O respeito mútuo e a responsabilidade comunitária guiam o processo [...]” (Benevides, 1994, p. 241, tradução minha).

<sup>35</sup> “Philip Moses era um membro de 26 anos da Primeira Nação Na-cho Ny'ak Dun em Mayo, Yukon. Ele foi considerado culpado de roubo e porte de arma para cometer uma agressão. Ele tinha um histórico de 43 condenações, com um total de quase oito anos de prisão. Ele foi avaliado por vários profissionais como tendo “habilidades disfuncionais significativas de enfrentamento”, para as quais o tratamento havia sido sugerido, mas nunca realizado. Na opinião de Stuart, J., este era um caso apropriado para um *círculo de sentença*, não porque houvesse grandes esperanças de reabilitação bem-sucedida do infrator, mas porque nenhuma outra opção havia funcionado. Nas palavras do juiz, “o que se poderia perder em tentar?” (Benevides, 1994, p. 242-243, tradução minha).

Compreendi que o encontro de Pranis (2010) com os ensinamentos e tradições desses povos a conduziu ao conhecimento dos “Círculos de conversa”<sup>36</sup>, também chamados de “Círculos de cura” ou “Círculos de pacificação”, práticas utilizadas para enfrentar problemas comunitários por meio de rodas coletivas de diálogo. Ao reconhecer o potencial dessas experiências, Pranis (2010) desenvolveu o chamado “*Peacemaking Circles*”<sup>37</sup>, adaptando a metodologia para diferentes contextos — escolas, comunidades, prisões, igrejas — nos Estados Unidos, e posteriormente propagando no Brasil na década dos anos 2000.

Parece que a disposição em roda não é apenas um arranjo espacial, mas um gesto simbólico que traduz, na prática, os princípios e valores da JR. O formato circular inspira-se nos ensinamentos ancestrais, que tinham o hábito de se reunir coletivamente para tomar decisões e resolver problemas de maneira comunitária, tradição que, ao longo dos anos, foi se transformando e assumindo novas configurações. Rememora Pranis (2010, p. 15):

Nossos ancestrais se reuniam num círculo em torno do fogo. As famílias se reuniram em volta da mesa da cozinha durante séculos. Hoje a Comunidade está aprendendo a se reunir em círculo para resolver problemas, apoiar uns aos outros, e estabelecer vínculos mútuos.

Pranis além de recordar o sentido de sentar-se em roda, ressalta que cada voz importa e que, no Círculo, a intenção é que não haja hierarquia de fala, apenas o fluxo compartilhado que atravessa todos os presentes. Acrescenta ela:

Os Círculos de Construção de Paz reúnem à antiga sabedoria e o valor contemporâneo do respeito pelos dons, necessidades e diferenças individuais num processo que: respeitar à presença e dignidade de cada participante; valorizar as contribuições de todos os participantes; salienta à conexão entre todas as coisas; oferece apoio para a expressão emocional e espiritual; dá voz igual para todos (Pranis, 2010, p. 18-19).

Mehl-Madrone e Mainguy (2014) ampliam o pensamento de Pranis ao destacar que os Círculos são abordagens singulares de encontro coletivo: espaços de ensino, de aprendizagem e de cultivo de valores capazes de fortalecer os vínculos

---

<sup>36</sup> Para Mehl-Madrone e Mainguy (2014), estes “Círculos de Conversa” são uma roda de diálogo que costumadamente são utilizados pelos povos indígenas norte-americanos como tradição para reunir os membros da comunidade em prol de alguma coisa que esteja afetando os relacionamentos e o convívio social. E é utilizado um instrumento considerado sagrado, “bastão de fala” que é simbolicamente significativo para o ancião que está conduzindo, este bastão tem o papel de ordenar a fala das pessoas sem que ninguém seja excluído desse Círculo.

<sup>37</sup> Nome que surgiu do vocabulário das comunidades indígenas do Yukon, e passou a ser por Kay Pranis nos anos de 1990, para levar esse processo além do sistema de justiça canadense. Na qual foi consolidado “*Peacemaking Circles*” na obra em coautoria com Barry Stuart e Mark Wedge (Pranis; Stuart e Wedge, 2003).

comunitários, por meio do diálogo em torno de temáticas diversas. Para além de uma estratégia de resolução de problemas, os Círculos se revelam como territórios de trocas, ao que parece, as narrativas se cruzam e se complementam, tipo uma forma preventiva de sentar-se em roda para conversar sobre temas<sup>38</sup> que possivelmente corroboram com a interação social.

Os Círculos de Construção de Paz se revelam, em sua prática, tomando para fortalecer o diálogo no pensamento de Pranis (2010), por meio de duas intencionalidades predominantes, mas nem sempre tão definidas quanto aparentam à primeira vista: os chamados "Círculos conflitivos", que tomam como ponto de partida uma situação-problema a ser resolvida, e os "Círculos não conflitivos", cujo propósito explícito não é a resolução de problemas, mas sim o cultivo de diálogos preventivos, embora tendo ciência que não sendo o foco central a lida dos conflitos, isto não garante sua inexistência.

No calor do encontro, nas trocas entre olhares e palavras, os conflitos muitas vezes se insinuam, como quem espreita pelos vãos das falas e da corporeidade que se faz presente. Como já argumentou Simmel (1983), o conflito é parte intrínseca do tecido social. Assim, mesmo os conflitos quando não são o foco central, eles se fazem presentes, ainda que em minúcias, ao longo do processo dialógico. Entretanto, adianto que não faz parte da minha pesquisa focar nos "Círculos conflitivos", adentrar na discussão dos conflitos, apesar de compreender que eles podem fazer parte mesmo na ausência de vontades.

Na prática dos Círculos de Construção de Paz, as palavras escolhidas para nomear os espaços aparentemente trazem consigo a tarefa de traduzir algo que escapa facilmente às definições. A ideia inicial de separá-los em "Círculos conflitivos" e "Círculos não conflitivos", me parece não dar conta da complexidade vivida nesses encontros. Era como tentar enquadrar o movimento das emoções e a fluidez das interações humanas em categorias fixas, estáticas, incapazes de capturar o que pulsa nesses momentos.

Nessa mesma linha de raciocínio, a autora Oliveira Silva (2021) destaca que, dentro das discussões sobre as práticas restaurativas, não há consenso quanto a essa complexidade. Têm-se aberto muitas discussões sobre se os processos circulares podem ser considerados restaurativos apenas quando se referem aos chamados

---

<sup>38</sup> Cito os temas que facilitei no percurso da pesquisa: ver Apêndice B, p. 206

Círculos conflitivos. Ela ressalta que as reflexões sobre esse parâmetro são inúmeras e descreve:

Tal entendimento, no entanto, não é um consenso, e suscita um debate importante sobre a dinamicidade e pluralidade características da justiça restaurativa, considerando que situações conflitivas não envolvem necessariamente um evento específico (que se enquadre em determinado tipo penal), mas incluem também situações de convivência, dinâmicas comunitárias e familiares, e conflitos estruturais (Oliveira Silva, 2021, p. 74)

Ao revisitar essas experiências, propus outras denominações que considero nesta escrita: "Círculos de Encontro com Fins de Resolução de Problemas" (CEFRP) e "Círculos de Encontro com Fins de Diálogos" (CEFD). Não se trata apenas de novos nomes, mas de um esforço para traduzir a intencionalidade e a metodologia que sustenta o Círculo. Proponho com essas categorias uma forma de tentar abarcar não apenas os objetivos aparentes, porém a dinâmica que emerge dos encontros – uma energia que parece ultrapassar rótulos simplificados.

Os "Círculos de Encontro com Fins de Resolução de Problemas (CFRP)" proponho como complexo. São Círculos que têm a intenção explícita de resolver problemas — com foco na construção de acordos e na responsabilização das partes envolvidas. Por essa razão, considero-os de "complexidade alta", preferindo essa nomenclatura à expressão "Círculos Conflitivos", que não me parece adequada, uma vez que, como lembra Simmel (1983), o conflito é parte constitutiva da natureza humana e não deve ser visto apenas de forma negativa.

Já os "Círculos de Encontro com Fins de Diálogo (CEFD)" atribuo como de "complexidade baixa", ao que indica, não procura carregar, ao menos de forma prévia, a intenção de resolver problemas ou a expectativa de construir acordos formais. São Círculos voltados à conversa preventiva — compreendo como diálogos que promovem reflexão e partilha sobre temas que atravessam a vida cotidiana, como amizade, acolhimento e resiliência, por exemplo. Neles, percebo que a motivação principal tenciona abrir espaço para a escuta e a troca de histórias, nutrindo o tecido relacional antes que os conflitos precisem ser enfrentados de forma direta. Ao que indica, pode ser considerado ainda como uma forma integrativa entre os partícipes, no sentido de juntar as pessoas em prol do diálogo e escuta sobre alguma temática proferida na roda.

Compreendo essas denominações como um guia, possíveis parâmetros que corroboram para orientar a direção, sem pretender fixar limites. Simbolicamente, é como construir uma ponte de conexão entre o conceitual e o metodológico, capaz de

atravessar o campo das discussões que perpassam o que significa ser “conflitivo” ou “não conflitivo”. Nesse sentido, as palavras tornam-se uma típica ideal, como ferramentas que pretendem portar um gesto interpretativo, uma tentativa de capturar a essência dos encontros. Recordo o “tipo ideal” na perspectiva weberiana como uma construção analítica, um recurso cuja finalidade é a de interpretar a realidade e evidenciar seus aspectos mais significativos, sem pretender esgotá-la.

No Quadro 1, busco tornar mais visível essa linha de reflexão, de modo a facilitar a compreensão do leitor e permitir que me acompanhe, passo a passo, o fio que venho tentando tecer nesta análise. Ao que tudo indica, a partir do desenho que proponho neste quadro, os Círculos não acontecem por acaso — é preciso que haja uma motivação, uma intenção que convoque sua realização, acompanhada do convite às pessoas ou instituições que nele participarão. Foi assim que os vivi em minha experiência de campo: sempre havia um chamado, um motivo que reunia as pessoas ao redor da roda.

Recorro a Simmel (2006) em sua análise sobre os grupos sociais, lembrando que eles só existem porque há interesses em jogo. Essa leitura aproxima-se do que observo nos Círculos, que nascem de um interesse (explícito ou implícito) para tratar algo que importa ao coletivo. Sob essa ótica, pode-se compreender os Círculos como uma forma de sociabilidade “artificial”, no sentido que o autor atribui ao termo: um espaço criado intencionalmente, que se sobrepõe à esfera do individual para poder gerar uma interação entre as pessoas.

Simmel (2006) argumenta que toda forma de interação, seja ela de superação, de troca, de ganho, de cooperação ou de conflito, é sempre movida por impulsos e interesses, conscientes ou inconscientes, duradouros ou momentâneos. O Círculo, portanto, pode ser lido como um jogo social imbuído de intencionalidades, possível espaço em que laços são formados, desfeitos e refeitos, compondo uma dinâmica própria.

Quadro 1 – Tipificação Dos Círculos de Construção de Paz\*

<b>Círculos de Encontro com Fins de Diálogo (CEFD)</b>			
<u>Típica Ideal</u>	<u>Motivação**</u>	<u>Complexidade***</u>	<u>Temática****</u>
Círculo de Diálogo*****	Trata-se de um Círculo que considero preventivo e integrativo, no sentido de incluir os diálogos e escutas, sem a intenção prévia de resolver problemas. Nele, cada participante é convidado a lançar seu olhar sobre o tema proposto, permitindo que diferentes vozes e experiências circulem. O objetivo não é chegar a um acordo ou uniformizar entendimentos, mas acolher a pluralidade de narrativas e possibilitar abrir frestas para que novas reflexões e sentidos possam emergir.	Baixa	acolhimento, amizade, resiliência, maternidade, respeito, empatia, autoconhecimento, autocuidado, projeto de vida, celebração etc.
Círculo de Compreensão	Busca abrir contornos de um conflito ou de uma situação desafiadora. Não é um espaço para decidir ou impor soluções, mas para ampliar o olhar coletivo sobre o acontecido, desafiando causas, sentidos e contextos que se entrelaçam no episódio.	Baixa	Divergências de ideias, desentendimento por alguma situação, episódio de <i>bullying</i> etc.
Círculo de Restabelecimento	Encontro destinado a acolher a dor de uma pessoa ou grupo após um trauma ou perda. O objetivo é criar um espaço seguro para que o sofrimento seja partilhado, nomeado e ouvido com respeito. Não há	Baixa	Luto, medo, restabelecimento de vínculos etc.

	pressa para soluções: o essencial é sustentar a escuta, permitir que cada voz encontre lugar e que o grupo vá tecendo, junto, condições de cuidado e recomeço.		
Círculo de Construção do Senso Comunitário	Promover encontros para tentar criar vínculos e, possivelmente, fortalecer relações entre pessoas com interesses comuns, na intenção de favorecer apoio mútuo, sentimento de pertencimento e a corresponsabilidade pelas ações coletivas.	Baixa	criação de projetos colaborativos, atividades de avaliação, laços de cooperação etc.
Círculo de Celebração ou Reconhecimento	Reúne pessoas com a motivação de celebrar conquistas, reconhecer esforços e partilhar alegria, fortalecendo o senso de pertencimento e valorização coletiva.	Baixa	Celebração de conquistas, reconhecimento de lideranças, comemoração de metas atingidas, homenagem aos colaboradores etc.
<b>Círculos de Encontro com Fins de Resolução de Problemas (CFRP)</b>			
Círculo de Resolução de Conflitos	Reúne as partes envolvidas em uma disputa para que, por meio do diálogo, encontrem um acordo construído por consenso, restabelecendo relações e prevenindo novos atritos. O conflito é o foco principal.	Alta	Brigas, ameaças diversas, <i>bullying</i> , atrito entre as pessoas, discussão com agressão verbal e física etc.

Círculo de Reintegração	Convida de volta ao grupo alguém que esteve afastado ou em ruptura, tentando buscar reconciliação, reconhecimento de responsabilidades e construção de um caminho para sua reintegração ao espaço social.	Alta	Retorno de pessoas ao grupo após medida disciplinar, reintegração após medida socioeducativa, reintegração ao grupo após uma medida disciplinar etc.
Círculo de Apoio	Reúne pessoas próximas para acompanhar alguém que vive uma fase difícil ou de transição. Os encontros podem se repetir ao longo do tempo, tentando criar continuidade e cuidado. Podem surgir acordos ou planos, mas o objetivo principal é sustentar a escuta e o apoio, sem foco em decisões.	Alta	Retorno ao trabalho, doença crônica, jovens em vulnerabilidade, transição de vida etc.

Fonte: Elaborado pela autora e \*adaptado do pensamento de Kay Pranis na sua obra “Processos circulares de construção de paz” da edição dos anos de 2010.

Legenda:

\*\*Motivação: refere-se aos interesses/objetivos de acontecer o encontro.

\*\*\*Complexidade alta: Círculos voltados à resolução de problemas, com foco na construção de acordos ou consensos e na responsabilização das partes; Complexidade baixa: Círculos voltados ao diálogo, sem intenção prévia de resolver problemas, privilegiando a escuta e a partilha.

\*\*\*\*Temáticas que vivenciei como facilitadora ou cofacilitadora ao longo da minha trajetória no campo.

\*\*\*\*\*Círculo que escolho como recorte para minhas análises e reflexões.

Como explica Simmel (2006, p. 17), “os laços de associação entre os homens são incessantemente feitos e desfeitos, para que então sejam refeitos, constituindo uma fluidez e uma pulsão que atam os indivíduos mesmo quando não atingem a forma de verdadeiras organizações.”

Nesse percurso de fluidez e pulsão, meus passos têm se direcionado com mais frequência aos “Círculos de Encontro com Fins de Diálogos (CEFD)”, em especial os Círculos de diálogo, que se tornam o recorte das minhas reflexões. Esses espaços surgem com propósitos variados: conversas sobre o cuidado de si, celebrações de conquistas pessoais ou mesmo encontros cuja relevância, à primeira vista, pode parecer discreta, contudo, parece revelar no entrelaçamento das falas e dos silêncios. Minha escolha para facilitar esses Círculos não é meramente metodológica; ela reflete um movimento interno de escuta e ressonância com os contextos em que tenho atuado.

Entre escolas, universidades, comunidades e famílias, os “Círculos de Encontro com Fins de Diálogos (CEFD)” têm se consolidado como uma prática que não apenas se adapta aos contextos em que atuo, reflete o momento em que me encontro como pesquisadora e facilitadora. São espaços onde o diálogo não apenas acontece, frequentemente movimenta, de forma sutil ou intensa, tanto as pessoas que participam, quanto quem facilita o processo.

Focar nos “Círculos de Encontro com Fins de Diálogos (CEFD)” faz sentido para mim por diversas razões. Inicialmente, porque investigar “Círculos de Encontro com Fins de Resolução de Problemas” exige um compromisso rigoroso com o sigilo<sup>39</sup>, uma vez que lidam com questões sensíveis e complexas para os participantes. Essa complexidade poderia dificultar minha dupla função como facilitadora e pesquisadora. Além disso, minha prática atual envolve a condução de Círculos de diálogos em contextos que vão além da escola, alcançando a universidade e a saúde. Nestes espaços, o propósito tem sido possibilitar conversas que pressupõem ser significativas, sem que elas precisem necessariamente ser sobre resolução de problemas.

O que são Círculos de diálogos? Para responder rememoro um espaço palco

---

<sup>39</sup> O sigilo no CCP é uma das etapas dos combinados/diretrizes do Círculo que as pessoas são orientadas a não levar as discussões para fora daquele momento, visando a garantir confidencialidade e abertura coletiva de posições e ideias, sem críticas ou retaliações.

de vivência e vejo as cadeiras dispostas em círculo. Os elementos simbólicos - jarro de flores disponibilizado sob uma toalha no centro convida ao encontro. Algumas pessoas chegam em silêncio, outras arriscam um cumprimento tímido. Parece que há um quê de expectativa no ar, mas não há pressa. Neste momento, lembro de Pranis (2010, p. 29) ao concebê-lo como

Círculo ou Roda de Diálogo os participantes exploram determinada questão ou assunto a partir de vários pontos de vista. Não procuram consenso sobre o assunto. Ao contrário, permitem que todas as vozes sejam ouvidas respeitosamente e oferecem aos participantes perspectivas diferentes que estimulam suas reflexões.

Não se trata de um encontro com a finalidade de solucionar conflitos, pelo menos, não de imediato. O objetivo parece ser outro: tentar criar um campo de presença, um território onde as palavras possam fluir sem a exigência de um desfecho, sem a necessidade de uma solução. Agrego a concepção de Pranis (2010) o caráter preventivo e integrativo, aquele sem a intenção inicial de resolver problemas, ainda que conflitos possam emergir no processo.

Neste Círculo, o que indica que ele não traz uma demanda específica, previamente determinada, considero como um “círculo preventivo e integrativo”, na medida que o diálogo se abre sem a ânsia de esclarecer, sem a imposição de um objetivo a ser alcançado para resolver problemas. São nesses encontros que há a probabilidade de surgirem histórias de vida, reflexões sobre cuidado, respeito, tolerância, amizade entre outros. Aqui, a palavra tenta encontrar sua própria morada, tornando-se o próprio fim. Parece lembrar algo como: falar sem o peso da utilidade, escutar sem a obrigação da resposta, silenciar como quiçá bem-vindo e pausas não são interpretadas como interrupções, talvez respiros.

Os Círculos de diálogo parecem que se desnudam como rios que fluem, trilhando percursos que muitas vezes escapam à margem do previsto. As conversas começam ancoradas em temas<sup>40</sup> como cuidado e autocuidado, empatia, resiliência, afeto, acolhimento e por exemplo — pilares que parecem sustentar os primeiros diálogos do Círculo.

Mas não é inesperado que os Círculos parecem ganhar vida própria, como se respirassem e falassem por si com pistas que fogem, quase sempre, da própria motivação prévia. Por vezes, o diálogo segue, guiado por um filete invisível, tentando abrir veredas para memórias ocultas, sentimentos adornados, histórias que desaguam

---

<sup>40</sup> Ver Apêndice B, alguns temas dos Círculos pesquisados na p. 206

em narrativas coletivas. O assunto proposto se dissolve, na maior parte, tornando-se algo maior: um espaço de escuta viva, na qual as palavras parecem encontrar novos sentidos, os silêncios e os choros podem ter significados.

Durante a rodada de fala, em grande parte, memórias e situações aparecem sem aviso, atravessando a narrativa coletiva. Algumas histórias inesperadas seguem um filamento oculto, costurando afetos e emoções que possivelmente perpassam a coletividade presente. Uma conversa, ao que parece, deságua em ações por lágrimas que escorrem sem querer, por longos silêncios que falam mais que expressões, por gestos que se lançam na corporeidade e por objetos que sucumbem ou brotam lembranças.

É nesse espaço, sem a pretensão de resultados práticos, que Boyes-Watson (2011) destaca os Círculos como espaço poderoso<sup>41</sup> que parecem revelar sua essência que transcendem o planejamento inicial e abraçam o inesperado. São nesses Círculos que exploram apenas diálogos do tipo preventivo e integrativo que pesquisei, com o esforço constante de irromper as suas etapas, tampouco os elementos que constituem seu funcionamento.

Esses Círculos porventura surgem como uma promessa, talvez um respiro no caos cotidiano, uma tentativa de ajustar um encontro seguro<sup>42</sup>. Um lugar ideal no qual as palavras poderiam deslizar sem medo, e as vozes teriam tempo de se expressar sem pressa ou se sobrepor. Como nos alerta Boyes-Watson (2011), a pretensão de estar no Círculo é favorecer a cada participante a chance de falar e de ser escutado, sem que sua fala seja atropelada pelo ritmo frenético cotidiano.

O tipo ideal, no âmbito dessas reflexões, reporta-se ao ato de entrar na roda no Círculo, de as pessoas encontrassem um momento de suspensão das preocupações do dia a dia, uma possível pausa nas inquietações que frequentemente nos

---

<sup>41</sup> Termo nativo utilizado nos Círculos, que simbolicamente remete a uma força espiritual de fortalecimento e ao reconhecimento da essência humana como capaz de restabelecer, restaurar e reconstruir vínculos sociais mais sólidos. Essa concepção dialoga com Turner (1974), quando aborda a noção de *poder liminar*, que pode ser associada a essa ideia de “poderoso” como aquilo que sustenta e renova os laços sociais e espirituais.

<sup>42</sup> É um termo nativo, faz parte do jargão das discussões sobre os CCPs e dos participantes no uso recorrente nos Círculos. É, então, usado para dizer que encontro seguro é um espaço na qual os participantes se comprometem, por questão de ética não vazar as informações e as histórias contadas coletivamente, acordado na etapa do ritual denominada “combinados/diretrizes” do Círculo, pelo menos é o que se propõe, enquanto concepção metodológica que embasa a prática dos CCPs. Tais discussões vislumbro trabalhar mais adiante, na qual irei relatar com mais esclarecimentos as etapas que compõem o processo de realização dos CCPs.

atravessam. Um espaço que parece seguro, como declara Silva (2023), que estima oferecer aos participantes um ambiente propício para compartilhar emoções, experiências e opiniões, sem necessariamente o peso do julgamento ou o medo de retaliações.

Mas a segurança, o “encontro seguro”, termo nativo tão almejado, não é algo que se possa garantir com firmeza. É antes de tudo uma possibilidade que paira no ar, é um devir, um convite aberto, mas nunca uma certeza. Ao que indica, cada gesto, cada palavra dita ou não dita, desenvolve e ou desconstrói – a sensação de abrigo que se busca ali. A segurança, nesses encontros, é possivelmente frágil quanto à teia que se tece entre as pessoas, sustentada por olhares, silêncios e a vontade, muitas vezes hesitante, de estar junto.

Afinal, somos seres repletos de pensamentos e julgamentos, conscientes ou não, que muitas vezes permanecem velados, internalizados, mas ainda presentes. Mesmo assim, a tentativa de criar essa sensação de segurança parece ser fundamental. Ao que parece, um pacto implícito e explícito tenta ser construído: “o que está dito no Círculo, permanece no Círculo”. Esse combinado, previsto no início de cada encontro, deseja construir uma base de confiança mútua entre os participantes.

Essa confiança almejada parece ser o alicerce que sustenta a troca de histórias — pessoais e coletivas. É nesse entrelaçamento de narrativas que o Círculo se faz, tecendo uma rede em que as vozes ecoam, se cruzam e, por vezes, se regulam mutuamente. Os Círculos tornam-se, então, mais do que um simples espaço: provavelmente, convertem-se em um território de encontro, na qual cada história carregada ao centro traz o desejo de ser escutada e acolhida.

Tudo isso só se torna possível porque há uma estrutura própria, cuidadosamente organizada, que, como aponta Pranis (2010), é composta por elementos essenciais — aqueles que diferenciam o Círculo de uma roda de conversa qualquer ou de outros processos circulares. Para ela, o Círculo se sustenta por etapas que compõem o fio do ritual (ver Figura 1, p. 41): Cerimônia de abertura, *Check-in*, Construção dos valores, Combinados/diretrizes, Contação de histórias ou atividade principal, *Check-out* e Cerimônia de fechamento. Além dessas passagens, existem os elementos estruturantes, que dão corpo e sustentam o processo: facilitador/a, o bastão de fala/objeto da palavra e o centro do círculo/peça de centro. Enfim, é essa estrutura — ao mesmo tempo simples e complexa, visível e simbólica — que discuto

no próximo capítulo intitulado: “Valores: o ritual de interação e os atravessamentos da liminaridade”.

### **3.2.1 O sentido da expressão *Círculos de Construção de Paz: concepções e significados***

Como forma de compreender a expressão “Círculos de Construção de Paz”, trago uma cena significativa que tive em 2024. Intrigada em captar a percepção dos meus interlocutores<sup>43</sup> sobre os Círculos, elaborei uma pesquisa exploratória por meio de um formulário com uma pergunta simples, mas com a intenção de ser reveladora: “Se você fosse dar um nome para o momento das rodas de conversa no Círculo, que nome você daria?”

As respostas trouxeram à tona encontros e desencontros singulares. Histórias cruzadas, sentidos desvelados, como se cada participante oferecesse um fragmento para compor a arena que é o Círculo: lugar de vozes, expressões e emoções que, ao que parece, transcendem o tempo, a palavra e o espaço. Esse movimento me recorda o que sugere Collins (2004), ao argumentar que, ainda que os indivíduos possam agir e pensar de modos distintos conforme a situação do encontro, cada indivíduo é único em sua forma de sentir e interpretar o vivido. Talvez seja por isso que as respostas à pergunta lançada aos interlocutores tenham se mostrado tão diversas, revelando não apenas percepções individuais, mas rastros de pluralidade que se enredam no coletivo.

Enumerando algumas respostas dadas, os interlocutores apontaram diferentes nomes para o momento vivido no Círculo: “Roda de fala/conversa”, “Encontro eu e tu”, “Encontro de conexão”, “Teia da vida”, “Círculo de relação humana”, “Roda terapêutica”, “Círculo de autoconhecimento”, “Círculo de amizade”, “Círculo de afeto”, “Círculo de união” (Formulário, junho de 2024).

Essas palavras parecem conduzir mais do que simples definições; soam como

---

<sup>43</sup> Os interlocutores que responderam o formulário foram: cinco Agentes Comunitários de Saúde (ACS), participantes do curso ofertado pela parceria Fiocruz e COVIO/UECE entre abril e junho de 2023 (uma sexta-feira por semana); cinco facilitadores dos Círculos de Construção de Paz (CCP) com quem mantenho contato; e cinco universitários que participaram de um Círculo conduzido por mim em uma disciplina de estágio curricular do doutorado na UECE, no segundo semestre de 2024. A aplicação do formulário ocorreu por meio de uma conversa prolongada que, ao final do diálogo, solicitei que respondessem, sendo realizada em momentos distintos, em julho de 2023 com os ACS, entre março e dezembro de 2024 com os facilitadores e universitários, conforme a oportunidade e disponibilidade dos interlocutores.

ressonâncias, figurações de afetos e vivências que deixam indícios que podem dizer muito mais do que frases. Apontam para vozes que, em alguns casos, podem aparentar difusas, em outros, revelam marcas interior de experiências partilhadas. Ao que tudo indica, falam de intersubjetividade: de encontro que não se reduz ao mero estar presente, talvez se inscreva em uma rede de interdependência, atravessados por tramas de emoções.

Essa ideia me remete a Elias (2011, p. 240), quando argumenta que uma “rede de interdependência entre os seres humanos é o que os liga. Elas formam o nexo do que é aqui chamado configuração, ou seja, uma estrutura de pessoas mutuamente orientadas e dependentes”. Nos nomes atribuídos ao Círculo, compreendo esse movimento de configuração: cada palavra escolhida pelos participantes expressa, à sua maneira, a consciência de que suas histórias e afetos só ganham sentido na relação com os outros. Elias (2011) lembra que o indivíduo, apesar da sua singularidade, de modo algum é também um ser isolado; ele está sempre inserido em teias de relações que o constituem e pelas quais ele também constitui o coletivo.

No entanto, retomando as respostas obtidas, verifiquei que nem todos os ecos proferidos foram vibrantes. Nas conversas com outros interlocutores, me deparei com silêncios que também narram, resistências que se inscrevem como parte do encontro e chegam por meio de sinais — ouvi frases curtas, quase evasivas, que parecem dizer de um não-lugar no Círculo: “Não sei dizer o que é essa roda”, hesitou uma universitária. “Não tenho nada a escrever que possa dar nome a esse círculo”, respondeu a ACS Amary<sup>44</sup>. “Pessoas sentadas em roda, é óbvio isto”, declarou Baíra<sup>45</sup>, outra ACS. “Nada a declarar” escreveu em letras firmes Juriti<sup>46</sup>, um universitário (Formulário, junho de 2024).

Parece haver, nesses fragmentos de cenas, uma tensão que se desenha entre o que se mostra significativo e o que permanece fugidio; entre aquilo que toca e aquilo que insiste em não se deixar afetar. Ao que apontam, são marcas do ainda sem nome, do não pactuado e do não identificado entre o grupo. Aquilo que muitas vezes não querem deixar revelar ou não precisam expor. Uma possível contradição, entre os que permitem deixar-se atravessar por emoções que emergem nos grupos e os que

---

<sup>44</sup> Ver Apêndice A – Linha 1, p. 195

<sup>45</sup> Ver Apêndice A – Linha 2, p. 195

<sup>46</sup> Ver Apêndice A – Linha 3, p. 195

parecem tentar se proteger de qualquer afetação.

Para a facilitadora Nina<sup>47</sup>, o Círculo é uma teia vibrante de encontros; para a ACS Jurema<sup>48</sup>, é apenas mais uma reunião, um espaço que convida, mas não convoca nada significativo para ela. Para outros facilitadores, como é o caso de Aruna<sup>49</sup> — que trabalha com Círculos na escola pública da rede estadual há cerca de dois anos —, o sentido é outro. Disse ela, em uma conversa prolongada: — “Chamaria o Círculo de roda de resistências, porque, nos Círculos com alunos, eles resistem a não falar; depois, pergunto e eles comentam que se sentem invadidos e desconfortáveis muitas vezes. Comecei a refletir sobre o sentido dos Círculos, que afetações provocam” (Diário de campo, outubro de 2025).

O que se sinaliza nessa conversa é que o Círculo pode soar invasivo, provocando desconfortos e até resistências, sem excluir os inúmeros fatores que podem compor essas percepções. Pelo menos durante o encontro, as expressões corporais dos participantes evidenciaram movimentos de inquietação: mobilidade repetitiva com cruzamento dos membros inferiores e superiores, olhares dispersos e sem concentração, suspiros profundos que chamavam a atenção e silêncios demorados ao se pronunciarem.

As expressões, tomando como referência o pensamento de Le Breton (2012), que concebe o corpo como um fenômeno social, conduzem-nos à compreensão de que os sinais da corporeidade podem escapar ao controle social e às expectativas de conduta no grupo. Desse modo, embora a maioria dos participantes seguisse uma normativa corporal condizente com o comportamento esperado naquela ocasião, ainda assim, os participantes Amary, Baíra, Juriti e a facilitadora Aruna apresentaram indícios corporais que revelaram desconfortos e resistências diante do que estava acontecendo no Círculo, o que também se evidenciou em suas respostas.

O Círculo, assim, se mostra multifacetado: nem todos sentem ou concebem a mesma sensação. Pode, portanto, ser visto como um espaço coletivo em que se partilham significados distintos, seja pelos gestos, pelas palavras ditas ou pelos silêncios que, talvez, guardem tramas ainda por nascer ou embargos que fazem calar. As emoções, quase sempre, permanecem veladas, hesitantes em se proclamar em

---

<sup>47</sup> Ver Apêndice A – Linha 4, p. 195

<sup>48</sup> Ver Apêndice A – Linha 5, p. 195

<sup>49</sup> Ver Apêndice A – Linha 6, p. 195

voz alta. Outras, porém, suscitam reflexões sobre as afetações que podem mover, como foi o caso da facilitadora Aruna, que passou a refletir sobre as afetações que mobilizam os estudantes.

Como nos lembra Spinoza (2013), em sua *Ética*, tudo o que existe está em uma relação de afeto (*affectus*), e são essas relações que nos fazem ser o que somos. Ele explica ainda que a afetação (*affectio*) é a ação de um corpo sobre o outro, o efeito que um causa no outro. Isso indica que cada encontro, cada roda, parece ser um movimento capaz de desencadear afetos que, ao se manifestarem, configuram o que sentimos, mesmo quando parecem não fazer sentido naquele instante. Por outro lado, há afetações que causam efeitos sobre as pessoas e as levam a refletir sobre esses sentidos. É o caso da reflexão de Aruna, que observou que os participantes, nesse caso, os estudantes, sofreram efeitos provocados por outros membros ali presentes.

Cada palavra proferida no Círculo pode não ser meramente um discurso; talvez seja um gesto, também um movimento que pode se repercutir nas teias do ser, como ainda os objetos que têm potencial de manifestar memórias afetivas, que podem de alguma forma afetar os participantes. Ao que denotam as respostas que surgem nas rodas, parecem não serem apenas respostas, provavelmente podem ser rastros de uma rede de significados que se entrelaçam nas histórias dos participantes. Se relacionado ao pensamento de Elias (2011), essa rede de interdependência não é fragmentada, porém faz parte de um vasto processo de figuração social, em que cada indivíduo se define e redefine à medida que é afetado pela rede à sua volta, pela teia de relacionamentos.

Assim, os Círculos expressam-se como espaços que tentam tocar intimamente, quem sabe, deixando marcas, sensações de encontro, conexão, amizade, união, silêncios, como expressos em algumas respostas com esses participantes. Ou podem gerar outras cenas: só pessoas sentadas, nada a dizer, enfim, falas declaradas pelos participantes, que podem se propagar na interação circular. Ou melhor, no Círculo há a possibilidade de que cada fala, cada pausa, seja como uma pedra lançada na água calma da roda, onde as ondas se propagam, tocando outras margens, parecem gerar ecos que podem ou não se transformar e ou conectar as pessoas.

Retomando novamente o diálogo com Spinoza (2013), essas afetações não são apenas experiências individuais, no entanto, se revelam no campo das relações, na qual a força do encontro pode gerar novas possibilidades de ser e sentir, e que se misturam nos efeitos que causam um sobre o outro. Ao que sinaliza, um jogo de

performance de afetar e ser afetado, muitas vezes, até sem se dar conta conscientemente.

Talvez não haja resposta simples ou definitiva sobre o que sejam os Círculos, provavelmente, um campo vibrante de possibilidades e sentidos que podem tecer tramas emocionais, como se cada participante, porventura, fosse afetado e ou afetasse o outro de várias cores e formas, na qual comunga com a dimensão não homogêneo da experiência no Círculo, como enfatiza Boyes-Watson (2011), que as pessoas sentem e vivenciam afetos e afetações distintas.

### 3.2.1.1 O sentido da palavra Círculo

Após percorrer a discussão sobre as raízes dos Círculos de Construção de Paz, sigo adiante na tentativa de compreender a própria expressão: afinal, o que podem ser os Círculos de Construção de Paz? Na travessia desta pergunta, me vi à deriva, ilhada entre conceitos que, embora substanciais, pareciam não saciar a sede de quem busca ir além do que já fora dito, já pesquisado. Penso que fui visitada por um encanto inquieto, uma possível dança entre o fascínio e a insatisfação diante de respostas que apenas parecem tangenciar pistas das tantas histórias que margeavam meu manancial de lembranças acerca dos Círculos.

Entre as páginas e vozes, encontrei fragmentos que delineiam os contornos dos Círculos: “um lugar para construir relacionamentos”, “abordagens circulares no campo da Justiça Restaurativa”, “encontro social, um espaço em que as pessoas interagem face a face” (Boyes-Watson, Pranis, 2011, p. 277; Silva, 2023, p.118). Cada concepção parece um feixe de significados, mas ainda faltava vislumbrar o clarão que poderia me aproximar mais da totalidade do fenômeno.

Foi então que resolvi desfiar a trama das palavras, como quem refaz uma tapeçaria, mirando cada ponto não como um fim em si, mas como caminhos percorridos, entrecruzamentos de cores e linhas. O que é o Círculo? O que significa Construção? E a Paz, afinal? São três palavras que, ao se unirem, parecem manifestar um universo de significados - “lugar”, “abordagem”, “encontro”, mas que, talvez, separadas, pedem atenção singular. E assim, procurei retornar à essência de cada termo, buscando escutar o que, por vezes, o silêncio conceitual guarda.

Início com a primeira palavra, e me pergunto, o que é Círculo? Pela etimologia, aprendo que ele vem do Latim *circulus*, “pequeno anel”, diminutivo de *circus*, “arena

redonda”, e do Grego *kyklos*, “redondo, circular”. Com o dicionário Michaelis encontro a resposta, como sendo “figura plana limitada por uma linha curva cujos pontos estão sempre à mesma distância de um centro”. No campo da geometria, é “um conjunto de pontos que une a circunferência aos seus interiores” (Lima, 2019, p. 21).

Mas estas definições, ainda que precisas, não me bastam. Sigo instigada a encontrar outras perspectivas. O Círculo, sinaliza ser mais do que forma ou figura. Ele, porventura, carrega um significado que ultrapassa sua geometria: tem espessura, tensão e aproximação. Um paradoxo — algo que une e ao mesmo tempo pode afastar. Capto como um fio que percorre curvas, um centro que aparenta amarrar as pontas: os olhares que se cruzam, os corpos que expressam, as faces que denunciam o que parecia oculto. Talvez não sejam pessoas sentadas circularmente, olhando uma para outra e movendo objetos. Seria algo que ultrapassa esse formato de roda? Ao que aponta a facilitadora Nina: “acredito que não é só sentar na roda, porque nos encontros dos processos circulares acontece um profundo movimento de conexão humana, onde é possível acolher o sim e o não, onde existe uma aceitação consciente do que o outro pensa, fala e mostra” (Formulário com professora, junho de 2024).

Quando mergulho em busca das raízes que alicerçam os Círculos, Boyes-Watson (2011, p. 37) responde: “o círculo, como símbolo, exprime uma visão de mundo – uma maneira de entender como ele funciona. Os seguintes ensinamentos são parte integral, tanto da visão de mundo, como do espaço criado pelo círculo”. Compreendo, nessa perspectiva, o Círculo como um espaço amplo que simboliza a integralidade do ser humano.

Metaforicamente, os CCP podem ser fios que se entrelaçam, formam nós ou até se desalinhar, desafiando a harmonia esperada de sua arena redonda. Pode ser apenas uma roda sem alma, uma geometria vazia, arredondada e desprovida de sentido. Quase sempre, tem aqueles participantes que não desejam permanecer nele, na roda que se forma. Mas será que o Círculo é sinônimo de horizontalidade? Que sentimentos emergem ao sentar-se na roda? Há algo que brota apenas pelo fato de estar em Círculos? Essas questões me conduzem. E assim avanço: afinal, o que é o Círculo, quando unido às palavras Construção e Paz? Alguns relatos desafiam palmilhar tais respostas<sup>50</sup>:

---

<sup>50</sup> Perfil Apêndice A - Linha 7, 8, 9 e 10, p. 195

- Compreendo este tipo de encontro como um grande momento de acolhimento afetoso, porque reencontro com a dimensão (efetivamente) coletiva das relações humanas.
- É um momento em que as hierarquias sociais (invisíveis ou não) tendem a se diluir, onde retornamos aos momentos olho-no-olho, com um tipo de oferecimento de escuta ao outro que remete às formas mais ancestrais da humanidade.
- Rodas de conversa suscitam a criação de uma cronologia alternativa, com afeto, ausência de julgamentos (ou busca deste ideal), autoexpressão de si associada ao oferecimento da escuta ao outro em sua integralidade.
- Uma vivência terapêutica que engendra a coletividade e reforma individualidades sob uma base democrática de respeito e não-violência. (Formulário com participantes ACS, junho de 2024).

As questões apresentadas pelos participantes revelam que os Círculos são vivenciados como espaços de acolhimento afetivo, circunscrito pelo encontro com a dimensão coletiva das relações humanas. Relacionando tais relatos com Elias (2011), observo que o Círculo não deixa de ser uma experiência vista como uma possibilidade de reconexão com as teias de interdependência que estruturam o social e evidencia que os vínculos afetivos são constitutivos da vida em sociedade e atravessam os processos de construção da paz.

Como foi relatado por um participante, a vivência do Círculo também remete à suspensão das hierarquias sociais — visíveis ou sutis — e à construção de um ambiente onde o “olho no olho” e a escuta genuína se tornam centrais. Esse sentido pode ser lido, a partir de Goffman (2014), como a criação de uma situação de bastidor, em que os papéis sociais habituais são temporariamente suspensos, viabilizando uma maior autenticidade na expressão de si e no encontro com o outro. Uma ocasião que possíveis fachadas se fazem, refazem ou permanecem como são.

Goffman (2011, p. 13), analisa essas fachadas como imagens do ‘eu’ que se desenham, se formam no encontro social, em razão das expectativas necessárias ao convívio coletivo, ou seja,

todas as pessoas vivem num mundo de encontros sociais que as envolvem, ou em contato face a face, ou em contato mediado com outros participantes. Em cada um desses contatos a pessoa tende a desempenhar o que às vezes é chamado de linha- quer dizer, um padrão de atos verbais e não verbais com o qual ela expressa sua opinião sobre a situação, e através disto sua avaliação sobre os participantes, especialmente e ela própria. Não importa que a pessoa pretenda assumir uma linha ou não, ela sempre o fará na prática. Os outros participantes pressuporão que ela assumiu uma posição mais ou menos voluntariamente, de forma que se ela quiser ser capaz de lidar com a resposta deles a ela, ela precisará levar em consideração a impressão que eles possivelmente formaram sobre ela.

No Círculo, o encontro *face a face* entre os participantes assume uma *linha* padrão de fachada? Compreendendo que essa *linha*, na visão de Goffman (2011),

refere-se a um conjunto de “atos verbais e não verbais”. Se pensarmos nesses moldes, o Círculo possivelmente favorece a adoção dessas máscaras, mesmo sem que os participantes se deem conta disso. Durante a rodada de diálogos — consciente ou inconscientemente —, eles assumem determinadas regras de comportamento, como descreve o autor: “ela sempre o fará na prática”, por meio da escuta e da copresença no contato face a face da roda compartilhada.

O sentido da escuta e da copresença afetiva direciona a compreensão aos aportes de Schutz (2012), para quem o mundo social se constrói intersubjetivamente, principalmente em relações face a face, nas quais o tempo cotidiano cede lugar a uma cronologia interna, marcada pela intensificação do vínculo e do significado compartilhado. Assim, os Círculos, ao que indicam, surjam como micro sistemas sociais transformadores, na presunção que instauram uma vivência relacional pautada na não violência, no respeito mútuo e na valorização da subjetividade, produzindo experiências que ao que parece, pode restaurar o laço social e democratizam o afeto. Mas será que, efetivamente, tais pressupostos se concretizam? Não proponho oferecer uma resposta, apenas refletir sobre as possibilidades que se desenharam.

Ao que parece, o Círculo vai além do seu formato geométrico, e pode também não significar nada demais, apenas mais um espaço onde a coletividade se reúne sem pressa e sem esperar muita coisa. Como, em um Círculo<sup>51</sup>, quando os participantes responderam a pergunta: “Que considerações você faz a respeito deste Círculo?”: “Muitas pessoas conversando, sem nada específico, pelo menos pra mim...”; “Confesso que é apenas uma roda onde fomos convidados para conversar e na verdade eu prefiro só escutar, acho complicado ficar falando” (Conversa aprofundada<sup>52</sup>, campo acadêmico<sup>53</sup>, junho de 2024).

Essas conversas trazem percepções mais neutras ou distanciadas sobre a experiência no Círculo, talvez, as falas nos alertam para a pluralidade das formas de estar em coletivo e mostram que nem sempre o Círculo é vivido como algo transformador ou afetivamente marcante. A partir de Schutz (2012), dá para entender que cada sujeito traz consigo estoques de conhecimento e aprendizagens distintas, que atravessam suas expectativas e formas de engajamento nas interações sociais.

---

<sup>51</sup> Ver Apêndice C – Roteiro dos Círculos durante a pesquisa. Roteiro 1, p.208

<sup>52</sup> Ver Apêndice A – Linha 11 e 12, p. 195

<sup>53</sup> Ver Apêndice B – Linha 1, p. 206

O Círculo, ao que aparenta diante do olhar desses participantes, não precisa ser intensamente afetivo para ser socialmente relevante: o ideal simbólico é que no processo circular, possa acolher tanto o silêncio quanto a fala, o engajamento quanto a hesitação, as expressões quanto os objetos — e é nesse intervalo que, quase sempre, haja uma potência que se manifesta, seja com sentido ou até mesmo não significando nada demais. De alguma maneira, os participantes parecem sentir que os Círculos estão além da sua circularidade.

Ao perceber os CCP como fonte de inspiração das raízes ancestrais<sup>54</sup>, pelo menos esse foi o tipo ideal que Pranis (2010) se ancorou, os Círculos, como acrescenta Gomes (2020), representam não apenas uma forma alternativa de lidar com os conflitos, um espaço propício a quaisquer tipos de diálogos. Mas também, uma possibilidade de enaltecimento do ser humano em sua dimensão coletiva de tramas emocionais — uma afirmação de humanidade que amplia o olhar sobre o indivíduo em relação às suas emoções, reconhecendo-o em relação aos outros.

Gomes (2020) acrescenta que o formato em círculo tem a ver com o sentido simbólico que atribui cada cultura<sup>55</sup>, sendo percebido como um espaço sagrado, um território de encontro que convoca o melhor de cada pessoa, na qual “dentro de cada um de nós está o verdadeiro eu: bom, sábio e poderoso”, como descreve Boyes-Watson (2011, p. 22).

A perspectiva de Gomes (2020) reflete que o CCP pode ser um modelo alternativo de reunião não hierarquizado, que frequentemente não reforça disputas de poder nem de dominação. Trata-se de uma visão simbólica de privação de poder, que me leva a indagar: é isto possível? Na literatura vigente, as análises apontam para circunstâncias em que isso pode ocorrer; todavia, não podemos deixar de considerar que vivemos em contextos distintos, atravessados por inúmeros fatores estruturais e sociais que desafiam essa efetividade.

Sobre isso, é relevante refletir sobre o destaque que Boonen (2020) dá ao foco das abordagens restaurativas na vertente relacional. Não que essa dimensão não seja importante, mas a questão não se resume a ela. A autora aponta que é imprescindível levar em consideração outras dimensões — sociais, econômicas e estruturais —,

---

<sup>54</sup> Ancestrais manifestam-se aqui através dos legados e da sabedoria dos povos das Primeiras Nações no Yukon, Canadá, território localizado no noroeste da América do Norte.

<sup>55</sup> Neste caso, os povos das Primeiras Nações do Canadá e da América do Norte que concebiam o círculo além da geometria — é modo de vida, espaço de encontro e reconexão comunitária.

especialmente diante de contextos marcados por fortes desigualdades sociais. Caso contrário, não teremos ações efetivas e, simplesmente, estaremos “enxugando gelo”.

Como revela Boonen (2020, p. 51):

Enquanto focalizarmos a abordagem restaurativa “apenas” na dimensão relacional, literalmente estaremos enxugando gelo. Quanto maior for a desigualdade social, mais importante será a ampliação de sua abordagem para as dimensões que sustentam a estrutura violenta, e que, produtoras de violência, aparecem visibilizadas em forma de violência relacional nos processos judicializados.

O caminho para além do relacional revela-se como necessário, bem destacado pela autora, e os Círculos, como uma das abordagens restaurativas, não poderiam ficar de fora dessa perspectiva. Não basta simplesmente discorrer sobre suas possibilidades; é preciso estar atento para levar em consideração outras dimensões.

Pranis (2011) indica outro aspecto igualmente crucial para reflexão: a própria geometria do Círculo carrega um significado que vai além de sua circularidade, remetendo à tentativa de promover igualdade e conectividade entre as pessoas que ali estão.

este arranjo permite que todos se enxerguem e prestem contas - assumam suas responsabilidades - um para com o outro, frente a frente. O formato também cria um senso de foco em uma preocupação que é comum a todos, sem criar a sensação de “lados” ou de tomar partido. Um círculo enfatiza a idéia de igualdade e conectividade. Retirar as mesas pode às vezes ser desconfortável para as pessoas, mas é importante na criação de um espaço à parte, diferente do nosso jeito usual de discutir assuntos difíceis. Aumenta a responsabilização porque toda a linguagem corporal fica óbvia para todos (Pranis, 2011, p. 16).

Quando Pranis fala sobre o arranjo em círculo, ela descreve muito mais do que a simples disposição física das cadeiras. Observo que o formato circular convoca cada pessoa a se colocar inteira na relação: olhar nos olhos de quem está à sua frente, assumir a responsabilidade pelo que diz, sustentar o silêncio e a palavra diante dos outros. Sem mesas, sem barreiras, o espaço tenta tornar-se diferente, um lugar onde as tensões podem ser tratadas de outro modo. É como se no Círculo não houvesse frente nem verso, não há lados opostos: o que existe, ao que indica, é um espaço compartilhado, no qual tentam ser todos igualmente parte naquela ocasião.

Mas não basta apenas o formato circular. Pranis (2011a, p. 21) sugere que sua base esteja fincada nos pressupostos, aqueles princípios que, como ela diz, “podem ser encontrados em tradições culturais e sabedoria pelo mundo todo”. Fico a pensar: que pressupostos são esses? Pranis (2011) responde que não são exclusivos da

geometria em círculo, mas são tipos ideais que concebem o ser humano como bom, interconectado e coletivo. Ela nomeia sete pressupostos:

1. Dentro de cada um de nós está o verdadeiro eu: bom, sábio e poderoso;
2. O mundo está profundamente interconectado;
3. Todos os seres humanos têm um profundo desejo de estarem em bons relacionamentos;
4. Todos os seres humanos têm dons; cada um é necessário pelo dom que traz;
5. Tudo de que precisamos para fazer mudanças positivas já está aqui;
6. Os seres humanos são holísticos;
7. Precisamos de práticas para criar hábitos de viver a partir do verdadeiro eu. (Pranis, 2011a, p. 22-28)

Com esses pressupostos, Pranis (2011) nos convida a adotar uma perspectiva relacional, enquanto Boonen (2020) nos alerta para a necessidade de incorporar outras dimensões. Pranis (2011) considera que o enfoque do relacional compreende o indivíduo não como uma essência fixa, mas alguém que se constrói e se reconstrói continuamente nas relações que tece com os outros. Ao aproximar essa análise da leitura de Elias, em “A Sociedade dos Indivíduos” (1994), vejo que isso não significa que o indivíduo esteja dissolvido na coletividade, tampouco isolado dela. Pelo contrário, ele se transforma e se redefine nas tramas relacionais que o atravessam, na tentativa de ligá-lo aos demais em um movimento de interdependência.

Sidney Mintz (2010), reforça a ideia de que o comportamento humano jamais é um ato puramente individual: “Tudo o que eles são, bem como o que eles pensam e fazem, seus atos e as consequências de seus atos, é sempre social” (Mintz, 2010, p. 228). Esse pensamento dialoga diretamente com os pressupostos apontados por Pranis, que, em linhas gerais, reafirmam essa dimensão coletiva do ser social, a noção simbólica de que nos constituímos e nos reconhecemos na relação com os outros, ao que indica, dá sentido à experiência circular.

Compreendo que Pranis, Elias e Mintz se encontram na mesma direção: a centralidade do relacional. Enquanto Boonen (2020), amplia essa centralidade, ao olhar para as outras dimensões da vida social. Com essas discussões destaco que o Círculo sinaliza mais do que uma forma geométrica. Pode ser um espaço que só existe quando as pessoas o habitam, quando suas narrativas ecoam e suas presenças o ressignificam. Na tentativa de ser um espaço pulsante, onde o tangível e o invisível se entrelaçam, dando voz às possíveis tramas das emoções.

### 3.2.1.2 O conceito de Construção

Parto agora para o que significa Construção. O dicionário Michaelis apresenta uma série de acepções, das quais destaco: “1. Ação, processo ou efeito de construir; arte e técnica de construir. 2. Conjunto de técnicas e atividades que resultam na produção de algo”. Na raiz etimológica, Construção vem do Latim com- (junto) e *struere* (amontoar, empilhar, reunir, criar, erguer).

Nestas acepções, construção, então, é movimento. Não existe apenas para ser; pode ser um processo em que a ação revela o que está por vir. Dinâmica e transformação, faz parte do processo de construção. E para acontecer, necessita de uma força que impulsiona e anima: quase sempre, o humano em sua essência. Construimos, desconstruimos, paralisamos — tudo, enfim, parece ação, movimento de fazer e refazer.

Essa ideia me leva a Weber (2000), que nos ensina que ação é mais que um simples comportamento, é algo dotado de um sentido subjetivo. Sendo assim, não é um reflexo automático, mas parece ser algo repleto de significado para quem age. Weber (2000) esclarece que esse sentido a ação pode estar vinculada a um objetivo, um valor, uma emoção ou um costume. E, quando a ação é orientada em relação ao outro, ela se torna social, uma ação social direcionada.

Nessa lógica, “construção” é mais que empilhar ou reunir. Compreendo como uma ação que porta intenção (com ou sem intenção), só encontra sentido na relação com o outro. A ação se faz ver em um gesto de mãos e corações entrelaçados, que afeta ou não, e que por vezes é singular, podendo ser apenas percebida, ou significado, nos códigos da intimidade. Construção é, portanto, ação compartilhada relacionada, perceptível ou não perceptível.

Castoriadis (1987) compreende a construção como produção, que é um fazer a partir de algo já dado. Nessa perspectiva, a construção tem um modelo anterior: quem constrói sabe de antemão o que pretende obter ao final do processo. Seguindo essa lógica, poderíamos dizer que a “Construção” nos Círculos de Construção de Paz está ligada à sua estrutura previamente pensada e à intencionalidade que é definida antes mesmo de o Círculo acontecer.

No entanto, lembro que Castoriadis (1987) amplia essa compreensão ao introduzir a ideia da força criadora das significações imaginárias sociais. Que explica como uma fonte de criação contínua e imprevisível que faz emergir novas formas e

sentidos que dão corpo ao mundo social. Ao agregar esse pensamento aos CCP, vejo que o termo “Construção” não se limita a erguer algo pré-planejado. Implica em participar de um processo coletivo de criação, no qual novos significados e modos de convivência podem ser produzidos na própria experiência do Círculo, sendo capaz de redesenhar o “real” que se constrói naquele espaço compartilhado.

### 3.2.1.3 O significado de Paz

Ao adentrar na discussão sobre a palavra Paz, busco esclarecer que meu propósito aqui é refletir sobre o que ela pode significar na expressão Círculos de Construção de Paz. Sigo o mesmo eixo adotado na análise dos termos Círculo e Construção. Dessa forma, minha intenção não é elaborar uma discussão conceitual extensa ou exaustiva, ancorada na literatura sobre os estudos da Paz, é cerzir tudo isso à dimensão do vivido, do observado, do que “ainda não está escrito”.

Busco fomentar uma reflexão preliminar que ajude a compor o sentido da palavra no contexto em que aparece, de modo a tentar iluminar a expressão como um todo. Acredito que não compromete a discussão ao não me aprofundar na temática, pois, embora seja uma reflexão sucinta, ela não constitui um obstáculo para a compreensão do meu objeto, tampouco restringe o significado que pretendo apreender na expressão.

Então, o que é a Paz? Busco inicialmente o significado da palavra nos dicionários. Descubro que Paz vem do Latim *PAX*, “tranquilidade, ausência de guerra”, originada da raiz Indo-Europeia *PAK-* que significa “apertar com firmeza”. Os dicionários a descrevem como “estado de calma, de harmonia, de concórdia e tranquilidade; ausência de conflito, silêncio e descanso” (Michaelis, s.d; Etimologia, 2025, n.d, s.d; Dicionário Etimológico, n.d, s.d).

Entretanto, esses conceitos ainda me deixam inquieta, como se algo escapasse e não me convencesse. Talvez seja da própria natureza da categoria paz esquivar-se de qualquer conceituação. Continuo, porém, na busca do que escapa e que por indícios, possibilita o ensaio de interpretações diversas. Nesse sentido, caminho com a Paz, que talvez aflore não apenas como ausência de conflito, mas, no próprio conflito, suscite uma força ativa: uma construção contínua, algo que requer intenção, assim como o Círculo e a Construção.

Galtung (2015) me convida a um mergulho, onde a Paz não é porto, possivelmente passagem. Ao que apontam, não é apenas o silêncio das armas, porém o murmúrio da criação, o pulsar dos encontros e o redemoinho dos dissensos. Diz este autor (Galtung, 2015, p. 167), que “o uso do termo "paz" pode, por si só, ser produtivo para a paz, produzindo uma base comum, um sentimento de comunalidade em propósito que pode pavimentar o terreno para laços mais profundos mais tarde”<sup>56</sup>. Pode ser algo que comunica, que produz controvérsias e consensos que estruturam os relacionamentos.

Um pouco do que Simmel (1983) destaca sobre o conflito, como um elemento de unidade da *sociação* que ajuda a compreender essa dinâmica. Ele o admite como um paradoxo à primeira vista, mas o reconhece como um fenômeno social vivido nas interações, sejam elas quais forem. Por isso, é possível associar a paz a uma das possibilidades de experiência do conflito, metaforicamente falando: a Paz como um “caldeirão” de conflitos. Trata-se de uma tentativa de olhar para ela de forma diferente, especialmente nos Círculos, onde todos estão ali com suas divergências, ideias e visões distintas sobre a vida e o mundo.

Assim, pode se dizer que a Paz se escreve no fluxo, no movimento, no entrelaçar das diferenças, como se fosse um tecido que nunca se completa, mas que insiste em ser trançado. Possivelmente, não é calmária, mas o sopro que dá vida às relações sociais, um ato contínuo de recriar caminhos para os conflitos, de escutar as vozes, todas elas, mesmo as que tremem, as que gritam, as que se calam e até aquelas sem significância. Na experiência com os Círculos, observo que não há uma discussão voltada para o que é a paz, não necessariamente (no sentido de não ser um objetivo específico do encontro dialogar sobre o significado da categoria paz), pelo menos durante a pesquisa. Entretanto, partindo da ideia de paz como movimento atravessado nas conversas que surgem, nas expressões que emergem e nos objetos que circulam.

É nesse movimento de significados que lembro o que destaca nas palavras da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura – UNESCO (2010, p. 15), que esse conceito vai ganhando nitidez: “a paz é um processo

---

<sup>56</sup> Frase extraída do original: “*The use of the term 'peace' may in itself be peace-productive, producing a common basis, a feeling of communality in purpose that may pave the ground for deeper ties later on.*” (Galtung, 2015, p. 167).

constante, cotidiano, mas não passivo”. Provavelmente, paz pode ser o balanço que embala o viver, a inquietação que parece mover o humano em direção ao outro. Parece cinesia, uma agitação que acalma e quietude que pulsa. Pode ser o espaço habitado pela busca, pelos versos e controversos tecidos na constância do fluxo. Trata-se apenas de palavras que tentam “alcançar” pensamentos e percepções sobre a paz. Ela se compõe na dinâmica da busca, de sucessivas aproximações como pode ser observado nas narrativas dos participantes dos grupos.

A Organização das Nações Unidas (ONU), parece ampliar o horizonte: a paz é mais que ausência de guerra, é presença de justiça, de dignidade e é também movimento. Pode ser o campo fértil na tentativa de florescer os direitos humanos, na qual as desigualdades buscam ser arrancadas pela raiz. É ali, nesse solo, que se pretende cultivar a paz positiva de Galtung (2015), um estado em que não há lugar para as violências sutis que sufocam, nem para as estruturas que oprimem. Ao que apresenta, paz é provável ser vida que se desenha no coletivo, na diversidade, na coragem de olhar o conflito como possibilidade de mudança.

Quiçá a paz, no contexto dos Círculos, sinaliza ser um convite ao diálogo, uma experiência singular, a projeção de horizontes de pactos possíveis. Como sugere Pelizzoli (2012), trata-se de um processo de entrega da empatia, da solidariedade e da interconexão, sempre atravessado por uma indefinição que se faz sentir e experienciar no encontro com o outro.

Silva e Scremin (2020) apontam a paz como um conceito antigo e polissêmico, cuja definição não se encerra em um único significado, mas se molda ao contexto, às tramas das emoções e à realidade em que se insere. Evidencia-se como uma noção fluida, difícil de fixar em contornos rígidos e em definições fechadas, sendo essa acepção que me leva na trajetória circular.

Nos Círculos, a palavra “paz” pode assumir um lugar central na própria nomenclatura. Ela aparenta ser mais do que um substantivo, torna-se verbo, ação que se estende no coletivo, em uma onda contínua que não tem ponto de chegada definitivo. Assim, ela parece não se impor, tampouco se define de antemão; quase sempre, se desenvolve no encontro, na escuta e na trama de emoções. Ao que indica, a paz pode ser uma forma delicada, que vai sendo simbolizada nas presenças e nas ausências de vozes e de gestos. No entrelaçamento de significados, porventura uma compreensão: a paz pode não ser apenas um conceito, mas um modo de estar e de se relacionar.

De outro modo, a paz pode ser vista até como algo irrealista como discorre Galtung (2015) ao falar dela atrelada a uma realidade não harmônica fervilhada por violência, guerra e revolução, situações que expressam um mundo caótico, uma dinâmica que torna a paz viva, em processo. Então, a paz pode se revelar como algo que se constrói, passo a passo, em ação que se dá no coletivo. Ela não aparece, não é desenhada de forma isolada, mas presumivelmente tecida na convivência, como se fosse uma teia quase sutil que une os significados do Círculo e da Construção.

Compreendo que em cada fragmento que se entrelaça — Círculo, Construção, Paz — unidos pela preposição *de*, formando a expressão Círculo de Construção de Paz parece ganhar corpo e sentido. Um lugar onde a coletividade manifesta possível pulsação, sacudida pelo movimento contínuo e pela dinâmica relacional em interação. Talvez sendo, ao mesmo tempo, forma e essência: uma arena de encontro e desencontro de tramas e emoções.

## **4 VALORES: O RITUAL DE INTERAÇÃO E OS ATRAVESSAMENTOS DA LIMINARIDADE**

[...] Os homens expressam no ritual aquilo que os toca mais intensamente e, sendo a forma de expressão convencional e obrigatória, os valores do grupo é que são revelados (Turner, 1974, p. 19).

Reservar um capítulo para tratar dos “elementos-chave dos círculos”, poderia suscitar a indagação: por que essa discussão não foi incluída no capítulo anterior, onde apresentei os fundamentos, a história e as concepções dos CCP? Me atrevo a responder que não se trata de uma omissão, mas de uma escolha metodológica. Reconheço que esses elementos fazem parte de todo o debate já apresentado; no entanto, pela forma como costuro essa reflexão com a categoria “ritual”, considero mais produtivo explorá-los separadamente, de modo a oferecer uma compreensão mais densa enquanto categoria deste trabalho.

Faço essa escolha articulando-a ao tipo ideal proposto por Pranis (2010), que elenca como elementos estruturais e que organizo no quadro abaixo como forma de dar maior clareza à estrutura ritualística do Círculo. Me permito, contudo, fazer uma adaptação explicativa: não para negar a concepção de Pranis, mas para descrevê-la a partir do meu lugar de facilitadora e de pesquisadora, atravessada pelos vieses e indícios que encontro no campo. Minha intenção não é apagar nem renegar a leitura da autora, mas somar novas perspectivas e olhares sobre o debate e tensionar os sentidos que emergem da prática viva dos Círculos.

Dessa maneira, exponho a discuti-los como parte de uma ritualística que, a meu ver, ressoa com a perspectiva de Turner (1969), ao compreender o ritual como uma experiência coletiva intensa; com Goffman (2011), ao descrevê-lo como um conjunto de práticas sociais que organizam a vida cotidiana; e também com Randall Collins (2004, p. xiv), ao falar de “cadeias de interações ritualizadas” impulsionadas por “energia emocional”, que permitem que ideias e emoções sejam compartilhados e incorporados pelo grupo. Outros autores ainda foram chamados a compor esse diálogo, na investida de enriquecer o debate e alumiar as nuances desse processo.

### **4.1 O ritual: o encontro com os elementos estruturantes do Círculos**

Ritual? O que pode significar no contexto dos Círculos? Antes de arriscar uma resposta, peço licença para narrar um momento vivido em meados de 2013 — aquele

primeiro encontro com os Círculos de Construção de Paz<sup>57</sup>. Estava presente um grupo de professores<sup>58</sup> de diferentes escolas da rede estadual do Ceará. O curso havia sido pensado para esse público, mas, fugindo um pouco à regra, participavam também quatro professores que atuavam na SEFOR<sup>59</sup> — eu era um deles. Não me recordo ao certo se havia representantes das três SEFOR, mas lembro que estávamos cerca de trinta participantes, todos haviam aderido voluntariamente ao convite.

E lá estava eu, também como técnica da SEFOR, curiosa e sem saber exatamente o que iria encontrar. Mas havia em mim uma certeza silenciosa: eu precisava participar. Não se tratava de convocatória formal, e sim de escolha — algo que me chamou a atenção desde o início. O fato de a participação ser voluntária me parecia já dizer muito sobre o processo. Não à toa, apenas quatro escolas optaram por estar presentes na formação, que ocorreu no mês de abril daquele ano.

Não sabia ao certo o que me aguardava. Fui apenas, talvez guiada por fios invisíveis que me conduziram até aquele espaço (uma escola da rede profissional da SEDUC). Hoje, ao relembrar esse primeiro encontro, sinto que aquele momento inaugurou uma travessia, abrindo um caminho que eu mesma não imaginava percorrer, tampouco pesquisar.

Como de costume, acordei cedo e saí de casa rumo ao que seria apenas mais um compromisso na agenda de trabalho: o curso que me aguardava. O relógio marcava oito horas quando pisei na escola Jupiará<sup>60</sup>. Uma jovem gentil me guiou até a sala onde aconteceria o “Curso de Mediação de Conflitos e os Círculos de

---

<sup>57</sup> Ver Apêndice B – Linha 2, p. 206

<sup>58</sup> Entre eles havia 4 diretores de escolas, cada qual com um coordenador/a escolar e mais quatro professores escolhidos pela gestão de cada escola. O critério para a participação dessa formação foi por adesão à proposta do Projeto “Por uma Cultura de Paz: Mediação de Conflitos e Práticas Restaurativas em Escolas” que já tinham sido apresentadas anteriormente, em uma reunião para gestores de 8 escolas da rede estadual. Informações disponíveis em: <https://www.seduc.ce.gov.br/2013/04/05/seduc-reune-oito-escolas-para-apresentacao-de-projeto-de-cultura-de-paz/>. Acesso em 24 set. 2025.

<sup>59</sup> Superintendência das Escolas Estaduais de Fortaleza (SEFOR), que faz a gestão das escolas da rede estadual de Fortaleza/CE, subdivida em 3 (SEFOR 1, SEFOR 2, SEFOR 3). O curso foi fruto de uma parceria entre SEDUC/CE, MPCE e TDH/Brasil com fins de implantar o Programa de Mediação Escolar nas escolas públicas estaduais do Ceará (Silva, 2023).

<sup>60</sup> Nome fictício atribuído para preservar a identidade da instituição e do sujeito. Trata-se de uma escola de educação profissional pertencente à rede pública estadual, situada em um bairro da Regional II, dentro da complexa teia da gestão organizacional do município de Fortaleza/CE. Um espaço onde trajetórias se cruzam, onde jovens e adultos constroem saberes e vivenciam experiências que vão além do currículo formal. A escola se insere em um território com dinâmicas sociais próprias, marcado por desafios e potencialidades que se entrelaçam ao cotidiano escolar, influenciando relações, aprendizados e modos de ser e estar no mundo.

Construção de Paz”, este era o nome da formação. No trajeto, algo se destacou: a estrutura da escola. Era diferente, tão distintas das escolas em que eu já havia trabalhado. Meus olhos percorriam cada canto, deslizando pelas paredes e pelo pé direito duplo, que conferia uma grandiosidade peculiar ao espaço. Enquanto eu perdida em pensamentos, a voz da moça me trouxe de volta: — “Pode seguir direto, a sala é no final do corredor, à direita”.

Segui, como que guiada por uma voz que me chamava, enquanto minhas memórias dançavam com as expectativas do que estava por vir. Quando percebi, já estava diante da porta entreaberta da sala. Vozes acolhedoras me receberam com um “bom dia”. O ambiente era iluminado, amplo, e no centro havia uma grande roda de cadeiras. No chão, uma toalha branca servia de base para pequenos objetos dispostos com cuidado, quase como se fossem guardiões silenciosos daquele espaço.

Naquele instante, evoquei Collins (2004) e sua teoria dos rituais de interação, na qual ele nos explica que todo ritual é tecido por ingredientes que funcionam como “sagrados”, destinados a criar um foco mútuo de atenção e a despertar microrritmos corporais e emocionais entre os presentes. E foi exatamente isso que senti. Uma sensação de curiosidade misturada ao temor de compreender o que me esperava.

A cena capturou minha atenção. Por um momento, minha mente resistiu, e minha imaginação começou a correr. “O que é isso?”, gritei internamente. “Meu Deus, não gosto de dinâmicas!”, repetia para mim mesma mentalmente. Meu corpo resistia, como se quisesse escapar da roda, sair correndo dali. Mas, ao longo do dia, fui sendo conduzida por aquele universo do Círculo — ora me encantando, ora me desconcertando com perguntas que eu não queria responder diante de desconhecidos, uma junção de sentipensante.

Minhas emoções teciam-se por meio de múltiplas sensações, tal qual uma colcha de retalhos: alegria ao revisitar histórias de vida que aqueciam meu espírito, tristeza ao tocar memórias que ainda doíam, e, por vezes, o desejo de calar, de mergulhar no silêncio do meu interior, sem sequer dar espaço para mais nada, ficar inerte. Como explica Collins (2004, p. 47), “os rituais são construídos a partir de uma combinação de ingredientes que aumentam em intensidade e resultam em desfechos [...]”, causando sensações distintas.

Nesta narrativa, os Círculos começam a ganhar forma e contorno diante de mim. Um ritual? Naquele momento eu não saberia dizer. Só mais tarde, ao conhecer a leitura de Turner (1974), pude compreender que o ritual cumpre uma função

simbólica. Ele opera como uma linguagem social capaz de comunicar, reinterpretar e recriar o momento, tornando visíveis as tensões, os valores e as transformações que se dão no processo ritualístico.

Na leitura de “Floresta de símbolos: aspectos do ritual Ndembu” de Turner (2005), o ritual é um processo vivo no qual a sociedade encena suas tensões e reitera seus laços. O ritual cria um espaço liminar (um entrelugar) no qual os símbolos ganham vida e os corpos compartilham experiências intensas. Ele é, para o autor, uma “tentativa de compreender algo desse processo social total de interação e interdependência” (Turner, 2005, p. 6). Sendo interacional e interdependente, os participantes não apenas seguem regras, eles sentem, se transformam e reconstróem, juntos, a própria ordem ritual.

E foi exatamente isso que senti naquele Círculo. Em cada etapa da ritualística pude sentir simbolicamente os fios que organizavam e sustentavam a roda, parecia que havia algo vivo, pulsante ali. Eram variações de ingredientes que, na linguagem de Collins (2004), se entrelaçavam com o que Turner (2005) descreve como um espaço dinâmico de tensões, em que corpos e símbolos são compartilhados vivamente. Havia ocasiões em que eu me percebia consciente dessas sensações, e outras em que parecia haver um véu, me impedindo de captar com clareza a comunhão que tentava se formar ali.

O desenho que traço nesta tese busca destacar as cores vibrantes dos Círculos de Construção de Paz, que se revelam como um ritual cuidadosamente composto — tal como descreve Pranis (2010) e apresentei no Quadro 2, no capítulo anterior: a cerimônia de abertura, o *check-in*, a construção de valores, os combinados, a contação de histórias/atividade norteadora, o *check-out* e a cerimônia de fechamento. Essas são as cores que se destacam no quadro.

Ao lado delas, estão as ferramentas que dão vida a esse desenho: o “bastão de fala/objeto da palavra” e os objetos dispostos na peça de centro ou centro do Círculo, que parecem brilhar nas mãos do/a facilitador/a, o “guardião” desse fazer circular. Cada gesto, cada objeto, parece imbuído de significados, ganha luz e presença, talvez, tecendo cenários onde a experiência se desenha. Parece combinações de ingredientes que, como alerta Collins (2004), fazem o processo ritualístico pulsar e se manter vivo.

Ao desenhar esse quadro para o entendimento do ritual dos Círculos, busco uma inspiração na proposta de Ítalo Calvino (1990) em “Seis propostas para o próximo

milênio”, obra com a qual ele nos convida a criar uma escrita que seja precisa e rica em detalhes, e que, acima de tudo, transite entre a leveza e a profundidade, dançando pelas complexidades do novo milênio. É com este espírito, quase etéreo, que tento me aproximar do ritual, um caminho de imersão que não se revela apenas em explicações racionais, mas sobretudo, nos sinais sensíveis de uma experiência que se desvela como um tecido de emoções, corpos, objetos e expressões.

O ritual dos Círculos, ao que indica, assemelha-se a uma jornada que vai além das palavras, parece uma travessia que se dá por meio da trama do inconsciente coletivo, no qual os participantes não apenas seguem os passos de um movimento físico, quase sempre, são conduzidos a um espaço interno de revelações e, talvez, transformações. Nele, parece que a leveza de um gesto pode se tornar íntima como um mergulho, e a sagacidade de um olhar, leve como o sopro de um vento, ou pode simplesmente, ser nada menos que um simples ritual sem sentido.

Quando penso nos sete passos dos fios que tecem e os que sustentam esse ritual, observo como pontos de contato com o que é mais íntimo e instintivo em cada um de nós. Em alguns momentos, como diria Victor Turner (1974), ele se torna um limiar, um espaço de transição em que os participantes abandonam suas identidades cotidianas, emergindo em um estado de “*communitas*”<sup>61</sup>, no qual todos são iguais, sem distinção, pelo menos, essa é a intencionalidade dos CCP.

Collins (2004) acrescenta a esse diálogo ao afirmar que o termo “ritual” é um conceito recorrente entre sociólogos e o define como “um mecanismo de emoção e atenção mutuamente focadas que produzem uma realidade momentânea compartilhada, que assim gera solidariedade e símbolos de adesão a grupos” (Collins, 2004, p. 6, tradução minha). Adverte, porém, que não se deve compreender o ritual de forma estática ou reduzi-lo a mera cerimônia formal, como muitas vezes ocorre no senso comum. Para o autor, o ritual carrega uma densidade conceitual que vai além do aparato cultural que preserva a ordem social. Ele pode tanto consolidar quanto desafiar essa ordem, sendo capaz de falhar ou de se tornar um evento transformador.

---

<sup>61</sup> “A ‘*communitas*’ é um relacionamento não-estruturado que muitas vezes se desenvolve entre liminares. É um relacionamento entre indivíduos concretos, históricos, idiossincráticos. Esses indivíduos não estão segmentados em funções e “status”, mas encaram-se como seres humanos totais” (Turner, 1974, p. 5). Em outras palavras, a *communitas* é o estágio de consciência coletiva que emergem nos momentos de suspensão entre o que é e o que pode tornar-se.

A perspectiva durkheimiana, segundo Collins (2004), continua sendo uma das mais úteis, pois revela o ritual como um mecanismo de interação situacional que utiliza símbolos e energias emocionais para manter ou restaurar o vínculo social. Contudo, Collins (2004) alerta que essa visão muitas vezes foi lida de maneira conservadora, como se o ritual existisse apenas para equilibrar a sociedade e liberar tensões, algo que precisa ser problematizado. O ritual, então, não é apenas celebração de valores compartilhados, mas é acima de tudo, um processo que pode fracassar, produzir dissensos e gerar novos sentidos.

Nesse ponto, Goffman (2011) amplia a reflexão ao trazer o ritual para o cotidiano, descrevendo-o como um conjunto de práticas que garantem a convivência social performática. Em sua metáfora da vida social como um palco, os indivíduos são atores e espectadores ao mesmo tempo, engajados em performances nas quais tentam controlar a impressão que deixam nos outros. Essa “fachada social” funciona como um mecanismo de inclusão e reconhecimento coletivo, regulando as interações *face a face*. Para Goffman, o ritual é o caminho pelo qual as pessoas projetam-se e mantêm ligações simbólicas por meio de seus atos, em consonância com os demais para se sentirem pertencentes.

Collins (2004) reconhece essa contribuição e a expande ao formular sua “teoria do ritual de interação”, que considera os encontros sociais como microprocessos que produzem solidariedade, símbolos e “energia emocional”. Ele identifica alguns ingredientes que sustentam esse tipo de ritual:

Primeiro, é uma teoria das próprias situações, mostrando como elas têm suas próprias estruturas e dinâmicas locais. Em segundo lugar, enfatiza a situação, não como uma construção cognitiva, mas como um processo pelo qual emoções compartilhadas e foco intersubjetivo atravessam os indivíduos, inundando sua consciência [...]. Terceiro, o ritual cria símbolos culturais. Isso está em contraste com o pensamento de muitos que assumiram a vez cultural, para quem a cultura continua sendo o trunfo no cenário social, uma categoria definitiva de explicação por trás da qual é impossível ir. A teoria do ritual de interação fornece um mecanismo empírico para como e quando os símbolos são criados, bem como quando eles se dissipam, por que às vezes desaparecem em desrespeito ou indiferença [...] (Collins, 2004, p. 32, tradução minha).

Ao que aponta, esses ingredientes me ajudam a compreender os Círculos como rituais de encontros, em que diversas coisas podem acontecer. Um possível jogo de tensões e afetos que, quando conduzido, cria a possibilidade ou não de comunhão. E, tal como Collins (2004) sugere, esses rituais podem ter graus de sucesso ou fracasso, dependendo da intensidade emocional, que denomina como

“energia emocional”, do foco coletivo e da capacidade de gerar símbolos que façam sentido para o grupo.

Os fios que tecem os Círculos e lhes dão forma ritualística fazem com que eles aconteçam de modo intencional. É essa intencionalidade que cria um ambiente de transição, no qual as identidades individuais parecem ser suspensas para dar lugar a um estágio de coletividade, tal como aponta Turner (1974). Nesse espaço, as “fachadas sociais” são construídas e reconstruídas para sustentar o coletivo, recorro aqui Goffman (2011) e seu conceito de ritual de interação. Enquanto na perspectiva de Collins (2004), os Círculos parecem que funcionam como dispositivos que constroem um foco de atenção compartilhado, atravessado por emoções que impulsionam o fluxo do processo ritualístico.

A combinação desses pensamentos parece convergir para uma compreensão do ritual dos Círculos como um processo dinâmico, vivo e possível de mudanças. Em diálogo com DaMatta (2007), o ritual pode ser visto ainda como uma ruptura do “real”, um momento de desterritorialização que desafia convenções sociais e transporta os participantes para um espaço liminar de contentamento, mas também de desconforto. É nesse espaço que os silêncios, as falas, as expressões corporais, os objetos simbólicos, e até as pausas inesperadas emergem como respostas que parecem carregadas de sentido, podem tecer camadas adicionais de significado à experiência coletiva.

O ritual não se apresenta apenas como um ato externo, sinaliza como uma experiência visceral, algo que parece se sentido no corpo, nas narrativas e nas memórias ao toque dos objetos. Ao que indica, talvez um fio que, sem pressa, mas com precisão, parece nos conduzir para um entendimento mais íntimo do que está em jogo naquele espaço. É o que Collins (2004, p. 9, tradução minha) descreve como “cadeias do ritual de interação”, compreendidas como “um modelo de motivação que puxa e empurra os indivíduos de situação em situação, guiados pelos estoques de recursos sociais de cada participante, sua energia emocional e seus símbolos de pertencimento (ou capital cultural)”.

Nos Círculos, o que se presencia são vestígios de um ritual vivo por meio de corpos que narram, objetos falantes e vozes pulsantes que parecem se alinhar em uma verdadeira coreografia de atenção compartilhada. Como argumenta Collins (2004), cada encontro ritual mobiliza ingredientes essenciais: copresença, foco mútuo de atenção e uma barreira simbólica que separa aquele momento do cotidiano. Essa

configuração prepara o terreno para que emoções que sinalizam dispersões — medo, desconfiança, tensão, entre outras — sejam trazidas para o centro, nomeadas ou silenciadas, até que, pouco a pouco, ressoem em forma de “energia emocional”.

A energia emocional representa uma força motivacional que une as pessoas no ritual. Collins (2004) admite tratar-se de uma iniciativa socialmente derivada do compartilhamento de sentimentos, que reverbera na confiança gerada no grupo, na coragem para agir e na ousadia de ultrapassar as barreiras sociais no ritmo do ritual. Para o autor, essa energia é uma carga movida por diferentes níveis: os mais altos, associados ao entusiasmo e confiança; e os mais baixos, ligados à apatia e à depressão. Um tipo de energia que não pode ser escondida, ela se torna visível no ritual de interação, podendo ser percebida tanto pelos membros quanto por aqueles que adentram o percurso.

Collins (2004) lembra que essa “energia emocional” é construída e reconstruída no encontro, refere-se a uma emoção social, aquele que se torna o combustível do próprio ritual. Ele a descreve como um processo de contágio emocional: “as pessoas, ao focarem a atenção na mesma coisa e estarem conscientes do foco umas das outras, acabam sendo envolvidas pelas emoções umas das outras” (Collins, 2004, p. 107-108). Trata-se, deste modo, do relato de um, que passa a significar as experiências de outros no ritual.

Seguindo essa linha de raciocínio, cada expressão, cada gesto e cada emoção parece se desenhar com mais nitidez no limiar do Círculo. O primeiro passo, a “cerimônia de abertura”, longe de ser mero movimento, indica acolhimento. A cerimônia de abertura se apresenta como um convite ao desconhecido, um sopro inicial no ritual. Os recursos que podem ser utilizados, nessa primeira etapa: o som da música parece reverberar no corpo, a dinâmica entrelaça presenças, a meditação suspende o tempo. São indícios de pequenos gestos que se fazem rituais de boas-vindas e compõem a cadeia de interação descrita por Collins (2004).

Como lembra Silva (2023), o ritual do Círculo parece ser um instante de chegada e de passagem, um possível encanto e, ao mesmo tempo, o desencanto do rito. Parece indícios do primeiro lance da liminaridade, uma fresta em que tudo parece suspensão e incerteza. Ali, ainda não se sabe o que se é, mas já se está. Entre o adentrar e o permanecer, parece habitar um entrelugar que pulsa, o limiar onde o encontro começa a se revelar. É sobre essa travessia que me volto no tópico seguinte, para refletir sobre a experiência em cada etapa do ritual.

## 4.2 Dos passos iniciais aos fios de despedida: a trilha do ritual em prática

A trilha do ritual começa antes mesmo que a roda seja formada: germina no convite que convoca o Círculo, na motivação que é o objetivo que sustenta a sua realização, e no zelo do facilitador dedicado aos preparativos da ritualística. Como afirma Pranis (2011, p. 9), “fazer uso de um processo circular não é simplesmente colocar as cadeiras em círculo. Uma preparação cuidadosa é essencial para que se tenha uma boa prática quando se utilizar esse processo”. Por isso, cada detalhe importa: da chamada que mobiliza à disposição dos corpos no espaço, dos objetos que compõem a cena aos gestos que costuram o clima coletivo. São esses fios que organizam e sustentam a roda, tal como descrevo no Quadro 2.

Com este quadro apresento a compreensão que tenho da descrição do ritual dos Círculos. Um caminho tecido por etapas e elementos simbólicos que dão vida à roda. Exponho as etapas que marcam a travessia coletiva: inicia-se com a “cerimônia de abertura”, gesto de acolhimento que prepara o grupo e o espaço; segue-se o “*check-in*”, momento de chegada em que cada um expressa como está; depois, a “construção dos valores”, raiz simbólica do encontro, onde se explicitam princípios que sustentarão a interação; os “combinados ou diretrizes”, pactos coletivos que orientam a convivência; a “contação de histórias ou atividade norteadora”, ocasião de mergulho no tema central; o “*check-out*”, instante de despedida em que se compartilham aprendizados e impressões; e, por fim, a “cerimônia de fechamento”, que celebra e agradece o vivido.

Entre os fios que sustentam os Círculos estão ainda os elementos estruturantes: o/a facilitador/a, guardião do processo; o bastão de fala ou objeto da palavra, que ordena vozes e silêncios; e a peça de centro ou centro do círculo, espaço simbólico que concentra olhares e valores. Juntos, eles compõem o ritual como um território de encontro.

Quadro 2 – Estrutura dos Círculos de Construção de Paz

<b>Os fios que organizam a roda da ritualística</b>	
<u>Etapa</u>	<u>Descrição</u>
1. Cerimônia de abertura	É a primeira etapa do ritual — a porta de entrada de acolhimento e de boas-vindas. É o contato inicial, o instante em que se prepara o espaço e o grupo para o Círculo que se seguirá. Simbolicamente, é como abrir a porta para receber um convidado: tentar acolher bem, cuidar para que possivelmente se sintam pertencentes. Para tentar criar um ambiente acolhedor e relaxado. Podem ser utilizadas diferentes estratégias — uma música, um exercício de aquecimento corporal, uma breve dinâmica de grupo, um jogo ou outra prática que ajude a preparar os corpos e os afetos para o que virá. O importante é que essa abertura esteja alinhada aos interesses e à intencionalidade do Círculo, provavelmente, criando o tom e o ritmo que sustentarão o diálogo.
2. <i>Check-in</i>	Fase que acontece logo após a cerimônia de abertura, quando os participantes têm a oportunidade de se apresentar — dizendo seus nomes, de onde vêm e como se sentem naquele instante. É como um “termômetro” que permite perceber como cada pessoa está chegando ao espaço. Costuma-se utilizar uma pergunta norteadora, como: “ <i>Como estou chegando ao Círculo?</i> ”. Quando o grupo já tem algum convívio prévio, essa pergunta pode ser suficiente. No entanto, se os participantes não se conhecem, é possível usar estratégias mais criativas: uma atividade corporal para que expressem, por gestos, seu estado emocional; ou recursos simbólicos, como desenhos, palavras, trechos de músicas ou objetos que representem como estão chegando, parece corroborar com essa etapa.

3. Construção dos valores	Etapa que simbolicamente representa a raiz do encontro. O foco é despertar reflexões sobre valores, emoções e expectativas, geralmente por meio de perguntas norteadoras — como “Que valores você traz para este Círculo?” Podem ser utilizadas outras estratégias criativas, como a escolha de valores expostos no centro do círculo, permitindo que os participantes se reconheçam ou se posicionem diante deles. É um momento de imaginação simbólica, no qual cada pessoa parece tentar se conectar ao sentido coletivo do encontro
4. Combinados	Ocasão em que são construídos os acordos para o bom funcionamento do Círculo. Simbolicamente, funcionam como diretrizes que orientam o encontro e são pensadas coletivamente pelos participantes. Não são regras fixas, mas pactos vivos, ajustáveis e adaptáveis a cada grupo e a cada momento.
5. Contação de histórias ou atividade norteadora	Etapa que os objetivos e intenções do Círculo ganham direção, abrindo espaço para o diálogo sobre a temática central. Pode incluir contação de histórias, perguntas norteadoras, dinâmicas ou outras atividades que aprofundem a reflexão coletiva. Simbolicamente, é a parada para olhar com atenção para o que motivou o encontro a acontecer.
6. <i>Check-out</i>	Momento de encerramento do Círculo, quando cada participante é convidado a compartilhar o que leva do encontro — aprendizados, sentimentos ou reflexões — e a dizer como está saindo. É o início da despedida, fechando o espaço de diálogo.

7. Cerimônia de fechamento	Etapa final do ritual, marcada por uma ação simbólica de celebração e agradecimento. Pode envolver a leitura de poemas, mensagens, músicas ou outras expressões que honrem a participação de todos e marquem o encerramento do encontro.
<b>Os fios que sustentam a roda ritualística: elementos estruturantes</b>	
Facilitador/a	Pessoa responsável por conduzir o processo e, ao mesmo tempo, participar dele. É o guardião do Círculo, aquele que cuida para que cada etapa aconteça de forma fluida, preservando os princípios e valores que sustentam o espaço. Seu papel é tentar criar um ambiente seguro, no sentido de que os participantes se sintam à vontade para se expressar sem receios.
Bastão de fala ou objeto da palavra	Instrumento simbólico que organiza o tempo de fala e conduz o fluxo do Círculo. Buscar ordenar falas, silêncios e participações, com a possibilidade de garantir que cada voz seja ouvida. Pode ser qualquer objeto com valor simbólico para quem facilita — um maracá, uma pedra, um chaveiro, uma caneta — desde que represente um possível convite à escuta e ao respeito pela palavra.
Peça de centro ou Centro do Círculo	Também chamado de <i>peça de centro</i> , é o que se coloca no “coração” da roda — uma toalha, colcha, jarro, livro ou outros elementos — para possivelmente atrair e centrar o olhar dos participantes. Funciona como ponto de atenção e de ancoragem, especialmente para aqueles que não desejam olhar diretamente para os outros. Simbolicamente, é o espaço de foco do Círculo, onde podem ser dispostos valores, objetos significativos ou itens trazidos pelos próprios participantes quando convidados pela pessoa facilitadora.

Fonte: Adaptação da obra de Pranis (2010).

Como argumenta Boyes-Watson (2011, p. 35), “o círculo é um processo estruturado para organizar a comunicação em grupo”. É justamente isso que procurei sintetizar neste quadro, de forma resumida, para evidenciar que, no contexto desta tese, atribuo a essa estruturação o caráter de um “ritual”.

Concebido aqui como um ritual de interação, na perspectiva de Goffman (2011) e aprofundado pela teoria do ritual em Collins (2004), o Círculo se revela como um encontro social específico. Na leitura goffmaniana:

Um encontro social é uma ocasião de interação face a face, começando quando os indivíduos reconhecem que se moveram para a presença imediata uns dos outros e terminando com uma retirada aceitável da participação mútua. Os encontros variam consideravelmente em seus propósitos, função social, tipo e número de participantes, ambiente etc. (Goffman, 2011, p. 97).

Nessa direção, o encontro ritualístico dos Círculos começa como uma ocasião de copresença marcada por uma intenção previamente definida por quem solicita o Círculo. O público varia, assim como o tipo de Círculo. Mas, como já mencionei no capítulo anterior, meu recorte recai sobre os “Círculos de Encontro com Fins de Diálogos (CEFD)”.

Para trazer a compreensão do ritual, escolho fazer uma certa descrição de uma ocasião que realizei um Círculo<sup>62</sup>. Antes de tudo, recebi um convite para conduzir um CEFD, objetivando acolher os familiares de alguns estudantes. De imediato aceitei a missão, organizando cada etapa e detalhes que deveriam compor o cenário circular. No horário combinado, cheguei e arrumei o espaço, com a ajuda da professora, aquela que me convidou. A sala de aula estava pronta com as cadeiras em círculos, parecia que o ambiente já estava pronto para receber o ritual.

Os participantes foram chegando e ocupando aos poucos os assentos. Quando estavam todos na roda, dei início ao som de uma melodia a “Cerimônia de abertura”. Significa aquele primeiro passo do ritual, foi a prévia da *liminaridade* anunciada por Turner (1974), na qual os indivíduos ainda não estão integrados completamente a ritualística, simbolicamente é a porta de entrada, que tento acolher e dar as boas-vindas.

Explico o que virá, o que se espera. No entanto, no intervalo entre a fala e a escuta, sinais se mostram sem ser chamados: alguns parecem congelar no

---

<sup>62</sup> Círculo foi realizado em outubro de 2024, com pais, responsáveis e professores de uma escola da rede municipal de Fortaleza. A motivação foi acolher familiares de estudantes do Atendimento Educacional Especializado (AEE). Estiveram presentes cerca de 25 participantes. Ver Apêndice B – Linha 3, p. 206 e Apêndice C – Roteiro 2, p. 208

pensamento, se perdem entre minhas palavras ou são levados por vozes interiores que só eles podem ouvir. De repente, uma voz rompe o silêncio: — “Não consigo fechar os olhos. Essa música me leva a lugares que não quero lembrar”, disse uma mãe<sup>63</sup> hesitante (Diário de campo com mãe Yoki, outubro de 2024).

Naquele instante, recordo Collins (2004), quando argumenta que o ritual tem a potência de gerar uma força intensa, capaz de alinhar os olhares e focar mutuamente as pessoas, produzindo uma “energia emocional” que envolve e marca a experiência. O relato do participante Curumim<sup>64</sup>, parece confirmar isso: o som não foi apenas sinfonia, mas um possível gatilho que mobilizou memórias, afetos e resistências.

O tempo suspende. Os olhares, antes dispersos, convergem para quem fala. Recordo, mais uma vez, que fechar os olhos nunca foi uma obrigação: — “Quem não quiser, pode ficar de olhos abertos”. Mas ali, sem que eu notasse, algo já havia se instalado. O silêncio se diluiu na música que tomou o espaço. Vanessa da Mata deslizou pelo ambiente: “As palavras saem quase sem querer. Rezam por nós dois. Tome conta do que vai dizer. Elas estão dentro dos meus olhos. Da minha boca, dos meus ombros” (Da Mata, 2007).

O instante foi se tornando outro, como se a realidade escapasse da órbita do ordinário. O espaço já não era apenas aquele, ao que parecia haver se deslocado para uma esfera intangível, onde os pensamentos se recolhiam e o que ressoava a melodia emoldurando um tempo suspenso. Alguns corpos pareciam imóveis, sinalizando uma parada com olhos fixos em algum ponto que não consegui identificar.

Aos poucos, os olhos se reabrem, como se pudesse emergir de um transe leve, um atravessamento inaugural, um chamado sutil para a experiência por vir. A participante Yandra<sup>65</sup>, talvez já estivesse pisando no liminar, enquanto Inã<sup>66</sup>, uma mãe com indícios de olhar distante, sequer se deu conta de que algo mudara. No entanto, a “Cerimônia de abertura” havia seguido adiante. Com ou sem palavras, com ou sem gestos, o ritual se desenrolava. Caminhávamos, enfim, para o próximo passo: o “*Check-in*”.

Ao último acorde da música, deixei que o silêncio respirasse antes de introduzir o “*Check-in*”, aquela etapa de apresentação de dizer quem é, de onde vêm e como

---

<sup>63</sup> Perfil Apêndice A – Linha 13, p. 195

<sup>64</sup> Perfil Apêndice A – Linha 14, p. 195

<sup>65</sup> Ver Apêndice A – Linha 15, p. 195

<sup>66</sup> Ver Apêndice A – Linha 16, p. 195

está chegando. Explico que é o momento do “termômetro” de medição simbólica. É o instante em que a pergunta se solta no ar, indago e respondo no mesmo instante: — “Como estou chegando ao Círculo?”. A resposta, no entanto, não vem de imediato. Alguns sinais se declaram visivelmente por meio de palavras que pareciam presas em olhares que vagavam para dentro, talvez perdidos nos labirintos do pensamento. Yandra abaixa a cabeça, outros tateiam a resposta no corpo antes de tocar o bastão de fala: — “Bem, – Tranquilo, – Nervoso”. Palavras curtas, monossilábicas, ditas num compasso que oscila entre a lentidão do desconforto e a pressa de se livrar do instante. Provavelmente, havia indícios de que existia algo que pairava sobre o momento – seria vergonha?

Walton (2007, p. 247) descreveu a vergonha em sinais visíveis: “o desvio do olhar, o rosto que se vira, as mãos que cobrem, os olhos que se fecham, os movimentos involuntários”, um brilho diferente no olhar, uma hesitação no corpo. E ali, no Círculo, esses rastros se faziam presença, são vestígios que muitas vezes não dá para esconder.

Rememoro o pensamento de Ginzburg (1989), ao considerar que todo acontecimento humano deixa atrás de si indícios, rastros e vestígios, sinais que podem ser lidos e interpretados, ainda que, à primeira vista, não se revelem de forma nítida. Penso, naquele instante: seria apenas vergonha? Ou talvez outra emoção, mais difusa, que se enreda silenciosamente no ritual e atravessa os corpos sem nomear-se? Podia ser tramas de emoções invisíveis inicialmente.

O “*Check-in*” aconteceu nesse entrelugar de hesitação e passagem. Como sugere Turner (1974), é uma construção inicial do coletivo, um rito de transição em que os participantes ainda não se habituaram ao que o ritual exige, assim como foi na etapa anterior. No Círculo, é a primeira vez que são convocados para falar, a se colocarem diante de uma pergunta que, apesar de parecer simples (como estou chegando?), porventura carregue consigo uma carga inesperada, revisitar a própria história até o agora.

Talvez seja isso que o “*Check-in*” significa: um limite entre o costume e o inesperado que não parece fácil de responder. Na vida cotidiana, quase sempre, não se pode parar para dizer como se chega, não há espaço para medir a emoção do instante. No entanto, ali, esse gesto se torna um convite, eventualmente. Como aponta Silva (2010), o “*Check-in*” pulsa como um ritmo do sentir, uma oportunidade de escutar

a chegada, seja ela expressa em palavras ou silenciada no corpo, seja percebida ou, simplesmente, não percebida.

Vencida essa etapa, sigo para o passo seguinte do ritual: a “Construção dos valores”. Pranis (2010) concebe como algo que não pode ser suprimido do Círculo, é justamente esse momento. Observo que se trata de uma ocasião que parece abrir passagem para uma transição mais íntima. Talvez aquela em que o coração pulsa por si mesmo. É como se fosse a essência simbólica do encontro, na qual o coletivo começa a se assentar em um chão comum. Amparada em Collins (2004), compreendo esse instante como aquele em que a “energia emocional” pode se elevar, sustentando um espaço em que os participantes se sintam emocionalmente seguros: um território em que se torna possível se vulnerabilizar diante dos outros. De outro modo, essa energia pode abaixar, quando demonstram certa resistência com a linguagem corporal.

Dou início com a pergunta que se derrama sobre a roda: — “Que valor eu trago para o encontro?”. Ao que indica, suas respostas emergem tímidas, hesitantes com sussurros monossilábicos ditos: “Respeito. Gratidão. Alegria. Amor. Paz”.

As palavras se desprendem, porém não sem ruídos. Observo que, por vezes, o corpo não dança na mesma cadência do que se diz. Há sinais gestuais que desmentem palavras, silêncios que dizem mais do que narrativas. Índícios de olhares que se desviam ao pronunciar “alegria”, ou mãos inquietas que tentam conter o peso da “paz”. Outras vezes, há ecos, palavras repetidas no ritmo da acessibilidade, como se pertencer fosse dizer o que já foi dito. Um pertencimento que ressoa em Goffman (2014), na “representação do eu na vida cotidiana”, onde, no palco da interação, os indivíduos tateiam a cena, ajustam-se ao que o ritual pede, concordam e imitam, sem se dar conta.

No entanto, há também aqueles participantes que são entregues à corrente do instante, como apresentou Joaci<sup>67</sup>: — “Eu trago contentamento para cá, estou bem feliz em falar no grupo, gostei desse momento”. Ao que parece, o dito nasceu da raiz do íntimo, atravessou a garganta e pousou na roda sem medo de dizer o que sentiu. Mais uma vez, a “energia emocional” que Collins (2004) explica como o alto nível da sua emoção social.

---

<sup>67</sup> Ver Apêndice A – Linha 17, p. 195

Provavelmente, essa não foi a única forma de estar nesse espaço. A participante Ipanema<sup>68</sup> deixou escapar pequenos indícios que me fizeram perceber o ritual como uma travessia liminar. Seus gestos eram sutis, quase imperceptíveis a um olhar apressado: o modo como segurava o bastão de fala com firmeza, como se estivesse atravessando um limite invisível; o silêncio prolongado antes de começar a falar, que suspendia o tempo do Círculo e prendia a atenção dos demais; o tremor leve em sua voz, que parecia anunciar algo que vinha de dentro, difícil de ser contido.

Esses sinais, fragmentários e ambíguos, não se mostravam como verdades acabadas, parecia vestígios de uma experiência intensa. No corpo de Ipanema, na sua respiração entrecortada e no olhar que evitava e depois buscava o ponto de atenção do Círculo, havia marcas involuntárias que sugeriam não apenas um relato, mas um atravessamento. Ali, na “Construção dos valores”, indícios pareciam reveladores de ambiguidades emocionais, cada um com sua trama emergente nos gestos, nos silêncios ou nas palavras.

No caso do participante Poti<sup>69</sup>, bastou o corpo falar. Sem pronunciar nenhum murmúrio, seus suspiros profundos denunciavam impaciência, como se estar ali fosse apenas o cumprimento de uma formalidade. Seus gestos traduziam a presença marcada por uma obrigação. Um rito seguido mais por normativa do que por desejo. Evoco Goffman (2011), quando discute o ritual como uma obrigação social a ser cumprida, mesmo que de modo automático, para que a ordem da interação se mantenha sem fissuras. Ainda assim, com intensidades diversas, o Círculo seguia girando, sustentado pelas presenças que, de um jeito ou de outro, estavam compondo o fluxo do ritual.

Passei para a etapa dos “Combinados” que são as diretrizes, aquelas que formam a tessitura inicial do compromisso coletivo dentro do Círculo. Trata-se de acordos suaves, quase sussurrados, que tentam sustentar a roda compartilhada. Simbolicamente, funcionam como normativas do ritual, as orientações que não se impõem, mas que se propõem organizar o espaço de convivência, sem pressão aparente.

Collins (2004) indica que cada cadeia de interação carrega suas próprias regras (explícitas ou não), leis que regem a situação e permitem que o ritual aconteça. São

---

<sup>68</sup> Ver Apêndice A – Linha 20, p. 195

<sup>69</sup> Ver Apêndice A – Linha 18, p. 195

jogos interacionais em que as pessoas se movem, muitas vezes, sem plena consciência de que estão jogando. Collins (2004, p. 5) alerta que, “quebrar quadros convencionais tão profundamente arraigados não é fácil de fazer”, o que sugere que os combinados, mesmo simples, tentam carregar a potência de reconfigurar modos de estar juntos, ainda que sob resistências ou acomodações.

Quando explico a intenção dos “Combinados”, uma mãe se pronunciou com o bastão de fala em mãos: — “preciso sair mais cedo daqui”. Logo, acordei em relação a essa afirmação e a roda seguiu com outros participantes acenando os combinados propostos. Um aqui e acolá acrescentava algo particular para ser acordado coletivamente.

Na leitura de Goffman (2011) dá para compreender a importância da ordem simbólica nos rituais de interação, ao lembrar que é ela que sustenta o funcionamento do encontro e garante sua continuidade. Essa ordem é também um modo de proteger e reafirmar a fachada pessoal e coletiva que cada um carrega. Ele explica: “Nossa fachada, então, é uma coisa sagrada, e a ordem expressiva necessária para mantê-la é, portanto, uma ordem ritual” (Goffman, 2011, p. 26).

Nos Círculos, essa concepção corrobora na compreensão da relevância dos “Combinados”: parece mais do que regras formais, eles anseiam operar como um pacto simbólico que sustenta a ordem interacional, evitando rupturas que poderiam comprometer a experiência coletiva. São, portanto, ancorados em Collins e Goffman, ajustamentos necessários à normatividade do ritual, permitindo que as pessoas encontrem segurança para se moverem dentro dele, sem que a ordem social do grupo seja rompida.

Com isso em mente, quase sempre, começo o encontro com aqueles combinados que carrego desde um curso que fiz sobre os Círculos, sem lembrar ao certo quem os nomeou, mas que se enraizaram em mim: “Respeitar o objeto da palavra; acolher com escuta e com a palavra. Os aprendizados podem ser compartilhados, as histórias não”, são algumas das diretrizes que previamente proponho.

Talvez os “combinados” nos Círculos de Construção de Paz operem como um sutil código de regulação, um mecanismo de comportamento que se insere no ritual do grupo e orienta as interações. Norbert Elias (2011) nos mostra como os códigos sociais são construídos historicamente como formas de controle dos impulsos, reorganizando antigas normas de convivência para estabelecer novos padrões

comportamentais. Nesse contexto, “com a transformação estrutural da sociedade e o novo modelo de relações humanas, ocorre, lentamente, uma mudança: aumenta a compulsão de policiar o próprio comportamento. Em conjunto com isto é posto em movimento o modelo de comportamento” (Elias, 2011, p. 89).

Os “Combinados”, assim, podem ser vistos também a partir desse pensamento, como dispositivos processuais que tentam regular a conduta e estruturar as interações, possivelmente estabelecendo um equilíbrio entre a expressão emocional e o controle dos impulsos. O ideal é que eles surjam como práticas que não apenas direcionam as trocas dentro do Círculo, mas ainda tenciona revelar o modo como, no diálogo com o outro, se intensifica esse controle sobre as tramas das emoções. De acordo com Elias (2011), é plausível pensar que os “Combinados” possam desempenhar um papel crucial no ritual, funcionando como uma forma internalizada de regulação social e emocional.

São princípios que, ao que tudo indica, procuram abrir espaço para a interação, preparando o terreno para a intimidade que possivelmente está por vir. Como nas demais etapas do ritual, aqui também há diferentes modos de adesão: alguns participantes apenas acatam, outros dizem que nada têm a acrescentar, e há aqueles que trazem pequenas demandas, sutis, mas necessárias, como expressaram Joaci e Yandra: “tenho problema e não consigo ficar muito tempo sentado”, “posso ir ao banheiro”.

Esses pedidos, à primeira vista simples, reafirmam rastros da presença do corpo na roda — corpos expressivos que se manifestam em movimentos inquietos, pés e mãos que não encontram repouso, olhares que correm sem direção, evitando fixar-se. Entre gestos contidos e expressões envergonhadas, o ritual segue seu curso.

Com a vez da palavra, agradeço os Combinados e o Círculo gira e a “Contação de histórias” se anuncia. Explico como etapa que os objetivos ganham direção. Como um momento simbólico de parada para olhar com maior atenção para a motivação do ritual. Lembro de Turner (1974), sobre a etapa entre a suspensão do que se era e a transição para um novo estágio da interação, é fase liminar, aquele instante que a pessoa não é mais o que era, mas ainda não se tornou o que será.

Pranis (2010) concebe a “Contação de história” como um processo reflexivo de olhar para dentro de si, uma etapa que leva o indivíduo a voltar-se para compreender o que aconteceu, como e o porquê de ter acontecido. Ela descreve que, ao contar histórias, algo se movimenta no corpo e na escuta:

Quando contamos histórias, mobilizamos uma escuta diferente. O corpo relaxa, se acalma, fica mais aberto e menos ansioso. Absorvemos a história antes de avaliar seu conteúdo. Somos envolvidos emocionalmente, além de mentalmente. esta escuta diferenciada permite que a informação seja passada integralmente, o que leva à uma compreensão muito maior entre as pessoas (Pranis, 2010, p. 56).

Entretanto, venho a indagar: o que significa esse instante para quem ali está? Seria a contação de histórias um espaço de descarga emocional dentro do Círculo? E essa descarga, se ocorrer, é bem recebida? Ou haveria algo mais íntimo nessa travessia? Não pretendo oferecer respostas definitivas a essas perguntas, tampouco seria esse o meu propósito. O que busco é escutar os ditos e possivelmente os não ditos que emergem desse momento, rastros de vozes, expressões e afetos, por considerá-los salutares para compreender o tecido que se forma no ritual.

No passo da ritualística, sigo a explicar a “Contação de histórias”. Rememoro um Círculo<sup>70</sup> que facilitei no mês de junho de 2025, a convite de uma gestora escolar<sup>71</sup>. A motivação expressa foi resgatar a importância da docência. O Círculo contou com a participação de dez professores — aqueles que, segundo a gestora, estavam precisando rememorar sua trajetória profissional. O encontro ocorreu na própria escola, durante o horário de planejamento desses docentes.

Durante o Círculo, observei sinais de que muitos estavam “abertos” ao ritual: olhares atentos, contato visual constante e falas receptivas, com acenos de cabeça em resposta às narrativas. Por outro lado, alguns desviavam o olhar, como se quisessem escapar de algo ou por vergonha de se expor.

Nessa atmosfera, fui conduzindo a “Contação de histórias” com cuidado, iniciando com a pergunta norteadora: — “Compartilhe uma lembrança da sua trajetória profissional.” A princípio, um silêncio coletivo pairou no ar por alguns segundos. Com o bastão de fala em mãos, comecei narrando minha própria trajetória e, em seguida, passei o bastão para a professora Huyana<sup>72</sup>, que havia se apresentado meio envergonhada. Sentada à minha esquerda, logo demonstrou, pela postura corporal, certo receio em narrar sua história. Com voz trêmula, balbuciou algumas palavras e, após longas pausas, seguiu seu ritmo, contando fragmentos de sua trajetória.

---

<sup>70</sup> Apêndice B – Linha 4 p. 206 e Apêndice C – Roteiro 3, p. 208

<sup>71</sup> Círculo realizado a convite da gestora Jurema, que também é facilitadora de CCP. Na função de coordenadora de uma escola da rede pública estadual, localizada na zona na região nordeste da capital de Fortaleza/CE.

<sup>72</sup> Perfil Apêndice A – Linha 19, p. 195

A “Contação de histórias”, nesse Círculo, foi especialmente demorada. Apesar de muitos afirmarem sentir vergonha, quando pegavam o bastão de fala, pareciam não querer soltá-lo. O tempo parecia mais dilatado do que nas outras etapas. Boyes-Watson (2011) explica que essa ocasião é uma das mais relevantes para a compreensão entre os participantes, pois o tempo se estende e se torna crucial para a construção e desconstrução de estereótipos e pressuposições:

Em alguns círculos, é crucial se tirar o tempo para que as pessoas compartilhem histórias de suas próprias vidas, de modo que possam aumentar sua compreensão uma da outra e construir empatia. As histórias frequentemente fragmentam estereótipos ou suposições que as pessoas possam ter umas das outras. Uma base de compreensão mais aberta torna possível que elas escutem umas às outras de maneira mais clara quando forem discutir assuntos delicados mais tarde no círculo. (Boyes-Watson, 2011, p. 49)

Desse modo, o Círculo seguiu em compasso mais lento, repleto de ditos e não ditos. Posturas discretas e vozes relutantes revelavam tensões entre o desejo de acompanhar o ritmo do grupo e o medo de possíveis julgamentos ou, talvez, a dificuldade de manter a atenção plena e estar presente no ritual.

Após esse momento, conversei mais demoradamente com três participantes, aqueles que, de alguma forma, se destacaram aos olhos dos demais. Na verdade, eram cinco, mas apenas três estavam disponíveis para dialogar. Eis alguns trechos dessas conversas:

Dividir a contação de histórias da sua vida e escutar o outro lhe transforma, coloca os problemas em perspectiva diferente, te faz mais humano e te dá esperança de construção coletiva. A fala é terapêutica e nos aproxima do outro, do humano e de nós mesmos. Em um mundo tão mediado pelo medo, pela vergonha e pelas mídias sociais, estes momentos de escuta (do outro e de si mesmo) são de crescimento e esperança." (Conversa prolongada com professora Ipanema, agosto de 2025).

O momento mais importante foi a contação de nossas histórias. Mesmo com vergonha batendo inicialmente, tentei falar, mas acho que não é fácil abrir nossa vida assim. Mas, aos poucos, fui me soltando, fui trazendo minha história, e acho que foi bom. (Conversa prolongada com professor Iberê<sup>73</sup>, agosto de 2025).

Quando você falou um pouco da nossa história e orientou para ficarmos tranquilos para falar o que quiséssemos, fiquei com vergonha. Vergonha mesmo. Fiquei com vontade de permanecer calado, só passar o bastão sem falar, talvez também ficasse embaraçoso. Depois, escutando os outros, fiquei mais à vontade, embora a vergonha ainda tenha permanecido. (Conversa prolongada com professor Acir<sup>74</sup>, agosto de 2025).

---

<sup>73</sup> Ver Apêndice A – Linha 21, p. 195

<sup>74</sup> Ver Apêndice A – Linha 22, p. 195

Ao conversarmos individualmente, essas vozes reverberam em minha mente, suspensas no fluxo do ritual. Parece que há nelas algo que pulsa forte, talvez o peso da emoção vergonha ou simplesmente não encontraram expressão para dar voz ao seu íntimo.

A primeira narrativa descreve a “contação de histórias” como uma experiência terapêutica, uma aproximação da humanidade em meio ao medo e à timidez. Contudo as outras parecem revelar que, nesse processo, a vergonha não é um espectro distante, ela se faz corpo, estadia, hesitação.

Elias (2011, p. 138) nos ajuda a compreender esse sentimento como uma força estruturante do ritual social, o “sentimento de vergonha é evidentemente uma função social modelada segundo à estrutura social”. A vergonha passa a ser um mecanismo social importante para regular o comportamento humano e promover certo autocontrole. Parece que se manifesta no Círculo essa tensão: há o desejo de falar e no mesmo instante, receio da exposição que acaba cedendo espaço ao autocontrole.

A vergonha relatada nas narrativas tem a ver com Elias (2011, p. 181) aponta: uma necessidade de ocultamento do íntimo, pois há sempre a vergonha inconsciente de transgredir as barreiras invisíveis entre o que pode ser dito e o que deve ser resguardado. Como ele explica: "Com o avanço da civilização, a vida dos seres humanos fica cada vez mais dividida entre uma esfera íntima e uma pública, entre comportamento secreto e público".

Essa divisão aparenta não ser consciente, principalmente para aqueles que consegui conversar, muitos dos que se sentem envergonhados sequer percebem esse sentimento de maneira clara. Sheff (2001, p. 116) amplia essa compreensão ao definir a vergonha como uma "grande família de emoções", que inclui embaraço, humilhação e sentimentos de fracasso, todos ligados à percepção de rejeição social.

Quando alguém tenta infringir a “Contação de histórias”, ou qualquer outra etapa do ritual — interromper, falar além do tempo ou se recusar a escutar e falar — como relatou o terceiro participante, “Fiquei com vontade de permanecer calado, só passar o bastão sem falar, talvez também ficasse embaraçoso”. Ao que indica, o próprio dispositivo do Círculo mobiliza um mecanismo de embaraço além da vergonha. Nesse contexto, a vergonha e o embaraço parecem agir como emoção social que corrige desvios e reafirmam a validade da ordem.

Goffman (2011), observa como emoções relativas à vergonha e o embaraço costumam emergir em situações de “quebra do enquadre interacional”, isto é, quando

a conduta de um indivíduo ameaça desestabilizar o equilíbrio do grupo. Portanto, o bastão de fala pode ser aquele elemento que atua como um fio condutor que dispõe recolocar os participantes de volta no jogo ritual da interação: ao exigir disciplina tanto na fala quanto na escuta, ele restabelece a ordem e reinscreve os corpos no fluxo coletivo, como relembra Silva (2023). Retomarei essa discussão mais adiante, quando tratarei especificamente do bastão de fala como elemento simbólico central do Círculo.

A etapa da “Contação de histórias”, ressoou a emoção vergonha, pois escavar memórias e expor vulnerabilidades toca naquilo que, historicamente, tentamos manter resguardado. Ao que indica, o receio de falar sobre si próprio traz consigo um embate interno, uma forma de se proteger e, ao mesmo tempo, um desejo de pertencimento. A vergonha, nessa acepção, tomando a ideia de Sheff (200), veio como uma experiência reguladora de proteção da presença e a vontade de permanecer no grupo.

Ao retorno da última pessoa que falou da sua história, o bastão de fala voltou para minhas mãos. Agradei os compartilhamentos das histórias e da participação silenciosa de alguns professores. Naquele instante anunciei que estávamos chegando ao “*Check-out*”. Compreendo como o “início da despedida, fechando o espaço de diálogo”. Nesse instante, surgem na minha memória as palavras de Pranis (2011, p. 30), “passe o objeto da palavra e peça aos participantes que compartilhem seus pensamentos sobre o Círculo, ou uma palavra que resuma como eles estão se sentindo agora quando o Círculo está para encerrar”. E assim prossegui com a etapa do “*Check-out*”, uma fase que me vejo enredada na pergunta que ressoa na roda: “— Como você está saindo do Círculo?”. As palavras agem, movimentam-se, tal qual um deslocamento em que o bastão atua como par da fala, e as vozes, antes tímidas, agora fluem mais abertas para seguirem o ritmo das emoções que emergem no grupo: “Muito leve”; “Queria outro momento como este”; “Nem sei o que dizer”. “Saio sem palavras” (Diário de campo, campo escolar, junho de 2025).

Mas há também aqueles que talvez prefiram habitar o silêncio, aninhados em um espaço onde o corpo fala mais do que qualquer enunciado. Observo indícios de olhares de professores que evitam o encontro, gestos que desenham hesitações no ar, uma inquietação que talvez pulse como se quisessem escapar dali, não por desinteresse, possivelmente, por um não-estar-pronto para falar naquele momento.

Observo ainda contradições visíveis entre expressões e falas, sinais de que o Círculo, de alguma forma, tocou algo, mexeu, deslocou. Talvez algo tênue, talvez algo íntimo. Como facilitadora, percebo que cumpri o papel de conduzir a travessia da

palavra, mesmo para aqueles que optaram por guardá-la em si. Essa etapa do “*Check-out*”, significou uma possibilidade de despedida do ritual, o primeiro momento de anúncio que estamos quase encerrando o rito.

Ao final, não há muito a ser dito. Passo o bastão dizendo que chegamos nos finalmente do ritual, a “Cerimônia de fechamento”. Começo, seguindo a ordem ritual afirmando: — “Agradeço a participação de vocês aqui no Círculo” e acenou afirmativamente com movimentos curtos de cabeça para cima e para baixo, sinalizando meu reconhecimento. Um instante em que os agradecimentos se entrelaçam a gestos, despedidas que variam entre apertos de mão, abraços hesitantes, sorrisos cálidos ou palavras rápidas. Observo que há quem deseje prolongar o encontro no calor da despedida, há quem simplesmente parta, sem olhar para trás, retornando ao fluxo da rotina. Um “até logo” solto no ar, um passo apressado de volta ao mundo cotidiano, ou aqueles que partem sem nada falar com uma pressa que não os permite nem olhar para trás.

E assim, o ritual se fechou. Uma dinâmica seguida por cada etapa, quase sempre, afetando uns, talvez passando despercebido para outros. Pranis (2010, p. 18) acredita que a “filosofia dos Círculos reconhece que todos precisam de ajuda e que, ajudando os outros, estamos ao mesmo tempo, ajudando à nós mesmos”. Parece uma experiência singular e se inscreve para aqueles que dela fizeram parte. O Círculo se encerra, apontando marcas, visíveis ou sutis que, provavelmente, seguem tentando cintilar o que ainda está por vir.

#### **4.3 Combinados: Os fios que sustentam a roda - elementos estruturantes**

O ritual do Círculo não se faz sozinho; por seu tipo ideal, ele é sustentado por fios estruturantes que o distinguem de uma simples roda de conversa. Além das etapas que compõem sua dinâmica, há elementos considerados essenciais no ritual: o facilitador — aquele que, inicialmente, puxa o fio do diálogo; o “bastão de fala” ou “objeto da palavra” — um objeto vivo que parece regular o tempo de fala; e o “centro do círculo” ou “peça de centro” — que frequentemente concentra os olhares na roda. Esses elementos apontam indícios que parecem extrapolar o que lhes é atribuído apenas pela ordem do ritual, razão pela qual proponho, nas próximas linhas, um convite à reflexão.

### **4.3.1 Entre passos e vozes do facilitador: xamã da paz?**

Com o ritual em movimento, ele acontece como um fio que precisa ser conduzido, alguém que o leve e guie a direção. É aqui que se insere a figura do facilitador ou da facilitadora, como descrita por Pranis (2011): aquele ou aquela responsável por preparar, organizar e acompanhar o processo circular, com o zelo de mantê-lo vivo. Pranis (2011, p. 9) descreve:

A responsabilidade do facilitador é ajudar os participantes a criar um espaço seguro para a sua conversa e monitorar a qualidade do espaço durante o tempo que o círculo estiver acontecendo. Se o ambiente se tornar desrespeitoso, é responsabilidade do facilitador chamar a atenção do grupo para esse problema e ajudar o grupo a restabelecer um espaço de respeito. As seguintes qualidades são úteis para realizar essa tarefa: Fazer uso de um processo circular não é simplesmente colocar as cadeiras em círculo. Uma preparação cuidadosa é essencial para que se tenha uma boa prática quando se utilizar esse processo. Paciência. Humildade. Escuta atenta e profunda. Aceitação de que todos merecem respeito. Disposição para lidar com a incerteza. Habilidade para compartilhar responsabilidade.

“Criar um espaço seguro” é, aqui, uma categoria nativa que traduz um dos papéis essenciais do facilitador. Não se trata de um mediador de conflitos no sentido técnico — uma figura que age como terceira parte neutra em estratégias de mediação. No Círculo de Encontro com Fins de Diálogo, a função dele não tenciona mediar conflitos, parece ser alguém que participa do Círculo e ao mesmo tempo o sustenta, tentando zelar pelo processo seguro. Nos Círculos, esse papel é denominado facilitador/a, podendo estar acompanhado de um cofacilitador/a que pode ajudar a trilhar seu papel. No entanto, para fins desta tese, opto por não fazer distinção entre esses papéis e adoto apenas o termo facilitador/a, para designar quem assume a condução do ritual, sem deixar de ser parte dele, participando junto.

Ao aproximar essa reflexão do pensamento de Collins (2004, p. 108, tradução minha), o/a facilitador/a pode ser compreendido/a como um “líder de energia”, aquele responsável por abastecer junto com o grupo o combustível necessário pela “energia emocional”:

A pessoa se sente “carregada” com força emocional pela participação na interação do grupo. Isso faz com que não apenas se seja um apoiador entusiástico do grupo, mas também uma figura de liderança nele. A pessoa se sente bem com o grupo e é capaz de ser uma líder de energia — alguém que desperta sentimentos contagiosos quando o grupo está junto.

Essa concepção se mostra pertinente, pois no ritual dos Círculos o/a facilitador/a, mesmo sem se colocar explicitamente nesse papel, muitas vezes assume essa função simbólica de irradiar energia do grupo. Em uma conversa prolongada com

duas facilitadoras em formação<sup>75</sup>, colhi relatos em conversa que ilustram a percepção do facilitador como “líder de energia”:

Me considero tipo uma pessoa que semeia força energética no momento em que estou no Círculo. Muitas vezes nem me dou conta, até escutar algum participante declarar isso. [...] Nem sei como consigo estar à frente do CCP. Parece que surge uma energia interior que fala mais alto do que eu (Diário de campo com Professora Niara<sup>76</sup>, campo escolar, setembro de 2022).

Essas vozes ecoam também ao pensamento de Pranis (2010, p. 53), para quem o facilitador é um “guardião”, aquele que auxilia o grupo a “acessar sua sabedoria individual e coletiva, abrindo o espaço de modo cuidadoso e monitorando a qualidade desse espaço à medida que o grupo vai trabalhando.”

De certo modo, o/a facilitador/a se torna um dos elementos sagrados do ritual. Como lembra Collins (2004), na leitura que faz de Durkheim, os rituais envolvem símbolos que são respeitados para que a ordem ritualística se mantenha e prossiga. O facilitador pode ser simultaneamente “líder de energia”, “elemento sagrado” do ritual e “guardião” do processo, tecendo a sustentação coletiva da roda.

Sobre o facilitador, ao que apontam, recaem responsabilidades simbólicas intensas, ainda que não deixe de ser um/a participante, alguém que também compartilha suas histórias, expõe na corporeidade suas tensões e se deixa atravessar pela energia emocional. Como registrei no diário de campo: “Hoje estou saindo do Círculo carregada de falas que me tocaram junto às minhas histórias e levo comigo a energia de cada um dessa formação, uma emoção forte”. (Diário de campo, campo escolar, setembro de 2022).

Um relato de conversa que revela o envolvimento emocional do/a facilitador/a — aquilo que Collins (2004) descreve como o grau de entrosamento que pode variar entre alta e baixa energia emocional. Esse estado traduz o quanto o/a facilitador/a se deixa atravessar pelo grupo, em uma experiência que é, antes de tudo, intersubjetiva e humana. E no mesmo instante se deixa levar pelo próprio ritmo do ritual.

Na minha experiência como facilitadora de Círculos, que surgiu quase sem que eu percebesse, vejo que não foi algo que planejei para mim mesma. Era como se o convite para facilitar me encontrasse antes mesmo que eu pudesse decidir aceitá-lo.

---

<sup>75</sup> Evento oferecido pela SEDUC/CE, em parceria com a Célula de Justiça Restaurativa da Vice-Governadoria do Estado do Ceará, destinado à formação de facilitadores dos CCP para atuação nas escolas da rede. Fiquei responsável pela facilitação de um grupo de quinze professores, com o objetivo de explicar, por meio da própria prática, o papel do/a facilitador/a no ritual. Ver Apêndice B — Linha 5, p.206 e Apêndice C – Roteiro 4, p.208

<sup>76</sup> Ver Apêndice A – Linha 23, p. 195

Parecia uma energia, um possível envolvimento emocional, longe de me afastar, me atravessava de tal forma que me deixava sem chão, suspendendo por instantes a racionalidade. E, curiosamente, isso não era um agravante, provavelmente, fosse parte do próprio chamado, simbolicamente envolvente, como se fosse uma magia.

Lembro com nitidez de uma situação que marcou o início da minha trajetória no papel de facilitadora. Foi um daqueles momentos inesperados em que as circunstâncias rompem com qualquer convenção habitual. Um marco que nunca imaginei viver: o dia em que facilitei meu primeiro Círculo. A data remetia ainda à minha caminhada inaugural. Era outubro de 2013. Uma escola<sup>77</sup> pública de Fortaleza havia solicitado um CCP com estudantes de uma turma do ensino médio.

— Bom dia! — disse a coordenadora escolar, radiante, envolta em uma energia que transbordava em um abraço apertado, como se buscasse refúgio no calor do outro. Fiquei surpresa, anestesiada, sem conseguir balbuciar nenhuma palavra. Maravilhada com a empolgação da anfitriã e, ao mesmo tempo, apreensiva com o que estava por vir. Presa a uma frase que não saía do meu pensamento: “eu preciso conduzir o Círculo”. Apenas deixei que o gesto me atravessasse. Ela me conduziu até uma sala no final do corredor central, assegurando que tudo estava preparado. De fato, era uma sala ampla, que funcionava como o laboratório de informática da escola e que, provisoriamente, tivera os equipamentos afastados para um canto do espaço, abrindo o ambiente para as cadeiras já dispostas em círculo.

Nesse momento, lembrei da autopreparação que Pranis (2011, p. 11) aponta como sendo uma fase decisiva para o facilitador. Ela afirma que “o espaço do círculo não é nosso espaço normal. Demanda comportamento intencional que esteja alinhado com os valores tanto quanto possível”. Meus pensamentos estavam voltados internamente para as indagações: “fiz uma autopreparação suficiente? Não esqueci nada?”. A fluidez mental gritava compulsivamente, até que retomei as ideias com um som estrondoso — a porta se abriu com dificuldade.

Ao cruzar a porta, meus olhos pareciam não enxergar nada. No piloto automático, comecei a organizar o centro do Círculo — uma peça de toalha

---

<sup>77</sup> Primeiro Círculo que facilitei, durante uma visita técnica representando a SEFOR, solicitado pela gestora escolar. Participaram estudantes do 1º ano do Ensino Médio de uma escola (localizada em um dos bairros da Regional 6 dentro da divisão administrativa de gestão de Fortaleza/Ce). Os discentes tinham idades entre 15 e 17 anos. A motivação era promover o entrosamento entre os alunos novatos que haviam chegado à escola no segundo semestre letivo. Ao todo, participaram 10 estudantes — em sua maioria meninas (13) —, incluindo líderes de sala de duas turmas e os novos integrantes da comunidade escolar. Ver Apêndice B – Linha 6, p. 206 e Apêndice C – Roteiro 5, p. 208

arredondada. A coordenadora falava, contudo, minhas palavras internas corriam num ritmo diferente, capturada na angústia de estar ali. Era minha primeira vez sozinha, sem outro facilitador, apenas eu, a peça de centro e os objetos que trazia comigo para sustentar minha presença.

Dispus uma toalha branca redonda no chão e, sobre ela, espalhei alguns balões coloridos (conforme Figura 2). No centro, um jarro com flores naturais, presente de uma amiga na noite anterior, completava o cenário com um toque de vida. Entre os objetos, papéis brancos e tarjetas nas cores verde e rosa se misturavam, enquanto uma pequena imagem de relógio destoava do colorido e parecia me lembrar, simbolicamente, da importância do tempo, que naquele dia estava bem reduzido.

Figura 2 – Círculo de Construção de Paz com estudantes



Fonte: Elaborado pela autora com ilustração de Paulo César (2025).

Ainda imersa no turbilhão de pensamentos, fui trazida de volta ao momento por uma voz ao fundo: — “Professora, professora, já posso trazer os alunos?” Respondi quase sem pensar: — “Já estou terminando de organizar o centro do Círculo”. Uma voz que eu queria prolongar, como se assim pudesse segurar o tempo e controlar minha própria trama de emoções.

Naquele instante, senti no corpo o que Collins (2004) descreve como a energia emocional, esse combustível essencial do ritual, capaz de impulsionar o engajamento coletivo. Mas, apesar dessa sensação, eu não estava inteiramente tranquila. Um ritmo emocional acelerado tomava conta de mim.

Como lembra Collins (2004), certos encontros nos deixam energizados e motivados a seguir adiante, enquanto outros nos esgotam. Naquele dia, eu parecia viver duas coisas ao mesmo tempo, meio paradoxal: uma mistura de entusiasmo que me impulsionava e um receio silencioso que me desafiava.

E novamente, os pensamentos tomaram conta da minha mente. Será que vou conseguir conduzir o momento? Estou congelando de medo. Ideias velozes me paralisavam. Não havia escolha. O centro estava pronto com os objetos muito bem planejados. Com uma voz hesitante, anunciei que os alunos poderiam entrar. Meu coração disparou, como se quisesse escapar do peito. Eles chegaram com a energia pulsante da juventude, ocupando o contorno do centro do Círculo, com palavras e alegrias contagiantes.

Ao contrário de mim, com um sorriso temeroso, os convidei para encontrar um canto ao redor da peça de centro, ainda de pé comecei o aquecimento corporal como “Cerimônia de abertura”. Não tardou muito e, mesmo com a voz trêmula, senti que algo mudava. O meu medo, aos poucos, deu lugar à confiança. A timidez dissolveu-se em um piscar de olhos. O ritual aconteceu, não apenas um encontro, talvez um marco na minha jornada como facilitadora dos CCP. Ao que aponta Turner (1974), pode ter sido uma travessia, um rito de passagem, um primeiro passo para tantos outros que viriam.

Para Pranis (2011, p. 17), o facilitador é o “guardião” do Círculo, aquele que carrega consigo a habilidade de cuidar de tudo e todos que ali estão: as pessoas, os objetos no centro, o bastão da fala, a peça de centro, o ritual com seus elementos sagrados:

O Facilitador monitora a qualidade do espaço coletivo e estimula as reflexões do grupo através de perguntas ou tópicos sugeridos. O Facilitador não controla as questões levantadas pelo grupo nem tenta direcionar o grupo para um determinado resultado. Sua função é iniciar um espaço que seja respeitoso e seguro para envolver os participantes no compartilhamento da responsabilidade pelo espaço e por seu trabalho coletivo. O Facilitador não atua como fiscal das diretrizes do grupo. A responsabilidade por reportar-se a problemas com as diretrizes pertence ao círculo todo. Não é papel do Facilitador consertar o problema que o círculo está reportando. O Facilitador está numa relação de zelar pelo bem-estar de cada membro do círculo e é um participante.

Compreendo essas atribuições como um parâmetro teórico, um tipo ideal, porém a realidade se mostra mais fluida, transbordando para um campo simbólico que ultrapassa a técnica e se inscreve no ritual. Sinto que o facilitador não apenas acompanha e observa, possivelmente, se torna parte ativa de um processo que parece portar uma dimensão quase ancestral. Talvez ele acabe sendo um provável “xamã” em uma perspectiva contemporânea, um guardião da coletividade, um possível condutor do fluxo interdependente.

O conceito de interdependência de Elias (2011) ecoa como uma linha oculta que costura os vínculos dentro do Círculo. A trama das relações humanas, ao que parece, se tece no entrelaçar das histórias, nos olhares que se encontram, no compartilhar de silêncios e palavras. O Círculo sinaliza para um possível território onde as fronteiras entre o eu e o outro se tornam porosas, onde a experiência individual parece ganhar um contorno coletivo.

O facilitador, nesse ritual, não pretende se colocar como um condutor que impõe caminhos, talvez ele um catalisador que permite que os fluxos sigam seu próprio curso. Ele certamente pode ser guardião da escuta, da fluidez do encontro, da possível transformação que se inscreve nas narrativas compartilhadas. Seu papel pode abrir espaço para que a coletividade se mova, se reconheça e ressignifique sua própria existência.

E é nesse sentido que a figura do facilitador pode ser vista como um “xamã”, como nos descreve Krippner (2007, p.18). O xamã, aquele que se coloca entre os mundos, que transita entre esferas visíveis e invisíveis, que “atende às necessidades psicológicas e espirituais da comunidade”. De origem nas línguas dos povos do leste da Sibéria, no século XVII, o xamanismo atravessou os tempos, ressignificando-se, moldando-se aos contextos que o convocam (Silva; Giumbelli; Quintero, 2018). No Círculo, decerto o facilitador se torna esse guardião de forças que não se veem, mas que circulam, criando um espaço onde a presença e a palavra atuam mesmo tempo rito e cura, na qual o coletivo tenta se reconhecer na interdependência e na potência de estar junto.

As tramas emocionais no ritual dos Círculos parecem não se sustentar simplesmente pelas etapas, diretrizes e objetos simbólicos, mas ainda pela presença do facilitador. Ele mostra-se como uma das figuras essenciais, como tipo ideal para sustentar o ritmo do encontro. Seu papel parece não se limitar a organizar o diálogo, envolve uma atenção sensível às energias emocionais que atravessam o coletivo,

como também, indica poder mediar os ditos e os não ditos. Nesse sentido, a figura do facilitador parece ser simbolicamente aproximada à do xamã.

No sentido contemporâneo, o “xamã” pode ser compreendido como um curador social, um agente de transformação que modifica sua atenção e percepção para acessar dimensões não disponíveis ao olhar ordinário do grupo (Krippner, 2007). Simbolicamente, ele se destaca não apenas por um *status* conferido, contudo, pela sua capacidade de mobilizar, de provocar deslocamentos na experiência coletiva, tornando-se o possível elo das relações interdependentes. São reconhecidos, historicamente, como “os primeiros psicoterapeutas, primeiros médicos, primeiros mágicos, primeiros artistas performáticos, primeiros contadores de histórias e até mesmo os primeiros previsores do tempo da humanidade” (Krippner, 2007, p.18).

Qualquer sociedade pode ter seu próprio “xamã” nos moldes contemporâneos, alguém que se sobressai na organização simbólica de um grupo (Krippner, 2007). Nos Círculos, o facilitador presumivelmente assume esse papel: um “xamã da paz”? Uma pergunta que pode gerar controvérsias. Aquele que simbolicamente zela pelo espaço, que invoca a segurança do coletivo e prepara o ritual para que todos possam se conectar à experiência, pelo menos isto seria a típica ideal assumida por Pranis (2011).

O facilitador poderia ser projetado metaforicamente na condição de “xamã da paz”. Observo que ele atua como iniciador do rito de passagem, pode ser uma espécie de transcodificador de signos. Quando estou nessa função, até mesmo, não intencionalmente, ela “rouba” o espaço da cena. Parece naquele momento que as palavras conduzem a travessia, o bastão começa a circular, e o tempo do Círculo se impõe. Como Krippner (2007, p. 18) ressalta, o xamã ocupa “uma função socialmente reconhecida, a qual tem como base a interação.” No Círculo, essa interação se dá pela escuta, pela presença atenta, pela arte de segurar o espaço sem forçar direções, pelo menos é o ideal. O facilitador certamente pode ser um ponto de referência para o grupo, o gesto e a fala talvez atue como inspiração, reverberando na ritualística e nos que ali estão.

Parece até presunçoso associar o facilitador a um “xamã da paz”. Talvez seja apenas uma possibilidade, que não se fecha. Não é meu intuito romantizar o seu papel, mas, ao mesmo tempo, reconheço nele algo que se aproxima do sagrado. Possivelmente, há uma tensão entre esse estado de encantamento e o que Weber (2004) descreve como a racionalização da vida social: o desencantamento do mundo.

Ainda assim, o facilitador se move nesse território duplo — entre o fascínio do momento e a necessidade de planejar, organizar, conduzir e participar do ritual como parte da racionalidade.

Observo que o facilitador, estando simultaneamente dentro e fora do processo, caminha num fio que parece delicado: manter viva a intensidade simbólica do Círculo, mas sem se perder nela; garantir o controle necessário para que o ritual aconteça, mas sem sufocar o seu caráter vivo e emergente. É nesse meio-termo que arrisco chamá-lo de “xamã da paz”, uma figura que, nos moldes atuais, como lembra Krippner (2007), não se prende à romantização do ritual nem à rigidez do controle ou à dominação do espaço.

Busca, antes, ser aquele que transborda em sua participação e zelo pelas etapas da ritualística — aquele que procura ser partícipe, contando suas próprias histórias, quase sempre atravessadas por afetos, e zelador dos fios estruturantes do ritual. Compreendido como um xamã diferenciado no sentido contemporâneo, não como um vidente propriamente dito, mas como aquele que zela pela roda, cuidando para que os participantes se sintam acolhidos e respeitados no diálogo. Talvez seja uma típica ideal, talvez uma possibilidade a ser considerada, e tudo bem se não for nem uma coisa e nem outra.

À luz da teoria do ritual de interação de Collins (2004), me atrevo a dizer que o facilitador pode ser um dos elementos-chave para que o ritual aconteça. Possível catalisador que sustenta os limiares da experiência, conduzindo o grupo para o estado de copresença e emoção compartilhada. Sua função é, ao mesmo tempo, técnica e simbólica: ele prepara o ambiente, parece que desperta a energia emocional coletiva e busca garantir que o Círculo possa cumprir sua vocação de ser um espaço de diálogo.

Nessa primeira experiência como facilitadora ora relatada, me recordo que precisei sustentar o silêncio que se instalou após uma narrativa<sup>78</sup> dolorosa de uma estudante. Meu impulso inicial foi apressar o diálogo, tentar preencher o vazio que passou a reinar depois da história compartilhada.

Porém, respirei fundo e permaneci ali, sentada com o grupo, sentindo o peso daquele silêncio que não precisa mais nada. Foi nesse instante que percebi o delicado equilíbrio entre manter o fluxo e respeitar o tempo coletivo. Aos poucos, o estudante

---

<sup>78</sup> A morte do seu irmão por uma bala perdida na comunidade por brigas de facções criminais.

Peri<sup>79</sup>, em sua vez de falar, rompeu o silêncio e disse, com a voz embargada: “Esse momento me ajudou a pensar no que eu também precisava falar”. Ali compreendi, no corpo, que minha função não era apenas conduzir, mas guardar o espaço para que o rito acontecesse no seu próprio ritmo. Um trabalho que exigia, quase sempre, encantamento e contenção, acolhimento e vigilância, como se eu também fosse parte do ritual que tentava sustentar e estava participando ao mesmo instante.

Como facilitadora, vivo a tensão entre o encantamento e o controle racional — entre manter o Círculo funcionando, com sua estrutura organizada (a racionalização, diria Weber, 2004), e ao mesmo tempo tentar preservar o espaço de mistério, emoção e possível transformação coletiva (o encantamento). O conceito weberiano de racionalização me ajuda a refletir sobre o papel do facilitador. Não é apenas técnico ou burocrático, mas possivelmente simbólico. Parece que há necessidade de manter viva uma dimensão que parece “mágica” do Círculo, sem perder a clareza racional que permite lidar com as situações imprevisíveis que emergem no encontro. Seja magia ou racionalidade, o Círculo caminha nessa dualidade.

Falo assim porque, quando estou como facilitadora, sinto como se me conectasse a uma força que me transcende, algo que parece ser maior e que não consigo explicar racionalmente. Rememoro as palavras de Turner (1974) ao relatar sua imersão na cultura dos Ndembo: no início de sua pesquisa, ele estava tão arraigado às próprias percepções que não conseguiu ver certos aspectos relevantes desse grupo, preso em seus atalhos teóricos que tornavam invisíveis muitos elementos daquela cultura. De repente, ao assumir a facilitação do ritual, talvez eu também não estivesse conseguindo enxergar nitidamente — se é racionalidade ou encanto.

Ao conversar com outras facilitadoras<sup>80</sup>, o que elas apontam é como se fosse um estado de encantamento, no qual cada palavra e cada expressão se tornam parte de uma dança impalpável. Uma sensação que parece se repetir, como uma “energia emocional”, agregando o sentido concebido por Collins (2004), que considera como força que esfria ou esquentam o ritual. Ao perguntar sobre suas experiências, alguns facilitadores relataram:

A vivência de uma espécie de casulo simbólico que favoreceu um olhar em perspectiva às trajetórias dos envolvidos, o que, ao mesmo tempo, gera

---

<sup>79</sup> Perfil Apêndice A – Linha 24, p. 195

<sup>80</sup> Conversa realizada após um encontro com facilitadores em um evento na Universidade Estadual do Ceará, em 13 de abril de 2024.

empatia e identificação com o outro.” (Conversa prolongada com o facilitador Endir<sup>81</sup>, abril de 2024)

Me sinto fora de mim, é algo que parece que estou sendo conduzida por uma força maior que eu, algo que me dá tranquilidade e paz. Um momento de conexão com o outro, como se eu estivesse assumindo uma experiência que não há palavras para explicar, algo meio mágico e real. (Conversa prolongada com a facilitadora Suyane<sup>82</sup>, junho de 2024)

Essas falas apontam que pode existir um “xamã” dentro do facilitador. Uma presença que se desenha na prática e no envolvimento com a experiência coletiva. No instante do Círculo, não se trata apenas de técnica ou metodologia: pode ser uma vivência que ultrapassa a racionalidade cotidiana e adentra o território sagrado. É um rito de passagem, na perspectiva de Turner (1974), em que o facilitador se torna simultaneamente guardião e parte do espaço. O Círculo pulsa como um organismo vivo, como no entrelaçar de fios na tapeçaria do encontro, compondo paisagens visíveis e invisíveis que parecem sustentar o movimento do ritual.

Compreender o facilitador como “xamã da paz”, nos moldes atuais, implica assumir o dualismo entre o ser mágico e o ser racional. Como diz a facilitadora Inaiá<sup>83</sup>: “Não dá para você dizer o que é o facilitador sem facilitar, sem se permitir transitar entre o encanto e a razão.” (Conversa prolongada com facilitadora Inaiá, campo escolar, setembro de 2025).

#### **4.3.2 O bastão de fala: entre o limiar, a ordem e a coisa viva**

Destinar um tópico para discutir o bastão de fala, compreendendo como objeto quase falante, crucial na ordem ritual. O bastão é reconhecido pelo lugar simbólico que ele assume no ritual dos Círculos, um objeto que parece carregar relevância própria. Antes de qualquer análise, ressalto o sentido etimológico que sua nomeação evoca. A palavra “bastão” remonta ao latim *bastum*, cajado ou bordão usado como apoio por viajantes, sinal de sustentação e guia (Cunha, 2010). Já “fala”, conforme o dicionário Michaelis (s.d), “capacidade ou faculdade, própria do ser humano, de expressar ideias, pensamentos, emoções etc. e de comunicá-las com palavras”, “aquilo que se diz ou disse; dito, frase”. Dessa junção, “bastão de fala” revela, em sua

---

<sup>81</sup> Ver Apêndice A – Linha 25, p. 195

<sup>82</sup> Ver Apêndice A – Linha 26, p. 195

<sup>83</sup> Ver Apêndice A – Linha 27, p. 195

composição lexical, o instrumento que concede suporte e, ao mesmo tempo, autoridade simbólica à palavra.

No inglês, língua em que sua inspiração chegou aos Círculos contemporâneos difundidos na América do Norte, o termo “*talking stick*” preserva a mesma lógica: *stick*, do inglês antigo *sticca*, “cajado de madeira esculpido”, associado a *talking*, “variante de bastão” (OED, 2025). Apesar de línguas diferenciadas, o bastão parece traduzir uma mesma intenção: dar forma visível à palavra, palpabilidade a voz e conceber um ponto de apoio coletivo para que a fala circule e seja reconhecida.

“O bastão de fala” ou “objeto da palavra” foi trazido para os Círculos de Construção de Paz por Pranis (2010), não explicitando certamente a sua história. Pode-se refletir que ela se inspirou, assim como nas demais etapas dos Círculos, na tradição das Primeiras Nações do Canadá, no território noroeste da América do Norte, fato que já relatei no capítulo anterior, na qual utilizavam nos seus rituais dos Círculos de conversa.

Acrescenta ICT Inc. (2015), que o “bastão de fala” é usado há bastante tempo por tradições nativas norte-americanas, como um símbolo de poder em seus rituais, como instrumento de diálogo com fins de garantir o cumprimento dos códigos de conduta, de tratamento durante suas reuniões. Eles são usados nos Círculos de conversa, nos rituais de cerimônias, nas contações de histórias e no começo de eventos tradicionais.

ICT Inc. (2015) ressalta também que o uso do “bastão de fala” (*talking stick*) tem uma simbologia tradicional da cultura desses povos, não esquecendo que cada povo dar sentido, dentro de seu próprio protocolo cultural, a utilização e a forma ao bastão, tendo em vista suas histórias e tradições, porque cada cultura tem seus próprios costumes e realidades. Um exemplo disso é que cada cultura geralmente confecciona seu próprio bastão a partir de elementos naturais escolhidos com referência aos sentidos espirituais, simbólicos e sociais de sua cultura, por exemplo: uma concha sagrada, uma pena de águia, um cachimbo, enfim, instrumentos que tenham reais significados para a tradição local.

Dessa forma, o bastão ultrapassa o sentido de simples elemento no ritual, parece ser um símbolo de poder compartilhado, como recorda Boyes-Watson (2011). Para a autora, simbolicamente ele regula quem fala e quem escuta, estabelecendo um ritmo coletivo que tenta sustentar o respeito aos acordos. Assim, funciona como

uma forma de regulação social: ao passar de mão em mão, ao que indica, delimita os tempos da fala e impõe a escuta como condição essencial da convivência.

Recordo que Pranis (2011) também comunga dessa ideia, referindo-se ao bastão de fala como um dos elementos-chave da ritualística dos Círculos, e explica que ele funciona da seguinte forma:

Somente a pessoa que está segurando o bastão de fala pode falar. Assim se regula o diálogo à medida que o bastão vai passando de uma pessoa para outra, dando a volta no Círculo de forma sequencial. A pessoa que segura o bastão recebe a atenção total dos outros participantes e pode falar sem interrupções. Esse recurso promove plena manifestação das emoções, escuta mais profunda, reflexão cuidadosa e um ritmo tranquilo. Além disso, abre-se um espaço para as pessoas que sentem dificuldade de falar diante do grupo. No entanto, não se exige que o detentor do bastão fale necessariamente (Pranis, 2010, p. 26).

Nessa funcionalidade descrita pela autora, alguns aspectos me fazem lembrar das conversas que tive com participantes após um Círculo<sup>84</sup> específico que me chamou a atenção em relação ao bastão. Observei que, quando o objeto estava prestes a chegar às mãos desses universitários, eles já começavam a sinalizar certos gestos de inquietude na cadeira — movimentos de abanar o rosto como se estivessem suando muito, cruzar as pernas repetidamente, lançar olhares inquietos pela sala, levar as mãos ao rosto como se estivessem limpando algo. Esses vestígios quase sempre se intensificavam quando o bastão estava com a pessoa que os antecedia.

Curiosa para compreender o sentido dessas sensações sinalizadas por eles, em especial, universitárias que se destacaram visivelmente com esses traços, consegui conversar com três estudantes que se disponibilizaram após o Círculo: uma estudante do primeiro semestre de Geografia e duas do quinto semestre de Pedagogia.

As universitárias reconheceram a importância do “bastão de fala”, como um elemento regulador: “o bastão regula mesmo a vez de cada um, é respeito”; “esse objeto é como se fosse aquele que tem poder”; “com o bastão de fala a gente pode falar sem ninguém interromper”. Ao solicitar que falassem um pouco mais a respeito do bastão, ouvi relatos sobre como se sentiam quando o objeto estava prestes a chegar às suas mãos, como: “me dá logo uma suadeira danada, acho que porque fico

---

<sup>84</sup> Realizado em novembro de 2022, com um público de estudantes, durante a “Semana de Humanidades” de uma universidade, o Círculo com a temática “Círculo de Diálogo: um Encontro com Você e com o Outro” reuniu vinte universitários. Ver Apêndice B – Linha 7, p. 206 e Apêndice C – Roteiro 6, p. 208

apreensiva para falar”; “fico tão nervosa quando vejo que ele está chegando perto”; “não gosto quando chega nas minhas mãos, fico com vontade de bani-lo” (Conversa aprofundada com Universitários<sup>85</sup>, campo acadêmico, novembro de 2022).

Essas falas nos levam a refletir sobre o sentido que Boyes-Watson (2011) e Pranis (2010) atribuem ao bastão. As narrativas das estudantes legitimam o poder do “bastão” em regular as falas e promover o respeito que ele simboliza, de fato, o “bastão” cumpre seu papel como elemento regulador e provedor de respeito. Por outro lado, elas admitem certo desconforto quando estão prestes a recebê-lo na rodada de fala, o que explica as manifestações corporais que indicam que algo as mobiliza emocionalmente.

Uma das questões relevantes é que essas estudantes parecem ser movidas por emoções de apreensão, nervosismo e até aversão, como se essas sensações fossem negativas para elas. Em relação a essas emoções, lembro-me do que diz Collins (2004) ao discorrer sobre a “energia emocional” no ritual: o combustível que leva as pessoas a um determinado grau de elevação de suas emoções, seja para intensificá-las, seja para reduzir o campo emocional.

Para o autor, o ritual parece carregar em si a manifestação de micro-ritmos e emoções corporais no processo de interação, por meio da combinação de ingredientes que aumentam ou diminuem a intensidade ritualística, resultando em desfechos emocionais distintos. No caso dessas estudantes, pode ter ocorrido uma queda da energia emocional naquele instante em que não se sentiram à vontade. Para Collins (2004), isso é explicável porque, no ritual de interação, os elementos considerados sagrados (como pode ser o “bastão de fala”, nesse contexto) têm o poder de provocar e concentrar a atenção, possibilitando sensações emocionais diversas.

Nas palavras de Collins (2004, p. 124, tradução minha): “Microsociologicamente, é isso que parece significar um “objeto sagrado”: é o objeto sobre o qual a atenção do grupo está focada e que se torna um repositório simbólico das energias emocionais do grupo”<sup>86</sup>.

---

<sup>85</sup> Ver Apêndice A – Linha 28, 29 e 30, p. 195

<sup>86</sup> Versão original:[...] “*Microsociologically, this is what a “sacred object” means: it is the object upon which the group’s attention is focused and which becomes a symbolic repository of the group’s emotional energies.[...]*” (Collins, 2004, p. 124).

Concebendo o papel simbólico dos Círculos, Turner (1974) agrega a discussão sobre o ritual como uma passagem liminar, na qual os papéis sociais são suspensos e um novo tipo de relação pode emergir. Nesse sentido, o “bastão de fala” pode ser compreendido como um símbolo liminar, um possível marcador que reorganiza o fluxo da conversa, tentando estabelecer uma igualdade simbólica no grupo (os participantes têm o direito de falar, independentemente do *status* que ocupam socialmente).

Pranis (2010) dialoga com essa concepção de Turner (1974) ao atribuir ao bastão de fala a função de marcador da ordem da palavra, evitando atropelos, sobreposições e dispersões. Para ela, o “bastão” atua como um equalizador, pois tenta garantir a cada participante a oportunidade de expressar-se e carrega a presunção de que todas as vozes têm algo valioso a oferecer ao coletivo. Como afirma:

O bastão de fala é um poderoso equalizador. Permite que cada participante tenha oportunidade de falar, e traz implícito em si mesmo à presunção de que todos têm algo importante a ofertar ao grupo. Esse pequeno objeto facilita à contribuição de pessoas quietas que dificilmente seriam assertivas num diálogo aberto convencional. Pelo fato de passar fisicamente de mão em mão, ele vai tecendo um fio que liga os membros do Círculo (Pranis, 2010, p. 52-53).

Em direção a essa aceção, a perspectiva de Goffman (2011) acrescenta a questão da ordem normativa, aquela que, no ritual de interação, assume o papel de ajustamento coletivo. Trata-se de uma forma de alinhar as prerrogativas ritualísticas às concepções do grupo, funcionando como um código social que sustenta a imagem do encontro e evita contratempos. Ao que parece, o “bastão de fala” simbolicamente encarna esse código de conduta grupal, uma ordem ritual que, como aponta Goffman (2011), busca preservar o equilíbrio da interação.

Contudo, nem sempre essa ordem se mantém sem fissuras: existem os transgressores, como ressalta Goffman (2011), aqueles que escapam ao código ritual, os que tentam resistir a ritualística. Nos Círculos, percebo sinais dessa resistência ao “bastão de fala” quando um participante, por exemplo, manifesta no corpo ou na fala a sua insatisfação, recusa o gesto de fala, passa o objeto adiante sem pronunciar palavra, com pressa visível, como se tivesse receio de segurá-lo.

Isso me evoca uma situação em uma conversa prolongada com a Agente

Comunitária de Saúde Maiara<sup>87</sup>, já depois do Círculo<sup>88</sup> realizado em abril de 2023. Ela me confidenciou o quanto se sentia insatisfeita ao ver o bastão se aproximar: “acho que o bastão me deixa sufocada, sabe, não gosto dessa sensação de insatisfação, talvez porque me sinta obrigada a falar, mesmo que se diga que a gente só fale se quiser” (Diário de campo, Círculo com ACS Teça<sup>89</sup>, abril de 2023). O relato trazia em suas entrelinhas uma tensão entre a liberdade anunciada e a pressão implícita, apresentando sinais de uma carga simbólica do objeto que circulava entre as mãos. Ao falar, observei vestígios de expressões corporais inquietas, evitando contato direto ao falar, com olhar desviado ou fixo no chão enquanto o bastão estava em suas mãos, o ritmo de sua fala fora de forma breve, seca ou apressada.

Com a ACS Moara<sup>90</sup>, a percepção foi outra. Em nossa conversa, ela reconheceu o bastão como um “objeto de disciplina”, descrevendo:

Acho que o bastão da fala tem uma certa disciplina, não como autoridade, mas como um poder de disciplina sabe, que naquela hora só você fala e os outros, tipo, precisam ficar calados. É uma forma de obrigação... não sei se a palavra seria essa, mas os outros esperam você falar para depois eles falarem. E isso seria uma forma bem legal de todos participarem sem aquela bagunça, todo mundo falando ao mesmo tempo. Acho o bastão interessante e uma forma diferente de organizar a vez de cada um. Vou procurar usar nas reuniões de trabalho (Diário de campo, Círculo com ACS Moara, abril de 2023).

Nesse diálogo, identifiquei sinais de entusiasmo e apropriação simbólica, como se Moara tivesse encontrado no bastão uma possibilidade de transpor o ritual para outros espaços de sua vida profissional.

No olhar de Goffman (2011), o bastão de fala opera como um marcador da ordem interacional, regulando os turnos de fala e protegendo a imagem dos participantes. Entretanto, a experiência da ACS Maiara evidencia como esse mesmo mecanismo pode ser vivido como insatisfação: o bastão, ao se aproximar, carrega consigo a expectativa de que se fale, e o silêncio pode ser interpretado como ruptura do código ritual. Daí a sensação de sufocamento, mesmo sob a norma declarada de que ninguém é obrigado a falar. Para Moara, contudo, essa regulação foi vista de forma positiva, uma disciplina que organiza e dá equilíbrio ao encontro. Nesse sentido, o “bastão” condensa a tensão entre a pressão normativa que ameaça a face e a

---

<sup>87</sup> Ver Apêndice A – Linha 31, p. 195

<sup>88</sup> Ver Apêndice B – Linha 8, p. 206

<sup>89</sup> Apêndice A – Linha 32, p. 195

<sup>90</sup> Apêndice A – Linha 33, p. 195

proteção ritual que tenta assegurar o respeito mútuo.

Para a ACS Maiara, essa passagem liminar produziu incômodo: receber o “bastão” significava ser atravessada pelo rito, deslocada do silêncio para a exposição pública. Para Moara, por outro lado, o mesmo objeto assumiu a forma de um símbolo disciplinador, que garante a ordem e a possibilidade de participação coletiva sem o ruído da desorganização. Aqui se expressa a variação do símbolo de que fala Turner (2005), quando anuncia que suspende e instaura uma determinada ordem ritual: o “bastão”, ao circular, fala em diferentes vozes, sendo ora sufocante, ora regulador e agregador.

Por outro sentido, Collins (2004) nos ajuda a compreender o “bastão” como elemento que funciona no ritual de interação, como foco de atenção comum e condensador de energia. A narrativa da ACS Maiara, mostra um ritual de baixo rendimento, no qual a energia produzida foi negativa, marcada pela insatisfação e pelo desejo de esquiva. Em contraste, Moara vivenciou um ritual energizante, no qual o bastão se tornou um recurso a ser levado para outras esferas de sua vida. O mesmo objeto, portanto, pode acumular energias distintas: de retraimento e mal-estar para uns, de engajamento e entusiasmo para outros. É na circulação do bastão, entre corpos e vozes, que se revela essa dualidade. Um símbolo que tanto pode aproximar, quanto afastar, dependendo do modo como é experimentado no interior do ritual.

De qualquer forma, observo que, por vezes, o “bastão de fala” deixa de ser apenas um objeto; ele parece respirar. Sinaliza uma possível força que mobiliza quem está no Círculo, quase sempre, ultrapassando sua materialidade e se projetando no campo simbólico das relações. É como se, ao circular entre as mãos, o “bastão” se personificasse, parecendo ser portador de significados que ressoam de modo singular para cada participante e para o próprio facilitador, como foi o caso das ACS Maiara e Moara. No ritmo do ritual, o “bastão” parece ser mediador de afetos, desvelando tramas das emoções que se manifestam em gestos, expressões e vozes, como se o objeto em si falasse por meio dos corpos que o tocam.

Nessa perspectiva, o “bastão de fala” parece ganhar uma existência própria dentro do ritual, em diálogo com o que propõe a *Object-Oriented Ontology (OOO)*, ou *Teoria da Ontologia Orientada a Objetos*, formulada por Graham Harman (2019) e compartilhada por outros pensadores, entre eles Tim Ingold (2012), aqui convocado para essa conversa. Essa corrente filosófica afasta-se da centralidade do humano, argumentando que os objetos não existem apenas em função das relações que

estabelecem com ele, todavia, possuem uma realidade autônoma, uma potência de agir e afetar por si mesmos.

Embora algumas críticas girem em torno da *Teoria OOO*, não é meu propósito aprofundar essa discussão. O que me interessa aqui é pensar a relação dos objetos no ritual dos Círculos de Construção de Paz, especialmente o “bastão de fala” e a “peça de centro”, que auxilia na compreensão de como certos elementos materiais podem adquirir vitalidade simbólica no contexto da interação ritualística. Nesse sentido, a *OOO* oferece um caminho fecundo de discussão, pois propõe enxergar o objeto, ou melhor, a “coisa”, no sentido defendido por Ingold (2012), como algo ativo e participante nas relações sociais.

Desse jeito, parto da concepção de Ingold (2012), ao falar de objeto como noção de coisa, na qual agrego a compreensão do “bastão de fala”, no interior dos Círculos, com caráter de fluidez, de algo que se entranha nas dinâmicas da vida social. Mais do que objeto fixo, é “coisa” em movimento, que parece se emaranhar nas linhas entrelaçadas de crescimento e de gesto, acompanhando o fluxo da situação. Apesar de funcionar como símbolo de ordenamento ritual, ele parece ser uma “coisa” viva, no entrelaçamento que se desenrola a cada passagem. Nas palavras de Ingold (2012, p. 29):

Se pensamos cada participante como seguindo um modo de vida particular, tecendo um fio através do mundo, então talvez possamos definir a coisa, como eu já havia sugerido, como um “parlamento de fios” [...]. Assim concebida, a coisa tem o caráter não de uma entidade fechada para o exterior, que se situa no e contra o mundo, mas de um nó cujos fios constituintes, longe de estarem nele contidos, deixam rastros e são capturados por outros fios noutros nós. Numa palavra, as coisas vazam, sempre transbordando das superfícies que se formam temporariamente em torno delas.

Nessa acepção, o “bastão de fala” pode ser compreendido como uma cinesia ritual: movimento que se desenha no encontro, no qual os participantes deixam rastros de suas experiências em fios que se entrelaçam uns aos outros. Na conversa aprofundada com a ACS Tainara<sup>91</sup>, posteriores ao Círculo<sup>92</sup>, expressou com clareza esse emaranhamento afetivo: “senti um nó atravessado na garganta quando ele chega às minhas mãos, uma sensação de sufocamento que bloqueia a minha voz, como se o “bastão” ativasse uma agonia que percorre o corpo e imobilizasse minhas palavras”. Sua fala, ao que aponta, revela como o bastão, longe de ser um simples objeto de

---

<sup>91</sup> Ver Apêndice A – Linha 34, p. 195

<sup>92</sup> Ver Apêndice B – Linha 9, p. 206 e Apêndice C – Roteiro 8, p. 208

ordenamento, atua como coisa que transborda, despertando agências inesperadas no corpo.

Em contrapartida, a experiência do ACS Piatã<sup>93</sup> mostra outra face dessa fluidez. Ele relatou inicialmente estranhar o bastão, considerando-o algo sem sentido. Contudo, no decorrer do ritual, o significado se transformou: “parecia uma coisa qualquer, sem muito sentido, mas vi que é como um fio a fio que vai ligando as pessoas, como se cada participante fosse colocando um pedaço e ligado a outro, entendi como uma coisa que vai dando vida” (Diário de campo, abril de 2023).

Sua fala ressoa diretamente com a noção de Ingold (2012) de que as coisas não são entidades fechadas, mas se expandem em conexões, capturando fios de outros nós. O “bastão de fala”, nesse sentido, pode ser como uma coisa que flui, que não se encerra em si mesma, quase sempre gera vida no entrelaçamento, tentando transformar a experiência em uma malha viva de tramas de emoções que transbordam pela voz, pelos gestos, e por vezes, por silenciamentos.

De um modo ou de outro, o “bastão de fala” significa, para Pranis (2010, p. 51-52), “um elemento de vital importância para criar um espaço onde os participantes consigam falar a partir de um recôndito íntimo”. Funciona como um catalisador de combustão interna, uma energia que pulsa de forma latente e se torna visível nas reações dos participantes, seja por uma energia emocional, como rememora Collins (2004); seja por ser um elemento liminar, conforme a concepção de Turner (1974); seja, ainda, pela perspectiva de Goffman (2011), que o situa como parte da ordem de interação do ritual; ou mesmo como a “coisa” autônoma apregoada pela Teoria OOO. Ou talvez, não passe de um objeto que segue o movimento da circularidade nos CCP.

#### **4.3.3 Objetos falantes: a peça de centro no ritual e sua biografia encarnada**

O “centro do círculo” ou “peça de centro”, como também é chamado no ritual dos Círculos parece não ser um simples adorno visual. Na interação, muitas vezes, pode revelar-se como elemento vivo, portador de significados que completam simbolicamente o sentido da ritualística. Quando os participantes se dispõem em roda, sentados em cadeiras ou no chão, o “centro” tem a intenção de se tornar o ponto de convergência do olhar, o eixo silencioso em torno do qual o ritual se organiza. Ali

---

<sup>93</sup> Ver Apêndice A – Linha 35, p. 195

repousam objetos que parecem ganhar vida social, participando do fluxo da interação: às vezes despertam sentido e afeto; outras, provocam estranhamento ou indiferença. Mesmo assim, permanecem fixos no espaço central, parecendo irradiar uma força simbólica que, de algum modo, cria asas no imaginário social dos que ali estão.

Como afirma Pranis (2011, p. 14-15):

PEÇA DE CENTRO – Os Círculos usam uma peça central para criar um ponto de convergência que dá apoio ao falar de coração e escutar de coração. A peça de centro geralmente fica no chão, no centro do espaço aberto dentro do círculo de cadeiras. Em geral, é uma base ou um trilho de tecido. O centro pode incluir objetos representando os valores do eu verdadeiro, os princípios que alicerçam o processo, uma visão compartilhada do grupo. As peças do centro com frequência enfatizam a inclusão pela incorporação de símbolos dos membros individuais do grupo do círculo, bem como as culturas representadas no mesmo. Os centros podem ser construídos de forma coletiva, com cada vez mais representação do grupo e dos indivíduos no círculo, à medida que o tempo passa e o grupo volta a se reunir.

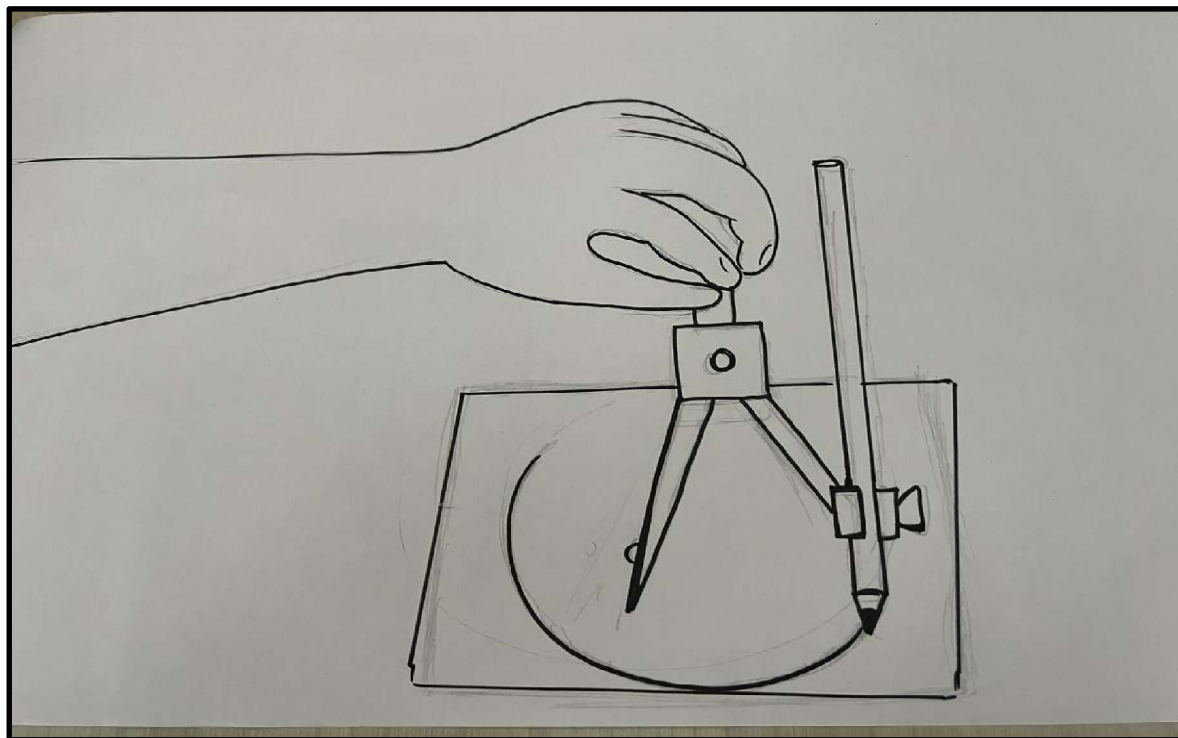
A partir dessas palavras, o “centro do círculo” pode ser compreendido como um território simbólico de ancoragem coletiva. Um espaço onde os objetos, por vezes, investidos de valor e afeto, previamente planejados pelos facilitadores e, em alguns casos, sugeridos pelos próprios participantes, convidam à inclusão de memórias e histórias que parecem dar vida ao ritual. A “peça de centro”, ao que indica, deixa de ser um simples conjunto de coisas e passa a integrar a rede de significações que sustenta o rito. Cada participante é convidado a compor esse “centro”, não apenas com objetos, mas com fragmentos de si, de suas experiências e sensibilidades. O “centro”, portanto, não organiza apenas o espaço físico, parece também compor o fluxo das tramas das emoções do grupo.

Ao que aponta, ele traduz a ideia de convergência: o lugar no qual os olhares se encontram e em que a escuta parece se aquietar. Em diálogo com Turner (1974) e Collins (2004), o “centro” torna-se o foco de atenção compartilhada para manter viva a “energia emocional” do rito, funcionando simbolicamente como possível coração pulsante do Círculo.

Lembro então do sentido etimológico da palavra “centro”, o que significa? Conforme Cunha (2010) etimologicamente, o “centro” tem origem no grego *kéntron*, que tem sentido original ao ferrão de um animal ou uma pequena estaca usada para marcar o ponto fixo em torno do qual se traçava um círculo. Já os gregos faziam isso amarrando um fio à estaca cravada no solo, e desse modo o *kéntron* passou a designar o ponto central, o núcleo na qual o movimento circular se origina.

No campo da matemática, o “centro” também tem um significado específico, um ponto de referência que sustenta o equilíbrio da forma, como tento ilustrar na Figura 3:

Figura 3 – O centro do círculo na matemática



Fonte: Elaborado pela autora e ilustração de Paulo César (2023).

Essa figura traz o “centro” do círculo sendo desenhado. O que é o centro do Círculo? O centro de um círculo, em termos matemáticos, é o ponto fixo a partir do qual os demais pontos da circunferência mantêm a distância, responde Larson e Hostetler (2009), nos seus cálculos e geometria analítica.

Porém, se a matemática nos oferece uma resposta exata, nos CCPs essa centralidade se desdobra em algo que porventura escapa ao mero cálculo. Um espaço vivo, talvez, um campo de forças, um possível convite silencioso à conexão. Eventualmente, o centro é, antes de tudo, um chamado. Como recorda Silva (2022), ele não se impõe, ele tenta atrair. Simbolicamente, o “centro” busca atrair olhares, memórias, hesitações. Quando é organizado pelo facilitador, a intenção é que possa atrair palavras, silêncios e emoções. Como também, pretende atrair resistências e, por vezes, uma vontade latente de partir.

No entanto, o que significa esse “centro” na ritualística dos Círculos de Construção de Paz? Ao que aparenta, não é apenas um ponto fixo arbitrário. Talvez

ele seja a âncora simbólica da experiência do ritual, pensado antes mesmo de a roda se formar, delineado na intenção do encontro.

Tais questões me remetem à Ingold (2012), quando afirma que a “coisa” está para além de sua materialidade: é viva, fluida e atravessada por relações. Assim, o “centro” do Círculo, compreendido como “coisa”, não pode ser visto como algo puramente decorativo. Os elementos que o constituem, no momento do planejamento do Círculo, tentam está associada às motivações do ritual. Parecem sinalizar vivacidades próprias (histórias, texturas, cores e significados que dialogam silenciosamente com as tramas das emoções) que compõem os corpos ao redor, as vozes falantes e os possíveis silêncios na ocasião. E, como todo símbolo no ritual, se visto nas lentes de Collins (2004), o “centro” pode despertar fascínio ou incômodo, frestas de conexão ou erguer muralhas invisíveis, dependendo de como se entrelaça nas emoções e nas presenças que o circundam.

Appadurai (2008) nos convida a pensar nos espaços da imaginação como territórios de encontro entre o vivido e o projetado, entre o passado e o desejo de futuro. Observo que o “centro” do Círculo não pode ser diferente: ele possivelmente pretende mobilizar a imaginação social dos participantes, na tentativa de construir um elo entre o que se vê e o que se sente, entre o que se toca e o que se resguarda. Ao olhar para uma fotografia no centro, por exemplo, alguém pode ver uma lembrança doce, enquanto outro vê uma ausência dolorida. A toalha branca pode sugerir paz para uns, vazio para outros e sem nenhum sentido para outrem. Os objetos ganham sentidos múltiplos, atravessados pelas biografias que ali se entrelaçam, ora destacado por Kopytoff (2008).

Argumenta Kopytoff (2008), as coisas podem ter o duplo significado: primeiramente, como materialidade, e as coisas como objeto que tem sentido cultural, ou seja, não são elementos estáticos, mas dependem da cultura, das pessoas. E dependendo do contexto podem assumir um significado e em outra ser coisa completamente diferente. Nas palavras do autor (2008, p. 89), “a mesma coisa pode, ao mesmo tempo, ser vista por uma pessoa como mercadoria, e como uma outra coisa por outra pessoa”.

Além disso, Kopytoff (2008) ressalta ainda que, as coisas podem ter “biografias”, compreendendo por isso que as coisas têm sentido que se dar a elas, suas atribuições que são nelas inerentes (matéria) e as possibilidades que são conferidas por meio das histórias e memórias sociais que os indivíduos contextualizam

e atravessam suas lembranças. Assim, as coisas que aparecem compondo o “centro” do Círculo durante o ritual, pode ser que venham atravessadas por esse duplo significado pensado por Kopytoff (2008).

E o olhar? Ah, o olhar... Ao que parece, o “centro” do Círculo aprisiona e liberta, fixa e dispersa, isso é a típica ideal que ecoa em Pranis (2010). Alguns participantes desviam, outros encaram longamente, presos em memórias que talvez não gostariam de visitar. Observo que há aqueles que se deixam capturar e falam, compartilham, sentem-se chamados a preencher o espaço com palavras. Há participantes que preferem o silêncio, mas mesmo esse silêncio parece ter peso, parece ter presença. Como sugere Appadurai (2008), os objetos, as imagens e os símbolos trazem a capacidade de projetar futuros possíveis, ainda que não verbalizados. Assim, o “centro” do Círculo parece se tornar um espaço-tempo cheio de possibilidades, um ponto central em que se cruzam o que foi e o que poderia ter sido.

Collins (2004) nos adverte que, nas interações sociais, forma-se uma ordem ritual sustentada por símbolos que exercem força sobre o grupo, pois concentram o ponto de atenção relacional e mobilizam as emoções. Esses símbolos, sejam eles: visuais, gestuais ou materiais, são planejados com a aspiração de tornar-se pontos de convergência para atrair olhares e organizar a copresença dos indivíduos. Assim, o “centro” do Círculo pode ser compreendido como esse eixo simbólico que reúne e orienta o olhar coletivo. Parece um espaço que convoca a atenção compartilhada, apoiando de coração a escuta e a palavra. Como nos recorda Pranis (2011, p. 14-15):

Os Círculos usam uma peça central para criar um ponto de convergência que dá apoio ao falar de coração e escutar de coração. A peça de centro geralmente fica no chão, no centro do espaço aberto dentro do círculo de cadeiras. Em geral, é uma base ou um trilho de tecido. O centro pode incluir objetos representando os valores do eu verdadeiro, os princípios que alicerçam o processo, uma visão compartilhada do grupo.

Recordo de um momento em que fui facilitar um Círculo<sup>94</sup> e, sem saber ao certo por que, minha atenção se prendeu por instantes ao “foco de atenção compartilhada”, voltado à “peça de centro”. Embora não fosse a primeira vez que utilizasse aqueles objetos para compor esse espaço simbólico. Naquela ocasião senti algo diferente, era

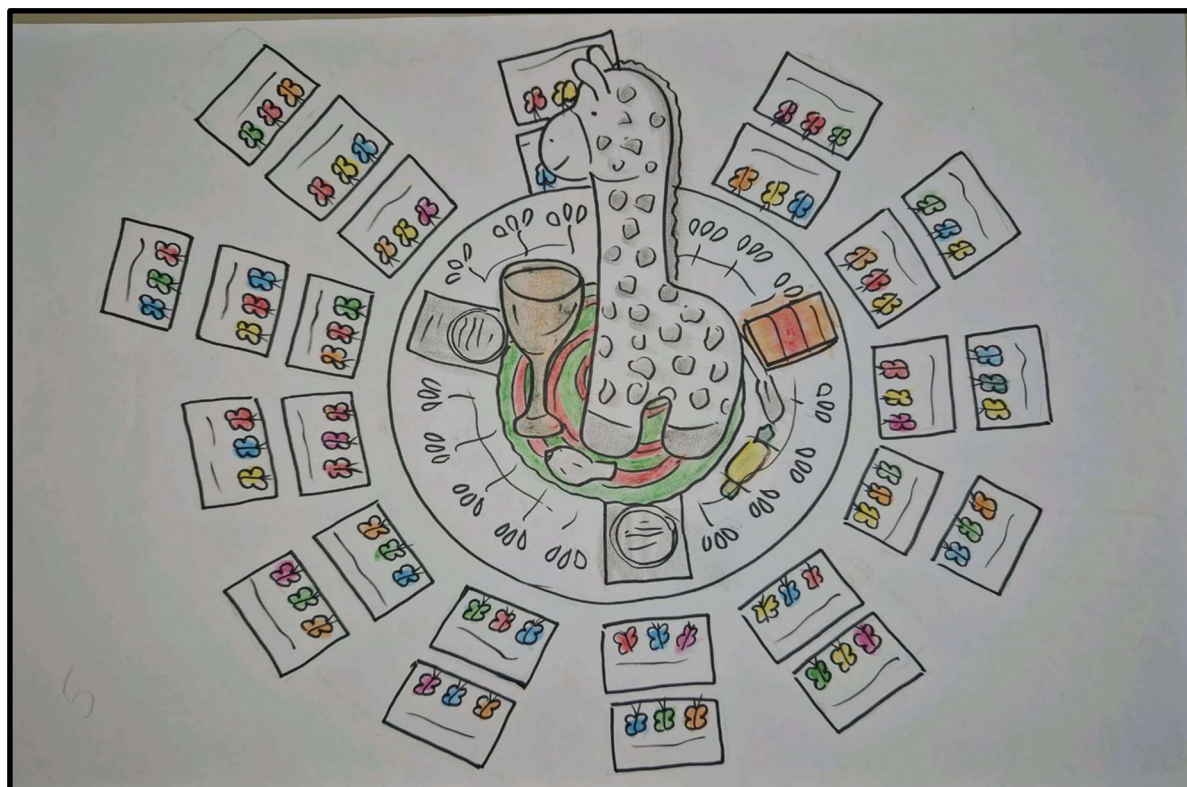
---

<sup>94</sup> O Círculo foi realizado com Agentes Comunitários de Saúde (ACS) em julho de 2023, cujo objetivo foi celebrar o término das atividades na Fiocruz. Estiveram presentes, em média, 18 ACS (com a ausência de dois), além de dois técnicos da Secretaria Municipal de Saúde de Fortaleza (SMS), uma representante da Fiocruz Ceará, uma professora da UECE e três facilitadores dos Círculos de Construção de Paz (CCP). A atividade integrou o Curso para profissionais da saúde desenvolvido em parceria entre o COVIO/UECE e a Fiocruz/CE.

como se o “centro” me chamasse, pedisse silêncio e presença. Fiquei ali, observando-o, sentindo que, mais do que adornar o espaço, ele parecia pulsar junto com a roda, como se tivesse vida própria.

No instante, o “centro” do Círculo já se desenhava, composto por objetos que, mais do que simples “coisas” materiais, pareciam conduzir chamadas de significados. No meio, (ver Figura 4) uma pelúcia de girafa que se destacava diante dos demais objetos, para simbolicamente representar a linguagem da comunicação não violenta<sup>95</sup>, cercada por dois livros, uma taça plástica com alusão a celebração de um momento em coletividade.

Figura 4 – Centro do Círculo de Construção de Paz



Fonte: Elaborado pela autora e ilustração de Paulo César (2025).

<sup>95</sup> Simbolicamente a comunicação não violenta é representada pela girafa, entre os muitos símbolos que atravessam práticas de escuta e presença afetiva, a girafa aparece como uma figura significativa nas propostas de Marshall Rosenberg (2019). Em ambientes onde a comunicação não violenta é cultivada como caminho de encontro com o outro, a girafa é evocada não apenas como metáfora, mas como presença simbólica de uma forma de ser e sentir no mundo. Não é à toa que se escolhe a girafa: esse mamífero, o maior em estatura entre os terrestres, carrega em si um coração de dimensões impressionantes, grandiosidade do coração não se mede apenas em volume. A longa extensão de seu pescoço, que permite ver além, torna-se também imagem de uma escuta que abarca contextos, histórias e silêncios. Nesse Círculo foi usada no Centro para marcar a linguagem não violenta no processo de interação, explicado inicialmente para os participantes.

Ao redor da toalha branca, palavras de valores cuidadosamente dispostas, como se bordassem o espaço simbólico do encontro. Era mais um “centro” de Círculo, estruturado não apenas pelos objetos, mas pela simbologia que eles depositavam.

Ao que indicam, o ritual parece fazer parte da idealização da origem dos Círculos, prática esta inspirada nas tradições antigas, com uma ancestralidade<sup>96</sup> que para Pranis (2010, p. 41), está associada à essência dos Círculos, dizendo que “os fundamentos do Círculo incluem vários pressupostos sobre a natureza do universo (Pranis, 2010, p. 41).

São pressupostos comuns à cosmovisão da maioria das culturas indígenas e, em geral, associados metaforicamente à imagem do Círculos”. Para a autora, sentar-se em círculo faz parte de uma sabedoria ancestral<sup>97</sup> que atravessa o viver em comunidade.

Argumenta Pranis (2010) que os povos originários se sentavam em roda, o fogo ao centro, aquecendo corpos e palavras. Nos CCP, a fogueira cedeu espaço a outros símbolos, porém a intenção permanece: a típica é que o “centro” seja como o coração pulsante do encontro, a força que mantém o Círculo unido. Ela nos lembra ainda que o “centro” não pode ser um mero adorno, mas um agente da experiência.

Observo que o “centro” parece se diferenciar de qualquer outra roda. Para Silva *et al.* (2025), ele “representa o ponto focal, onde são colocados instrumentos simbólicos”. A típica ideal é que ele venha acolher aqueles que não conseguem sustentar o contato visual direto. Parece oferecer refúgio para os que hesitam em se abrir, talvez seja um pórtico para a introspecção e, ao mesmo tempo, um desejo de ser um espelho para as tramas das emoções.

Observo que há quem resista. Ao que indica, há quem se sinta desconfortável. Talvez, há quem deseje que tudo termine logo. Ainda assim, o “centro” parece cumprir sua função: ele está ali, esperando, silencioso e inescapável, ou seja, “o que quer que

---

<sup>96</sup> O significado que se concebe nesta discussão se baseia na perspectiva que Pranis (2010) concebeu na sua inspiração do ritual dos CCP, diretamente vinculada às tradições dos povos indígenas da América do Norte que se reuniam em roda para conversar coletivamente com a comunidade para tomada de decisões e resolução de problemas, partindo dos pressupostos que os indivíduos são bons, sábios, poderosos e estão interconectados no sentido que o que fizerem afetam a comunidade de maneira geral.

<sup>97</sup> Embora esta discussão não contemple outras sabedorias ancestrais também relacionadas a essa prática, reconheço sua existência e relevância, apontando-as como possibilidades fecundas para estudos posteriores

esteja incluído deve representar uma sensação de calor humano, hospitalidade e inclusão, como rememora Boyes-Watson (2011, p. 38).

Ao que tudo indica, o “centro” naquele Círculo<sup>98</sup> com os ACS não se restringiu apenas à minha própria experiência. Ao desviar o olhar para a roda, pude notar como boa parte dos participantes também pareciam capturados por aquele espaço simbólico. Havia sinais de olhares que dançavam sobre os objetos dispostos na “peça de centro”, como se algo ali os atraísse para dentro de si. Eram possíveis observar rastros sutis: expressões vagas, respirações suspensas, corpos em pausa.

Como por exemplo, a ACS Dakota e Ceci<sup>99</sup> cochichavam entre si, trocando sussurros que pareciam tentar escapar da solenidade do momento com olhos fixos no “centro”. Já Araci<sup>100</sup>, com o rosto tenso e o olhar preso ao celular, deixava entrever que sua atenção havia sido sequestrada por outra mensagem, talvez de fora da “peça de centro”.

A ACS Jurema<sup>101</sup>, por sua vez, mantinha um olhar fixo, imóvel, que parecia atravessar o “centro” em direção a um imaginário distante (como se algum objeto ali a tivesse transportado para outra cena), um fragmento de memória ou talvez emoção. Ao meu lado esquerdo, Açucena permanecia rígida, o tronco ereto, quase petrificada; precisei chamá-la duas vezes para que segurasse o “bastão de fala”.

De um modo ou de outro, aquele instante revelou pequenos indícios de que a “peça de centro” não é neutra. Ela mobiliza, distrai, desperta lembranças ou simplesmente provoca indiferença. Como lembraria Ingold (2012), as coisas são vivas: não apenas existem, mas agem, convocam, afetam. Talvez ali, naquela roda, o centro estivesse vivo, entrelaçando cada palavra, cada gesto e cada silêncio.

#### **4.3.4 A experiência na roda com os objetos falantes**

Experienciar os objetos, aqueles que considero simbolicamente falantes, é tentar mergulhar em um campo na qual vozes, expressões e emoções se entrelaçam. São objetos que não se reduzem à matéria e à forma, parece se fazerem presente,

---

<sup>98</sup> Ver Apêndice C – Linha 10 e Apêndice C – Roteiro 9, p. 208

<sup>99</sup> Ver Apêndice A – Linha 36 e 37, p. 195

<sup>100</sup> Ver Apêndice A – Linha 38, p. 195

<sup>101</sup> Ver Apêndice A – Linha 5, p. 195

relacional e dinâmico, como nos diz Ingold (2012), são ‘coisas’ dotadas de vivacidade, um modo de estar no mundo junto com as pessoas.

Para dar vida a experiência com os objetos falantes, descrevo uma ocasião facilitando um Círculo<sup>102</sup>. Relembro que no interior da roda, os objetos parecem falar sem pronunciar palavra alguma. Por vez, eles vibravam no toque das mãos, capturando o olhar, respiravam junto com os corpos. Presumi sustentar a atenção e traduzir emoções que, por vezes, escapavam do discurso. É nesse entrelaçamento entre o toque e a atenção compartilhada que recordo mais um momento vivido na roda, em que os objetos, esses companheiros que carregavam mais do que simbologias, pareciam trazer consigo biografias, histórias inscritas em suas formas, texturas e usos.

E assim rememoro, mais uma manhã de sexta-feira, 5 de maio de 2023. Eu estava novamente na recepção da Fiocruz. O curso seguia com os ACS. Chegamos cedo, éramos três facilitadores e, dessa vez, a organização seria diferente: cada um conduziria seu grupo em uma sala distinta. Os ACS puderam escolher livremente em qual espaço queriam permanecer.

Não sabia dizer se éramos nós, facilitadores, os mais ansiosos, ou se todos partilhávamos a mesma trama de emoções, não apenas no sentido individual, mas profundamente relacional. Parecia nascer da presença do outro, do medo do julgamento, da tensão de estar em um espaço que exigia uma condução segura, mas também sensível. A ansiedade, o medo e a euforia se inscreviam nos corpos que se movimentavam pelos corredores, como uma “energia emocional”, no meio entre o desejo de facilitar e o receio de não conseguir sustentar o fluxo do Círculo, entre o impulso de participar e o medo de se expor.

Nessa trama, cada facilitador seguiu para sua sala, espaços já preparados, silenciosos, à espera dos encontros que ali se teceriam. As cadeiras, dispostas em círculo, pareciam desenhar o contorno simbólico do que estava por vir. No centro, uma toalha redonda verde, com bordas douradas, repousava como se guardasse um segredo. Foi essa a ornamentação que escolhi para o coração do Círculo: o verde,

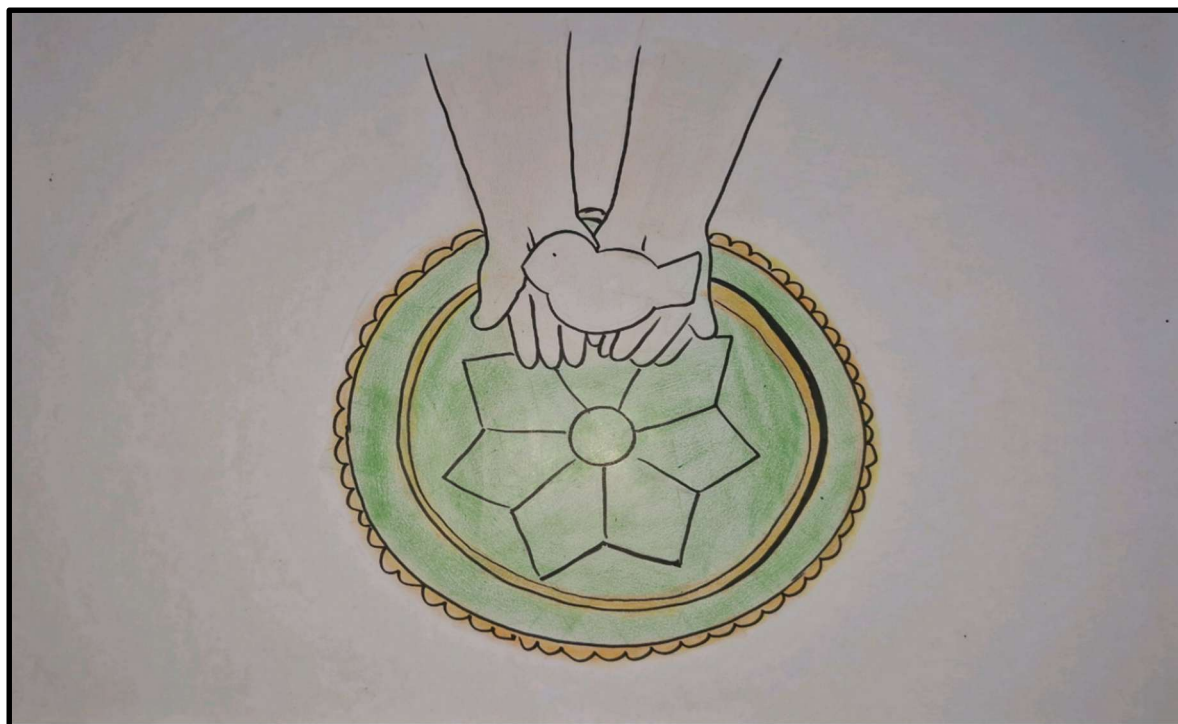
---

<sup>102</sup> Círculo de Construção de Paz realizado em maio de 2023, durante um curso voltado para Agentes Comunitários de Saúde (ACS) na sede da Fiocruz/CE, com a participação de 19 profissionais — em sua maioria mulheres, havendo apenas um homem no grupo. A temática motivadora foi a resiliência, com o objetivo de oportunizar expressões verbais e gestuais sobre o sentido dessa noção como parte do cuidado e do autocuidado.

talvez evocando o cuidado e a vitalidade; o dourado, um convite à luz e à presença. Tudo parecia convergir com o objetivo do encontro: o de preparar o espaço não apenas com objetos, mas com emoção e afeto para tentar tocar no íntimo dos participantes.

O Círculo começou, com poucas palavras o fluxo do ritual foi tomando forma com os participantes. Era como se o tempo se dobrasse sobre si, enquanto meus olhos fixaram a peça de centro (ver Figura 5). Naquele instante, os objetos silenciosos falavam mais do que qualquer palavra: a toalha sussurrava histórias, o pássaro resplandecente exibia uma memória, a caneta com a estrela na ponta voltava ao tempo e a coruja de madeira rememorava uma infância viva.

Figura 5 – Facilitadora com o objeto pássaro de vidro



Fonte Elaborado pela autora e ilustração de Paulo César (2025).

Cada uma destas coisas faziam minhas memórias recordarem lembranças de situações afetivas que tinham significados importantes para minha vida. "Olha, minha irmã trouxe isso para você, achei a sua cara," ecoavam as palavras daquele dia em que recebi o pássaro de vidro de uma irmã muito querida. A lembrança do presente, "um objeto tão delicado, cuide para não quebrar", vinha acompanhada de um sorriso e um abraço afetuoso que não media distância.

Ali estávamos, eu e ele, o pássaro de vidro. Sua transparência parecia falar: "Estou aqui com você. Minha luz reflete em seu rosto". Era mais que uma lembrança; era força para conduzir o Círculo. Segurei nas mãos, pensando: "se eu fosse como ele, um pássaro translúcido, voaria em busca de horizontes invisíveis". O vidro em minhas mãos pulsava, e suas curvas refletiam sonhos e memórias, ressoando no ritmo das minhas lembranças. Recordações que me afetam profundamente no sentido que dispõe Rolnik (2002), não sendo algo subjetivo no sentido individual, mas uma sensação afetuosa que não estava sozinha, trazia voz, sentido e personificação de outras pessoas que se misturavam ao objeto pássaro de vidro. Uma sensação que "qualificarei de "vibrátil", que faz com que o olho seja tocado pela força do que se vê (Idem, p. 01).

Coloquei o objeto no centro, sobre a toalha, que parecia realçá-lo ainda mais. As cores da toalha dançavam na luz do objeto, como se ambos estivessem vivos. Por um instante, me perdi em pensamentos até ouvir uma voz distante e suave: "Cris, vamos terminar, o pessoal está chegando." Acordei das memórias que me abraçavam de um relance só.

A toalha de crochê também carregava histórias para mim: um presente de Aiyra (uma irmã muito querida). "Essa toalha é perfeita para você usar no trabalho", ela havia dito. Verde como a esperança, vermelho como a força de seguir adiante. Palavras que me afetam só em lembrar, um objeto que trazia biografia viva e pulsante.

"Cris, vamos, as cadeiras já estão prontas," insistiu Iracema, aquela que ficara comigo na sala como apoio, me entregando uma caneta prateada com uma estrela na ponta. Outro objeto que impulsionava memórias, desta vez de uma formação de facilitadores de Círculo. Sem hesitar, acrescentei a caneta ao centro, junto ao *maracá*<sup>103</sup> e as tarjetas que ela sugeria com urgência. Também não podia esquecer a coruja de madeira que dizia sobre o amor incondicional de meu filho, esse objeto que

---

<sup>103</sup> De acordo com Zannoni e Barros (2012, p. 28), o *maracá* é um "instrumento idiofônico, de forma globular ou ovóide, feito com o fruto da cabaceira. Ele é usado para marcar o ritmo dos cantos nas cerimônias indígenas em geral. Sua confecção e uso são privativos de homens iniciados. A razão para isso é que, sendo instrumento usado por pajés na mediação com o mundo paralelo e também por chefes de ritos". Utilizo quase sempre, nos Círculos de Construção de Paz que facilito, um *maracá* como símbolo da inspiração ancestral que atravessa a existência desses Círculos. A primeira que adquiri foi produzida pelo povo Tapeba, comunidade indígena localizada em Caucaia, região metropolitana de Fortaleza (CE). Para mim, esse objeto simboliza, ao mesmo tempo, o elo com a origem dos CCP e a presença viva das raízes culturais do território onde atuo — uma forma de fazer ressoar, dentro da roda, o som das tradições que habitam nosso chão. Informações sobre esses povos disponíveis em: <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Tapeba>. Acesso em: 15 jun. 2025. No decorrer da minha trajetória adquiri outros *maracás* que retrato nas figuras de "Apêndices dos Objetos Falantes".

trazia lembranças de uma trajetória acadêmica na filosofia, que ele fazia questão de recordar toda vez que encontrava nas minhas mãos.

Quando o “centro” do Círculo ficou completo, senti o peso das histórias e emoções que aqueles objetos pareciam carregar. Para mim, cada um evocava memórias vivas, tecidas por emoções, tempos que se entrelaçam e memórias que não morriam. Para Ubiratan<sup>104</sup>, talvez fossem apenas parte da composição do cenário. Todavia seriam apenas coisas? Os objetos falam? Guardam sentidos distintos para quem os toca?

A leitura de Appadurai (2008) sussurra que os objetos têm vida social, incorporam memórias, identidades e sentidos que transcendem o visível. Não são apenas coisas, evocam histórias, unem sujeitos e materialidades, e fazem emergir emoções que dançam entre passado, presente e futuro. Ali, no “centro” do Círculo, cada objeto parecia ser mais do que matéria: evidentemente, era elo, era emoção, era voz, era um eco pulsante e silencioso que permeava o ritual.

Isto me faz também lembrar o que argumenta Kopytoff (2008), os objetos podem possuir um significado duplo: podem ser vistos tanto como simples materialidade quanto como portadores de significados culturais. Esses significados, no entanto, não são fixos, pois varia de acordo com a cultura, as relações sociais e os contextos nos quais os objetos estão inseridos. Como foi a situação dos objetos para mim e para Ubiratan, provavelmente com significados diferentes.

Podendo ser compreendido no pensamento de Kopytoff (2008) porque em determinadas ocasiões, um mesmo objeto pode ser percebido como uma mercadoria, uma simples matéria. Enquanto, em outras situações, pode adquirir um valor simbólico completamente distinto, como foi o meu caso, um valor afetivo tamanho do objeto pássaro de vidro, da coruja de madeira e da toalha. Como afirma o autor, “a mesma coisa pode, ao mesmo tempo, ser vista por uma pessoa como mercadorias, e como uma outra coisa por outra pessoa” (Kopytoff, 2008, p. 89).

Esse pensamento se amplia com a ideia de que os objetos possuem biografias, ou seja, agregam histórias, memórias e contextos sociais que atravessam sua materialidade. A “biografia dos objetos”, como argumenta Kopytoff (2008), não se restringe apenas às suas características físicas, ela envolve os processos sociais e culturais que conferem valor e significado ao longo do tempo. Cada objeto tem sua

---

<sup>104</sup> Ver Apêndice A – Linha 39, p. 195

trajetória e pode ser investido de sentidos diferentes, dependendo de quem o observa e da situação em que se encontra.

Na “biografia dos objetos”, pensamentos e experiências se acumularam, agregando valores que muitas vezes escapam aos olhares daqueles que não acompanham essas narrativas. Para Kopytoff (2008, p. 93-94), a biografia de um objeto simboliza uma teia complexa de julgamentos, convicções e valores que atravessam as relações sociais e determinam a forma como ele é percebido e utilizado. Os objetos transitam entre diferentes significados ao longo de sua existência. Essa maleabilidade na atribuição de sentidos confirma que as biografias das coisas não são estáticas, mas sim apresentam características culturalmente sonoras e universais, “as biografias das coisas não podem ser assim tão parciais” (Kopytoff, 2008, p. 94), porque são fenômenos culturalmente universal, confirma ele.

Por assim dizer, a minha experiência descrita no encontro com os objetos (ver Figura 6): a toalha de crochê, o pássaro de vidro, a coruja de madeira e a caneta prateada é, quase sempre, portadoras de memórias e afetos, pois esses objetos não atuam apenas matéria inerte, parecem elos entre tempos e experiências, atravessados por minhas histórias e relações, por vínculos que deixaram marcas de emoções.

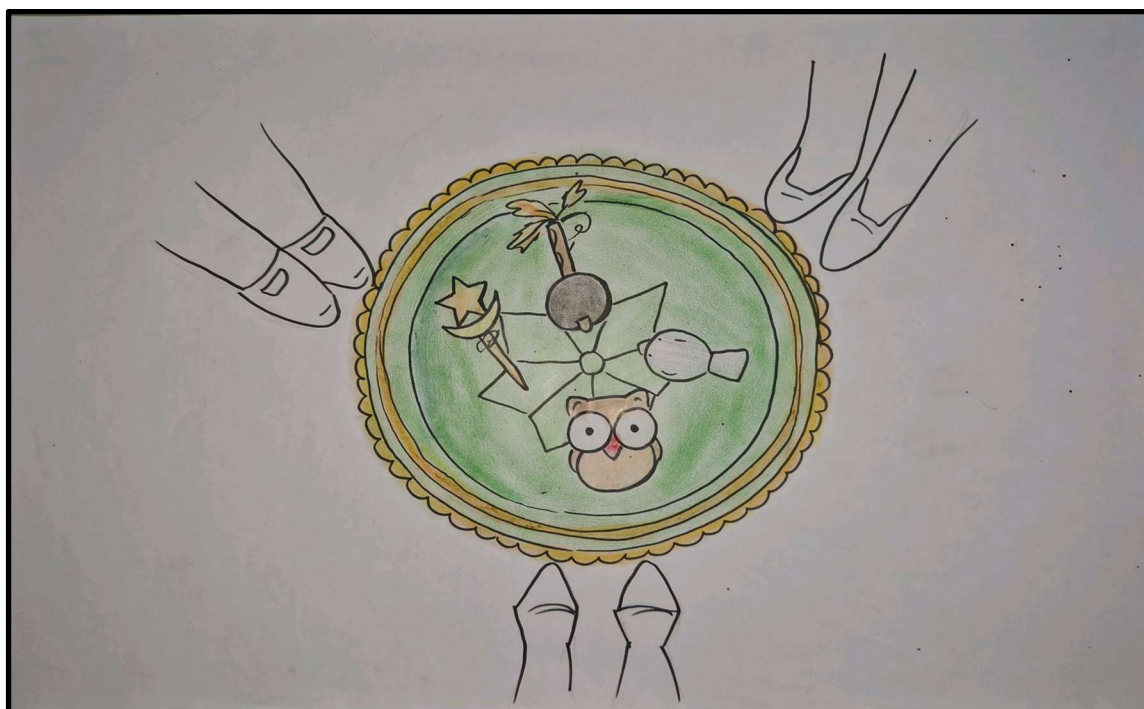
O pássaro de vidro, com sua transparência, não se reduz a um presente para mim; ele carrega o peso simbólico da delicadeza, da lembrança e do cuidado de uma pessoa muito especial que já não se encontra neste universo, tornando-se um marcador de minhas recordações emotivas que retornam no momento exato do Círculo. Da mesma forma, a toalha, a coruja e a caneta, não são meramente simples ornamentos, são elementos que evocam presenças e ausências de minhas trajetórias anteriores, trazendo consigo os gestos, os afetos e os interesses daqueles que me presentearam. Recordo que o *maracá*<sup>105</sup> que sempre utilizo não é apenas um objeto. Ele fala. Canta memórias no seu tilintar, narra histórias que se entrelaçam ao som de sua vibração. Desde os primeiros Círculos que conduzi como facilitadora, tornou-se

---

<sup>105</sup> Explica Rodrigues (2023) que o maracá é um dos instrumentos musicais utilizados por alguns povos tradicionais. Ele serve para mostrar o jeito único de fazer música de cada cultura e é usado para acompanhar rituais, danças e músicas. Geralmente, é feito com uma cabaça ou coité, que é oco por dentro e recebe sementes, pedras ou outros objetos que fazem barulho ao chacoalhar. O instrumento é atravessado por um pedaço de pau para facilitar o movimento.

mais que um bastão de fala, significa testemunho e guardião de um caminho trilhado coletivamente. Quando o coloco no “centro” do Círculo, ele está relacionado e não silenciado para mim. Ali, sinto afetos densos, lembranças que me atravessam e sustentam minha jornada.

Figura 6 - Os objetos portadores de afetos



Fonte: Elaborado pela autora e ilustração de Paulo César (2025).

Na confluência do pensamento de Appadurai (2008) e Kopytoff (2008), os objetos “falam” porque possuem uma biografia social, não são só as pessoas que têm histórias. Os objetos possuem trajetórias que deixam marcas, eles mediam relações sociais e afetivas, eles agregam valores mesmo sutis. Lembro que o *maracá* reflete essa trajetória de emoções e sentidos que, quase sempre, parece ser acionado no momento que a ponho no Círculo, por isso sinto o peso afetivo que o objeto *maracá* porta sobre minhas memórias.

Os objetos, então, transitam pelos mundos e ganham novos sentidos em cada mão que os acolhem. Esse *maracá* traz em si os rastros da caminhada de encontros e desencontros, tropeços e resistências. Parece ser um sinal de uma coletividade que acreditou que os Círculos pudessem abrir brechas para a escuta, e que talvez as palavras poderiam reverberar não apenas no ar, mas no corpo e nos objetos. Uma

memória coletiva de profissionalismo, de amizade, algo que começou anos atrás no percurso da minha trajetória de trabalho e de pesquisa.

Ao olhar para os objetos que sempre me acompanham nos Círculos, vejo um álbum de lembranças que não se deixa fechar e tampouco desejo apagar. Cada risco no *maracá*, cada marca no seu corpo de cabaça guarda os gestos de quem a segurou, as vozes que por ela passaram. Ela não é só minha, é nossa. Um objeto que fala, que dança entre mãos e histórias, que segue contando, sentindo, deixando rastros de quem ousou rememorar.

Mensch (1994) acrescenta à compreensão de Appadurai que os objetos possuem sua própria natureza que diz respeito a sua forma, densidade, elementos que os fazem ter sua materialidade representativa, como ainda está relacionada aos valores sociais, estéticos e culturais. Assim, não deixa de se relacionar de uma maneira ou de outra com as pessoas que atribuem significados e lembranças.

Ao que parece, tem o sentido de conectar os indivíduos às suas histórias e memórias, podendo emergir a capacidade afetiva que podem unir e lembrar laços perdidos, inviabilizados na vida cotidiana. Ao passo que é visto, ou tocado, ou lembrado, podem despertar sensações. Os objetos são, então, fontes de mediação das emoções, das memórias, das histórias e até parte do eu da pessoa, como afirma Marcus Dohmann (2013), na discussão sobre a cultura material do objeto.

Os objetos parecem falar. Não apenas pelo que são, porém pelo que evocam, pelo que fazem sentir. Um objeto que descansa no centro do Círculo tem corpo, força e urdidura. Como nos lembra Mensch (1994), sua materialidade é importante, na curvatura que se acomoda à palma da mão, no som que vibra entre dedos e ouvidos, na presença que impõe ao ser tocada. No entanto, sua forma não se esgota no que se vê ou se sente; parece um portal para os significados que a atravessam. Parece também que transitam entre tempos e lugares, ganhando novas camadas de sentido a cada encontro, a cada uso, fala Appadurai (2008).

Dessa maneira, Dohmann (2013) diz que os objetos não são apenas coisas inertes, mas extensões do eu. São matéria e memória costuradas no tempo, pedaços de um passado que pulsa no presente. Olhar para um objeto, tocá-lo, lembrar-se dele é, muitas vezes, reencontrar-se. Assim, os objetos que utilizo não apenas gravam os Círculos vívidos, mas certamente revive laços que poderiam ter se perdido no ritmo acelerado da vida cotidiana. Ele pode ser conciliação que conecta presenças e ausências, que une mãos e histórias.

E assim, ao “centro” do Círculo, os objetos estão possivelmente envolvidos e parece nunca dormir. Como um pulsar contínuo, desperta a escuta, a presença, o sentir. Entre sua materialidade e sua memória, talvez ele seja quase sempre passagem, uma chama viva que insiste em permanecer acesa. São indicativos que fazem parte do ritual, parte do corpo de quem os toca, parte do fluxo de um tempo que não se apaga e possivelmente se refaz a cada encontro.

Nesse sentido, fiquei pensando na lembrança de um Círculo que ocorreu em junho de 2024. O encontro aconteceu com quinze professores de uma escola da rede pública estadual do Ceará. Fui convidada a conduzir o Círculo<sup>106</sup> com o propósito de reunir os docentes e reanimá-los para o encerramento do segundo semestre letivo daquele ano. Eram profissionais experientes, com mais de quinze anos de docência, muitos deles diretores de turma: figuras que atuam como coordenadores e interlocutores diretos entre estudantes e equipe escolar. O grupo era formado por oito professoras e sete professores.

Foi um Círculo em que as palavras pareciam mobilizar lembranças e silêncios capazes de tecer sentimentos íntimos. Como facilitadora, testemunhei histórias que se cruzavam no “centro” do Círculo, entre gestos contidos e vestígios de olhares que pareciam buscar acolhimento. Ali, educadores que cotidianamente sustentam a vida escolar se permitiram também sentir, partilhar e se afetar.

A resiliência — essa capacidade de, apesar de rotinas marcadas por tempos e aulas rigidamente determinadas, os professores ainda encontram espaços para acolher o imprevisto, como situações de violência, luto, entre outras questões que exigem fortaleza para amparar os estudantes — fazia parte da trama e parecia pulsar em cada narrativa, em cada pausa necessária para conter a emoção. Tratava-se de uma roda em que o cansaço parecia encontrar escuta e em que o cuidado, por vezes, ganhava forma no movimento sutil do diálogo, ao lidar com questões emocionais que indicavam fragilidades emotivas capazes de abalá-los, evidenciadas nos ditos trêmulos e nos não ditos de olhares e corpos inquietos.

O dia chegou para esse Círculo, aconteceu no dia marcado, às 9 horas da manhã, o “centro” do Círculo se encheu de presenças, não apenas dos professores,

---

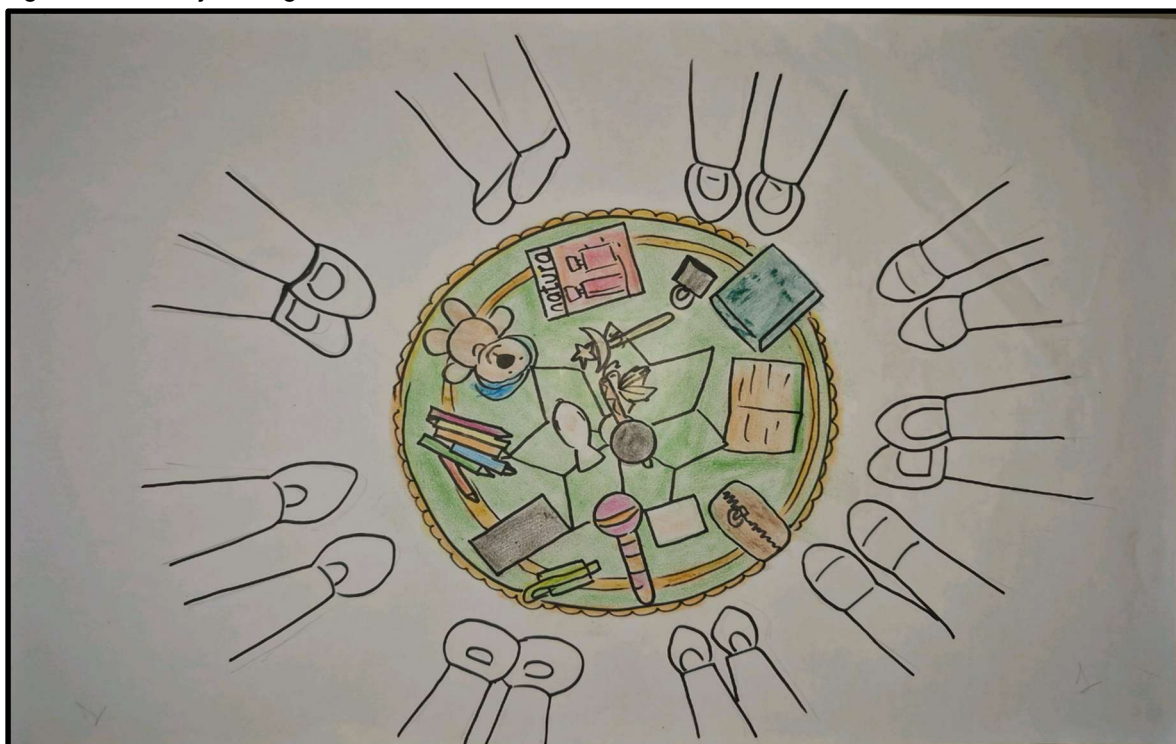
<sup>106</sup> Círculo de Construção de Paz com à temática “acolhimento dos docentes”, convidada pela gestora da escola da rede estadual do Ceará, localizada em Fortaleza na área oeste da cidade, da disciplina no dia 26 de novembro de 2024, com 15 professores presentes. Ver Apêndice B – Linha 11, p. 206 e Apêndice C – Roteiro 10, p. 208

possivelmente das histórias que os objetos pareciam carregar. Observei que havia um mundo ali, materializado em diversas formas e texturas para cada um que os trouxe. Os objetos não são apenas matéria inerte, mas têm vida social, lembrei de Appadurai (2008). Diante daquele cenário, observei que o espaço não estava apenas preenchido por coisas, talvez permeado por memórias que, silenciosamente, esperavam para serem contadas ou permanecessem no silêncio.

O “bastão de fala” começou a circular. Segurando o pássaro de vidro entre minhas mãos, contei minha história (etapa da contação de histórias). Não sei quanto tempo levei para narrar, uma sensação de que não era apenas eu quem falava. O objeto parecia contar por si só, utilizando minha voz como ponte. Enquanto meus olhos permaneciam fixos nele, senti que o pássaro pulsava, como se sua transparência refletisse não só a luz, mas também os sentimentos que nele habitavam. Quando terminei e levantei o olhar, vi que todos pareciam atentos, possivelmente envolvidos na atmosfera que se criava ali.

O “centro” do Círculo (ver Figura 7) já pulsava com outros objetos pessoais: uma revista que se destacava, um estojo de lápis de cor marrom desgastado, um cachorro de pelúcia com sinais de afeto no tecido gasto, um cadeado envelhecido que parecia não ter chave, entre outros objetos que dançavam sob a toalha.

Figura 7 – Os objetos significativos



Fonte: Elaborado pela autora e com ilustração de Paulo César (2025).

Cada um ali, parecia disposto com uma espécie de cuidado ritualístico. A “peça de centro”, por alguns segundos, notei que se tornou um ponto de convergência não apenas dos olhares, talvez de sensações que ali transitavam, silenciadas, mas presentes, lembrando aqui do foco de atenção discutido por Collins (2004).

Os participantes se aproximaram, alguns hesitantes, outros decididos. Observei que houve aqueles que, antes de soltar o objeto, pararam por um breve instante, como se o gesto exigisse um tempo de despedida. Outros entregavam com um movimento tão lento que pareciam carregar um fio de resistência, uma tentativa de prolongar o vínculo. Os olhares fluuavam entre os objetos desejados no centro, percorrendo suas formas e texturas, talvez buscando conexões invisíveis entre aquelas pequenas peças de si mesmas.

Então, a peça do centro já irradiava muitas coisas, eram os objetos dos participantes que pareciam prender os olhares no Círculo, de um em um, foram disponibilizados sob a toalha. Observei que tinham um cuidado para colocar ali no centro, alguns paravam e ficavam olhando antes de se dispor dele, outros colocavam numa lentidão que pareciam não querer desapegar, entre outros, que ficavam vagando o olhar para os objetos que ali estavam. Um instante em que notei que os pensamentos estavam distantes e um silêncio predominava por segundos na atenção aos objetos.

Ao passar o bastão, a participante Juçara<sup>107</sup> o segurou com delicadeza e logo abraçou seu objeto, contudo a fala não veio. No lugar das palavras, veio as lágrimas, escorrendo num choro que dizia mais do que qualquer frase poderia expressar. Seu objeto, silencioso para os outros, sussurrava para ela. Como aponta Mensch (1994), os objetos possuem uma concretude significativa que não se limita ao toque, talvez se entrelacem a valores sociais, estéticos e culturais que são atribuídos. Para Juçara, aquele objeto não era apenas um vestígio de memória, parecia ser um elo, um monumento que ressoava marcas de emoções tão íntimas que a fala se tornou desnecessária.

Repetindo seu silêncio, Juçara passou o “bastão”. Piatã<sup>108</sup>, apressado, pegou seu objeto: uma bolsa de lápis. Segurou-a com firmeza e, por um momento, o tempo pareceu se dobrar. Como remete Dohmann (2013), os objetos são extensões do eu,

---

<sup>107</sup> Perfil Apêndice A – Linha 40, p. 195

<sup>108</sup> Perfil Apêndice A – Linha 41, p. 195

matéria e memória costuradas no tempo. Para Piatã, aquela bolsa de lápis não era apenas um estojo antigo. Provavelmente, um símbolo de um passado que ainda vibrava dentro dele. Reviveu a lembrança de quando, ainda menino, recebeu o presente de sua mãe. “Foi como ganhar o melhor brinquedo do mundo”, disse, interrompido por alguns segundos. O silêncio se formou, foi denso, repleto de lembranças que talvez nem coubessem em palavras.

Quando retomou a fala, a emoção transbordava, lágrimas escorriam sobre sua face. Contou que aquela bolsa de lápis personificava um desejo que sua mãe sempre expressava: “Você vai conseguir mudar sua vida pelos traços dos seus estudos” — dizia ela. Parecia que a frase ecoava como um mantra, um compromisso que ele carregava ao longo da vida, pavimentando seu caminho rumo a horizontes que antes eram inalcançáveis. Ao que aparenta, o objeto não foi apenas um resquício do passado, mas sobretudo, um testemunho vivo de um sonho construído e realizado. Ele supostamente se tornou um marcador de vida, pertencimento e *status*, talvez comunicando algo sobre o que podia conseguir, o objeto marcou sua trajetória social como bem dizia Appadurai (2008).

Antes que o “bastão” seguisse adiante, Winona<sup>109</sup> se apressou, segurando sua revista com as duas mãos. “Meu Deus, como algo tão simples pode ser tão significativo para minha vida?”, — disse ela, engolindo um choro que parecia querer soltar. Como nos lembra Appadurai (2008), os objetos não apenas circulam, mas se transformam com os significados que lhes são atribuídos. E para Winona, esse pensamento tornou-se real, aquela revista não era apenas papel impresso, mas um símbolo de luta e resistência, um lembrete constante das batalhas que travou e da força que encontrou em si mesma para sua sobrevivência.

Diante de todos esses relatos no Círculo, compreendi que os objetos não apenas falavam, pareciam que emitiam significados. Eles gritavam, com vozes cheias de emoções e memórias. Contavam histórias que atravessavam o tempo e a pele, que podiam trazer consigo a presença dos que vieram antes e dos que permaneceram.

Naquele Círculo, parece que não havia “coisas” inanimadas, havia testemunhas, narradores silenciosos que, em suas materialidades, pulsava com emoções naqueles que os tocavam. Os objetos, afinal, não são apenas matéria. Talvez sejam ecos. Possivelmente, sejam rastros. Certamente, são vozes invisíveis

---

<sup>109</sup> Ver Apêndice A – Linha 42, p. 195

que, em momentos como esses, encontram formas de serem ouvidas. Parecem “coisas” que movem os que estão no ritual.

Juntos, esses autores ora citados permitem compreender os objetos do ritual não como acessórios, mas como coisas afetivas e simbólicas. Os objetos, assim, parecem articular emoção e coletividade, podendo marcar limiares e possivelmente sustentando vínculos e participando ativamente da trama emocional dos Círculos de Construção de Paz. Portanto, os objetos “falantes” do Círculo parecem ser mais que ornamentos ou recursos metodológicos: parecem ser fios vivos que participam das histórias, memórias e lembranças do ritual compartilhado.

## 5 CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS: AS TRAMAS DAS EMOÇÕES COMO FENÔMENO SOCIAL

Os gestos, as mímicas, as posturas, os deslocamentos exprimem emoções, desempenham atos, acentuam ou nuançam um discurso, manifestando significações em permanência, para si e para os demais (Le Breton, 2019, p. 50).

As palavras nascem no Círculo, frequentemente enredadas pelos jeitos de sentir de cada pessoa ali presente. A emoção não é um conceito distante, além de um termo teórico a ser definido, também se faz ver em um corpo que pulsa, em um gesto que vibra, um silêncio que pesa no sentido que Freitas (2003) retrata, um silenciamento que possa revelar vários significados. Portanto, não busco apenas falar sobre emoções, mas escutá-las, percebê-las em sua tessitura social, como indícios que são compartilhados nas histórias encarnadas nos encontros dos Círculos.

Ao longo desta escrita, sigo em busca de um caminho que cruze as trilhas da Sociologia e da Antropologia das emoções. Sei que nos debates teóricos mais consolidados, essas vias costumam ser tratadas como distintas e talvez o sejam em seus gestos fundadores, em seus modos de perguntar ao mundo. Mas o que me move aqui não é a delimitação de fronteiras formais e sim a possibilidade de escuta entre os campos. Da oportunidade de me deixar transitar entre as distintas dimensões que trazem a categoria emoção com base social e cultural. É desse atravessamento que parto, amparada por autoras e autores que já se colocaram, já refletiram e pesquisaram esse campo de entrelaçamentos e aproximações.

Não se trata de ignorar as diferenças entre as disciplinas (Sociologia e Antropologia), tampouco de dissolvê-las, contudo de reconhecer que, na costura da minha experiência de pesquisa, elas conversam, pelo menos eu que busco fazê-lo na construção dos diálogos. E mais do que isso: quando se dão as mãos, ajudam a sustentar o propósito desta tese — compreender as tramas das emoções que se tecem nos Círculos de Construção de Paz por fios sensíveis que emergem entre expressões, narrativas, gestos e objetos.

O campo da Sociologia e da Antropologia das emoções se consolidou no Brasil por volta da década de 1990, surgindo em meio à reflexão e disputas teórico-metodológicas na tentativa de situar as emoções como categoria central na compreensão da inter-relação entre indivíduos e sociedade, um eixo fundamental para as Ciências Sociais. Nesse sentido, as emoções concebidas, nesta tese, não são

simplesmente experiências subjetivas, são construções socialmente mediadas, permeadas por significados culturais, históricos e relacionais. Ao comungar com Koury (2014, p. 841), elas podem ser compreendidas como “constructo social”, um olhar que orienta minha abordagem, ao buscar investigar as emoções não como características isoladas, mas como elementos estruturantes das dinâmicas sociais e intersubjetivas.

Nesse sentido, Catherine Lutz (1988) pode acrescentar ao debate a reflexão que as emoções não são simplesmente reações automáticas determinadas biologicamente, são fenômenos que sofrem influências por normas sociais, práticas culturais e estruturas de poder. As emoções são conhecimentos situados pelo contexto social e cultural específico. São formas de saber situadas no tempo e no espaço, experiências que emergem de variados encontros e se inscrevem nos corpos e nas histórias por meio das interações.

Nos Círculos de Construção de Paz, as emoções não se limitam à análise, parecem que elas se fazem presença viva nas tramas emocionais. Porventura surgem na troca de olhares, na palavra que ousa sair, no silêncio que parecem trazer significados íntimos. O ritual do Círculo amiúde convida ao sentir, ao perceber e ao viver o instante. Ao que indica, a emoção pode ali não ser isolada, como se fosse expressão de um só, ela se movimenta entre os corpos, atravessa gestos, constroem vínculos e distâncias e torna-se viva por meio dos objetos ali representados.

Lembro de um Círculo que uma participante<sup>110</sup> mencionou no *check-out* que estava saindo do encontro com a sensação de que suas emoções estavam se cruzando com a dimensão dos outros: “sinto que não só apenas eu que fico assim emocionada, vi que muita gente se sentiu assim né... as emoções são atravessadas com as das outras pessoas, por isso saio bem daqui” (Diário de campo, outubro de 2024). Deste modo, para Curumim, as tramas das emoções são construídas coletivamente e considera isso um fator que lhe deixa bem.

Observo os indícios que as emoções frequentemente podem nascer nas trocas de olhares, no roçar das palavras, no silêncio que se estende entre um fôlego e outro. Mauro Koury e Barbosa (2003; 2015) nos dizem que elas não são apenas nossas, podem ser uma trama delicada de sentidos tecidos na interação com o outro. Simbolicamente são capazes de ser fios de afeto que podem causar a sensação de serem emoções compartilhadas. Sentimos com, sentimos pelos, sentimos por,

---

<sup>110</sup> Participante Curumim Ver Apêndice A, Linha 14, p. 195

sentimos através. Aos ditos de Curumim os Círculos podem dar essa sensação de que não há emoção solitária, elas podem ser atravessadas, construídas e compartilhadas na experiência com o grupo.

Não basta sentir, esclarece Cláudia Resende e Cláudia Coelho (2010), é preciso olhar, observar sistematicamente, para o que move os campos e expressões do sentir. Assim, as emoções não são meras respostas do corpo, impulsos desgovernados que brotam sem razão. Ao longo dessa pesquisa, pudemos observar que as emoções se movem por dobras e dispositivos nem sempre visíveis, mas que parecem se ajustar aos limites do que pode e do que não pode ser dito, do expresso, do permitido e do que se guarda para si. Conecta-se à linguagem, a um conjunto de gestos, bordados pelas regras sociais que, às vezes, aprisionam, outras vezes, libertam a expressão de sentimentos.

Nos Círculos de Construção de Paz, a típica ideal se constitui em um emaranhado de emoções que perfazem cada momento da ritualística. Quem fala? Quem escuta? Quem ousa deixar atravessar? Observo que cada emoção ali se pressupõe que derrama no coletivo, hesitante ou plena, aguardando ressonância. No Círculo, frequentemente os corpos se juntam nas dobras de emoções comuns – vergonha, medo, silêncio, e na partilha, frequentemente nota-se que cada participante, percebendo-se precário, por vezes frágil, angustiado, se descubre na visão do outro, menos inseguros, um pouco mais inteiros.

O cenário dessa discussão pousa como um convite para escutar o que não é dito, para perceber o que atravessa os ditos no Círculo nem sempre por meio da linguagem oral. Almejo mover uma dimensão subjetiva da experiência – aquela que sugestiona pela interação no grupo, pelo que escapa à análise fria e se inscreve no corpo, na respiração, na pausa entre uma palavra e outra, entre o silêncio e o possível choro, nos vestígios que, boa parte das vezes, são imperceptíveis. Talvez, porque as emoções pulsam, e ao pulsarem, contam histórias e memórias que amiúde dinamizam de forma singular cada encontro.

Aqui, percorri o trajeto da Sociologia e da Antropologia das emoções, campos que procuro conjugar na perspectiva de poder discutir o cerne do meu objeto, não esquecendo que a pesquisa de campo pode apresentar a necessidade de outras bases teóricas para dar densidade à discussão, principalmente ao que de fato me inquieta: De que forma as tramas das emoções, tecidas por expressões, gestos, discursos e objetos, se manifestam e ganham sentido nos Círculos de Construção de

Paz? O que parecem revelar as tramas das emoções, expressas em palavras, corpos e objetos no ritual de interação dos Círculos? Questões que almejo trazer para este capítulo.

### **5.1 Emoções: história, conceito e construto social**

Era mais um dia na caminhada com os Círculos. Parecia que tudo corria conforme o planejado. Cheguei antes do horário previsto ao Evento Universitário, e os dois facilitadores também já estavam presentes. Seria mais uma ocasião em que conduziríamos a oficina “Construindo cuidados e afetos nos Círculos de Paz”. Irradiava entre nós uma empolgação, vontade coletiva de experimentação. Iniciamos a organização da sala, dispondo as cadeiras em formato circular. A peça de centro tinha a intenção de harmonizar o encontro: uma toalha branca, com bordados delicados nas extremidades, conferia uma imagem luminosa à roda. Dessa vez, optei por dispor apenas livros sobre os Círculos, numa tentativa de materializar a literatura que sustenta teoricamente essa prática.

Aos poucos, a sala assumiu a forma do ritual. A organização espacial ficou pronta antes do horário marcado, às 14 horas. O som de uma música instrumental buscava instaurar um clima leve e acolhedor para receber os participantes. O tempo avançava, e a apreensão aumentava a cada ruído na porta, provocado por pessoas que procuravam suas atividades no evento. Naquele dia, estavam previstos oficinas, minicursos, apresentações de trabalhos, entre outras atividades. Para nós, o que importava eram apenas os possíveis participantes da nossa oficina.

O alarme do celular da facilitadora soou pontualmente às 14 horas, e nenhum participante havia chegado. Ao olhar para ela, tentei confortá-la: “não se preocupe, o pessoal já vai chegar”. Como eu tinha uma apresentação de artigo, conforme combinado, deixei os facilitadores conduzindo o início do Círculo enquanto me ausentava por alguns minutos. Cerca de vinte minutos depois, retornei à sala, que permanecia exatamente como antes: apenas os facilitadores estavam ali, agora com gestos que indicavam desânimo. A sensação de entusiasmo inicial havia se dissipado, algo que tentei contornar propondo, naquele momento, uma reflexão coletiva sobre o que poderíamos fazer em oficinas futuras.

Entre nós, as emoções se manifestaram de formas distintas. Eu apostava na continuidade da submissão da mesma oficina em outros eventos acadêmicos. Um dos

facilitadores<sup>111</sup>, por sua vez, sustentava a possibilidade de buscarmos espaços fora da universidade, argumentando que o ambiente acadêmico não valorizava a dimensão emocional: “até eu não consigo lidar muito bem com os universitários quando se trata da dimensão emocional; confesso que não sei como trabalhar nessa perspectiva” (Diário de campo, março de 2024).

A outra facilitadora<sup>112</sup> Endir, apresentava uma percepção distinta, que, de certo modo, convergia com a minha, ao defender que não desistíssemos do espaço acadêmico, lembrando que a oficina já havia ocorrido em outras situações: “acho melhor a gente submeter em outro momento a mesma oficina, afinal, já tivemos todo o trabalho de planejar, né?” (Diário de campo, março de 2024).

Nessa ocasião, observei como lidar com as emoções em um campo no qual a dimensão emocional não parece ocupar um lugar central pode se mostrar particularmente desafiador. Seja pela inexperiência, como afirmou o facilitador Ubiratan ao reconhecer sua dificuldade em trabalhar essa dimensão, seja por outros fatores que atravessam a atmosfera acadêmica, os quais não pretendo aprofundar aqui, algo parecia tensionar a presença das emoções nesse espaço.

A ausência de participantes nesta oficina revelou-se, assim, como um dos percalços reflexivos da minha trajetória enquanto facilitadora dos Círculos. Um episódio que remete à complexidade tanto da prática quanto da própria discussão teórica em torno da categoria emoção, levando-me, reiteradamente, a questionar como esse fenômeno social é compreendido, legitimado ou silenciado em determinados campos.

Dentro dessa experiência, a categoria emoção é aqui compreendida como um fenômeno complexo, independente do campo, sendo improvável abordá-la dentro de uma ótica definitiva. Me deixo guiar pela alerta feita por Torres (2009) que não há como integrar todas as discussões sobre a temática das emoções em um único autor sobre uma só perspectiva, embora também reconheça que seria inviável considerar todos. Nesse sentido, vou escolher aqueles que à primeira vista, conseguem corroborar com minhas discussões sobre meu objeto, partindo da aceção que “também não acredito que seja possível integrar a diversidade das contribuições em uma teorização única e completa sobre emoções, por haver diferenças essenciais que

---

<sup>111</sup> Neste caso, o facilitador foi o Ubiratan, ver Apêndice A – Linha 39, p. 195

<sup>112</sup> Ver Apêndice A – Linha 25, p. 195

não podem e nem devem ser ignoradas” (Torres, 2009, p. 12).

Partindo para o surgimento dos estudos sobre a emoção, nos Estados Unidos remete à metade da década de 1970. Nas décadas de 1950 e 1960, aconteceu um possível deslocamento de atenção nas discussões, fato que tem relevância nos seguintes aspectos: a preocupação com os estudos sobre a ação social do indivíduo foi deixada de lado e, conseqüentemente, os atores sociais e sua dimensão emotiva foram relegados, sendo que o foco predominante recaiu sobre as discussões relacionadas às estruturas sociais (Koury, 2004).

Torres (2009) acrescenta a essa discussão que, embora o estudo das emoções já estivesse presente em diversas reflexões de clássicos e de autores europeus e norte-americanos, foi apenas nas últimas décadas do século XX que as emoções se consolidaram como objeto de estudos mais específicos no âmbito da Sociologia e da Antropologia das emoções, ou melhor:

Na sociologia norte-americana, a análise das emoções é considerada no âmbito do debate travado entre duas posições majoritárias que contrapõem os temas da “naturalidade” e da “construção sociocultural”, representados respectivamente por Theodore Kemper e Jonathan Turner, Arlie Hochschild, Susan Shott e Steven Gordon, no período compreendido, mais precisamente, entre as décadas de 1970 e 1990 (Torres, 2009, p. 16).

Observo que existiam duas dimensões de percepção das emoções: A primeira, de cunho universalista — articula a visão funcionalista à perspectiva evolucionista (Darwin e Freud) — que concebe as emoções como fenômenos inatos e fisiologicamente determinados; e a segunda, de orientação construtivista, compreendia as emoções como fruto de fatores culturais específicos, mediadas pela interpretação subjetiva dos sujeitos no processo de interação social, influenciando a maneira como os indivíduos as experimentam fisiologicamente, em outras palavras:

a primeira tendência, de cunho universalista, compreendida pelas abordagens de Theodore Kemper e Jonathan Turner, mescla concepções funcionalistas, evolucionárias (Darwin) e psicológicas (Freud) com uma leitura “fiscalista” de James, concebendo as emoções como inatas e fisiologicamente determinadas. Na segunda tendência, tida como “construtivista”, Arlie Hochschild, Susan Shott e Steven Gordon, fazem uma apropriação indireta de James, mediada pelas considerações críticas de John Dewey e George Herbert Mead passando por Georg Simmel, Wright Mills, Hans Gerth e Erving Goffman, mas também por Charles Darwin e Sigmund Freud (Hochschild), concebendo as emoções como resultantes de aspectos culturais específicos. Nesta última perspectiva, ao contrário da primeira, a fisiologia é mediada pela interpretação subjetiva do autor numa situação concreta de interação (Torres, 2009, p. 16-17).

A dimensão universalista, refere-se a um modelo baseado na posição cientificista das ciências naturais, que parte do pressuposto biológico para explicar os

aspectos sociais. Além disso, concebe as emoções como vinculadas ao evolucionismo histórico. Na qual Torres (2009, p. 18) explica que, “todas as emoções encontradas em sociedades particulares, ainda que aparentemente distintas, derivam de emoções primárias, de base biológica, generalizáveis para todas as sociedades humanas.”

Em contraposição ao modelo universalista, aponta-se as posições construtivistas e interacionistas, que partem da ideia de que as emoções são construídas social e culturalmente. Pressupõem-se que os aspectos fisiológicos, por si sós, não explicam o que são as emoções, exigindo uma avaliação subjetiva. Nessa lógica, as emoções não são fixas nem universais; ao contrário, são determinadas conforme a sociedade, pois cada grupo social possui suas próprias “regras de sentimentos” e seu “vocabulário emocional”. De outra maneira, os sujeitos expressam e sentem emoções de acordo com as regras sociais. Entre os defensores dessa abordagem, há inclusive aqueles que rejeitam totalmente o peso dos aspectos biológicos; e, quando estes são considerados, entende-se que seu significado depende dos fatores sociais e situacionais.

Essa oposição e dicotomia entre as duas dimensões não foi unânime, diz Torres (2009) que surgiram estudos que buscavam integrar aspectos de ambas as posições. Ainda assim, ressalta que o debate não se encerra aí: houve também discussões importantes sobre a relação entre micro e macrosociologia — sendo a microsociologia associada aos defensores das tradições construtivista e interacionista, enquanto a macrosociologia ficou ligada aos funcionalistas-estruturalistas. Assim, abriu-se um amplo leque de debates sobre o tema.

No estudo da Antropologia das emoções, me baseio o que afirmam Rezende e Durão (2017) ao apontarem quatro dimensões da experiência emocional, associadas a diferentes correntes teóricas:

1) Essencialista – Concebe as emoções como universais, naturais e biologicamente determinadas. Entre seus principais representantes estão Paul Ekman e Carroll Izard.

2) Historicista – Entende as emoções como construções culturais e históricas, moldadas por valores, linguagem e contextos sociais, modificando-se ao longo do tempo e do espaço. A teórica Catherine Lutz é uma de suas principais representantes.

3) Relativista – Evidencia as emoções como fenômenos inteiramente construídos culturalmente, possuindo vocabulários, categorias e regras morais

próprias, o que as torna locais e situadas. Entre suas expoentes estão Michelle Rosaldo e Lila Abu-Lughod.

4) Contextualista – Ancorada na ideia de que as emoções se relacionam à “micropolítica das emoções” e à lógica do discurso, inspirada em Foucault. Nessa perspectiva, Catherine Lutz compreende as emoções como discursos de experiência produzidos pela cultura e pelas relações sociais que moldam a forma como o sujeito se relaciona com o mundo.

No âmbito da Sociologia das emoções, é possível conceber que a dimensão emocional se estruturou permeada por questões relacionadas à estrutura social, à identidade e às interações nas quais a dimensão estrutural, destaca-se por normas, regras e instituições que atravessam a forma como os indivíduos sentem e expressam suas emoções. Arlie Hochschild (1983), uma das principais teóricas dessa vertente, discute o trabalho emocional e as regras de sentimento que orientam a vida social.

Na perspectiva da identidade, sugere Rezende e Coelho (2010) que o estudo das emoções ganhou amplitude com abordagens que concebem a cultura como um padrão de comportamento construído a partir de significados, símbolos e interpretações específicas de cada sociedade. Nessa linha, Steven Gordon se destaca ao analisar as identidades emocionais.

Quanto à dimensão interacional, as emoções são compreendidas como produzidas e reguladas nas interações face a face, influenciando relações, conflitos e alianças grupais. Essa noção se desenvolveu a partir das concepções de *self* e de pessoa, articulando-se às discussões sobre moralidade, estrutura e poder. Tendo Erving Goffman e Randall Collins como nomes centrais nessa abordagem, ao tratarem as emoções como elementos estruturais das interações sociais e ao introduzirem o conceito de “energia emocional”.

Outro fator interessante que chamou a atenção de Torres (2009) se refere ao surpreendente interesse pela temática das emoções que surgiu, em parte, por uma certa estranheza — como se o tema fosse apenas um modismo e nada tivesse a ver com a sociologia geral. Essa aceção equivocada talvez decorra dos desafios presentes nos estudos sobre emoções, ainda carentes de perspectivas consolidadas e possivelmente sem uma relação direta e explícita com os clássicos da disciplina.

Na realidade ocidental — especialmente nos Estados Unidos — o debate seguiu uma orientação relativista, compreendendo as emoções como uma categoria cultural que molda e produz a experiência emocional. Passou-se, então, a discutir a

distinção entre a natureza subjetiva e a natureza social das emoções, ambas entendidas como elementos da construção cultural (Rezende e Coelho, 2010).

Caminhando na história dos estudos das emoções nos Estados Unidos, ainda na década de 1970, o debate ganhou força a partir da Escola de Chicago, cujos estudos, de filiação interacionista, apresentavam críticas ao estrutural-funcionalismo parsoniano<sup>113</sup> corrente predominante desde os anos 1940. Ao colocar tais formulações em discussão, Koury (2014) nos aponta que a Sociologia e a Antropologia das emoções, passaram a desenvolver perspectivas teóricas e metodológicas distintas na tentativa de situar a categoria emoção como objeto inter-relacional entre indivíduo e sociedade, sem que isso prejudicasse suas formulações, mas ampliasse as discussões.

Assim, a preocupação se deu em enfatizar não apenas o estudo da macrossociologia, mas também do microssocial que começou a reverberar com mais intensidade, ao que indicam, trazendo para o centro das discussões analíticas a atenção ao fenômeno emocional — isto é, à emoção como construção social e cultural. O estudo das emoções, amiúde, não ocorreu por uma via unívoca de pensamento; ao contrário, parece ter se desenvolvido de maneira conflitual, na tentativa de compreender até que ponto as emoções influenciam os comportamentos sociais e qual é o alcance dessa influência na vida cotidiana.

Rezende e Coelho (2010) incluem que a presença das emoções nunca foi tomada como um objeto de estudo autônomo, pois sempre aparecia atravessada por elementos psicológicos, naturais, universais e modificados pela cultura. Além disso, por serem consideradas subjetivas no sentido individual e particular, o campo das emoções permaneceu por muito tempo sob a prioridade da psicologia.

Relembra as autoras, que o estudo das emoções pode não ser algo recente: os clássicos, como Durkheim e Simmel, já abordavam o tema, ainda que de forma indireta. Ambos compreendiam os sentimentos como construídos socialmente, embora não tenham colocado as emoções como foco central de suas discussões. Então, as emoções aparecem como pano de fundo em suas análises sobre a vida

---

<sup>113</sup> Teoria que influenciou consideravelmente a Escola de Chicago ao compreender a sociedade como um campo formado por elementos interdependentes, na qual cada uma cumpria papéis importante na manutenção da ordem social. Em outras palavras, Parsons via “o problema da ordem é central à interpretação da limitação dos sistemas sociais, porque é definido como uma questão de integração — o que mantém o sistema integrado em face das divisões de interesses que disporiam “todos contra todos”” (Giddens, 1991, p. 18).

social.

Durkheim via as emoções como mais sociais do que individuais. Ele as analisa não como algo em si, mas como efeitos da coletividade sobre o indivíduo. Simmel, por sua vez, ao estudar os encontros grupais, introduziu indiretamente a ideia de emoção como elemento relacional e estético da vida social, como afetos emergentes na interação. Destacam Rezende e Coelho (2010, p. 14), que os clássicos:

Fizeram contribuições significativas no sentido de mudar essa perspectiva. Embora em seus textos programáticos ambos tratem as emoções estados subjetivos e não sociais, por caminhos distintos, eles mostram há sentimentos que são produzidos socialmente — nas relações sociais — e que têm efeitos significativos para as interações e a coletividade de modo amplo. Seus estudos são, portanto, elaborações importantes na direção de tomar as emoções como elementos sociais.

Deste jeito, como os clássicos não utilizaram termos de análise específicos sobre as emoções, seus trabalhos acabaram não despertando o interesse dos norte-americanos na incorporação dessas discussões. A imprecisão na abordagem direta das emoções pelos clássicos dificultou que os teóricos norte-americanos desenvolvessem análises mais profundas e consistentes sobre as emoções como um campo específico de estudo.

Destacam que no âmbito brasileiro, parece que o interesse pelas emoções ainda pode ser visto como incipiente, pois há permanência e necessidade de maior entrelaçamento entre esse campo de estudos e a sociologia geral, como ainda, com temáticas específicas que abordem as emoções de forma mais aprofundada e com destaque considerável dentro dos estudos.

No caso da realidade brasileira, o estudo das emoções remete à segunda metade da década de 1990, quando passou a ser reconhecido como subárea da Sociologia e da Antropologia. Compreende Bernardo (2018) que as emoções chegam ao campo como parte do repertório do indivíduo, entendido como portador de uma cultura emocional.

Assim, as emoções não nascem do nada; elas podem ser identificadas, ainda que de modo subjacente, em autores clássicos do pensamento social brasileiro — como Gilberto Freyre, Paulo Prado, Sérgio Buarque de Holanda, Roger Bastide e Oracy Nogueira —, todos preocupados em compreender a construção e a constituição da identidade brasileira, frequentemente apontando as emoções como definidoras das relações intersubjetivas na formação do povo brasileiro.

Koury (2014) ressalta que, embora as emoções estejam presentes no pensamento desses autores, elas ainda não eram tratadas como objeto autônomo de análise da realidade social e cultural do país. Eram apenas indícios preliminares, que não deviam ser desconsiderados por integrarem o debate que viria a consolidar o estudo das emoções, tanto no campo sociológico como antropológico brasileiro.

Os estudos sobre emoções no Brasil se dedicam a compreender os indícios dos fatores sociais que instigam a dimensão emocional e até que ponto tal influência atua no comportamento humano. Koury (2005) ressalta que em meados dos anos de 1970, as análises de Roberto DaMatta impulsionaram reflexões sobre sentimentos e expressões emocionais no campo social, especialmente a partir de suas discussões sobre o caráter público e privado da sociedade brasileira. Influenciado por Marcel Mauss (1979) e Louis Dumont (1980), DaMatta (1984) empreendeu uma leitura do cotidiano brasileiro, de seus rituais e formas de ação, por meio da estrutura — normas, leis e valores que moldam o comportamento do indivíduo.

Adiante, Koury (2005) menciona Gilberto Velho (1987), que apresenta a perspectiva de uma dualidade estruturante do Brasil: de um lado, um sistema hierárquico; de outro, um sistema individualista. Diferentemente de DaMatta (1984), Velho compreende a realidade social e cultural brasileira a partir da variedade de padrões comportamentais, sobretudo aqueles típicos da classe média urbana — marcada por um viés individualista crescente nos grandes centros, especialmente no Rio de Janeiro, onde concentrou sua pesquisa.

Pelo que apontam, esses e outros autores trouxeram contribuições importantes ao debate sobre emoções no contexto brasileiro. Vendo as mudanças oriundas das relações estruturais de sobrevivência — em que as pessoas dispõem de cada vez menos tempo para conversar — geram novas formas de comportamento e interação social, fazendo emergir outras expressões emocionais na convivência cotidiana. Portanto, Koury (2005) diz tratar-se de processos que configuram a vida social para manter, conformar e talvez transformar o contexto social.

Alguns teóricos britânicos, americanos e franceses, apontados por Rezende e Coelho (2010) compreendem as emoções como regras coletivas de sentimentos, aquelas que podem emergir por uma forma de obrigação social de determinadas situações, como por exemplo: Radcliffe-Brown, Ruth Benedict e Marcel Mauss, sendo este último, um teórico que fugiu a perspectiva ambivalente da emoção como estado subjetivo e não social.

Marcel Mauss (1979) consagrou que os sentimentos são manifestados a si mesmos no individual, para os outros e com os outros, são tipos expressões simbólicas obrigatórias diante do coletivo, por situações que os levam à manifestações que talvez exijam sua existência. Portanto, o estudo da emoção é complexo no fato de não fechar um único conceito, mas atravessa perspectivas biológicas, psicológicas e sociais, fato que não concebo como problemática de discussão para este estudo.

O conceito de emoção perpassa o viés do social e o da cultura, significando “uma categoria de entendimento capaz de apreender a noção de humano e de sociedade como um todo, e discutir as consequências metodológicas de uma pesquisa sobre emoção nas inter-relações sempre tensas entre o indivíduo social e a sociedade” (Koury, 2004, p.7).

Em outras palavras, a emoção é um fenômeno interativo que media as relações, e que não pode ser concebida simplesmente como produto de ações puramente individuais. A emoção, portanto, refere-se a uma dimensão inter-relacional entre sujeito e sociedade, sendo construída e constituída a partir do contexto social e cultural, e adquirindo significados na experiência cotidiana.

Ao tratar das emoções como categoria biológica ou cultural, Rezende e Coelho (2010), discutem que se percebidas pelo senso comum podem ser cunhadas como fenômeno que resulta do caráter biológico e psicológico, são assim, universais. Contudo, isso anularia a marca cultural e social, seriam invariáveis e inerentes ao tempo e espaço social, daí seriam generalizantes e com base fisiológica. A questão não seria negar essa perspectiva, mas apresentar outras dimensões discursivas que ampliam o debate.

Como o que sugestionou Coelho e Durão (2017), ressaltando as emoções na perspectiva de “fazer coisas”, no sentido de trazer uma gama de sentir, de controlar, de reagir, de advogar e de pulsar que frequentemente atravessam convicções, códigos morais e a efervescência interior.

As emoções, assim, parecem *fazer coisas*. Agimos ao sentir, bem como ao não sentir, ou controlar as demonstrações do que sentimos, ou até a natureza mesma daquilo que sentimos. E esses sentires são regidos, como de há muito a antropologia das emoções advoga, não pelas flutuações do íntimo, não de maneira idiossincrática, mas por formas codificadas e perpassadas por códigos morais e convicções ético-políticas, que prescrevem, avaliam condenam, exigem e até mesmo proscovem reações emocionais (Coelho; Durão, 2017, p. 59).

Ao dialogar com Coelho e Durão (2017), Koury (2004), Torres (2009), Rezende e Coelho (2010), entre outros teóricos do campo das emoções, que atravessam as

discussões, parto da acepção que as emoções não são compreendidas como descargas íntimas ou impulsos idiossincráticos, mas como fenômenos sociais que se manifestam e se deixam ler nas interações sociais.

A compreensão que orienta as análises dos Círculos de Construção de Paz parte da ideia de que as emoções “fazem coisas”: elas regulam comportamentos, orientam gestos, silenciam palavras, moldam vínculos e deixam rastros corporais e simbólicos. Esses indícios parecem revelar que sentir parece ser, frequentemente, um ato socialmente dinamizado por códigos morais e expectativas coletivas que prescrevem como reagimos, o que demonstramos e o que controlamos. As tramas das emoções aqui estudadas são tomadas como expressões situadas, inscritas no ritual, nos corpos e nos objetos, permitindo compreender como se tecem as tramas afetivas que atravessam os Círculos.

## **5.2 *Check-out*: Emoções ditas e não ditas no ritual**

Para a reflexão com meus interlocutores, neste capítulo dedicado às emoções, optei por trazer apenas alguns sujeitos mais emblemáticos<sup>114</sup> para o diálogo. Essa escolha não implica desconsiderar os demais com quem tive o prazer de conversar, mas representa, antes, uma tentativa de não tornar as discussões excessivamente extensas. Do mesmo modo, a opção por dialogar com apenas três campos — Acadêmico, Escolar e Saúde — seguiu essa mesma prerrogativa de delimitação analítica, reconhecendo que tal recorte não prejudica o processo de investigação sobre a trama das emoções aqui desenvolvida. Diante disso, convido novamente o leitor a embarcar na próxima viagem, rumo à compreensão da dimensão emocional enquanto fenômeno social.

### **5.2.1 *Campo Acadêmico***

A experiência com os Círculos de Construção de Paz no campo acadêmico ocorreu por meio de eventos universitários, como forma de apresentar o tema no

---

<sup>114</sup> Aqueles participantes que se destacam por narrativas, gestos e ações que destoam dos demais no momento do ritual dos Círculos — silêncios persistentes, choros inesperados, expressões corporais ininterruptas, faces reprimidas, sorrisos vacilantes, entre outros — parecem apresentar indícios que revelam pormenores imperceptíveis à primeira vista, distintos das outras pessoas naquela ocasião e que, possivelmente, carregam significados para além do que se mostra de imediato.

interior da universidade. A princípio, comecei submetendo oficinas e minicursos sobre a facilitação dos Círculos, como um modo de participar dos encontros ofertados nas instituições de ensino superior. Rememoro um desses eventos, que despertou meu interesse em também utilizar essas oficinas como objeto de pesquisa sobre os Círculos.

Isso aconteceu no 21º Congresso Brasileiro de Sociologia, realizado em 2023, quando submeti, junto a um grupo de pesquisadores do Laboratório da Conflitualidade e da Violência da Universidade Estadual do Ceará (COVIO/UECE), um minicurso intitulado “Mediação de Conflitos, Comunicação Não Violenta e Círculos de Construção de Paz: Práticas de Cuidado do Conflito”.<sup>115</sup>. Esse momento configurou-se como um divisor de águas na minha pesquisa, pois fez emergir a compreensão de que os eventos acadêmicos dos quais eu participava também se constituíam como fontes de dados para a análise da minha investigação.

O que me provocou naquele encontro foi a reflexão levantada pelos participantes sobre a coragem de termos oferecido uma temática tão relevante para os estudos e para o cuidado das emoções. Esse reconhecimento me impulsionou a participar de outros espaços que me levassem a novas indagações com relação ao meu objeto.

A surpresa de alguns sujeitos em relação à oficina realizada por meio do ritual dos Círculos foi um aspecto recorrente, indicando que não se trata de uma prática à qual estejam habituados no campo acadêmico. As falas registradas sugerem que a temática concernente à dimensão emocional nesse espaço ainda se apresenta de forma incipiente, a ponto de provocar estranhamento entre os participantes, como evidenciam os seguintes relatos: “me inscrevi nesta oficina para saber como seria, achei importante”; “fiquei surpresa com a diferença deste momento em relação a outros de que participei”; “vocês são corajosos de trazer uma oficina que nos provocou emocionalmente para este evento” (Diário de campo, CCP no campo acadêmico, julho de 2023).

Essas falas indicam que a abordagem das emoções destoa do escopo de temas de reflexão e de pesquisa que costumam povoar o espaço acadêmico, gerando

---

<sup>115</sup> Minicurso aceito a submissão e apresentado no período de 13 e 14 de julho de 2023, na Universidade Federal do Pará. Maiores informações: [https://www.sbs2023.sbsociologia.com.br/trabalho/view?ID\\_TRABALHO=7494](https://www.sbs2023.sbsociologia.com.br/trabalho/view?ID_TRABALHO=7494). Acesso em: 10 dez. 2025. Ver Apêndice B – Linha 12, p. 206

surpresa e até a percepção de ousadia por parte de quem propõe tal experiência, como se essa dimensão não fizesse parte do repertório institucional costumeiro dos eventos universitários. Tal percepção dialoga com Hochschild (1983) que destaca a acerca do caráter normativo das emoções, atravessadas por regras e convenções institucionais que orientam o que pode ou não ser sentido e expresso em determinados contextos. Ainda assim, apesar do estranhamento inicial, os participantes reconheceram a importância desses momentos no ambiente universitário, chegando, inclusive, a convidar a equipe para levar a experiência a outros espaços acadêmicos.

Em uma conversa aprofundada com uma universitária — que solicitou não ser identificada, mesmo após a explicação sobre o uso de nome fictício — me aproximei pelo fato de ela ter permanecido em silêncio durante a maior parte do Círculo e, quando se manifestava, utilizar apenas palavras monossilábicas, geralmente em concordância com a fala anterior. Ao final do encontro, perguntei como havia se sentido no Círculo. Dentre suas falas, registrei a seguinte, que considerei emblemática:

Achei estranho esta oficina em um evento tão tradicional como este, que sempre as oficinas parecem ser as mesmas de uma edição para outra. Por isso me inscrevi, aguçou minha curiosidade. Ao longo dos dois dias, fiquei relutante em me posicionar diante do coletivo, dizer o que eu estava sentindo. Você sabe que nos espaços acadêmicos não estamos acostumados em falar da gente, dizer o que estamos sentindo emocionalmente, falar das nossas emoções. Então, achei melhor falar o mínimo possível sem demonstrar emoções. Sabe lá, eu vou dizer alguma coisa que não estaria condizente com o esperado da oficina. Isso tudo não faz parte, pelo menos é o que vejo, não faz parte da linguagem cotidiana da universidade (Diário de campo com uma Universitária, campo Acadêmico, julho de 2023).

Diante dessa fala, observei indícios que apontam para uma constância de temáticas nos eventos universitários, na qual a dimensão emocional não se apresenta como elemento central ou esperado. Demonstra que “falar o mínimo possível sem demonstrar emoções” sinaliza que as emoções podem ser algo que revele sua possível fragilidade, diante de um campo que frequentemente conduz um comportamento que prevalece o cognitivo ao invés do emocional. Por outro ângulo, notei também que se eximir de “não falar de emoções” não descarta o fato de estar ligada a “ter emoções demais” e compreender que a exposição no grupo não cabe como espaço adequado para lidar com a sua dimensão emocional.

Para essa universitária, tocar nas emoções diante do coletivo não corresponde ao que se considera apropriado ou condizente com o formato da oficina, parecendo

não integrar o “vocabulário emocional” da instituição. Essa percepção aproxima-se do que Mauss (1979) discute acerca das expressões socialmente regulamentadas, consideradas obrigatórias ou inadequadas conforme o contexto. Em outras palavras, as emoções não parecem constituir uma prática legítima ou rotineira nos espaços acadêmicos, ao menos nos eventos vivenciados por essa estudante, o que a levou a silenciar-se por receio de dizer algo que não correspondesse às expectativas institucionais.

Parece que as emoções, nesse sentido, são atravessadas pelas especificidades de cada campo, na qual as “regras de sentimentos”, isto é, orientações normativas que direcionam o que pode ou não ser sentido e expresso de acordo com o grupo social. Naquela ocasião, os Círculos pareciam fomentar uma dissonância em relação ao familiar, sob a perspectiva de alguns participantes, que, muitas vezes, buscam se ajustar para não destoar do processo de interação instaurado no ritual.

Portanto, afirmar que as emoções são compreendidas como fenômeno social — ainda que não sejam sentidas e vividas da mesma forma — não implica em sua restrição ao campo acadêmico. Seja pela curiosidade, seja pela surpresa, os participantes apontaram indícios de sua relevância e parecem envolver-se, de algum modo, naquela experiência.

Ao que apontam, as tramas das emoções apresentaram-se no campo acadêmico, ora de modo direto, por meio das palavras ditas — como evidenciado nas falas anteriores dos participantes —, ora de maneira indireta, por meio de expressões gestuais que não se deixam silenciar. Foi o caso de uma professora que chegou ao Círculo com uma expressão de desconfiança e certa inquietação corporal; embora não verbalizasse seus sentimentos inicialmente, indicava, pela corporeidade, vestígios de incômodo e estranhamento diante do que ali se desenrolava. Ao final, confirmou verbalmente: “fiquei desconfiada e inquieta quando cheguei neste Círculo”. Assim, suas expressões não ditas encontraram correspondência na narrativa, revelando que havia algo mais que se anunciava pelo corpo. Apesar da ausência de entonação vocal, as técnicas corporais revelam significados que, muitas vezes, dizem mais do que os próprios ditos (Le Breton, 2012).

Em outro evento universitário, ainda no que diz respeito aos indícios corporais manifestado nos Círculos, foi o caso de uma participante que, ao chegar ao encontro, apresentou movimentos inquietos na cadeira, olhares curiosos que saltavam ao rosto

do outro e um gesto repetitivo de colocar e retirar os óculos, como se houvesse ali um incômodo ainda não nomeado. Diante desses sinais, que pareciam revelar um desconforto, convidei-a, no último dia do Círculo<sup>116</sup>, para conversar e compreender o que tais indícios expressavam:

Me chamou atenção esse Círculo, toda essa organização com aqueles objetos ao “centro” dele, já me atraiu logo de cara. Porém, confesso que fiquei muito inquieta mesmo, fiquei até me mexendo demais na cadeira, mas isso não era porque não estivesse gostando não. Sou muito ansiosa, sabe? Queria entender logo tudo isso. E aquele “bastão” esperar por ele parecia uma eternidade. A mexida nos óculos nem me dei conta inicialmente, só me toquei quando você me perguntou naquela rodada do Círculo. Eu nunca tinha parado para pensar sobre isto, mas fui para casa me perguntando, porque faço isso, e me dei conta que uso sempre quando quero criar uma imagem sobre mim. Uma imagem sabe, de intelectual na universidade... rrs... Mas, agora me dei conta que hoje eu acabei não trazendo ele, e como se diz, hoje eu fui eu mesma sem essa imagem, hoje consegui falar de mim profundamente, sabe de coisas que nunca revelei nos encontros que participo. Não sei o que esse Círculo faz, essa mística toda, ou é porque eu estava na minha energia boa. Quero muito participar novamente. Achei massa me colocar de verdade, fala de coisa que na Universidade eu não consigo, não sei se dar para entender o que estou dizendo (Conversa prolongada com Potira, outubro de 2025).

Para interpretar essa conversa com Potira<sup>117</sup>, recorro ao que afirma Ginzburg (1989) sobre a observação dos pormenores, tanto dos ditos quanto dos não ditos, revelados durante sua participação no Círculo e na conversa posterior. Inicialmente, Potira atribuiu seus gestos à ansiedade e ao tempo de espera até que o “bastão de fala” chegasse às suas mãos. Nesse intervalo, tencionava o corpo por meio de pernas que se cruzavam e descruzavam, além de movimentos de balanço dos membros superiores e inferiores, sinais que expressavam sua inquietação.

As gestualidades de Potira pareciam expressar significados singulares, corporificando uma forma ansiosa de ser diante do desconhecido. A emoção ansiosa se manifestou nos pormenores: o corpo inquieto, o olhar fixo na organização do Círculo e a atenção redobrada aos objetos, revelando possivelmente que os movimentos, sejam eles voluntários e involuntários da corporeidade podem estar imbuídos de significado, que na primeira vista possam se apresentar de maneira aleatória.

---

<sup>116</sup> Círculo de Construção de Paz realizado com um grupo de universitários em um Evento Científico cujo tema foi o “oferecer um espaço de partilha afetiva e escuta sensível, favorecendo o distensionamento emocional, a empatia e a aprendizagem metodológica voltada para o cuidado e o diálogo”, ocorrido no período de 22 a 24 de outubro de 2025, com 5 (cinco) participantes. Ver Apêndice B – Linha 13, p. 206

<sup>117</sup> Ver Apêndice A – Linha 43, p. 195

Outro aspecto relevante de sua narrativa foi o uso dos óculos como forma de produzir uma imagem social esperada no meio acadêmico — uma espécie de máscara, elemento que Hochschild (1983) chama de *emotional labor* ou “trabalho emocional”. Aquele entendido como o gerenciamento de sentimentos para adequá-los às expectativas do contexto. No caso de Potira, os óculos funcionavam como um adereço simbólico e emocional que lhe permitia “vender” uma face de intelectual, conforme o código social daquele campo. Ela mesma afirmou: “adoro ter conhecimento sobre o social que a Sociologia me proporciona, me sinto realizada, me sinto bem”.

Isto sinaliza que o trabalho emocional exige padrões invisíveis de conduta afetiva, fazendo a emoção funcionar como uma “mensageira do *self*”, tipo um “relatório instantâneo sobre a conexão entre o que estamos vendo e o que esperávamos ver, e nos informa o que nos sentimos preparados para fazer a respeito”<sup>118</sup> (Hochschild, 1983, p. xviii, tradução minha).

Assim, o “trabalho emocional”, no campo Acadêmico exigia de Potira a incorporação de uma imagem intelectual. Mesmo sem perceber, ela ajustava sua expressão emocional às expectativas do contexto. As emoções aparecerem, no geral, atravessadas por expectativas “secretas ou não” que mobilizam as ações e reações da participante, no caso de Potira, ela incorporou o uso dos óculos para legitimar a expectativa daquela instituição.

A situação de Potira também pode ser lida como uma forma de preservação de sua fachada social que entendia como necessária para ser aceita em determinado grupo. Uma forma de “aprumo”, como uma “capacidade de suprimir e esconder qualquer tendência de ficar com a fachada envergonhada durante encontros com outros” (Goffman, 2011, p. 16). Tais reações dão a ver a importância, nesse caso, de se assumir uma imagem condizente com o código social esperado daquela ocasião, um possível empréstimo social para garantir previamente a ordem da interação e o pertencimento ao campo acadêmico.

No mesmo Círculo, observei outro universitário que, na maior parte do tempo, silenciou sua fala e apresentou indícios de inquietação corporal, com as pernas em constante balanço frenético. No primeiro dia do encontro, ao final, aproveitei a saída

---

<sup>118</sup> Texto original: “*instant report on the connection between what we are seeing and what we had expected to see, and tells us what we feel ready to do about it*”.

para conversar com ele e perguntei como havia se sentido no Círculo. Com certo receio inicial, respondeu quase sem refletir: “estava com vontade que acabasse logo”.

Na sequência, pedi que explicasse melhor:

Olha, não me leve a mal, mas não gosto de falar para estranhos sobre o que eu sinto, me deixa com muita vergonha e por isso fico ansioso que logo termine para eu ir embora. Para não falar besteira, é melhor ficar calado né? Até então não conheço aquelas pessoas, apesar de parecerem bem legais, mas fazer o que, tenho vergonha de falar em público, sempre fui assim, desde muito pequeno minha mãe já brigava comigo porque eu não falava com ninguém, daí bate uma ansiedade. Mas, tipo, não tenho nada contrário contra aquela roda, o problema sou eu mesmo que sou envergonhado (Conversa aprofundada com Kayke, outubro de 2025).

Analisando a narrativa — que inicialmente se anunciava pelas expressões corporais de Kayke<sup>119</sup>, — parecia que suas emoções apresentavam uma conotação distinta daquelas expressas por Potira. Ele associou sua ansiedade à vergonha de falar em público. Estar entre pessoas desconhecidas fez com que se calasse diante da interação social. A emoção vergonha apresentou-se como um indício forte de sua indicação de ansiedade.

Sendo a vergonha uma emoção que pode comportar diferentes variantes, relacionadas a sentimentos de embaraço, inadequação ou rejeição em determinados grupos sociais, em diálogo com Scheff (2004), trata-se de uma experiência que pode assumir múltiplas conotações emocionais, independentemente da ocasião, variando conforme as disposições e percepções dos indivíduos. Kayke, a vergonha sinalizou um elevado grau de ansiedade, manifestando-se como um rastro emocional que regulava sua forma de estar e se expressar no contexto do grupo.

No caso de Kayke, essa emoção parece operar como um controle interno que o impede tanto de se expor diante de pessoas que considera estranhas quanto de, conforme suas palavras, “falar besteira”. A vergonha dele sinalizou um elevado grau de ansiedade, na qual manifestou-se como um indício emocional para regular sua forma de estar e de se expressar no Círculo.

Ao que indica, a emoção vergonha para Kayke atuou como uma barreira que ali o impediu de se colocar na interação, já que ele reconheceu que falar em público era algo que lhe causava retraimento. Uma vergonha que assumiu um aspecto de regular seu comportamento diante dos outros, uma autorregulação emocional na ótica de Elias (2011) para se manter no contexto que estava inserido.

---

<sup>119</sup> Ver Apêndice A – Linha 44, p. 195

Partindo desse raciocínio, as manifestações das tramas emocionais de Potira e Kayke podem ser compreendidas como construções situadas naquele encontro específico, não implicando que se repitam da mesma forma em outras ocasiões. De um modo ou de outro, essas tramas se revelaram pelos gestos que, embora em parte involuntários, disseram muito sobre o que ambos estavam sentindo emocionalmente.

Por outro lado, tais tramas também indicaram vestígios distintos dentro de um mesmo encontro social. Apesar de ambos se auto identificarem na qualidade de ansiosos, apresentaram rastros corporais semelhantes — movimentos inquietos dos membros superiores e inferiores —, o que evidencia, como propõe Scheff (2004), que as emoções se manifestam de maneira variante. Para Potira, a ansiedade se expressava como desejo de falar logo, sem associá-la à emoção vergonha; já para Kayke, a vergonha sinalizava a vontade de silenciar, funcionando como um mecanismo de autocontrole para não se expor diante de pessoas desconhecidas, situação que não lhe é habitual.

Esses indícios emocionais sugerem que as tramas das emoções, embora possam compartilhar semelhanças nos não ditos, revelam-se de modo distintos, expressando nuances singulares da experiência emocional de cada participante.

Em outro Círculo<sup>120</sup>, realizado com uma turma de graduação de uma universidade, para o qual fui convidada a finalizar uma disciplina, confesso que o encontro foi bastante desafiador. Tratava-se de um Círculo com muitos participantes — ao todo, 32 estudantes universitários —, e conduzir um ritual com um público tão numeroso não corresponde ao formato ideal dentro do que se espera da metodologia.

Contudo, aceitei o desafio e fui acompanhada de uma facilitadora. De fato, a questão do tempo de duração e o quantitativo de participantes representou os maiores obstáculos: embora o horário estimado fosse das 8h às 11h, ultrapassamos o planejamento e permanecemos até por volta das 12h. Diante de muitos participantes que apresentavam indícios de cunho emocional, optei por trazer, para esta análise, a narrativa de uma universitária que me chamou particularmente a atenção.

Ao circular o “bastão de fala”, ela quase sempre se mantinha em silêncio, apesar dos movimentos constantes das pernas em balanço. Era como se algo a

---

<sup>120</sup> Círculo de Construção de Paz com o tema: Compartilhamento do memorial das escrivências, no primeiro semestre do ano letivo 2025.1 em uma universidade pública de Fortaleza, a convite do docente da disciplina Literatura e Ciências Sociais. Ver Apêndice B – Linha 14 p. 206 e Apêndice C – Roteiro 13, p. 208

estivesse incomodando. Quando o “bastão” se aproximava, ela rapidamente empurrava o objeto para a pessoa ao lado, de forma abrupta.

Quando chegamos à rodada do ritual, especificamente no *check-out* — etapa que antecede a cerimônia de encerramento — perguntei: “Como você está saindo deste encontro?” Ao chegar a sua vez, a quem aqui chamo de Tuane<sup>121</sup>, ela começou a falar de repente, após um longo silêncio que havia atravessado todas as etapas anteriores do Círculo. Sua narrativa foi extensa, entremeada por lágrimas que escorriam pelo rosto e por uma voz trêmula, atravessada por engasgos na pronúncia das palavras.

Ao final da cerimônia de encerramento, que foi acompanhada por uma música cantada coletivamente pelo grupo, aproximei-me de Tuane e a convidei para conversarmos após o ritual. De imediato, ela acenou com a cabeça, sinalizando positivamente sua aceitação.

Sentei-me com ela em um espaço mais reservado, fora da sala — em um dos corredores da universidade — e pedi que me falasse mais sobre como havia se sentido no Círculo. Bastou essa indagação para que ela iniciasse um relato mais longo, dizendo sentir-se à vontade para falar. Disse ela:

Eu me senti à vontade com isso, mesmo tímida e sempre me mantenho em silêncio. Me senti bem, finalmente eu disse no Círculo para as pessoas, meus colegas, eu também não sou muito de falar de mim, mas ali eu consegui falar, não sei que força ou magia foi essa. As meninas comentam, e eu fico assim, que massa e tal. Mas eu não sou vou falar de mim, e aí agora acabei falando, não sei como, disse que era lésbica apesar dos julgamentos, mas eu estou tão bem com isso, entendeu... Eu fico assim, caralho eu fiz isso, eu falei mesmo, eu disse quem era, muito doido, até agora eu estou pensando nisso. Desde a escola eu me automutilo [arregaçou as mangas da blusa e me mostrou as marcas dos braços cortados], sempre fiz isso, agora parei com a terapia, mas fazia isso porque era uma forma de trazer para fora o que eu estava sentindo, porque não gosto do silêncio, ele me causa pânico, me amedronta sabe. Então, naquela hora do Círculo fui impulsionada ao ouvir meus colegas, sem lá, acabou saindo tudo aquilo que falei, nunca tinha falado tanto, sabe, e me senti livre, apesar que na universidade não ter espaços como esse nas aulas, foi a primeira disciplina que fez isso, gostei muito e estava precisando (Conversa prolongada com Universitária Tuane, campo, acadêmico, julho de 2025).

Os ditos de Tuane revelam vestígios importantes para análise. Primeiramente, ela se auto identifica como uma pessoa tímida, estado emocional que a acompanha e se manifesta por meio do silêncio — um silêncio que ela afirma não gostar, pois lhe causa pânico e amedrontamento. Um tipo de silêncio que pode ser frequentemente

---

<sup>121</sup> Ver Apêndice A – Linha 45, p. 195

nomeado como se não fosse “nada”, mas, na verdade, parece imbuído de múltiplos significados que se expressam para além das palavras.

Nos relatos de Tuane, o silêncio sinaliza sentidos profundos: além de ser algo que lhe provoca medo, parece funcionar como uma forma velada de autocontrole, impedindo-a de expressar o que sente e como se sente. Ao que indica, trata-se de um silêncio que regula sua exposição emocional.

Esse silêncio pode ser compreendido como um “silêncio intencional”, aquele que Menezes e Mendes (2023, p. 6) definem como “aquele exercido voluntariamente por um enunciador como mecanismo de defesa em relação a um ponto ou mesmo por não ter interesse no assunto”. No caso de Tuane, o silêncio funcionou como um mecanismo de defesa para não assumir publicamente quem ela se reconhece ser — uma mulher lésbica — condição que, segundo ela, poderia ser alvo de julgamentos. Trata-se de um silêncio que, ao mesmo tempo em que protege, também oculta e tensiona seus campos de identificação diante da coletividade.

Nessa perspectiva, o silêncio pode ser concebido como um fenômeno social negativo para Tuane, pois a impede de materializar seu modo de ser, a sua identidade. Na experiência de Tuane, ele se apresenta de modo indesejado, como uma emoção que se impõe contra sua vontade, resultando inclusive em práticas de automutilação do próprio corpo — como ela mesma revela ao afirmar: “desde a escola eu me automutilo”.

Nesse mesmo horizonte analítico, Menezes e Mendes (2023, p. 7) discutem o “silêncio cúmplice”, entendido como aquele marcado pela ausência de debate, por uma pactuação implícita de ignorar determinadas questões. Ao relacionar esse conceito à narrativa de Tuane, é possível perceber que os espaços institucionais pelos quais ela passou — a escola e, posteriormente, a universidade — não lhe ofereceram estruturas de acolhimento emocional capazes de lidar com sua dor. A automutilação surge, assim, como uma válvula de escape para expressar aquilo que permanece sufocado.

Na conversa com Tuane, torna-se evidente que os espaços institucionais por onde ela transita ainda não se deram conta — ou não dispõem de estrutura, aspecto que não cabe aprofundar nesta discussão — da necessidade de impulsionar formas de apoio emocional. Ela revela sentir-se, muitas vezes, sem esse amparo: “fico tentando me encaixar na universidade e foi assim também na escola, precisava tanto de apoio, mesmo sabendo que não é papel delas, né?”. Embora reconheça que não

cabe exclusivamente às instituições oferecer esse tipo de cuidado, Tuane sinaliza, sua carência por espaços de escuta. Em contraste, ela aponta o Círculo como um lugar legítimo de fala, no qual se sentiu acolhida e capaz de esvaziar aquilo que a sufocava — um espaço que afirma desejar encontrar com mais frequência nos contextos que frequenta.

Na realidade de Tuane, se manifesta de forma singular emocionalmente, na qual suas emoções parecem ser atravessadas por sua história, seu corpo, sua identidade e pelas formas de pertencimento (ou não pertencimento) que encontra nos grupos que se desloca.

Portanto, os ditos de Tuane trouxe rastros que a fachada social no sentido gofmaniano, não é fixa, tampouco homogênea; ela pode ser flexibilizada ou reconfigurada segundo o processo interacional. Parece que o Círculo, permitiu a Tuane experimentar outra forma de presença do seu *self*, de uma forma menos orientada pelo medo do julgamento, e mais oportuna à revelação de si. Possivelmente, tal experiência dialoga que o comportamento emocional não reside apenas no indivíduo, pode ser atravessado pelos aspectos da interação social (Goffman, 2011).

### **5.2.2 Campo Escolar**

No ano de 2013, como relatado no início desta tese, muitas indagações vibraram em minha mente no tocante às emoções presentes nas experiências que eu vinha desenvolvendo junto aos Círculos de Construção de Paz. Em um ritual realizado com docentes, vivi uma experiência especialmente marcante com um grupo de professores — mais precisamente, durante uma formação que eu conduzia para um público de 23 professores da rede estadual.

Naquela época, eu ainda não sabia exatamente como as tramas das emoções me tocavam, mas de uma coisa tinha certeza: minha curiosidade se aguçava à medida que eu presenciava indícios dos *não ditos* que não se expressavam verbalmente no Círculo. Silêncios atravessados por sussurros profundos pareciam revelar algo que não se nomeava; lágrimas desciam sem explicação aparente; movimentos inquietos capturavam minha atenção e me mantinham em vigília. Eu ainda não compreendia plenamente o que esses rastros queriam dizer, mas sabia que algo ali me atraía de forma incessante.

No Círculo<sup>122</sup> que conduzi como facilitadora em meados de 2022, logo após meu ingresso no doutorado, em uma escola da rede pública estadual, fui convidada pela gestora — uma pessoa que eu já conhecia há bastante tempo. Dirigi-me ao encontro com o objetivo de dialogar sobre a emoção amizade, uma vez que a professora anfitriã afirmava que o grupo era formado, em sua maioria, por amigos que trabalhavam juntos no âmbito da escola havia cerca de dez anos.

Como era de se esperar, cheguei à escola por volta das 12 horas, momento em que o turno da tarde ainda não havia começado. A instituição encontrava-se em calmaria, sem a presença dos discentes. No corredor da entrada principal, era possível avistar uma imensidão de outros corredores que se cruzavam em direção aos extremos leste e oeste. Ao final do corredor à direita, encontrava-se a sala cuidadosamente organizada, com o “centro do Círculo” composto por uma toalha branca e um jarro de flores artificiais que alegravam o cenário. As cadeiras estavam dispostas em número de quinze, talvez correspondendo ao total de professores que participariam do encontro.

A sala era bem arejada, com janelas de vidro abertas que permitiam sentir a brisa do ar circulando pelo espaço. Ao fundo, o restante das cadeiras havia sido organizado em quatro grupos empilhados, de modo a não transmitir a sensação de um ambiente desordenado, respeitando variações de modelo e tamanho. As paredes estavam repletas de cartazes com mensagens motivadoras: “Amar o que você faz é o segredo de tudo”; “Vencer sem correr riscos, é triunfar sem glórias!”; “A persistência é o caminho do êxito”. Essas foram algumas que consegui registrar no diário de campo, embora houvesse muitas outras espalhadas pelo ambiente.

Mais tarde, descobri que naquela sala estudavam alunos do 3º ano do Ensino Médio — uma turma considerada, na escola, como uma das mais potentes para enfrentar o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM).

Às 13 horas em ponto, alguns professores começaram a entrar no ambiente com olhares curiosos. Aos poucos, foram se acomodando nas cadeiras. Prendeu meu olhar o fato de que, a partir do lugar ocupado pela gestora, os demais se sentaram majoritariamente à sua frente, como se estivessem em uma reunião convencional, na

---

<sup>122</sup> Temática do Círculo: Círculo de Construção de Paz: encontro com a docência, objetivando reavivar a história e o compromisso com a educação, com 15 professores de uma escola pública estadual de Fortaleza, Ceará. Ver Apêndice B – Linha 15, p. 206 e Apêndice C – Roteiro 14, p. 208

qual ela assumiria o papel de liderança — apesar de a circularidade do Círculo simbolicamente propor uma lógica de horizontalidade. Parecia que, mesmo no formato circular, as pessoas ainda incorporavam relações de poder talvez já imbricadas no cotidiano escolar.

Levei como “bastão da fala” um *maracá*. Ao passar de mão em mão, os professores o chacoalhavam e, em seguida, caíram em risadas contagiantes. Algo se deslocava no clima do ambiente; havia ali uma mudança sutil na atmosfera do encontro. Seguindo as etapas do ritual, quando chegamos ao momento da “contação de histórias”, solicitei que compartilhassem suas trajetórias na educação. Entre as respostas, destaco algumas:

Escolhi ser professor porque morava numa cidade do interior que não tinha outra opção, a não ser fazer pedagogia.  
 Desde criança já brincava dando aula para os irmãos, amigos, vizinhos.  
 Não queria ser professor, mas o destino acabou me empurrando para dar aula.  
 Se expirou em professor ou professores que tinham passado por sua vida educacional por serem muito bons.  
 Muito cedo sabia que tinha habilidades para ser professor.  
 Nunca tinha passado pela mente ser professor e acabou sendo levado sem saber ao certo e acabou gostando do que faz.  
 Não se vê fazendo outra coisa a não ser ensinar, não fazendo pelo aluno, mas mostrando as ferramentas, o passo a passo para que ele próprio possa aprender. (Diário de campo do Círculo com professores, abril de 2022).

Na continuidade em que o “bastão de fala” foi circulando, a energia inicial de alegria começou a assumir outro contorno. As faces tornaram-se mais serenas, os olhares passaram a se fixar em algum ponto — alguns no “centro do Círculo”, outros como se estivessem suspensos na atmosfera do ar. Certos indícios pareciam revelar dores que não conseguiam se expressar frequentemente no cotidiano: engasgos no momento da narrativa, silêncios que atravessavam o “bastão” sem qualquer verbalização e um choro persistente, que me levou a interromper brevemente o ritual para acolher uma professora que não cessava de derramar lágrimas.

Os professores saíram da sala — não sei se de forma proposital, para que eu permanecesse conversando com a professora que chorava, ou se porque desejavam lanchar, anúncio feito pela gestora ao informar que o lanche estava sendo servido na sala dos professores. O que sei é que permaneci sozinha com a professora Pitanga<sup>123</sup> e, de imediato, lhe ofereci um copo de água. Não fiz perguntas; apenas fiquei ao seu lado. Aos poucos, ela foi respirando mais fundo, até que as lágrimas que escorriam

---

<sup>123</sup> Ver Apêndice A – Linha 46, p. 195

por seu rosto começaram a cessar. — Me desculpe — foi a primeira palavra que ela me dirigiu. Apenas acenei com a cabeça, sinalizando que estava tudo bem.

Pitanga era uma professora com vinte anos de atuação na educação. Logo me disse que nunca havia chorado diante dos colegas, que não compreendia por que aquilo havia acontecido e voltou a se desculpar. Em determinado momento, revelou a história que atravessava o seu choro:

Não sou de estar me abrindo para ninguém, não sei por que estou tão emotiva. Mas este Círculo mexeu comigo, mexeu muito, minhas dores estão transbordando, por isso o choro, minhas lágrimas estão me aliviando agora. Mas, preciso falar, estou confiante para contar a história de meu irmão que acabou de descobrir um câncer [pausa atravessada com soluço de choro], meu irmão gêmeo. O pior de tudo é o afastamento do nosso pai que não dá nenhuma atenção, já que após a separação dele com sua esposa “agora só tem eu por ele”. Ele está completamente desassistido pelas pessoas que ama, só eu e ele, ninguém mais, fico até constrangida está falando isso e peço desculpas, como também vou me desculpar com os colegas (Conversa prolongada com Pitanga, junho de 2022).

A conversa se estendeu por cerca de vinte minutos, tempo suficiente para que os demais professores retornassem à sala. Na continuidade do Círculo, o grupo retomou o encontro como se nada tivesse acontecido em relação ao choro de Pitanga. O *check-out* e a cerimônia de encerramento — as duas etapas finais do ritual — transcorreram sem nenhum episódio emblemático. Parecia haver um acordo tácito sobre o comportamento a ser assumido no retorno ao Círculo.

As emoções, naquele encontro, configuraram-se como uma trama que teve início em uma alegria contagiante, uma “energia emocional” em nível alto de positividade. Apesar de, no momento de entrada no Círculo, terem sido perceptíveis rastros de relações de poder — quando todos se posicionaram à frente da gestora, como se respondessem a um chamado —, o ritual avançou sob uma aparente harmonia.

O poder, ao que indica a cena observada, sinalizou uma forma de administração das emoções diante da presença hierárquica da gestora no interior da roda. Trata-se, ao que parece, de um modo pelo qual o grupo confirmou o respeito e a relação de poder instituída no cotidiano escolar. Essa dinâmica remete à interpretação de Hochschild (1983), ao destacar que estruturas institucionais desiguais tendem a produzir formas de autocontrole emocional. Nesse contexto, os professores parecem ter seguido os sinais da hierarquia escolar, posicionando-se de maneira obediente frente à gestora, como se legitimassem simbolicamente sua autoridade naquele espaço ritual.

Foi revelador observar a recusa inicial de alguns participantes em sentar-se ao lado da gestora, permanecendo em pé, como se não houvesse lugar disponível. Um indício dessa dinâmica ocorreu quando a própria gestora apontou para as cadeiras ao seu lado, convidando: “sentem aqui pessoal”, “venham para o meu lado”. Ainda assim, os professores pareciam seguir, de forma quase inconsciente, o comando simbólico que a figura da gestora representava. Naquele instante, não se revelaram sinais de resistência, pelos ditos (nenhum verbalizou que não queria sentar-se perto dela), mas antes um alinhamento corporal e emocional às normas hierárquicas que estruturam as relações naquele contexto escolar.

Já no estado emotivo de Pitanga, que não conseguiu conter as lágrimas, observa-se uma ruptura com esse gerenciamento emocional. Ela não convergiu com a expectativa de autocontrole exigida naquele contexto. Tanto que seu gesto recorrente de pedir “desculpas” sinaliza a consciência de que havia descumprido as regras implícitas do jogo social. A forma encontrada para reconhecer essa “quebra” foi socializar o pedido de desculpas, o que Goffman (2011) define como uma tentativa de preservação do jogo do grupo.

Assim, o pedido de desculpas de Pitanga parece revelar indícios de que ela buscava preservar sua imagem diante do grupo, funcionando como uma estratégia para não romper o jogo interacional. Trata-se de uma tentativa de manter a fachada social por meio da correção do “incidente” — no caso, o choro — por ter fugido do comportamento esperado naquele encontro social. O que Pitanga fez pode ser lido como um esforço de neutralizar o incidente, uma maneira de recompor seu aprumo diante do constrangimento vivido, preservando a lógica do encontro e evitando intercorrências que pudessem ferir o movimento grupal.

Por outro lado, as lágrimas de Pitanga também parecem indicar expressões de sentimentos que não dizem respeito apenas ao cunho fisiológico, mas, sobretudo, à dimensão social. Não se trata de manifestações espontâneas de um indivíduo isolado, mas de expressões que se conformam à moral do ritual<sup>124</sup>. No caso de Pitanga, as lágrimas apontam vestígios de sua dor diante do sofrimento do irmão e funcionaram também como uma forma de comunicação social perante os demais, sinalizando que

---

<sup>124</sup> Conceito que se enquadra ao que Goffman (2011) chama de ordem moral, aquele atributo comportamental que é apropriado e se espera da pessoa no ritual de interação, ou seja, “as regras de conduta tendem a ser organizadas em códigos que garantem que todos ajam apropriadamente e recebam o que merecem” (Goffman, 2011, p. 58).

algo grave a atravessava. Mesmo sem intenção, ela não conseguiu conter emocionalmente essa expressão.

O choro de Pitanga pode ser visto, nessa situação, como uma expressão não obrigatória das emoções, que destoou do restante do grupo. Ao se emocionar, ela quase rompeu a atmosfera inicial de alegria que havia sido sinalizada pela maioria dos participantes. Desse modo, as desculpas parecem se encaixar na tentativa de restabelecer o equilíbrio de uma “energia emocional” de nível elevado, como remete Collins (2004).

Por esse ângulo, as desculpas representam sentimentos aprendidos socialmente, um fenômeno social que envolve o pertencimento e o esforço de não romper com a normativa de alegria que ali prevalecia. Já o choro de Pitanga constituiu-se como uma expressão regulada por determinações familiares — o sofrimento do irmão —, acionada diante da comoção provocada pela gravidade da doença. Nesse sentido, esse choro pode ser associado ao que Mauss (1979) denomina “expressão obrigatória dos sentimentos”, que, para Pitanga, se deu como um momento de desabafo daquilo que a sufocava. Para os demais do grupo, no entanto, pareceu produzir comoção e, ao mesmo tempo, um recuo, materializado na saída coletiva para o intervalo, como se se abrisse um espaço íntimo para que suas lágrimas pudessem acontecer.

Tanto o choro quanto as desculpas manifestaram-se, portanto, em uma situação que, de um lado, quase rompeu a energia elevada do grupo e, de outro, foi reparada por Pitanga por meio do pedido de desculpas, como tentativa de recompor a pressão emocional esperada naquele contexto específico.

Essas tramas emocionais revelam-se, assim, como formas de comunicação que parecem ultrapassar a esfera estritamente subjetiva, indicando emoções atravessadas por sentidos sociais e relacionais, reguladas pelas normas do grupo. Os indícios observados na atitude dos demais professores — que retornaram ao Círculo sem mencionar ou comentar o choro e as desculpas de Pitanga — sugerem que essas emoções foram, de certo modo, neutralizadas coletivamente. O silêncio do grupo parece operar como uma estratégia de preservação da ordem do encontro e, simultaneamente, como um modo de conter e silenciar a exposição emocional de Pitanga.

Em outro sentido, no Círculo<sup>125</sup> realizado em outra escola da rede municipal, ocorreu também um choro repentino no início da segunda etapa do ritual, durante o *check-in*. No entanto, nesse encontro, o choro foi recebido como uma manifestação aceitável, a ponto de desencadear outros choros, seja por empatia com a colega, seja por rememorar situações semelhantes: “chorei em comoção à história da colega”; “na verdade, nem sei porque chorei, acho que porque muita gente chorou”; “quando me dei conta, estava também chorando, sabe? Parece até hilário” (Diário de campo com professores, outubro de 2025).

Nessa experiência, o choro se apresentou tal como Mauss (1979) assinala ao tratar das emoções obrigatórias no coletivo: manifestou-se em razão do grupo, como uma expressão inevitável diante da comoção compartilhada. Não se tratou de uma emoção espontânea individual, mas de algo que reverberou a partir do que os outros também estavam expressando. Destarte, “não só o choro, mas toda uma série de expressões orais de sentimentos não são fenômenos exclusivamente psicológicos ou fisiológicos, mas sim fenômenos sociais, marcados por manifestações não espontâneas e da mais perfeita obrigação” (Mauss, 1979, p. 147).

As narrativas indicam rastros que compõem a teia de emoções daquele grupo. Nele, o choro configurou-se como uma emoção de abalo social, quase uma obrigação relacional para com os outros que também choravam — “na verdade, nem sei porque chorei”. Diferentemente da situação vivenciada por Pitanga, parece que houve outra estratégia de manifestação grupal, nesse caso a evidência do choro ocorreu como um fenômeno incorporado coletivamente, no qual os professores se sentiram igualmente impelidos a chorar.

Diante dessas experiências, o choro revelou-se como vestígios por meio de manifestações distintas: em uma situação, apresentou-se como expressão obrigatória de sentimentos; na outra, como uma emoção que escapou ao autocontrole, sem que fosse possível geri-la; o pedido de desculpas de Pitanga funcionou como uma tentativa de preservação da fachada esperada pelo grupo.

Essas situações, apresentam indícios que o choro pode emergir junto a manifestações e receptividades distintas, mas também evidenciam que chorar

---

<sup>125</sup> Círculo que facilitei a convite de uma professora da escola da rede municipal em uma oficina conduzida por mim em um evento acadêmico. Esta professora já tinha participado de outro momento em outro evento universitário, em vista disso, fez o convite e articulou com a escola que trabalhava com o objetivo de trabalhar a escuta empática com os professores da escola. Estavam na ocasião 10 professores do turno da tarde da escola. Ver Apêndice B – Linha 13, p. 206

constitui uma emoção socialmente situada — ao menos nessas duas experiências vividas no contexto escolar.

### **5.2.3 Campo da Saúde**

Lidar com os Círculos de Construção de Paz no contexto da saúde foi algo completamente novo em minha experiência como facilitadora e instrutora dessa prática. Como relatado anteriormente, esse início se deu em um encontro realizado no segundo semestre de 2022, durante uma oficina<sup>126</sup> que tinha como objetivo promover uma escuta qualificada com Agentes Comunitários de Saúde, na sede da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz/Eusébio–Ceará).

Inicialmente, pensei em recusar a proposta de parceria com a instituição que nos convidou, enquanto membros<sup>127</sup> do Laboratório da Conflitualidade e da Violência da Universidade Estadual do Ceará (COVIO/UECE), para desenvolver um trabalho — que, à época, ainda não sabíamos exatamente qual seria — a fim de atender a uma demanda de pesquisa da Fiocruz/CE. Em outras palavras:

Integrantes da equipe do Laboratório da Conflitualidade e da Violência da Universidade Estadual do Ceará (COVIO-UECE) foram convidados a elaborar, em conjunto com os pesquisadores, uma proposta de formação baseada na escuta dos ACS e a atuar como facilitadores. O Curso propôs uma abordagem inovadora sobre violência e conflito, permitindo que os participantes construíssem seu próprio conhecimento ancorado em suas vivências e necessidades por meio do processo grupal de interações e envolvimento mútuo (Silva *et al*, 2025, p. 10).

A partir de então, iniciamos esse curso como parte da carga horária, facilitando os Círculos de Construção de Paz, experiência que sinalizou aspectos relevantes para esta escrita. Tratava-se de um campo ainda não vivenciado por mim no desenvolvimento dos Círculos, partindo do pressuposto de que seriam participantes oriundos de contextos distintos dos habituais — acadêmico e escolar — com os quais não saberíamos, a princípio, como dialogar.

---

<sup>126</sup> Maiores informações disponíveis em: <https://ceara.fiocruz.br/portal/index.php/oficina-debate-relacao-entre-agentes-comunitarios-de-saude-covid19-e-violencia/>. Acesso em 15 nov. 2025.

<sup>127</sup> Pesquisadores associados do COVIO participantes da parceria do trabalho com os ACS: Geovani Jacó de Freitas (coordenador Geral do COVIO/UECE); Maria Cristiane Lopes da Silva (pesquisadora associada e coordenadora da Linha Participação Social e Práticas da Não Violência do COVIO/UECE e instrutora do curso); Renato Ângelo de A. Moreira (pesquisador associado COVIO/UECE e facilitador do curso); Yara Marques Lima (pesquisadora associada do COVIO/UECE e apoio do curso) Carliana Isabel Nascimento Pereira (pesquisadora associada do COVIO/UECE e apoio do curso) e Lillian Virgínia Carneiro Gondim (pesquisadora associada do COVIO/UECE e colaboradora da proposta).

O primeiro indicativo que se apresentou foi a ideia de que o campo da saúde — neste caso, os Agentes Comunitários de Saúde (ACS)<sup>128</sup>, talvez não trouxesse contribuições significativas para a discussão das tramas das emoções. Contudo, logo no primeiro dia, observei, pelos ditos e não ditos no ritual do Círculo, que havia um vasto universo de questões atravessadas pela dimensão emocional.

As emoções são fenômenos sociais comuns a todas as pessoas; diz respeito a uma capacidade de sentir emoções que integra a própria condição humana, independentemente do campo de atuação que agrupe e o espaço que ocupe, as emoções parecem se manifestar pelos ditos e não ditos, uma maneira que emerge mesmo sem ser chamada, como nos adverte Rezende e Coelho (2010).

Com a experiência com os ACS observei vestígios de manifestações emocionais expressas tanto na corporeidade quanto nas narrativas e formulações construídas a partir de suas lembranças emocionais, inclusive em relação aos objetos simbólicos que compuseram os Círculos vivenciados.

Durante o percurso dos encontros, alguns elementos significativos relacionados ao estudo das emoções aguçaram minha curiosidade. Entre eles, destaco uma conversa prolongada com a ACS Anahí<sup>129</sup>, ao questioná-la sobre o silêncio no qual insistia permanecer durante os Círculos, quase sempre posicionando-se por meio de respostas curtas, ela respondeu prontamente:

Eu silencieei muitas vezes nos Círculos, foi até intencional, não me colocar de forma vulnerável para o coletivo, porque realmente quando o assunto é violência a gente vive diariamente, nós somos os olhos do SUS dentro da comunidade e esses olhos enxergam muita coisa. Porém, esses olhos não podem falar sobre a violência, é um assunto muito muito pesado, talvez por esse motivo os silêncios, porque é um assunto muito dedicado. Tenho medo de dizer o que vejo e escuto, então, é melhor silenciar, ficar calada sem nada dizer. E momentos que me calei mesmo, um assunto que vai além do que a gente vê, a gente convive com isso, a gente sente na pele. E a gente quando a pessoa chega e diz assim: eu não vou fazer o trabalho, não vou falar sobre a violência. Nós já recuamos, até que um dia eu posso ir como você falou, porque é a nossa vida que a gente tem, tem que ter muito cuidado, aonde que vai, até onde vai a nossa fala, e para quem a gente fala, principalmente para quem a gente não conhece, a gente vive amiga na comunidade, a gente tem família ali. E naquela época na comunidade a gente estava vivendo um clima pesado. Nós estamos vivendo um momento muito difícil (Conversa aprofunda com ACS Anahí, campo saúde, dezembro de 2025).

---

<sup>128</sup> Agentes Comunitários de Saúde (ACS) “são profissionais que integram a Estratégia Saúde da Família, compondo a Atenção Primária à Saúde (APS), denominada no Brasil como Atenção Básica (AB) [...] desempenham um papel fundamental na extensão das atividades de saúde dentro das comunidades” (Silva, *et al.* 2024, p. 140).

<sup>129</sup> Ver Apêndice A – Linha 47, p. 195

Para Anahí, a emoção silêncio aparece atravessada pela emoção medo, o que remete ao que Menezes e Mendes (2023) denominam de “pacto do silêncio”: um silenciamento incorporado de significados, marcado pelo receio de se expor diante de determinadas questões — neste caso, a violência urbana. O silêncio surge, assim, significativamente vinculado ao fenômeno da violência. Afinal, como revelam os relatos dos ACS, seus territórios de atuação profissional e, muitas vezes, de moradia, são espaços vulneráveis a múltiplas formas de violência. Nesse âmbito, o silêncio se configura como uma estratégia cotidiana de convivência nesses contextos.

O silêncio parece constituir-se como uma expressão incorporada da violência, uma forma de “cultura do silêncio” que envolve “a banalização e o processo de inculcação do estatuto da violência pela população”, no sentido de naturalizá-la como parte do contexto social (Freitas, 2003, p. 13). Parece tratar-se também de um mecanismo de preservação da vida: no contexto vivido por Anahí, o silêncio adquire contornos de um fenômeno social quase obrigatório. Como ela própria narra: “Eu silencieei muitas vezes nos Círculos, foi até intencional”. Diante de uma realidade em que “a violência é um assunto muito, muito pesado”, o silenciar tornou-se uma forma de lidar com o que se vive cotidianamente.

A experiência de Anahí em seu território de trabalho, como profissional do Sistema Único de Saúde (SUS), sendo “os olhos do SUS dentro da comunidade e esses olhos enxergam muita coisa [...] mas não podem falar sobre a violência”, indica como esses sujeitos são atravessados pelo jogo simbólico das redes criminais. Nesse cenário, o silêncio não é apenas omissão, mas uma maneira de continuar vivendo e trabalhando naquele espaço.

Desse modo, a emoção silêncio emerge articulada a emoção medo, ambas profundamente entrelaçadas no universo social e cotidiano dessa Agente Comunitária de Saúde. Essa realidade ressalta o que Koury (2009) aponta sobre o medo, que pode assumir três conotações: a falta de fé, a falta de confiança ou receio de errar, e a insegurança pessoal ou familiar. Nos ditos de Anahí, observam-se vestígios especialmente da insegurança, produzida pelo fato de morar e trabalhar no próprio território de atuação. O medo, nesse contexto, manifesta-se justamente pelo silenciamento; silêncio e medo, portanto, configuram-se como fenômenos sociais atravessados pela violência urbana que estrutura sua experiência cotidiana.

Pude observar em vários contextos dos Círculos que o medo se associa ao silêncio pelo receio em relação à segurança pessoal e familiar. Quando quase todos

os ACS residem e trabalham na mesma área, como verbalizar algo que pode ser percebido quando ameaça à própria sobrevivência? Nesse contexto, “silenciar, ficar calada” emerge como uma regra simbólica de conduta imposta pelo cotidiano violento.

A vida urbana, desse modo, indica como um desafio permanente para o trabalho dos ACS, e o silêncio aparece como um dos mecanismos que esses profissionais encontram para continuar existindo e atuando como “os olhos do SUS” nos territórios. Como alerta Koury (2009, p. 406), “a cidade passou a ser um espaço ocupado pela desconfiança, onde os laços que uniam a rede de sociabilidade afrouxaram e o receio e a dúvida sobre o outro tomaram lugar”. Na realidade desses ACS, isso se expressa no autocontrole da fala, como forma de resistência às múltiplas violências que atravessam seus territórios.

O silêncio também foi apontado sob outra conotação, como afirmou a ACS Aritana<sup>130</sup>: “Meu silêncio foi porque eu estava com vergonha de falar minha história, principalmente para aqueles que eu não conhecia, não acho certo me abrir para todo mundo” (Conversa Aprofundada com Aritana, campo saúde, dezembro de 2025).

Para Aritana, o silêncio funcionou como um mecanismo de preservação da fachada da privacidade, elemento central para evitar a exposição de sua intimidade. Parece tratar-se de uma postura emocional e moral considerada necessária para proteger sua imagem diante do grupo. O silêncio, nesse caso, pode assumir um caráter performático, comunicando indiretamente a necessidade de manter fronteiras simbólicas entre si e os outros ACS naquele momento do ritual do Círculo.

Para Aritana, o silêncio sinalizou uma forma de preservação íntima de sua imagem, uma possível estratégia de proteção da vida privada, aquele fenômeno de deslocamento de supervalorização das questões privadas — histórias pessoais, emoções, experiências singulares — em detrimento de demandas da vida pública — papéis sociais, convenções de convivência, afastamento simbólico, rituais sociais —, como me faz remeter o diálogo que Sennett (1999) traz da “visão intimista” sobre a artimanha de proteção da vida privada nas sociedades modernas. O comportamento de Aritana deixou rastros de que seu silêncio foi para não se expor e comprometer sua relação com o grupo, mantendo dessa forma a proteção de sua vida intimista e continuar sem nenhum infortúnio no seu convívio social com os outros Agentes.

---

<sup>130</sup> Ver Apêndice A – Linha 48, p. 195

A emoção medo também se apresentou nos relatos do ACS Yakecan<sup>131</sup>, que afirmou: “acho que fiquei com medo porque não queria falar coisas que poderiam magoar algumas pessoas ali, por isso me políciei com as palavras, achando melhor até ficar na minha” (Conversa prolongada com Yakecan, campo da Saúde, dezembro de 2025).

O medo expresso por Yakecan pode ser compreendido como uma emoção social regulada, orientada por códigos morais que definem como sentir e se expressar no coletivo. O medo, nesse caso, assume uma dimensão relacional, mobilizando o autocontrole da fala para evitar ferir o outro. A forma que ela encontrou foi regular seus ditos a fim de preservar as relações que mantinha com os demais Agentes, inclusive vínculos de amizade, como ela própria reconheceu: “tenho muitas amizades aqui, por isso me políciei”.

Ao “se policiar com as palavras”, Yakecan revela uma postura emocional alinhada às normas simbólicas que regulavam o diálogo naquele Círculo. O medo parece se manifestar como uma estratégia “calculada” para não “magoar algumas pessoas ali”, funcionando como um possível dispositivo que normatizou as relações sociais no grupo. Assim, o autocontrole de Yakecan sinaliza uma configuração de sua ação social afetiva, uma prática emocional orientada pelas regras do grupo e por um posicionamento ético diante do coletivo.

Outro aspecto relevante no campo com estes ACS, foi a maneira vulnerável que eles se colocaram diante de sua vida mental. Seus ditos, quase sempre, revelaram uma fragilidade marcada diante da ausência de cuidado e autocuidado, levando-os a busca de suportes religiosos, médicos e emocionais, só para citar alguns, para continuar atuando profissionalmente. Como expressaram ACS Amary<sup>132</sup>, Baíra<sup>133</sup> e Jurema<sup>134</sup>: “me sinto exausta emocionalmente, por isso vou para a igreja”; “já estou tomando medicação para ansiedade para melhorar minha cabeça”; “tento me manter alegre para não desmoronar mentalmente” (Diário de campo com ACS, junho de 2024).

Os ditos revelam um esgotamento emocional que parece demandar intervenções mais consistentes. Como alertam Silva *et al.* (2024, p. 151), “em diversos

---

<sup>131</sup> Ver Apêndice A, linha 49, p. 195

<sup>132</sup> Ver Apêndice A, linha 1, p. 195

<sup>133</sup> Ver Apêndice A, linha 2, p. 195

<sup>134</sup> Ver Apêndice A, linha 5, p. 195

casos, o uso de medicamentos para tratar adoecimentos psíquico-emocionais” mostra-se insuficiente — algo também confirmado por outros ACS, que apontaram uma certa ausência de maior apoio institucional, no que se refere há espaço de cuidado e escuta direcionado ao grupo. Como não disponho de elementos suficientes nem é esse o foco desta tese, deixo apenas a provocação: como ampliar ou aprimorar o cuidado diante dessa demanda latente expressa por esses profissionais sobre o apoio emocional?

Pude observar ao longo desta pesquisa e de outros marcos de experiência, uma lacuna no apoio emocional nos diversos campos, e os Círculos de Construção de Paz, por sua vez, sinalizou uma possibilidade de “lidar” com as tramas das emoções. No curso realizado em 2023<sup>135</sup>, eles foram apontados como uma das estratégias na promoção da saúde mental dos ACS, já que por meio deles alguns se permitem expressar e elaborar suas tramas emocionais. Ao serem questionados sobre a experiência do Curso após sua conclusão, alguns afirmaram: “espaço de oportunidade de escuta e cuidado”; “nunca tinha me sentido tão bem emocionalmente”; “precisamos de mais momentos assim para lidar com nossas emoções” (Diário de campo com ACS, dezembro de 2025).

Desse modo, seja pelo silêncio, seja pelo medo, ou por outras tramas emocionais ditas e não ditas, os participantes do campo da Saúde revelaram indícios da necessidade de apoio emocional e de espaços de diálogo que fortaleçam o autocuidado — condição que parece fundamental para que possam, por sua vez, cuidar das pessoas em seus territórios de atuação profissional. Em outras palavras, independentemente da emoção expressa, os vestígios apontam para a urgência de suporte emocional. Por fim, as emoções tecidas no atravessamento das tramas cotidianas dos interlocutores desta pesquisa parecem manifestar-se de forma multifacetada no ritual dos Círculos de Construção de Paz, especialmente naqueles que denomino Círculos de Encontro com Fins de Diálogo.

---

<sup>135</sup> Ver informações disponíveis em: <https://ceara.fiocruz.br/portal/index.php/pesquisa-conclui-curso-com-ac-s-e-avalia-impacto-da-violencia-e-da-covid-19-em-processos-de-trabalho/>. Acesso em 20 dez. 2025.

## 6 CERIMÔNIA DE ENCERRAMENTO: AS CONSIDERAÇÕES NÃO FINAIS

Renda-se, como eu me rendi. Mergulhe no que você não conhece como eu mergulhei. Não se preocupe em entender, viver ultrapassa qualquer entendimento (Clarice Lispector).

Nesta tese eu estava mergulhada em um mundo que julgava conhecer; porém, como Clarice Lispector, rendi-me e precisei arriscar o encontro com o desconhecido. Essa rendição e esse mergulho não foram fáceis, começando pela busca do objeto que, metaforicamente, eu dizia estar perdido em uma floresta. Para encontrá-lo, precisei ampliar o escopo de leituras, sistematizar e detalhar o campo de pesquisa, seguir orientações formais e informais que foram atravessando meu percurso. E, muitas vezes, precisei me afastar para poder tomar o prumo necessário.

Para iniciar as discussões, procurei desenhar a escrita a partir de uma breve abordagem sobre o conceito, a estrutura e as raízes dos Círculos de Construção de Paz (CCP), atrelados aos princípios e valores da Justiça Restaurativa (JR). Esse movimento me levou a um mergulho na JR, no qual destaco que, entre as práticas restaurativas que a concretizam, parecem que os CCP figuram, na realidade brasileira, como uma das experiências que mais se difundem nos campos da Justiça e da Educação, sem excluir sua presença em outras áreas (como saúde e meio acadêmico, entre outras). Contudo, foi sobretudo por meio das experiências com os Círculos que denomino Círculos de Encontro com Fins de Diálogo (CEFD) que orientei esta pesquisa — encontros que não tiveram a pretensão de resolver problemas, embora não estejam isentos de questões atravessadas por conflitos.

Minha lente de investigação traçou os Círculos sob um ângulo específico, ancorado nas ideias oriundas da justiça restaurativa dos Estados Unidos e do Canadá, embora reconheça a existência de um campo frutífero pautado nas raízes afro-brasileiras, que também poderiam ter contribuído significativamente para o diálogo, mas que não foi possível contemplar nesta análise, ficando como possibilidade para estudos posteriores.

Ao longo do percurso, meus objetivos foram tomando forma e sentido, nos quais busquei compreender como as tramas das emoções são tecidas nas expressões, nos gestos, nos discursos e nos objetos que se manifestam e ganham sentido nos Círculos. Desde o início, assumi uma reflexão sobre o estudo das emoções, sem a intenção de estabelecer distinções ou hierarquizar quaisquer dados como fenômenos conclusivos.

As emoções foram tomadas como indícios de pormenores que muitas vezes não estavam aparentemente visíveis no ritual, nomeadas e compreendidas como fenômenos sociais e culturais, que pareciam se revelar incorporadas de significados na relação com os outros.

Dessa forma, busquei acompanhar a trama das emoções tanto por meio dos ditos — expressos nas narrativas socializadas durante o ritual, nas conversas aprofundadas e na observação participante — quanto pelos não ditos, revelados nas expressões corporais, nos silêncios, nos choros e nas palavras engasgadas que atravessavam os momentos da ritualística, que quase sempre se revelou, como fenômenos desafiadores e motivadores na trajetória.

Pude observar que os Círculos são vivenciados como uma experiência multifacetada, no sentido de não serem concebidos a partir de uma única sensação. Sinalizaram encantamento — muitas vezes difícil de ser explicado racionalmente — e, por outro lado, provocaram embargos que reverberaram em silenciamentos, gestos de inquietação ou hesitação ao longo do ritual. Houve ainda situações em que se manifestaram por meio de emoções veladas, sem que nenhum sentido fosse proclamado nos ditos, mas que os não ditos frequentemente apontavam para desconforto ou envergonhamento ao se posicionar perante o coletivo.

Seja de uma forma ou de outra, os Círculos parecem apontar indícios de que seus significados não são únicos nem imutáveis; ao contrário, parece que varia conforme o contexto e a experiência singular de cada participante, podendo suscitar emoções díspares — como vergonha, medo, ansiedade e riso, entre outras. Tais ambiguidades possivelmente não os anulam nem os negam; pelo contrário, reverberam em múltiplas facetas, tanto no que se expressa por meio de palavras ou no que é remetido ao silêncio.

Outro elemento significativo da interpretação foi o fato de que as tramas das emoções parecem se manifestar de forma recorrente e, independentemente do campo — Acadêmico, Escolar ou da Saúde, são constitutivos das interações. Seja por meio das narrativas, das expressões corporais ou da relação com os objetos, as emoções se fazem presentes, incorporadas de sentidos e significados que parecem extrapolar a dimensão fisiológica ou universal das emoções. Porém, não se trata de negar essas perspectivas que podem ocorrer na trama emocional, mas priorizei, nesta análise, a compreensão das emoções a partir de a base social e cultural, sem me deter rigidamente em uma corrente específica.

No encontro com os Círculos, referenciando-os como ritual, pude refletir sobre eles como uma experiência coletiva impulsionada por uma “energia emocional” que parece permitir que as emoções emergjam, para alguns, como algo positivo; para outros, como uma forma desafiadora de se revelar perante o coletivo; e, ainda, para aqueles que não conseguem atribuir significância àquela ocasião. A categoria ritual sinaliza cumprir uma função simbólica, sendo ela atravessada por emoções, frequentemente funcionando como um encontro social que busca comunicar, reinterpretar e recriar a liminaridade.

No que diz respeito aos fios que sustentam o ritual — seus elementos estruturantes —, desde a Cerimônia de Abertura até a de Encerramento, compõem esse processo o papel do facilitador, o bastão de fala (ou objeto da palavra) e o centro do círculo (ou peça de centro). A partir desses elementos, levantei a reflexão sobre o facilitador como “xamã da paz”, uma figura que, ao articular os aportes teóricos e a escuta sensível dos interlocutores, parece assumir, nos moldes contemporâneos, um duplo lugar entre o mágico e o racional. Isso não significa, de forma alguma, a intenção de determinar ou fechar o debate, tampouco de romantizá-lo, mas, antes, uma tentativa de ampliar as reflexões acerca da função do facilitador.

Com relação ao bastão de fala, observei que ele pode tomar proporções para além da sua materialidade, ultrapassando o sentido de simples elemento do Círculo, parece ser um símbolo de poder compartilhado. Sinaliza não ser como um objeto qualquer, mas uma coisa viva, que parece ganhar uma existência própria dentro do ritual. Ele parece assumir um lugar emblemático “falante”, frequentemente tornando-se uma insígnia de poder para a maioria dos participantes.

Os sinais a seu respeito são multifacetados: o bastão pode ser compreendido como um elemento regulador e provedor de respeito, sendo percebido como algo positivo; de outro modo, apontou desconforto, sobretudo para aqueles que se consideram tímidos ou que não desejam se expor no encontro, configurando-se como um elemento desafiador de ser tocado. Tais indícios indicam que o “bastão de fala” funciona como uma cinesia no ritual, um dispositivo que movimenta a circularidade e mobiliza as tramas das emoções, ainda que nem sempre seja bem aceito por todos os presentes.

O centro do círculo — ou peça de centro —, outro elemento crucial no ritual dos Círculos, não parece ser um simples adorno visual, mas um elemento portador de significados que simbolicamente parece incorporar sentidos para os participantes na

ritualística. Embora seja idealizado como ponto de convergência do olhar, o eixo silencioso no centro da roda, ele não se resume apenas a isso. Pelo contrário, os objetos que repousam sobre ele indicam o ganhar vida social nas lembranças dos participantes; as coisas parecem fluidas e atravessadas por relações, passando a sinalizar uma biografia social nas histórias e memórias que os interlocutores tecem em torno desses objetos.

Deste modo, os objetos no ritual não se configuram como simples acessórios; indicam que podem representar coisas afetivas e simbólicas para determinados participantes. Eles, quase sempre, sinalizam articulações entre emoção e coletividade, tanto nos ditos quanto nos não ditos dos participantes, ultrapassando, possivelmente, sua dimensão estritamente material. Em outras palavras, os objetos parecem atuar, agir para além da sua forma e matéria inanimada, como “coisas” vivas que mobilizam e dão vida ao coletivo, por meio das histórias, das memórias e das lembranças compartilhadas no Círculos.

Certos indícios captados nesta pesquisa indicaram a relevância dos fios organizacionais e dos elementos essenciais dos Círculos, passíveis de serem vividos nos ambientes institucionais — acadêmico, escolar, da saúde, entre outros —, ainda que o tempo e a dinâmica desses espaços imponham desafios à experiência prática. Ao longo da pesquisa, alguns indícios mostraram que adaptações podem ser necessárias sem, necessariamente, comprometer a essência do ritual.

Sobre a categoria emoções, com uma heurística de pistas, pesquisei as tramas das emoções nos Círculos, como uma rede de emaranhados que atravessam e entrelaçam vozes, gestos, silêncios, choros e objetos, e isto só se tornou possível a partir da adoção do método de interpretação do “paradigma indiciário” que, em vez de fechar conclusões, me permitiu valorizar os pormenores e os detalhes aparentemente imperceptíveis.

No campo Acadêmico, identifiquei vestígios de emoções que se entrelaçam e parecem indicar significados distintos, sobretudo por meio dos não ditos expressos na corporeidade. Esses indícios mostraram-se tensionados pela ansiedade de falar sem, ao mesmo tempo, romper com as expectativas do encontro, bem como pela necessidade de preservação da imagem social, de modo a não quebrar os códigos de comportamento da interação.

Entre os indícios das tramas emocionais, a vergonha parece emergir como um mecanismo regulador do comportamento no ritual. Para determinados participantes,

ela sinalizou como um possível provedor de autocontrole diante de situações potencialmente constrangedoras; para outros, revelou-se como um indício de embaraço social e de ansiedade em relação à aceitação pelo grupo. Assim, a vergonha, enquanto emoção social, frequentemente se configurou como um rastro de regulação emocional orientado pelas normas consideradas aceitáveis no espaço coletivo.

Em alguns momentos, observei que a emoção vergonha se manifestou pelos não ditos, sinalizados por meio de movimentos inquietos de pés e mãos que pareciam não encontrar repouso, por olhares que evitavam se fixar em uma direção definida. Parece que instaurava uma ambiguidade recorrente entre o desejo de falar e, no mesmo instante, o receio da exposição no ritual, fazendo com que o autocontrole se sobrepusesse à expressão.

Com relação ao silêncio, por sua vez, se manifestou como outra emoção constitutiva das tramas nos Círculos, se apresentando tanto nos ditos, quanto nos não ditos dos participantes. Os indícios sugeriram para um silêncio que frequentemente assumia contornos de cumplicidade e ausência, indicando a inexistência de espaços institucionais capazes de impulsionar apoio emocional, como evidenciado na experiência de uma estudante universitária, como ainda nos indicativos dos ACS que revelaram certa necessidade de um olhar mais efetivo da instituição.

Assim, os silêncios pareciam dizer mais do que palavras, ora eram respeitados, ora interrompidos por emoções que emergiam sem pedir permissão. Para alguns participantes no campo Acadêmico, os silenciamentos eram vividos como embaraços, geralmente, apesar de as palavras constituírem o principal meio de expressão das tramas emocionais, o silêncio parecia indicar um autocontrole em algumas situações.

Para outros, entretanto, o silêncio parecia assumir outro significado: um “silêncio que também fala”, frequentemente revelando dores e sofrimentos retraídos, marcados pela ausência do hábito de se expressar e pela manutenção de emoções veladas. Em certos casos, o silêncio indicou uma tentativa de “quebrar” o próprio ritual dos Círculos; em outros, parece que expressou empatia em relação àqueles que se pronunciavam no coletivo; ou, ainda, sinalizou, simplesmente, um silêncio sem significado aparente.

No contexto Escolar, as tramas das emoções não se apresentaram de forma distinta dos demais campos. Os ditos e não ditos, expressos nas narrativas e nas corporalidades dos participantes, apontaram frequentemente múltiplos sentidos

atribuídos às emoções. O choro, por exemplo, aparece ora como alívio e confiança para desabafar sentimentos sufocados, ora como emoção a ser administrada para não romper a ordem do ritual. As desculpas surgiram como estratégia de neutralização do choro, numa tentativa de restabelecer o jogo grupal, ao passo que, em outros momentos, as lágrimas parecem que foram compreendidas e aceitas como “expressão obrigatória dos sentimentos”.

A emoção vergonha parece ter emergido com frequência como uma forma de autocontrole entre os professores, seja para proteger a própria imagem diante do grupo com o qual trabalham, seja por timidez, no sentido de não se sentirem à vontade com todos no ritual. Possivelmente, a vergonha também funcionou como um mecanismo de regulação do tempo de fala na rodada, evitando “quebrar”, simbolicamente, a ordem das diretrizes do ritual e favorecendo uma certa simetria de tempo entre os participantes.

Outra emoção pertinente que parece ter assumido relevância no campo Escolar foi a alegria, manifestada nos sorrisos de alguns professores durante o ritual em uma escola. Os indícios apontaram para uma possível estratégia de não explicitar as relações de poder que se mantinham naquele espaço e talvez manter um alinhamento emocional às normas de comportamento estabelecidas simbolicamente. Ao mesmo tempo, a alegria parecia funcionar como uma forma de sustentar uma “energia emocional” elevada, considerada necessária naquela ocasião, contribuindo para não romper com a ordem do ritual.

No campo da Saúde, embora inicialmente percebido por mim como distinto do contexto educacional, as tramas das emoções se mostraram igualmente presentes nos Círculos com os Agentes Comunitários de Saúde (ACS). Os indícios revelaram que, também nesse campo, as emoções podem se configurar como fenômenos sociais atravessados por silêncios, medos e outras emoções, incorporados de significados tanto nos ditos quanto não ditos.

A emoção medo, em particular, apareceu associada ao silenciamento, funcionando como um indicativo de autocontrole e de administração dos sentimentos, bem como um mecanismo — por meio do silêncio — de preservação da segurança pessoal diante do jogo simbólico das redes criminais, presentes nos territórios de atuação dos ACS. Assim, as tramas emocionais fazem parte do cotidiano social desses profissionais, que, por sua vez, sinalizaram a urgência de suporte emocional diante dos desafios impostos pela profissão.

Em suma, as tramas das emoções, como fenômeno social, revelaram indícios marcantes nos processos de interação. Nos Círculos, a dimensão emocional atravessa e se entrelaça por meio do afetar e do ser afetado, muitas vezes revelando certa fragilidade emocional. Com isso, algumas pistas apontaram indícios de esgotamento emocional — ansiedade, cansaço mental, estresse, depressão, entre outros — atribuídos à escassez de suporte afetivo: uma certa lacuna emocional relacionada à ausência de espaços de escuta, acolhimento e cuidado, encontrando nos encontros dos Círculos uma forma de atender ao que os interlocutores pareciam necessitar. Contudo, os Círculos parecem não servir para tudo nem para todas as situações, levando-nos a refletir: o que pode ser feito para que as tramas das emoções sejam escutadas, acolhidas e cuidadas?

Portanto, não posso deixar de reconhecer que, como facilitadora e pesquisadora, também fui atravessada por tramas emocionais que ao escutar dores, acompanhar narrativas, observar pormenores invisibilizados à primeira vista, interpretar significados atribuídos aos objetos, tudo isso exigiu de mim uma constante exigência de reflexividade teórica, metodológica e afetiva.

Deste jeito, os resultados indicam que as emoções se expressaram de forma multifacetada, tanto por meio dos ditos, materializados nas narrativas compartilhadas, quanto pelos não ditos, revelados nos silêncios, nos movimentos corporais, nos olhares e nos choros que atravessam o encontro, independente do campo.

Por fim, as tramas das emoções apontaram sinais de que se configuram como processos dinâmicos e relacionais, continuamente reatualizados no interior do ritual, o que possibilita compreender os Círculos como espaços nos quais as emoções se organizam, se expressam e se transformam no curso da interação social. Esta tese não se encerra com respostas cristalizadas, mas com frestas de indícios emocionais que continuam pulsando. O principal aprendizado foi reconhecer que as tramas das emoções nos Círculos são processos em constante movimento — e que pesquisá-las implica aceitar permanecer em travessia.

## REFERÊNCIAS

APPADURAI, Arjun. **A vida social das coisas**: mercadorias sob uma perspectiva cultural. Tradução de Agatha Bacelar. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2008.

BARBOSA, Lara Leite. **O design transformável através das criações da hoberman associates**. São Paulo, 2012. Disponível em: [https://www.usp.br/noah/wp-content/uploads/2012/07/NUTAU\\_TTC-5Design-transformavel.pdf](https://www.usp.br/noah/wp-content/uploads/2012/07/NUTAU_TTC-5Design-transformavel.pdf). Acesso em: 10 dez. 2024.

BARBOSA, Raoni Borges. Vergonha cotidiana, ofensa moral e ressentimento: as dimensões emocionais e morais dos rituais cotidianos de interação. **REIA, Revista de Estudos e Investigações Antropológicas**, v.3, n. 1, p.195-212, 2016.

BARCELLOS, Flávio Henrique Santos de. Uma experiência de Círculo de Construção de Paz na Guarda Municipal de Vila Velha (p. 66-84). In: CAMPOS, Hein; OLIVEIRA, Cristina Rego. **Experiências de justiça restaurativa no Brasil**. 1.ed. São Paulo: Blimunda, 2023.

BARREIRA, Irllys Alencar Firmo. A cidade e o medo. In: BARREIRA, César; BATISTA, Élcio. **(In) segurança e sociedade: treze lições**. Campinas, SP: Pontes Editora. Fortaleza, CE: Fundação Demócrito Rocha, 2011.

BENEVIDES, Hugh J. R. R. v. Moses and sentencing circles: a case comment. **Dalhousie Journal of Legal Studies**, v. 3, p. 241-250, 1994.

BOONEN, Petronella Maria. Sulear a justiça restaurativa é ampliar suas abordagens (p. 44-64). In: ORTH, Glaucia Mayara Niedermeyer; MACHADO, Paloma (org.). **Sulear a justiça restaurativa: as contribuições latino-americanas para a construção do movimento restaurativo**. Graf. Ponta Grossa: Texto e Contexto, 2020. (Coleção Singularis, v.8).

BOURDIEU, P. **Meditações Pascalianas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Tradução de Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil S.A, 1989.

BOYES-WATSON, Caroline. **No coração da esperança**: guia de práticas circulares - o uso de círculos de construção da paz para desenvolver a inteligência emocional, promover a cura e construir relacionamentos saudáveis. Tradução de Fátima De Bastiani. Porto Alegre: Tribunal de Justiça do Estado do Rio Grande do Sul, Departamento de Artes Gráficas, 2011.

BRASIL. Ministério Público do Estado de Minas Gerais. **Biografia de Kay Pranis**, 2021. Disponível em: <<https://www.mpmg.mp.br/data/files/79/A2/77/3F/DE3AC710047E3AC7760849A8/BIOGRAFIA%20Kay%20Pranis%20.pdf> > Acesso em 12 out. 2024.

CALVINO, Italo. **Seis propostas para o próximo milênio**. Tradução Ivo Barroso. Companhia das Letras, 1 ed., 1990.

CARAVELLAS, EMCTM. Justiça restaurativa. In: LIVIANU, R., (Org). **Justiça, cidadania e democracia**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisa Social, 2009. pp. 120-131.

CASTRO, Maria Letícia Lellis de Oliveira. **Justiça Restaurativa: origem, desenvolvimento e fundamento**. Dissertação (Mestrado). Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, 135 p., Franca, 2020.

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. Drama, ritual and performance in Victor Turner. **Sociol. Antropol**, v.3, n.6, p. 441-440, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sant/a/PHhyQhsQNVsfD3nqNXX3phb/> Acesso em 2 dez. 2024.

COLLINS, Randall. **Interaction ritual chains**. Princeton studies University Press, 2004.

COSTA, Helena Maria; MOURA, Marília Lobão Ribeiro de. A eficácia da Justiça Restaurativa nas Varas Criminais. In: GALVÃO, Ivânia Ghesti; ROQUE, Elizângela Caldas Barroca (Orgs.). **Aplicação da Lei em uma Perspectiva Interprofissional: Direito, Psicologia, Psiquiatria, Serviço Social e Ciências Sociais na Prática Jurisdicional**. Rio de Janeiro: Lúmen Juris, 2010.

COSTA, Marielza Nobre Caetano da. **As relações entre o sagrado e os círculos restaurativos no Tribunal de Justiça do Estado de Goiás**. 2021. Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Escola de Formação de Professores e Humanidades, Goiânia, 2021.

CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa**. 4. ed. rev. e atual. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.

DA MATA, Vanessa. **Ainda bem**. Intérprete: Vanessa da Mata. In: SIM. Rio de Janeiro: Sony BMG, 2007.

DALCASTAGNÈ, Regina. **O prego e o rinoceronte**: resistências na literatura brasileira. Porto Alegre: Zouk, 2021.

DAMATTA, Roberto. **A Casa e a Rua**: Espaço, Cidadania, Mulher e Morte. Rio de Janeiro: Rocco, 1984.

DAMATTA, Roberto. **O que faz o Brasil, Brasil?** 12. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

DELEUZE, Gilles. **Cursos sobre Spinoza**. Tradução de Emanuel Angelo da Rocha Fragoso, Francisca Evilene Barbosa de Castro, Hélio Rebello Cardoso Júnior e Jefferson Alves de Aquino. 3. ed. Fortaleza: EdUECE, 2019.

DICIO. **Paz**. Dicionário Online de Português. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/paz/>. Acesso em: 10 jun. 2025.

DICIONÁRIO ETIMOLÓGICO. **Etimologia e origem das palavras**: paz. Disponível em: <https://www.dicionarioetimologico.com.br/>. Acesso em: 11 jun. 2025.

DIÓGENES, Glória Maria dos Santos. **Avarias**. Cotia: Urutau, 2024.

DOHMANN, Marcus. **A experiência material**: a cultura do objeto. Rio de Janeiro: Rio Books, 2013.

DUMONT, Louis. **Homo Hierarchicus**: The Caste System and Its Implications. Chicago: University of Chicago Press, 1980.

ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos**. Tradução de Vera Ribeiro. Michael Schröter (Org.). Renato Janine Ribeiro (Rev.). Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 1994.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**: Uma história dos costumes. Volume 1. Tradução de Ruy Jungmann. 2.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

ETIMOLOGIA. **Paz**. Disponível em: <https://etimologia.com.br/paz/>. Acesso em: 10 jun. 2025.

EVARISTO, Conceição. **Escrevivência**: a escrita de nós - reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Constância Lima Duarte, Isabella Rosado Nunes (Org.). 1. ed. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

EVARISTO, Conceição. **Olhos d'água**. 2. ed. Rio de Janeiro, RJ :Pallas Míni, 2018.

FREITAS, Geovani Jacó de. **Ecos da violência**: narrativas e relações de poder no Nordeste canavieiro. Rio de Janeiro: Relume Dumará – Núcleo de Antropologia da Política/UFRJ, 2003.

GALTUNG, Johan. Violence, peace, and peace research. **Journal of Peace Research**, Vol. 6, No. 3 (1969), pp. 167-191.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e identidade**. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.

GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes**: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição. Tradução de Maria Betânia Amoroso. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

GINZBURG, Carlo. Descobertas de um espectador. Entrevista cedida a Maria Lúcia G. Pallares-Burke. **Folha de São Paulo**, São Paulo, jun. 1999. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mas/fs13069912.htm>. Acesso em 02 jan. 2024.

GINZBURG, Carlos. História e Cultura: Conversa com Carlo Ginzburg. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v. 3, n. 6, p. 254-263, 1990.

GINZBURG, Carlos. O verdadeiro, o falso e o fictício. **Entrevista concedida ao jornal Extra Classe**, 10 de março de 2011.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Tradução de Maria Célia Santos Raposo. 20.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

GOFFMAN, Erving. **Ritual de interação**: ensaios sobre o comportamento face a face. Tradução de Fábio Rodrigues Ribeiro da Silva. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

HOCHSCHILD, Arlie Russell. **The Managed Heart Commercialization of Human Feeling**. Berkeley, CA: University of California Press, 1983.

JACCOUD, M. Princípios, tendências e procedimentos que cercam a justiça restaurativa. In: SLAKMON, C. (org.). **Justiça restaurativa**. Brasília: MJ; PNUD, 2005. p. 163-186.

KOPYTOFF, Igor. A biografia cultural das coisas: a mercantilização como processo. In: APPADURAI, Arjun (Org) **A vida social das coisas: as mercadorias sob uma perspectiva cultural**. Tradução de Agatha Bacelar. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2008.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. Confiança e Sociabilidade. Uma análise aproximativa da relação entre medo e pertença. **RBSE**, v.1, n.2, pp.151-181, João Pessoa, 2002.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. **Estilos de vida e individualidade**: escritos em antropologia e sociologia das emoções. Curitiba: Appris, 2014.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. O que é medo? Um adentrar no imaginário dos habitantes da cidade de João Pessoa, Paraíba. **Psicologia & Sociedade**. v.21, n.3, p. 402-410, 2009.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. **Sociologia da emoção**: O Brasil urbano sob a ótica do luto. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. Uma análise das Noções de Confiança e Traição em um Grupo de Jovens. **RBSE – Revista Brasileira em Sociologia da Emoção**, v. 3, n. 9, p. 371-406, dez. 2004.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro; BARBOSA, Raoni Borges. **Da subjetividade às emoções**: a antropologia e a sociologia das emoções no Brasil. Recife: Edições Bagaço; João Pessoa: Edições GREM, 2015.

KRIPPNER, Stanley. Os primeiros curadores da humanidade: abordagens psicológicas e psiquiátricas sobre os xamãs e o xamanismo. **Rev. Psiq. Clín.** v. 34, supl 1; p. 17-24, 2007.

LARSON, R.; HOSTETLER, R. P. **Cálculo e Geometria Analítica**. 8ª ed. Cengage Learning, 2009.

LE BRETON, David. **A sociologia do corpo**. Tradução de Sonia Fuhrmann. 6 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

LE BRETON, David. **Antropologia das emoções**. Tradução de Luís Alberto S. Peretti. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.

LUTZ, Catherine. Entrevista: antropologia com emoção. Transcrição e tradução de Maria Claudia Coelho. **Mana**, v. 18, n.1, p.213-224, 2012.

LUTZ, Catherine. **Unnatural emotions: everyday sentiments on a Micronesian atoll and their challenge to Western Theory**. The University of Chicago, 1988.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Um diário no sentido estrito do termo**. Rio de Janeiro: Record. 1967.

MATA, Vanessa da. **Como palavras**. Intérprete: Vanessa da Mata. In: MATA, Vanessa da. Sim. São Paulo: Sony BMG, 2007.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**. 6. ed. São Paulo: EPU; EDUSP, 1979.

MENEZES, Mário; MENDES, Luciano. O silêncio, o silenciamento e o silêncio cúmplice como mecanismos de perpetuação do racismo nas organizações. **Cad. EBAPE.BR**. Rio de Janeiro, v. 21, n. 6, p. 1-11, 2023.

MENSCH, Peter Van. **O objeto de estudo da museologia**. Rio de Janeiro: UNI-RIO/UGF, 1994.

MICHAELIS. **Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa**. São Paulo: Melhoramentos, [s.d.]. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/constru%C3%A7%C3%A3o/>. Acesso em 06 jul. 2025.

MINTZ, Sidney W. **Cultura: uma visão antropológica**. Tradução de James Emanuel de Albuquerque. Tempo, 28, jul. 2009.

MONTERO, Rosa. **A louca da casa**. Tradução de tradução de Paulina Wacht e Ari Roitman. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

MOURA, Adriana Borges Ferro; LIMA, Maria da Glória Soares Barbosa. A reinvenção da roda: roda de conversa, um instrumento metodológico possível. **Interfaces da Educ.**, Paranaíba, v.5, n.15, p. 24-35, 2014.

NAÇÕES UNIDAS. Escritório sobre Drogas e Crime. **Manual sobre programas de justiça restaurativa**. Escritório das Nações Unidas sobre Drogas e Crime. Tradução de Cristina Ferraz Coimbra e Kelli Semolini. 2. ed. Brasília: Conselho Nacional de Justiça, 2021.

OED. **Oxford English Dictionary**, 2025. Disponível em: <https://www.oed.com/search/dictionary/?scope=Entries&q=talking+stick>. Acesso em: 02 abr. 2025.

OLIVEIRA SILVA, Fernanda Carvalho Dias de. **A experiência e o saber da experiência da justiça restaurativa no Brasil: práticas, discursos e desafios**. São Paulo: Blucher, 2021.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever**. 2. ed. Brasília: Editora da UnB, 1996.

PAIS, José Machado. Cotidiano e reflexividade. **Educ. Soc.**, Campinas, v.28, n. 98, p. 23-46, jan./abr. 2007. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/es/a/THhNxqcBpnjzjxQmsb4RBbb/>> Acesso em 02 out. 2024.

PARREIRAS, Carolina. Entre a prática, a teoria, a escrita e a experimentação etnográficas. Entrevista com Michael Taussig. **Rev. antropol.** (São Paulo, Online) USP, v. 63, n.3. 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ra/a/yV9jMf3WgXLkwKSjrfgQxQv/?lang=pt>. Acesso em 18 jan. 2026.

PASSOS, C. M. O. **Dialogando no círculo: o devir de uma metodologia para abordar o abuso sexual intrafamiliar**. Tese (doutorado), Universidade Federal do Rio de Janeiro. Instituto de Psicologia, 2015.

PELIZZOLI, Marcelo L. **Diálogo, mediação e práticas restaurativas: cultura de Paz**. Sayão, S. (Org.). Recife: Ed. da UFPE, 2012.

PINHO, T. A.; Harman, G. Graham Harman e a Teoria Social pós-síntese: o olhar orientado ao objeto e suas implicações. **Cadernos de Campo** (São Paulo – 1991), v. 28, n. 2, p. 129-145, 2019. Disponível em: <https://revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/view/164742>. Acesso em 13 out. 2025.

PRANIS, Kay. **Círculos de justiça restaurativa e de construção da paz: guia do facilitador**. Tradução: Fátima de Bastiani. Porto Alegre: Tribunal de Justiça do Estado do Rio Grande do Sul, Departamento de Artes Gráficas, 2011.

PRANIS, Kay. **Processos circulares de construção de paz**. São Paulo: Palas Athena, 2010.

REZENDE, Claudia Barcellos; COELHO, Maria Claudia Pereira. **Antropologia das emoções**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

RODRIGUES, Wallace. Algumas reflexões sobre os instrumentos musicais indígenas na literatura de informação. **Magistro Revista Acadêmica**, v. 1, n. 27, p. 32-42, 2023.

ROLNIK, Suely. Subjetividade e história. **RUA**, Campinas, SP, v. 1, n. 1, p. 49–61, 2005. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rua/article/view/8638916>. Acesso em: 02 out. 2024.

ROLNIK, Suely. **Subjetividade em obra**. Lygia Clark, uma artista contemporânea. Conferência proferida no Museu D'Art Contemporani, Barcelona, 2002.

ROLNIK, Suely. Uma insólita viagem à subjetividade: fronteiras com a ética e a cultura. In D. S. Lins. (Org.), **Cultura e Subjetividade**: saberes nômades (pp. 25-34). Campinas: Papirus, 1997.

ROSENBERG, Marshall. **Vivendo a comunicação não violenta**. Tradução de Beatriz Medina. Rio de Janeiro: Sextante, 2019.

SCHEFF, Thomas J. The Emotional/Relational World: Toward a Structural Theory of Emotion. In: KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro (Org.). **Sociologia das emoções**: a construção social do indivíduo. Petrópolis: Vozes, 2004. p. 33-54.

SCHUTZ, A. **Sobre fenomenologia e relações sociais**. Tradução de Wagner, H. R. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

SENNETT, Richard. **O Declínio do Homem Público**: as tiranias da intimidade. Tradução: Lygia Araújo Watanabe. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

SILVA, M. C. L. Círculos de construção de paz como metodologia de diálogo na educação. **Brazilian Journal of Development**, Curitiba, v. 8, n.12, p. 79231-79244, dec., 2022. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/55395>. Acesso em: 02 out. 2025.

SILVA, M. C. L. da et al. Suporte aos Agentes Comunitários de Saúde em cenários de violência: experiência de formação em saúde. **O público e o privado**, Fortaleza, CE. v. 23, n. 1, 2025.

SILVA, M. C. L. da. **Círculos de construção de paz**: experiência e olhares na escola pública. São Paulo: Dialética, 2023.

SILVA, M. C. L. da. et al. Mediação de conflitos e práticas restaurativas: semelhanças e diferenças na educação. **Revista Observatório de la Economía Latinoamericana**, Curitiba, v.22, n. 6, p. 01-22, 2024.

SILVA, M. C. L. da. et al. O medo e a violência: perspectivas de profissionais da saúde. **Magistro Revista Acadêmica**. v. 2, n. 30, p. 135-153, 2024.

SILVA, M. C. L. da; GONDIM, L. V. C.; SANTOS, S. S. dos. Mediação de conflitos e práticas restaurativas: semelhanças e diferenças na educação. **PEER REVIEW**, v. 5, n. 13, 2023.

SILVA, S. B. da; GIUMBELLI, E; QUINTERO, P. O xamanismo e suas múltiplas manifestações e abordagens. **Horiz. antropol.**, Porto Alegre, ano 24, n. 51, p. 7-15, maio/ago. 2018.

SIMMEL, Georg. **Questões fundamentais da sociologia**: indivíduo e sociedade. Tradução de Pedro Caldas. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

SPINOZA, B. Ética. **Edição bilíngue latim-português**. Tradução e Notas de Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

THIOLLENT, Michel J. M. **Crítica metodológica, investigação social e enquete operária**. 3ª ed. São Paulo: Editora Polis, 1982. (Coleção Teoria e História 6).

TORRES, Marieze Rosa. **Hóspedes incômodas? emoções na sociologia Norteamericana**. Universidade Federal da Bahia. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. Tese (Doutorado), 203f. 2009. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/11368>. Acesso em 12 jun. 2025.

TURNER, V. W. **Floresta de símbolos**: aspectos do ritual Ndembu. Tradução de Paulo Gabriel Hilu da Rocha Pinto. Niterói, RJ: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2005.

TURNER, V. W. **O processo ritual**: estrutura e anti-estrutura. Tradução de Nancy Campi de Castro. Petrópolis, Vozes, 1974.

VELHO, Gilberto. Observando o familiar. In: NUNES, Edson de Oliveira. **A Aventura Sociológica**. Rio de Janeiro, Zahar, 1987, p. 122-134.

WEBER, Max. A objetividade do conhecimento nas ciências sociais. In: COHN, Gabriel (Org.). FERNANDES, Florestan (Coord.). **Weber - Sociologia**. Coleção Grandes Cientistas Sociais, 13. São Paulo: Ática, 1999, p. 79-127.

WEBER, Max. **Economia e sociedade**: Fundamentos da sociologia compreensiva (vol.1). Tradução de Regis Barbosa e Karen Elsabe. 4 ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2000.

ZANNONI, Claudio; BARROS, Maria Mirtes dos Santos. A voz dos espíritos: uma bordagem sobre o maracá em sociedades indígenas do Maranhão. **Cad. Pesq.**, São Luís, v. 19, n. 2, maio/ago. 2012. Disponível em: <https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/cadernosdepesquisa/article/view/1047>. Acesso em 10 jun. 2025.

ZEHR, Howard. **Trocando as lentes**: um novo foco sobre o crime e a justiça. Tradução de Tônia Van Acker. São Paulo: Palas Athena, 2008.

## APÊNDICE A – PARTICIPANTES DA PESQUISA

Nº	*PARTICIPANTE	**BREVE DESCRIÇÃO	***PERFIL EMBLEMÁTICO	CAMPO	PERÍODO E MÉTODO
1	Amary	Agente Comunitária de Saúde (ACS), do gênero feminino, com 13 anos de atuação profissional, 42 anos de idade. Atua em uma unidade de saúde localizada na Praia do Futuro, zona leste de Fortaleza, Ceará. Participou do Curso de Aperfeiçoamento Cuidando dos Conflitos e Prevenção à Violência nos Territórios, realizado no período de abril a julho de 2023.	Movimentos constantes de inquietação na cadeira, acompanhados de respostas monossilábicas.	Saúde	Junho de 2024 Formulário impresso
2	Baíra	ACS com 10 anos de atuação profissional e 40 anos de idade, lotada em uma unidade de saúde localizada na Praia do Futuro, zona leste de Fortaleza, Ceará. Participou do “Curso de Aperfeiçoamento Cuidando dos Conflitos e Prevenção à Violência nos Territórios”, realizado entre abril e julho de 2023.	Timidez expressa por indícios corporais de retraimento e pelo olhar fixo no “centro do círculo” no momento da fala durante o ritual.	Saúde	Junho de 2024 Formulário impresso
3	Juriti	Universitário, 21 anos de idade, estudante do curso de Ciências Sociais em uma universidade pública de Fortaleza, matriculado na disciplina de Literatura e Ciências Sociais.	Apresentou-se disperso no Círculo, com agitação constante das pernas e movimentos repetitivos das mãos sobre a cadeira.	Acadêmico	Junho de 2024 Diário de campo
4	Nina	Facilitadora de Círculos de Construção de Paz (CCP), com três anos de experiência no campo escolar, e atua em um grupo de apoio a mulheres por meio dos Círculos, com o objetivo de fortalecer o autoconhecimento e a autoestima. É professora da rede pública do estado do Ceará, exercendo a	defensora dos Círculos de Construção de Paz; atualmente atua com um grupo de mulheres por meio dos Círculos de Encontro com Fins de Diálogo.	Escolar	Agosto de 2025 Diário de campo

		função de Professora Diretora de Turma (PDT), com 15 anos de atuação no ensino básico. Atualmente, concentra sua carga horária docente efetiva em uma escola localizada no bairro Parangaba, na zona oeste de Fortaleza, Ceará. Tem 42 anos de idade.			
5	Jurema	ACS com 13 anos de atuação profissional, 37 anos de idade, atua e reside na Praia do Futuro, na zona leste de Fortaleza, Ceará. Participou do Curso de Aperfeiçoamento Cuidando dos Conflitos e Prevenção à Violência nos Territórios, realizado no período de abril a julho de 2023.	Olhar acolhedor, com sorriso no rosto ao falar no Círculo. Mostrou-se extrovertida e alegre durante as perguntas norteadoras, levando bastante tempo para responder, com falas longas e detalhadas.	Saúde	Junho de 2024 Diário de campo
6	Aruna	Professora da rede municipal de Fortaleza, atuando na disciplina de Língua Portuguesa nas séries finais do ensino fundamental, e facilitadora de Círculos na escola há cinco anos.	Pesquisadora de mestrado; postura crítica em relação à utilização dos Círculos no contexto escolar.	Escolar	Agosto de 2025 Diário de campo
7	Lauany	Professora da área de Sociologia	Aceitou responder o formulário.	Escolar	Março de 2024 Formulário Impresso

8	Jaci	Professora de História	Aceitou responder o formulário.	Escolar	Março de 2024 Formulário Impresso
9	Kenai	ACS	Aceitou responder o formulário.	Saúde	Julho de 2023 Formulário Impresso
10	Niara	ACS	Aceitou responder o formulário.	Saúde	Julho de 2023 Formulário Impresso
11	Guaraci	Universitário da graduação em Ciências Sociais no 4º semestre.	Demonstrou-se indiferente ao ritual, permanecendo de braços cruzados e quase deitado na cadeira.	Acadêmico	Junho de 2024 Conversa Aprofundada

12	Porã	Universitário da graduação em Ciências Sociais no 4º semestre.	Silenciou-se diante da maioria das perguntas e demonstrou timidez.	Acadêmico	Junho de 2024 Conversa Aprofundada
13	Yoki	Mãe de uma aluna que realiza Atendimento Educacional Especializado (AEE) em uma escola da rede municipal de Fortaleza.	Apresentou indícios corporais de ansiedade elevada; retirou-se do ritual em diversos momentos, retornando de forma recorrente.	Escolar	Outubro de 2024 Diário de campo
14	Curumim	Mãe de um aluno atendido pelo Atendimento Educacional Especializado (AEE) de uma escola da rede municipal de Fortaleza.	Apresentou indícios de tranquilidade, manteve-se atenta às falas dos demais participantes e frequentemente confirmava o que era dito por meio de acenos de cabeça.	Escolar	Outubro de 2024 Diário de campo
15	Yandra	Mãe de uma aluna atendida pelo Atendimento Educacional Especializado (AEE) de uma escola da rede municipal de Fortaleza. Tem 27 anos de idade, e sua filha, cinco anos.	Manteve-se em palavras curtas e monossilábicas, ditas em um compasso que oscilava entre a lentidão do desconforto e a pressa de se livrar do instante.	Escolar	Outubro de 2024 Diário de campo

16	Inã	Mãe de dois alunos atendidos pelo Atendimento Educacional Especializado (AEE) de uma escola da rede municipal de Fortaleza. Tem 23 anos de idade e dois filhos, um de 7 anos e outro de 9 anos.	Apresentava olhar distante, como se sua mente estivesse voltada para outros pensamentos fora do ritual; quando o “bastão de fala” chegava às suas mãos, quase sempre dizia que não havia compreendido a pergunta.	Escolar	Outubro de 2024 Diário de campo
17	Joaci	Professora que realizou o convite para a realização do Círculo com os pais do Atendimento Educacional Especializado (AEE). Atua há apenas dois anos na escola da rede municipal, tendo sido recentemente efetivada pelo último concurso de Fortaleza, embora já possua cinco anos de experiência como professora temporária. Tem 48 anos de idade, é casada e mãe de uma filha.	Mostrou-se entusiasta da prática dos Círculos de Construção de Paz e muito atenta aos movimentos do ritual e sem expressar medo.	Escolar	Outubro de 2024 Conversa Aprofundada
18	Poti	Pai de uma aluna atendida pelo Atendimento Educacional Especializado (AEE) de uma escola da rede municipal de Fortaleza. Tem 33 anos de idade e atua em serviços temporários, sem vínculo empregatício.	Apresentou desatenção durante o ritual, com expressões corporais de impaciência, evidenciadas por movimentos constantes na cadeira e profundos suspiros.	Escolar	Outubro de 2024 Diário de campo
19	Huyana	Professora da rede pública estadual do Ceará, com 15 anos de experiência na educação, sendo sete deles na rede privada. Tem 34 anos de idade e é solteira.	Apresentou indícios de timidez, verbalizando reiteradamente que se considerava uma pessoa muito envergonhada.	Escolar	Agosto de 2025 Conversa Aprofundada

20	Ipanema	Professora da rede pública estadual do Ceará, com cinco anos de atuação na mesma escola, lecionando a disciplina de História. Tem 29 anos de idade e é solteira.	Apresentou-se extrovertida, permanecendo longos períodos em fala quando o “bastão de fala” chegava às suas mãos, às vezes, com tremor leve na voz e respiração entrecortada.	Escolar	Agosto de 2025 Conversa Aprofundada
21	Iberê	Professor da rede pública estadual do Ceará, leciona a disciplina de Matemática, com 15 anos de atuação na educação e na mesma escola. Tem 42 anos de idade e é pai de três filhos.	Revelou indícios de timidez, respondendo de forma breve, com poucas palavras e sem demonstrar grande empolgação.	Escolar	Agosto de 2025 Conversa Aprofundada
22	Acir	Professor temporário da rede pública, leciona a disciplina de Física, com três anos de atuação na mesma escola e cinco anos de experiência na educação. Tem 27 anos de idade e é solteiro.	Demonstrou vergonha ao falar, quase sempre fazendo pausas longas e engasgando-se com as palavras.	Escolar	Agosto de 2025 Conversa Aprofundada
23	Niara	Professora efetiva da rede pública estadual do Ceará, há nove anos na mesma escola, lecionando a disciplina de Língua Portuguesa.	Apresentou inquietação, fala intensa e sinais de ansiedade, evidenciados por movimentos constantes na cadeira.	Escolar	Setembro de 2022 Diário de Campo

24	Peri	Estudante do 1º ano do Ensino Médio da rede estadual do Ceará, matriculado em uma escola localizada na periferia oeste da cidade de Fortaleza, com 16 anos de idade. Foi o único aluno a participar do Círculo junto aos professores.	Apresentou sinais de tristeza no olhar e mostrou-se bastante introvertido no início do ritual; contudo, no momento da contação de histórias, permaneceu longo tempo falando.	Escolar	Agosto de 2025 Diário de Campo
25	Endir	Facilitadora de Círculos, com 9 anos de docência, professora temporária da disciplina de Geografia em uma escola da rede pública estadual do Ceará. Tem 31 anos de idade, é casada há cinco anos e não tem filhos.	Mostrou-se tímida e demonstrou resistência em participar da conversa, falando o mínimo possível.	Escolar	Abril de 2024 Conversa Prolongada
26	Suyane	Professora da rede pública municipal de Fortaleza, atuando atualmente no cargo de gestão escolar. Desenvolve os Círculos na escola desde a conclusão do curso de formação, há quatro anos.	mostrou-se extrovertida e, durante um Evento Universitário, participou ativamente, falando longamente sobre sua atuação como facilitadora das Práticas Restaurativas.	Escolar	Junho de 2024 Conversa Prolongada
27	Inaiá	Professora da rede pública estadual do Ceará, com 23 anos de experiência na docência e 12 anos de atuação como facilitadora de Círculos e mediadora de conflitos.	Apresentou-se tímida e bastante reservada; ainda assim, aceitou prontamente participar da conversa logo após um evento realizado na universidade.	Escolar	Setembro de 2025 Conversa Aprofundada
28	Iara	Universitária do curso de Administração no 2º semestre.	Demonstrou-se incomodada, com inquietação nas pernas — cruzando e descruzando constantemente —, utilizou poucas palavras e apresentou sudorese.	Acadêmico	Novembro de 2022 Conversa Aprofundada
29	Raira	Universitária no 4º semestre de Pedagogia	Apresentou-se nervosa em razão da timidez, passando	Acadêmico	Novembro de 2022 Conversa Aprofundada

			grande parte do ritual roendo as unhas.		
30	Yaritzá	Universitária do curso de Pedagogia no 4º semestre	Revelou que não gosta de falar em público e demonstrou ansiedade nos momentos em que precisava se expressar.	Acadêmico	Novembro de 2022 Conversa Aprofundada
31	Maiara	ACS com 17 anos de atuação na mesma Unidade de Saúde, separada do marido e mãe de dois filhos, com 52 anos de idade.	Apresentou indícios de ansiedade, com movimentos corporais constantes, e demonstrava, quase sempre, receio e timidez ao falar.	Saúde	Abril de 2023 Conversa Aprofundada
32	Teça	ACS com 13 anos de atuação profissional, reside e trabalha no próprio território de atuação, com 37 anos de idade.	Apresentou-se extrovertida e muito solícita em todas as atividades do Curso.	Saúde	Abril de 2023 Diário de Campo
33	Moara	ACS desde o ano de 2015, reside em outro bairro, distinto daquele em que atua profissionalmente. É solteira e mora com a mãe idosa.	Apresentou sinais de ansiedade, com movimentos constantes na cadeira, falando com frequência sem estar com o “bastão de fala”, sempre acompanhando essas intervenções de pedidos recorrentes de desculpas.	Saúde	Abril de 2023 Diário de Campo
34	Tainara	ACS com 12 anos de Experiência e reside na área de trabalho, tem 47 anos de idade.	Apresentou engasgos ao falar, manteve a voz muito baixa e afirmou ser tímida.	Saúde	Abril de 2013 Conversa Aprofundada
35	Piatã	Professor de Filosofia da rede pública estadual do Ceará, em Fortaleza, com 11 anos de atuação na mesma escola e residente no bairro onde trabalha.	Mostrou-se bastante comunicativo e risonho; contudo, ao narrar suas histórias, recorria a silêncios prolongados.	Escolar	Setembro de 2024 Diário de Campo
36	Dakota	ACS reside na área de atuação profissional e exerce a função há 11 anos. Tem 39 anos de idade.	Apresentou comportamento disperso, com conversas paralelas com outra colega durante o ritual.	Saúde	05 de dezembro de 2025 Conversa Aprofundada

37	Ceci	ACS com 15 anos de experiência profissional, reside em outra área, em razão de uma mudança recente.	Apresentou-se desatenta, com movimentos inquietos na cadeira e envolvimento em conversas paralelas com a colega ao lado.	Saúde	05 de dezembro de 2025 Conversa Aprofundada
38	Araci	ACS, com 18 anos de atuação profissional, reside na mesma área em que trabalha e mora com a mãe e um irmão.	Indícios de expressão facial de preocupação e tensão; mantinha o olhar fixo no celular, como se estivesse trocando mensagens durante o ritual.	Saúde	05 de dezembro de 2025 Conversa Aprofundada
39	Ubiratan	Professor universitário, com muitos anos de atuação na universidade e formação recente como facilitador de Círculos. Tem aproximadamente 50 anos de idade e é solteiro.	Mostrou-se entusiasmado em relação aos Círculos de Construção de Paz e atualmente desenvolve pesquisa sobre a temática.	Acadêmico	Maio de 2024 Diário de campo
40	Juçara	Gestora escolar, com 15 anos de experiência na função de gestão. Casada, mãe de dois filhos, efetiva há 20 anos na rede pública estadual do Ceará.	Apresentou-se comovida, demonstrando esforço para conter o choro; mostrou-se tímida nas narrativas quando o tema dizia respeito à vida pessoal.	Escolar	Setembro de 2024 Diário de Campo
41	Piatã	Professor de Filosofia da rede pública estadual do Ceará, em Fortaleza, com 11 anos de atuação na mesma escola e residente no bairro onde trabalha.	Mostrou-se bastante comunicativo e risonho; contudo, ao narrar suas histórias, recorria a silêncios prolongados.	Escolar	Setembro de 2024 Diário de Campo
42	Winona	Professora de Matemática, com 7 anos de atuação na escola, ainda em regime temporário, com 32 anos de idade, atuando na rede pública estadual.	Chorou intensamente ao narrar sua história de vida.	Escolar	Setembro de 2024 Diário de Campo
43	Potira	Uma estudante universitária de 21 anos que cursa o 4º semestre em Ciências Sociais e se considera uma ativista negra das questões raciais e lésbica também.	Suspiros profundos, impaciência perceptível e movimentos inquietos constantes.	Acadêmico	Outubro de 2025 Conversa Aprofundada

44	Kayke	Universitário do Curso de Ciências Sociais e com 20 anos de idade.	Apresentou-se como envergonhado e afirmou não gostar de falar em público; ao se expressar, evitava contato visual, mantendo o olhar fixo no “centro do círculo”, e utilizava poucas palavras.	Acadêmico	Outubro de 2025 Conversa Aprofundada
45	Tuane	Universitária de 19 anos, cursando o segundo semestre de Ciências Sociais. Filha única, autodefine-se como muito tímida.	Silêncio prolongado durante grande parte do encontro e, de forma súbita, passou a narrar sua história, com lágrimas escorrendo e engasgos constantes na fala.	Acadêmico	Julho de 2025 Conversa Aprofundada
46	Pitanga	Professora a 20 anos na educação e a 15 anos na mesma escola pública estadual. Há 3 anos tinha sido readaptada para os multimeios da escola, o espaço que funciona a biblioteca escolar. Mãe solteira e atualmente mora sozinha e não tem muitos amigos, na escola acredita ter apenas colegas de trabalho.	Choro constante, com emoção evidente, acompanhado de pedidos recorrentes de desculpas pelas lágrimas que escorriam.	Escolar	Junho de 2022 Conversa Aprofundada
47	Anahí	ACS com 12 anos de atuação na mesma comunidade. Casada, mãe de três filhos, demonstra forte vínculo afetivo e apreço pelo trabalho que realiza junto aos usuários.	Permaneceu em silêncio na maior parte dos Círculos e, quando se manifestava, fazia-o de forma breve e monossilábica.	Saúde	Dezembro de 2025 Conversa Aprofundada
48	Aritana	ACS do gênero feminino, com 44 anos de idade e 10 anos de atuação profissional. Mora sozinha, não tem filhos e reside na mesma localidade em que atua profissionalmente.	Foi uma participante que demonstrava muito receio em falar; quase sempre se expressava em terceira pessoa, como um sinal de que não desejava falar de si.	Saúde	Dezembro de 2025 Conversa Aprofundada

49	Yakecan	ACS com 12 anos de atuação profissional, reside em outro território e passou, há pouco tempo, por uma mudança tanto de área de trabalho quanto de moradia. Tem 39 anos de idade.	Permaneceu a maior parte do ritual em silêncio, porém sua corporeidade mostrava-se inquieta, apresentando sinais de que desejava falar, passando o “bastão de fala” como se quisesse dizer algo.	Saúde	Dezembro de 2025 Conversa Aprofundada
----	---------	--	--	-------	--

Fonte: Elaborado pela pesquisadora com base nos dados da pesquisa.

Legenda:

\* Utilizei nomes fictícios com o objetivo de preservar o sigilo, a identidade e a imagem dos interlocutores da pesquisa.

\*\* Trechos retirados a partir das falas dos participantes.

\*\*\* Anotações dos diários de campo.

### APÊNDICE B – CÍRCULOS REALIZADOS DURANTE A PESQUISA

<b>Nº</b>	<b>TEMÁTICA DO CÍRCULO</b>	<b>CAMPO</b>	<b>Nº PARTICIPANTES</b>	<b>PERÍODO</b>
1	Cuidados e afetos na interação social	Acadêmico	14 universitários e um docente	25 a 27 junho de 2024
2	Diálogo e paz	Escolar Rede Estadual do Ceará	30 professores	16 de junho de 2013
3	Círculo de cuidado: memórias e afetos	Escolar Rede Municipal de Fortaleza	25 pais e responsáveis	27 de outubro de 2024
4	A importância da docência escolar	Escolar Rede Municipal de Fortaleza	10 professores	26 de junho de 2025
5	Círculos de paz	Escolar Rede Estadual do Ceará	15 professores	22 de setembro de 2022
6	O vínculo social e a escola	Escolar Rede Estadual do Ceará	10 estudantes	14 de agosto de 2013
7	Círculo de diálogo: um encontro com você e com o outro	Acadêmico	12 universitários	22 de novembro de 2022
8	Círculo de Paz: Autocuidado	Saúde	19 Agentes Comunitários de Saúde	28 de abril de 2023
9	Círculo de Paz: Acolhida	Saúde	20 Agentes Comunitários de Saúde	14 de abril de 2023
10	Círculo de Paz: Resiliência	Saúde	18 Agentes Comunitários de Saúde	05 de maio de 2023

11	Acolhimento dos docentes	Escolar Rede Municipal de Fortaleza	15 professores	26 de novembro de 2024
12	Mediação de Conflitos, Comunicação Não Violenta e Círculos de Construção de Paz: Práticas de Cuidado do Conflito	Acadêmico	8 universitários e 4 docentes	14 de julho de 2023
13	A palavra gira: vivências circulares em territórios de afeto e aprendizagem para contextos educativos	Acadêmico	5 universitários	22 a 24 de outubro de 2025
14	Compartilhamento do memorial das escrevivências	Acadêmico	32 universitários e 1 docente	25 de julho de 2025
15	Círculo de Construção de Paz: encontro com a docência	Escolar Rede Estadual do Ceará	15 professores	20 de abril de 2022
16	Círculo de escuta: empatia	Escolar Rede Municipal de Fortaleza	10 professores	16 de outubro de 2025

Fonte: Elaborado pela pesquisadora com base nos dados da pesquisa.

## APÊNDICE C – ROTEIROS DOS CÍRCULOS DURANTE A PESQUISA

<b>Roteiro 1 - Campo Acadêmico</b>	
Temática: Cuidados e afetos na interação social	Público: Universitários e um docente
Tipo de Círculo: Círculo de Encontro com Fins de Diálogo	Objetivo: Refletir sobre o cuidado e autocuidado na vida pessoal e universitária
Materiais: Bastão de fala (maracá), peça de centro uma toalha branca, alguns livros da literatura dos Círculos.	Quantitativo: 15 participantes
Os fios que organizam a roda da ritualística	
Etapas do Ritual	
1. Cerimônia de Abertura: Música Paciência (Lenine): <a href="https://www.letras.mus.br/lenine/47001/">https://www.letras.mus.br/lenine/47001/</a>	
2. <i>Check-in</i> : Aquecimento inespecífico com atividade corporal, seguido por apresentação não verbal de como estão chegando naquele encontro.	
3. Construção dos Valores: Que valor eu trago para este Círculo? (pergunta norteadora por meio do manuseio de cartões com valores - respeito, empatia, amor, esperança, solidariedade, paz, entre outros.	
4. Combinados/diretrizes: 1) respeitar o objeto da palavra; 2) acolher com a escuta e a palavra; 3) os aprendizados podem ser compartilhados, as histórias não (combinados norteadores) e na rodada o grupo vai crescendo outros acordos.	
5. Contação de história: Como você se sente em relação ao cuidado e ao autocuidado? (pergunta norteadora. (Utilização de uma imagem desenhada de uma balança de equilíbrio, na qual os participantes são convidados a colocar, em cada lado, os cuidados e os autocuidados.)	
6. <i>Check-out</i> : Como se sentiu neste momento? Que considerações você faz a respeito deste Círculo? (Perguntas norteadoras)	
7. Cerimônia de encerramento/fechamento: Um abraço coletivo por meio das mãos	

<b>Roteiro 2 - Campo Escolar</b>	
Temática: Círculo de cuidado: memórias e afetos	Público: Pais, responsáveis e professores
Tipo de Círculo: Círculo de Encontro com Fins de Diálogo	Objetivo: acolher familiares de estudantes do Atendimento Educativo Especializado (AEE)
Materiais: Bastão de fala (maracá), peça de centro com uma toalha de crochê verde e vermelha, um arranjo de flores artificiais, uma imagem de um relógio, folhas de papel A4 e um pássaro de vidro	Quantitativo: 25 participantes
Os fios que organizam a roda da ritualística	
Etapas do Ritual	
1. Cerimônia de Abertura: Vídeo música “As Palavras” - Vanessa da Mata, disponível em: <a href="https://www.youtube.com/watch?v=aEjY-qKQezE">https://www.youtube.com/watch?v=aEjY-qKQezE</a> . E meditação guiada.	
2. <i>Check-in</i> : Como você está chegando neste Círculo? (pergunta norteadora)	
3. Construção dos Valores: Que valor eu trago para o encontro? (pergunta norteadora)	
4. Combinados/diretrizes: 1) respeitar o objeto da palavra; 2) acolher com a escuta e a palavra; 3) os aprendizados podem ser compartilhados, as histórias não (combinados norteadores) e na rodada o grupo vai crescendo outros acordos.	
5. Contação de história: atividade do desenho do contorno das mãos. Solicitou-se que cada participante desenhasse a própria palma da mão e escrevesse, em cada dedo, uma memória relacionada a situações em que se sentiu cuidado(a); no centro da mão, deveria indicar a quem atribui esse cuidado. Em seguida, aqueles que se sentissem confortáveis foram convidados a socializar seus desenhos.	
6. <i>Check-out</i> : atividade não verbal na qual os participantes sugerem, por meio de gestos ou expressões corporais, como estão saindo do encontro.	
7. Cerimônia de encerramento/fechamento: Um aperto de mãos coletivo	

<b>Roteiro 3 - Campo Escolar</b>	
Temática: A importância da docência escolar	Público: Professores
Tipo de Círculo: Círculo de Encontro com Fins de Diálogo	Objetivo: resgatar e refletir a importância da docência
Materiais: Bastão de fala (uma caneta com formato de estrela na ponta), peça de centro com uma toalha de tecido branca, um arranjo de flores artificiais, livros sobre os Círculos e cartões com palavras de valores.	Quantitativo: 10 participantes
Os fios que organizam a roda da ritualística	
Etapas do Ritual	
1. Cerimônia de Abertura: Poema "A vida...o que ela quer da gente é coragem", por Guimarães Rosa. Disponível em: <a href="https://www.recantodasletras.com.br/poesias-de-vida/7141799">https://www.recantodasletras.com.br/poesias-de-vida/7141799</a>	
2. <i>Check-in</i> : Como você está chegando neste Círculo? (pergunta norteadora, utilizando imagens dos super-heróis)	
3. Construção dos Valores: entre os valores que compõem a peça do centro do Círculo, qual você oferece neste momento e para quem? (pergunta norteadora)	
4. Combinados/diretrizes: 1) respeitar o objeto da palavra; 2) acolher com a escuta e a palavra; 3) os aprendizados podem ser compartilhados, as histórias não (combinados norteadores) e na rodada o grupo vai crescendo outros acordos.	
5. Contação de história: Compartilhe uma lembrança da sua trajetória profissional. (pergunta norteadora)	
6. <i>Check-out</i> : Compartilhe seus pensamentos sobre o Círculo, ou uma palavra que resuma como você está se sentindo agora (perguntas norteadoras)	
7. Cerimônia de encerramento/fechamento: Um momento de agradecimento com uma palavra ou aperto de mão de forma voluntária na circularidade do ritual.	

<b>Roteiro 4 - Campo Escolar</b>	
Temática: Círculos de paz e o papel do facilitador	Público: Professores
Tipo de Círculo: Círculo de Encontro com Fins de Diálogo	Objetivo: Vivenciar o ritual do Círculo para sentir cada etapa e perceber o papel do facilitador
Materiais: Bastão de fala (um maracá), peça de centro com uma toalha de crochê verde com pontas douradas, uma garrafa com um cravo artificial, uma imagem de relógio, folhas com combinados e emojis, uma corujinha de madeira e um pássaro de vidro	Quantitativo: 15 participantes
Os fios que organizam a roda da ritualística	
Etapas do Ritual	
1. Cerimônia de Abertura: Vídeo poema “A força do professor” - Bráulio Bessa. Disponível em: <a href="https://www.google.com/search?q=poema+braulio+bessa+sobre+professor&amp;scas_esv=8d3b04ba9c2ae8a2&amp;sxsrf=ANbL-n6mjF_Ch_bvquKz6lDeoc4LiJF2-A%3A1768388289771&amp;ei=wXZnaYTjLouP5OUI7vcuAI&amp;oq=poema+braulio+bessa+sobre&amp;gs_l=Eqxnd3Mtd2l6LXNlcnAiGXbVZW1hIGJyYXVsaW8qYmVzc2Egc29icmUqAggBMqUQABiABDIIEAAyqAQyBRAAGIAEMqUQABiABDIIEAAyFhqeMgYQABqWGB4yBhAAGBYyHjIGEAAyFhqeMgYQABqWGB4yBhAAGBYyHkiqaFCiDijAVnABeAGQAQCYAeACoAH5H6oBCDAuOC4xMC4xuAEBYAEA-AEBmAIUoAKMlclCBxajGLADGCFCAgoQABiwAxjWBBhHwqIKECMYgAQYJxiKBclCBBAjGCfCAgUQLhiABMICChAAGIAEGBQYhwLCAhQQLhiABBIXBRicBBieBBifBNqBAZqDAIqGAZAGCboGBggBEAEYFJIHCDEuNS4xMy4xoAfo8AGyBwgwLiUuMTMuMbgHqiHCBwgwLiEuMTYuM8gHdYAlAA&amp;scient=qws-wiz-serp#fpstate=ive&amp;vld=cid:3a2c5ed0,vid:E2skE7_ckf4,st:0">https://www.google.com/search?q=poema+braulio+bessa+sobre+professor&amp;scas_esv=8d3b04ba9c2ae8a2&amp;sxsrf=ANbL-n6mjF_Ch_bvquKz6lDeoc4LiJF2-A%3A1768388289771&amp;ei=wXZnaYTjLouP5OUI7vcuAI&amp;oq=poema+braulio+bessa+sobre&amp;gs_l=Eqxnd3Mtd2l6LXNlcnAiGXbVZW1hIGJyYXVsaW8qYmVzc2Egc29icmUqAggBMqUQABiABDIIEAAyqAQyBRAAGIAEMqUQABiABDIIEAAyFhqeMgYQABqWGB4yBhAAGBYyHjIGEAAyFhqeMgYQABqWGB4yBhAAGBYyHkiqaFCiDijAVnABeAGQAQCYAeACoAH5H6oBCDAuOC4xMC4xuAEBYAEA-AEBmAIUoAKMlclCBxajGLADGCFCAgoQABiwAxjWBBhHwqIKECMYgAQYJxiKBclCBBAjGCfCAgUQLhiABMICChAAGIAEGBQYhwLCAhQQLhiABBIXBRicBBieBBifBNqBAZqDAIqGAZAGCboGBggBEAEYFJIHCDEuNS4xMy4xoAfo8AGyBwgwLiUuMTMuMbgHqiHCBwgwLiEuMTYuM8gHdYAlAA&amp;scient=qws-wiz-serp#fpstate=ive&amp;vld=cid:3a2c5ed0,vid:E2skE7_ckf4,st:0</a>	
2. <i>Check-in</i> : Em uma palavra, como me sinto agora (pergunta norteadora)	
3. Construção dos Valores: Que valor eu trago para este encontro? (respostas por meio de imagens de emojis)	
4. Combinados/diretrizes: 1) respeitar o objeto da palavra; 2) acolher com a escuta e a palavra; 3) os aprendizados podem ser compartilhados, as histórias não (combinados norteadores) e na rodada o grupo vai crescendo outros acordos.	
5. Contação de história: Compartilhe como você se sente como facilitador/a de Círculo (pergunta norteadora)	
6. <i>Check-out</i> : Compartilhe seus pensamentos sobre o Círculo, ou uma palavra que resuma como você está se sentindo agora (perguntas norteadoras)	
7. Cerimônia de encerramento/fechamento: Um momento de agradecimento com uma palavra ou aperto de mão de forma voluntária na circularidade do ritual.	

<b>Roteiro 5 - Campo Escolar</b>	
Temática: O vínculo social e a escola	Público: Estudantes
Tipo de Círculo: Círculo de Encontro com Fins de Diálogo	Objetivo: promover o entrosamento entre os alunos novatos que haviam chegado à escola no segundo semestre letivo
Materiais: Bastão de fala (uma caneta personalizada), peça de centro com uma toalha redonda branca, um jarro com flores naturais, balões coloridos, papéis brancos e tarjetas nas cores verde e rosa com valores (cartões) e, imagem de relógio.	Quantitativo: 15 participantes
Os fios que organizam a roda da ritualística	
Etapas do Ritual	
1. Cerimônia de Abertura: Atividade de aquecimento corporal e meditação guiada	
2. <i>Check-in</i> : Com a utilização de imagens de emojis, os participantes vão sugestionando como se sentem, com ditos ou não ditos	
3. Construção dos Valores: Solicita que eles apontem nos cartões de valores, que valor você traz para este? (utilização de cartões de valores)	
4. Combinados/diretrizes: 1) respeitar o objeto da palavra; 2) acolher com a escuta e a palavra; 3) os aprendizados podem ser compartilhados, as histórias não (combinados norteadores) e na rodada o grupo vai crescendo outros acordos.	
5. Contação de história: Dinâmica com os balões (colocar um nome de uma pessoa da turma e escrever sua importância) e a orientação: jogar os balões no ar e não deixar cair. Depois compartilhar, somente se sentir à vontade.	
6. <i>Check-out</i> : Em uma palavra, como está saindo do Círculo? (utilizando novamente os cartões de valores)	
7. Cerimônia de encerramento/fechamento: Ao som da música "Peça felicidade" deixar a turma descontraída com as despedidas do encontro (momento descontraído). Música disponível em: <a href="https://www.youtube.com/watch?v=7JNfLG5iTuQ&amp;list=RD7JNfLG5iTuQ&amp;start_radio=1">https://www.youtube.com/watch?v=7JNfLG5iTuQ&amp;list=RD7JNfLG5iTuQ&amp;start_radio=1</a>	

<b>Roteiro 6 - Campo Acadêmico</b>	
Temática: Círculo de diálogo: um encontro com você e com o outro	Público: Universitários
Tipo de Círculo: Círculo de Encontro com Fins de Diálogo	Objetivo: vivenciar um espaço coletivo de partilha e reconhecimento mútuo, favorecendo o cuidado e o autocuidado nos processos educativos
Materiais: Bastão de fala (maracá), peça de centro com uma manta retangular de cores amarela e laranja relógio.	Quantitativo: 12 participantes
Os fios que organizam a roda da ritualística	
Etapas do Ritual	
1. Cerimônia de Abertura: Meditação guiada acompanhada por música instrumental	
2. <i>Check-in</i> : Por meio de um gesto, expresse como você está chegando no Círculo?	
3. Construção dos Valores: Em uma palavra, qual valor trago para o encontro?	
4. Combinados/diretrizes: 1) respeitar o objeto da palavra; 2) acolher com a escuta e a palavra; 3) os aprendizados podem ser compartilhados, as histórias não (combinados norteadores) e na rodada o grupo vai crescendo outros acordos.	
5. Contação de história: Convide os participantes a desenharem a palma da mão em uma folha de papel, dividindo os dedos em seção “mental”, “física”, “emocional”, “espiritual” e “universitária”. E escrevam em cada seção o que eles fazem para cuidar de si e na seção universitária escreva o que está fazendo para cuidar. Depois, convide-os para socialização coletiva. Adaptação da obra: “No coração da esperança: Guia de prática circulares (Boyes-Watson; Pranis, 2011, p. 173).	
6. <i>Check-out</i> : Sugere que em uma frase direcionada a uma pessoa, socialize como está saindo do Círculo.	
7. Cerimônia de encerramento/fechamento: Música Vídeo “Brincar de viver” de Maria Bethânia. Sugere um acompanhamento da música e finaliza descontraidamente com abraços, aperto de mãos, olhares acolhedores, etc. Disponível em: <a href="https://www.youtube.com/watch?v=OEyjM6abNuo">https://www.youtube.com/watch?v=OEyjM6abNuo</a>	

<b>Roteiro 7 - Campo Saúde</b>	
Temática: Círculo de Paz: Autocuidado	Público: Agente Comunitários de Saúde (ACS)
Tipo de Círculo: Círculo de Encontro com Fins de Diálogo	Objetivo: Refletir sobre a importância do autocuidado
Materiais: Peça do centro: Bastão de fala (maracá), folhas de papel A4, toalha branca, datashow e notebook	Quantitativo: 19 participantes
Os fios que organizam a roda da ritualística	
Etapas do Ritual	
1. Cerimônia de Abertura: Dinâmica do garotinho chamado amor. Disponível em: <a href="https://dilmaalves.blogspot.com/2008/09/dinmica-de-grupo-o-garotinho-chamado.html">https://dilmaalves.blogspot.com/2008/09/dinmica-de-grupo-o-garotinho-chamado.html</a>	
2. <i>Check-in</i> : Como você está chegando no Círculo? Por meio da utilização de imagens de emojis	
3. Construção dos Valores: Neste momento, que valor te representa entre estes cartões dispostos na peça de centro?	
4. Combinados/diretrizes: 1) respeitar o objeto da palavra; 2) acolher com a escuta e a palavra; 3) os aprendizados podem ser compartilhados, as histórias não (combinados norteadores) e na rodada o grupo vai crescendo outros acordos.	
5. Contação de história: Exercício do autocuidado (solicita que todos peguem caneta e lápis). Oriente que desenhem uma Balança do Autocuidado. Seguindo a sequência faz perguntas básicas para serem colocadas de um lado da balança (ver Apêndice D, p. 224). Após, solicite que socializem respondendo: Como está minha balança do autocuidado? Como me senti fazendo este exercício?	
6. <i>Check-out</i> : O que eu levo deste Círculo? (Pergunta norteadora)	
7. Cerimônia de encerramento/fechamento: Orientação de uma escrivência de uma carta de autocuidado para socialização.	

<b>Roteiro 8 - Campo Saúde</b>	
Temática: Círculo de Paz: Acolhida	Público: Agente Comunitários de Saúde (ACS)
Tipo de Círculo: Círculo de Encontro com Fins de Diálogo	Objetivo: Acolher e conhecer o grupo, refletindo sobre as expectativas com relação ao curso.
Materiais: Peça do centro toalha de crochê branca com vermelha; pássaro de vidro, maracá (bastão da fala), um rolo de lã, cartões dos valores,	Quantitativo: 20 participantes
Os fios que organizam a roda da ritualística	
Etapas do Ritual	
1. Cerimônia de Abertura: Música “Música “Brincar de viver” ao som de violão e cantada pelo cofacilitador	
2. <i>Check-in</i> : Como você está chegando no Círculo? Por meio da utilização de imagens dos super-heróis.	
3. Construção dos Valores: Entrega <i>posti-t</i> e orienta que coloque valores que considera importante na vida, depois solicitar o compartilhamento.	
4. Combinados/diretrizes: 1) respeitar o objeto da palavra; 2) acolher com a escuta e a palavra; 3) os aprendizados podem ser compartilhados, as histórias não (combinados norteadores) e na rodada o grupo vai crescendo outros acordos.	
5. Contação de história: Dinâmica da teia norteada a partir das seguintes perguntas: Nos meus melhores dias, como eu sou? Como eu tenho acolhido as pessoas? Adaptação da fonte: <a href="https://www.ibccoaching.com.br/portal/dinamica-da-teia/">https://www.ibccoaching.com.br/portal/dinamica-da-teia/</a>	
6. <i>Check-out</i> : Oriente que cada participante realize um gesto e, em uma palavra, diga como está saindo do Círculo. Sucessivamente, os participantes repetem o gesto do anterior e respondem à pergunta	
7. Cerimônia de encerramento/fechamento: Vídeo poema de Braúlio Bessa “E se?”. Disponível em: <a href="https://www.youtube.com/watch?v=g32v-kUmd38">https://www.youtube.com/watch?v=g32v-kUmd38</a>	

<b>Roteiro 8 - Campo Saúde</b>	
Temática: Círculo de Paz: Acolhida	Público: Agente Comunitários de Saúde (ACS)
Tipo de Círculo: Círculo de Encontro com Fins de Diálogo	Objetivo: Acolher e conhecer o grupo, refletindo sobre as expectativas com relação ao curso
Materiais: Peça do centro; livro, objeto de vidro, maracá (bastão da fala), um rolo de lã e cartões dos valores	Quantitativo: 20 participantes
Os fios que organizam a roda da ritualística	
Etapas do Ritual	
1. Cerimônia de Abertura: Música “Brincar de viver” ao som de violão e cantada pelo cofacilitador	
2. <i>Check-in</i> : Como você está chegando no Círculo? Por meio da utilização de imagens de emojis	
3. Construção dos Valores: Neste momento, que valor te representa entre estes cartões dispostos na peça de centro?	
4. Combinados/diretrizes: 1) respeitar o objeto da palavra; 2) acolher com a escuta e a palavra; 3) os aprendizados podem ser compartilhados, as histórias não (combinados norteadores) e na rodada o grupo vai acrescentando outros acordos.	
5. Contação de história: Dinâmica da teia norteadora a partir da seguinte pergunta: Nos meus melhores dias, como eu sou? Adaptação da fonte: <a href="https://www.ibccoaching.com.br/portal/dinamica-da-teia/">https://www.ibccoaching.com.br/portal/dinamica-da-teia/</a>	
6. <i>Check-out</i> : O que eu levo deste Círculo? (Pergunta norteadora)	
7. Cerimônia de encerramento/fechamento: Música instrumental com acolhimento por meio de abraços, conversas, aperto de mãos, etc.	

<b>Roteiro 9 - Campo Saúde</b>	
Temática: Círculo de Paz: Resiliência	Público: Agente Comunitários de Saúde (ACS)
Tipo de Círculo: Círculo de Encontro com Fins de Diálogo	Objetivo: Oportunizar a compreensão da noção de resiliência e sua importância no cotidiano
Materiais: Peça do centro: toalha branca, objetos dos participantes, maracá (bastão da fala), frases curtas sobre resiliência, cartões dos valores	Quantitativo: 18 participantes
Os fios que organizam a roda da ritualística	
Etapas do Ritual	
1. Cerimônia de Abertura: Atividade de relaxamento (meditação guiada)	
2. <i>Check-in</i> : Conte o significado do seu bastão da fala e como você está chegando? (pergunta norteadora)	
3. Construção dos Valores: Em uma palavra, qual o valor que eu trago para o encontro? (pergunta norteadora)	
4. Combinados/diretrizes: 1) respeitar o objeto da palavra; 2) acolher com a escuta e a palavra; 3) os aprendizados podem ser compartilhados, as histórias não (combinados norteadores) e na rodada o grupo vai crescendo outros acordos.	
5. Contação de história: Diga aos participantes: “às vezes, o fato de termos tido infâncias difíceis pode fazer com que sejamos pessoas mais fortes. Talvez você não tenha visto dessa forma antes, então se dê um minuto e pense como você é uma pessoa mais forte por causa do que você passou...” fique à vontade para contar o que você se sente bem diante do grupo.	
6. <i>Check-out</i> : Em uma palavra, como estou saindo deste círculo? (Pergunta norteadora)	
7. Cerimônia de encerramento/fechamento: Leitura de um cordel feito por uma participante ao som de uma música instrumental	

<b>Roteiro 10 - Campo Escolar</b>	
Temática: Acolhimento dos docentes	Público: Professores
Tipo de Círculo: Círculo de Encontro com Fins de Diálogo	Objetivo: reunir os docentes e reanimá-los para o encerramento do segundo semestre do ano letivo
Materiais: Peça do centro: toalha de crochê verde com fio dourado na ponta, um jarro com flores artificiais, objetos dos participantes, maracá (caneta com ponta de estrela), pássaro de vidro, corujinha de madeira	Quantitativo: 15 participantes
Os fios que organizam a roda da ritualística	
Etapas do Ritual	
1. Cerimônia de Abertura: Dinâmica do cumprimento diferenciado (cabeça, cintura e joelho)	
2. <i>Check-in</i> : Como estou chegando por meio do emoji? (pergunta norteadora e imagens)	
3. Construção dos Valores: Por meio de <i>post-it</i> , escreva um valor que considera importante na sua vida? (pergunta norteadora)	
4. Combinados/diretrizes: 1) respeitar o objeto da palavra; 2) acolher com a escuta e a palavra; 3) os aprendizados podem ser compartilhados, as histórias não (combinados norteadores) e na rodada o grupo vai crescendo outros acordos.	
5. Contação de história: Compartilhe a história do seu objeto (aquele que foi colocado na peça de centro)	
6. <i>Check-out</i> : Como estou saindo deste círculo? (Pergunta norteadora)	
7. Cerimônia de encerramento/fechamento: Música “Laços” com Nando Reis e Ana Vilela. Disponível: <a href="https://www.youtube.com/watch?v=PQ5cNYyRsxg&amp;list=RDPQ5cNYyRsxg&amp;start_radio=1">https://www.youtube.com/watch?v=PQ5cNYyRsxg&amp;list=RDPQ5cNYyRsxg&amp;start_radio=1</a>	

<b>Roteiro 11 - Campo Acadêmico</b>	
Temática: Mediação de Conflitos, Comunicação Não Violenta e Círculos de Construção de Paz: Práticas de Cuidado do Conflito	Público: Universitários e docentes
Tipo de Círculo: Círculo de Encontro com Fins de Diálogo	Objetivo: apresentar uma perspectiva introdutória das práticas de diálogos
Materiais: Peça do centro: toalha branca, Bastão de fala (maracá), jogo Grok, cartões dos valores, datashow	Quantitativo: 12 participantes
Os fios que organizam a roda da ritualística	
Etapas do Ritual	
1. Cerimônia de Abertura: Dinâmica de apresentação: quem eu sou? (em dupla conversam, depois um apresenta o outro)	
2. <i>Check-in</i> : Como estou chegando? (pergunta norteadora)	
3. Construção dos Valores: Qual o valor que fortalece meus diálogos? (pergunta norteadora)	
4. Combinados/diretrizes: 1) respeitar o objeto da palavra; 2) acolher com a escuta e a palavra; 3) os aprendizados podem ser compartilhados, as histórias não (combinados norteadores) e na rodada o grupo vai crescendo outros acordos.	
5. Contação de história: Com o jogo Grok distribui as cartinhas dos sentimentos e coloca músicas diversas para os participantes jogarem os sentimentos que trazem lembranças de conflito, mediação e comunicação não violenta	
6. <i>Check-out</i> : Como estou saindo deste encontro? (Pergunta norteadora)	
7. Cerimônia de encerramento/fechamento: Leitura do poema “Não sei se a vida é curta”. Disponível em: <a href="https://www.recantodasletras.com.br/mensagens/1423994">https://www.recantodasletras.com.br/mensagens/1423994</a>	

<b>Roteiro 12 - Campo Acadêmico</b>	
Temática: Compartilhamento do memorial das escrituras	Público: Universitários
Tipo de Círculo: Círculo de Encontro com Fins de Diálogo	Objetivo: oferecer um espaço de partilha afetiva e escuta sensível, favorecendo o distensionamento emocional, a empatia e a aprendizagem metodológica voltada para o cuidado e o diálogo
Materiais: Peça do centro: toalha branca, Bastão de fala (maracá), livros sobre os CCP, cartões dos valores	Quantitativo: 5 participantes
Os fios que organizam a roda da ritualística	
Etapas do Ritual	
1. Cerimônia de Abertura: Música “Paciência” de Lenine, cantada pelo cofacilitador	
2. <i>Check-in</i> : Como estou chegando? Responder por comunicação não verbal	
3. Construção dos Valores: Que valor te representa neste momento? Sugere que escrevam dentro dos pratos descartáveis e ponha na peça de centro	
4. Combinados/diretrizes: 1) respeitar o objeto da palavra; 2) acolher com a escuta e a palavra; 3) os aprendizados podem ser compartilhados, as histórias não (combinados norteadores) e na rodada o grupo vai crescendo outros acordos.	
5. Contação de história: Atividade “Círculo de raízes e galhos”, adaptação da obra (Boyes-Watson e Pranis, 2011, p. 68)	
6. <i>Check-out</i> : O que eu levo deste Círculo? (Pergunta norteadora)	
7. Cerimônia de encerramento/fechamento: Ciranda musical ao som de uma música instrumental	

<b>Roteiro 13 - Campo Acadêmico</b>	
Temática: A palavra gira: vivências circulares em territórios de afeto e aprendizagem para contextos educativos	Público: Universitários
Tipo de Círculo: Círculo de Encontro com Fins de Diálogo	Objetivo: Compartilhar o memorial das escrevivências construído durante a disciplina.
Materiais: Peça do centro: toalha branca, Bastão de fala (maracá), livros sobre os CCP, cartões dos valores	Quantitativo: 32 participantes
Os fios que organizam a roda da ritualística	
Etapas do Ritual	
1. Cerimônia de Abertura: Música “Minha Ciranda”. Disponível em: <a href="https://www.letras.mus.br/lia-de-itamaraca/399583/">https://www.letras.mus.br/lia-de-itamaraca/399583/</a>	
2. <i>Check-in</i> : Como estou me sentindo? (pergunta norteadora)	
3. Construção dos Valores: Que valor te representa neste momento? (Utilização de imagens de emojis)	
4. Combinados/diretrizes: 1) respeitar o objeto da palavra; 2) acolher com a escuta e a palavra; 3) os aprendizados podem ser compartilhados, as histórias não (combinados norteadores) e na rodada o grupo vai crescendo outros acordos.	
5. Contação de história: Dinâmica da teia com a pergunta norteadora: O que eu trago na bagagem para compartilhar sobre o memorial das escrevivências? Adaptação da atividade da teia do envolvimento, disponível em: <a href="https://www.esoterikha.com/coaching-pnl/dinamicas-de-apresentacao-pessoal-a-teia-do-envolvimento.php">https://www.esoterikha.com/coaching-pnl/dinamicas-de-apresentacao-pessoal-a-teia-do-envolvimento.php</a>	
6. <i>Check-out</i> : Como você sai deste momento por meio da representação do emoji? (Pergunta norteadora)	
7. Cerimônia de encerramento/fechamento: Abraço coletivo de acolhimento	

<b>Roteiro 14 - Campo Escolar</b>	
Temática: Círculo de Construção de Paz: encontro com a docência	Público: Estudantes
Tipo de Círculo: Círculo de Encontro com Fins de Diálogo	Objetivo: reavivar a história e o compromisso com a educação
Materiais: Peça do centro: toalha branca, jarro com rosas artificiais, bastão de fala (maracá), papel A4 e livros didáticos	Quantitativo: 15 participantes
Os fios que organizam a roda da ritualística	
Etapas do Ritual	
1. Cerimônia de Abertura: Leitura do “Soneto do amigo” de Vinicius de Moraes, disponível em: <a href="https://www.gilbertogodoy.com.br/ler-post/amigos---vinicius-de-moraes">https://www.gilbertogodoy.com.br/ler-post/amigos---vinicius-de-moraes</a>	
2. <i>Check-in</i> : Com arte: solicite que desenhem algo que o represente naquela ocasião	
3. Construção dos Valores: O que lhe emociona? (pergunta norteadora)	
4. Combinados/diretrizes: 1) respeitar o objeto da palavra; 2) acolher com a escuta e a palavra; 3) os aprendizados podem ser compartilhados, as histórias não (combinados norteadores) e na rodada o grupo vai crescendo outros acordos.	
5. Contação de história: Compartilhe desenhando sua trajetória na educação (folhas de papel A4)	
6. <i>Check-out</i> : Em uma palavra, o que ficou deste encontro? (Pergunta norteadora)	
7. Cerimônia de encerramento/fechamento: Música “Velhos amigos” de Oswaldo Montenegro	

<b>Roteiro 15 - Campo Escolar</b>	
Temática: Círculo de escuta: empatia	Público: Professores
Tipo de Círculo: Círculo de Encontro com Fins de Diálogo	Objetivo: Possibilitar espaço de escuta e compartilhamento de histórias de vida
Materiais: Peça do centro: toalha branca, imagens de fotos de pessoas aleatórias, bastão de fala (corujinha de madeira)	Quantitativo: 10 participantes
Os fios que organizam a roda da ritualística	
Etapas do Ritual	
1. Cerimônia de Abertura: Meditação guiada ao som de uma música instrumental	
2. <i>Check-in</i> : Como estou chegando? (por meio de um trecho de uma música)	
3. Construção dos Valores: Orienta-se que escreva no post-it uma palavra e escreva o nome de uma pessoa que está no Círculo, depois segue com a troca dos valores escritos	
4. Combinados/diretrizes: 1) respeitar o objeto da palavra; 2) acolher com a escuta e a palavra; 3) os aprendizados podem ser compartilhados, as histórias não (combinados norteadores) e na rodada o grupo vai crescendo outros acordos.	
5. Contaçãõ de história: Diante das fotos dispostas no centro do Círculo, escolha aquela com a qual você teve mais empatia e diga o que ela lhe fez lembrar.	
6. <i>Check-out</i> : Como me sinto depois deste diálogo? (Pergunta norteadora)	
7. Cerimônia de encerramento/fechamento: Mural da empatia com as fotos escolhidas	

## APÊNDICE D – ATIVIDADE DO AUTOCUIDADO

- 1) Sou paciente comigo mesma/o?
- 2) Sempre acordo com pensamento positivo, mentalizando que tudo dará certo?
- 3) Expresso minhas opiniões com segurança?
- 4) Tenho controle das coisas que gosto de fazer?
- 5) Minha felicidade depende de mim, não deixo nas mãos dos outros?
- 6) Consigo dizer NÃO em situações que não me sinto confortável?
- 7) Vivo o presente e sou grata pelas coisas simples que me acontecem?
- 8) Me cuido em primeiro lugar?
- 9) Sempre coloco uma roupa que me faz me sentir incrível, linda/o, para só depois começar minhas tarefas diárias?
- 10) Costumo fazer coisas que me deixam feliz?
- 11) Tiro sempre algum momento para me cuidar?
- 12) Consigo me desconectar do celular/internet, pelo menos, algumas horas por dia?
- 13) Consigo dizer para mim mesma/o que me amo e me aceito como sou?
- 14) Não deixo de me cuidar por conta dos outros?
- 15) Dedico um tempo, durante a semana, para fazer o que gosto?
- 16) Sempre vou atrás dos meus sonhos?
- 18) Gosto de me cobrar em todas as coisas que estou fazendo?
- 19) Tenho ciência das coisas que me fazem bem?
- 20) Eu me amo em todos os sentidos?

Pergunta norteadora: Como está minha balança do autocuidado? Como me senti fazendo este exercício?

**Fonte:** Adaptação do site disponível em:

<https://johariconsultoria.com.br/index.php/30-exercicios-para-o-autocuidado/>

## APÊNDICE E – FORMULÁRIO EXPLORATÓRIO

### Pesquisa Exploratória I

Esse questionário faz parte de uma pesquisa que está sendo desenvolvida como parte de uma investigação exploratória inicial de doutoramento de Maria Cristiane Silva, do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará (PPGS/UFC), com o objetivo de buscar compreender como as/os participantes se sentem nos Círculos de Construção de Paz (CCP) no momento do encontro. Te convidamos a participar dessa pesquisa respondendo a um questionário que demandará cerca de 5 minutos para ser respondido. Sua colaboração é muito importante para as discussões dessa temática. Contudo, você é livre para desistir de participar da pesquisa a qualquer momento. Para isso basta fechar o formulário que suas respostas não serão coletadas. Obrigada pela colaboração!

1. Quantas vezes você participou do momento dos Círculos de Construção de Paz?
2. Se você fosse dar um nome para o momento das rodas de conversa no Curso, que nome você daria? Como você chegou nessa conclusão?
3. O que foi mais importante para você nas rodas de conversa no Curso?
4. Que emoção ou sentimento foi mais forte nas rodas de conversa? Como você explica isso?

## APÊNDICE F – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa “Círculos de Construção de Paz: Narrativas e Experiências”. Com o objetivo de compreender como as/os participantes se sentem nos Círculos de Construção de Paz (CCP) no momento do encontro. A sua participação não é obrigatória e, a qualquer momento, poderá desistir da participação. Tal recusa não gerará prejuízos em sua relação com a pesquisadora ou com a instituição em que trabalha. Tudo foi planejado para minimizar os riscos da sua participação, porém se sentir desconforto emocional, dificuldade ou desinteresse, poderá interromper a participação e, se houver necessidade, poderá conversar com a pesquisadora por e-mail (crisneto19@gmail.com).

Você não receberá remuneração pela participação. Sua colaboração é muito importante para contribuir na compreensão das emoções que ecoam no encontro dos Círculos e como isso pode afetar as interações sociais. As suas respostas não serão divulgadas de forma a possibilitar a identificação, garantindo a sua confidencialidade. Os resultados deste trabalho poderão ser apresentados em encontros ou revistas científicas e mostrarão apenas os resultados obtidos como um todo, sem revelar seu nome, instituição ou qualquer informação relacionada à sua privacidade.

Em caso de dúvidas sobre a pesquisa, você poderá entrar em contato com a pesquisadora responsável Cristiane Silva, no telefone (85) 996816217 (celular), e-mail [crisneto19@gmail.com.br](mailto:crisneto19@gmail.com.br).

Eu, \_\_\_\_\_ declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios, sendo que:

(  ) Concordo em Participar    (  ) não Concordo em Participar

Fortaleza, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
(participante da pesquisa)